JEFF LINDSAY

DEXTER

NO ESCURO

Planeta

JEFF LINDSAY

DEXTER

NO ESCURO

Planeta

JEFF LINDSAY

DEXTER

NO ESCURO

4ª reimpressão

Tradução
Cassius Medauar

Planeta

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe **Le Livros** para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância.
A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

Le Livros

http://LeLivros.com

Copyright © Jeff Lindsay, 2007
Todos os direitos reservados
TÍTULO ORIGINAL Dexter in the dark
REVISÃO Maísa Kawata, Antonio Orzari e Vivian Miwa Matsushita
DIAGRAMAÇÃO Casa de Ideias
CAPA Graziella Iacocca

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Lindsay, Jeff
Dexter no escuro / Jeff Lindsay; tradução
Cassius Medauar. - São Paulo : Editora Planeta
do Brasil, 2010.
Título original: Dexter in the dark.
ISBN 978-85-7665-505-3
1. Ficção policial e de mistério (Literatura
norte-americana) I. Título.
10-01471 CDD-813.0872
ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Ficção policial e de mistério : Literatura
norte-americana 813.0872
2012
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 - 3 S andar - cj. 3 2 B
Edifício New York
05001-100 - São Paulo - SP
www.editoraplaneta.com.br
vendas@editoraplaneta.com .br

Agradecimentos

É impossível escrever no vácuo. O ar para este livro foi provido por Bear, Pookie e Tink. Expresso minha gratidão a Jason Kaufman e seu assistente, Caleb, pela enorme ajuda em dar forma ao manuscrito.
E como sempre, um obrigado especial a Nick Ellison, que tornou tudo isso possível.

Para Hilary, como sempre

NO COMEÇO...

A COISA SE LEMBRAVA DE UMA SENSAÇÃO DE SURPRESA E DEPOIS DE QUEDA, e foi só isso. Então A COISA esperou.

A COISA esperou durante muito tempo, mas a espera era fácil, pois A COISA não tinha memória e nada havia acontecido. Por isso A COISA não sabia que estava esperando. A COISA não sabia de nada àquela altura. A COISA apenas era, não tendo como marcar tempo e nem mesmo ter uma ideia de tempo.

Então A COISA esperou, e A COISA observou. No começo não havia muito que observar; fogo, pedras, água e eventuais criaturas rastejantes que começaram a crescer e se transformar depois de um tempo. Eles não faziam muito, apenas comiam uns aos outros e se reproduziam. Mas não havia nada anterior para se comparar com isso, então durante um tempo essa ação foi suficiente.

O tempo passou. A COISA observava enquanto as criaturas grandes e pequenas se matavam e comiam umas às outras a esmo. Não havia prazer verdadeiro em assistir àquilo, afinal não havia mais nada para fazer e havia muitas daquelas criaturas. Mas A COISA não parecia capaz de fazer mais nada a não ser observar. Então A COISA começou a se perguntar: Por que estou assistindo a isso?

A COISA não via razão para nada que acontecia e não havia nada que pudesse fazer, mas mesmo assim lá estava A COISA, ainda observando. A COISA pensou muito a respeito disso, mas não chegou a nenhuma conclusão. Ainda não tinha como entender o que estava acontecendo; a ideia de propósito ainda não existia. Só existia A COISA e os outros.

Havia muitos dos outros e isso só aumentava com o tempo, sempre ocupados em matar, comer e copular. Mas só havia uma COISA, que não fazia nada daquilo e que começou a imaginar por que isso acontecia. Por que A COISA era diferente? Por que não tinha nada a ver com os outros? O que era A COISA e, se fosse realmente algo, deveria estar fazendo alguma COISA?

Mais tempo passou. As incontáveis criaturas mutantes e rastejantes, aos poucos, foram ficando maiores e melhores em matar umas às outras. Interessante em princípio, mas apenas por causa das pequenas mudanças. Elas rastejavam, saltavam e deslizavam para matar umas às outras — uma até voou um pouco para matar. Muito interessante — mas e daí?

A COISA começou a se sentir desconfortável com tudo isso. Qual era a razão de tudo? A COISA deveria participar do que estava assistindo? Senão, então por que estava ali assistindo?

A COISA estava determinada a descobrir a razão de estar lá, qualquer que fosse. Por isso, agora, quando A COISA estudava as criaturas grandes e pequenas, A COISA tentava perceber o que tinha de diferente nelas. Todas as outras criaturas precisavam comer ou beber, senão morreriam. E mesmo comendo e bebendo, elas acabavam morrendo. A COISA

não morria. Apenas continuava existindo. Não precisava comer ou beber. Mas, aos poucos, A COISA começou a perceber que precisava de... algo - mas o quê? A COISA podia sentir que havia uma necessidade em algum lugar, e essa necessidade estava crescendo, mas não sabia o que era; era apenas uma sensação de que algo estava faltando.

Não houve resposta enquanto outras espécies continuavam a surgir. Matar e comer, matar e comer. Qual o sentido disso? Por que preciso assistir tudo isso se não posso fazer nada a respeito? A COISA começou a se sentir um pouco amarga em relação àquilo tudo.

E então, um dia, apareceu um pensamento novinho em folha: de onde eu vim?

A COISA já tinha aprendido havia muito tempo que os ovos que as outras criaturas botavam era resultado da cópula. Mas A COISA não tinha saído de um ovo. Nada tinha copulado para trazer A COISA à vida. Não existia nada que pudesse ter copulado quando A COISA se tornou consciente. A COISA estava lá no princípio e, ao que parecia, sempre tinha estado, a não ser por uma perturbadora lembrança de estar caindo. Mas todo o resto nasceu ou foi chocado. A COISA não. E com esse pensamento, o muro entre A COISA e o resto pareceu crescer infinitamente, separando-os completa e eternamente. A COISA estava só, completamente só para sempre, e aquilo doía. A COISA queria ser parte de algo. Só existia uma COISA - não deveria ter um jeito de copular e fazer outras COISAS surgirem?

Aquilo começou a parecer muito importante, aquele pensamento: MAIS COISAS. Todo o resto se reproduzia. A COISA queria se reproduzir também.

E sofria observando as criaturas sem consciência em seu desenfreado e perturbador modo de vida. O ressentimento cresceu, se transformou em raiva e finalmente virou uma fúria contra as criaturas estúpidas, sem sentido e de existência vazia, inútil e insultante. E a fúria cresceu e se espalhou até que A COISA não conseguiu mais aguentar. Sem pensar no que estava fazendo, A COISA se levantou e correu em direção a um lagarto, querendo esmagá-lo de algum jeito. E algo incrível aconteceu.

A COISA estava dentro do lagarto.

Vendo o que o lagarto via, sentindo o que ele sentia.

Durante muito tempo, A COISA esqueceu completamente da sua fúria.

O lagarto não parecia perceber que tinha um passageiro, e continuou sua vida de matar e copular, levando A COISA com ele. Era muito interessante estar a bordo quando o lagarto matava um dos outros menores. Como experiência, A COISA entrou em um dos pequenos. Estar dentro dos que matavam era muito mais divertido, mas não o suficiente para chegar a alguma ideia de propósito. Estar nos que morriam era bem interessante e trouxe algumas ideias, mas nenhuma delas muito feliz.

A COISA se divertiu com essas experiências durante um tempo. Mas apesar de poder sentir as emoções simplórias delas, as criaturas nunca iam além da confusão. Elas não percebiam A COISA, não tinham a menor ideia - bom, não tinham nenhuma ideia na verdade. Não pareciam capazes de ter ideias. Eram tão limitadas - mas mesmo assim estavam vivas. Elas tinham a vida mas não sabiam, não entendiam o que fazer com ela. Não parecia justo. E logo A COISA estava entediada novamente, e voltando a ficar com raiva.

Finalmente, um dia, os tais dos macacos começaram a aparecer. No começo não pareciam ser grande coisa. Eles eram pequenos, medrosos e barulhentos. Mas uma pequena diferença fez A COISA prestar atenção neles: tinham mãos que permitiam que fizessem coisas maravilhosas. A COISA assistiu enquanto eles descobriam suas mãos e

começavam a fazer uso delas. E utilizavam para uma grande variedade de coisas novas: se masturbar, mutilar uns aos outros e roubar a comida dos macacos mais fracos.

A COISA estava fascinada e começou a observar mais de perto. E os viu acertarem uns aos outros e depois correrem para se esconder. Viu eles roubarem uns dos outros, mas só quando não tinha ninguém olhando. Viu eles fazerem coisas horríveis uns com os outros e depois fingirem que nada tinha acontecido. E enquanto assistia, algo maravilhoso aconteceu pela primeira vez: A COISA riu.

E enquanto ria, um pensamento nasceu, cresceu e virou algo claro embrulhado em felicidade.

A COISA pensou: posso fazer muitas coisas com isso.

CAPÍTULO 01

QUE TIPO DE LUA É ESSA? NÃO É AQUELA LUA BRILHANTE E RELUZENTE DE felicidade formidável, não mesmo. Ah, ela atraía, se lamuriava e brilhava em uma imitação barata e miserável do que deveria ser, mas não há espaço para isso. Essa lua não tem vento suficiente para empurrar os navios dos carnívoros por um feliz céu noturno até um êxtase de cortar-e-estraçalhar. Em vez disso, essa lua cintila timidamente através de uma janela terrivelmente limpa sobre uma mulher que está empoleirada, feliz e animada, na ponta do sofá e que fala de flores, canapés e Paris.

Paris?

Sim, com uma cara lunar séria, é sobre Paris que ela fala com seu tom meloso exagerado. Ela está falando de Paris. De novo.

Mas que lua poderia ser aquela, com seu sorriso quase de tirar o fôlego e meio afetado em suas extremidades? Que bate debilmente na janela, mas não consegue passar pela baboseira açucarada e quase doentia. E que tipo de Vingador das Trevas ficava simplesmente sentado naquela sala, como o pobre e Confuso Dexter faz agora, fingindo ouvir enquanto a ofuscante luz da lua bate em sua cadeira?

Bom, essa lua deve ser uma lua de mel — defraudando sua bandeira marital pela noite da sala de estar, sinalizando a todos para que se reúnam, e organizados, entrem mais uma vez na igreja, caros amigos — pois o Dexter das (Covinhas Mortais vai se casar. Engatado ao vagão da felicidade puxado pela adorável Rita, que por acaso sempre teve muita vontade de conhecer Paris.

Casado, lua de mel em Paris... Será que essas palavras podem estar na mesma frase que o nosso Fantasma Esquartejador?

Conseguimos, mesmo, ver um subitamente sóbrio serrador sorridente no altar de uma igreja, usando um traje à la Fred Astaire, colocando uma aliança em um dedo de uma pessoa de branco, enquanto toda a congregação se emociona e irradia alegria? E depois nosso Demoníaco Dexter, usando uma bermuda quadriculada, boquiaberto diante da Torre Eiffel e tomando um café au lait no Arco do Triunfo? Caminhando de mãos dadas e cochichando às margens do Sena e observando com calma cada obra vistosa do Louvre?

Bom, é claro que eu poderia fazer uma peregrinação pela rue Morgue" um local sagrado para os assassinos seriais.

Mas vamos falar sério apenas por um momento: Dexter em Paris? Pra começar, os americanos estão autorizados a ir para a França? E pra terminar, Dexter em Paris? Em lua de mel? Como alguém com os hábitos noturnos de Dexter pode fazer algo tão comum? Como alguém que acha o sexo tão interessante como uma conta bancária negativa pode se casar? Para encurtar a história, por tudo que é mais profano, obscuro e mortal, como Dexter pode realmente desejar fazer isso?

São todas perguntas maravilhosas e que fazem todo o sentido. E, na verdade, difíceis de responder, mesmo para mim. Mas cá estou, suportando a tortura chinesa da água desencadeada

pelas expectativas de Rita e imaginando como o Dexter pode passar realmente por isso.

É simples. Dexter pode passar por isso porque precisa, em parte, para manter e até mesmo melhorar seu disfarce tão necessário, que evita que as pessoas o vejam como ele realmente é, alguém que os outros não gostariam de ter como companhia à mesa quando as luzes se apagam — especialmente se houver um faqueiro de prata sendo utilizado. E é claro que é preciso um trabalho duro e cuidadoso para garantir que ninguém saiba que Dexter é conduzido por seu Passageiro das Trevas, uma voz de seda sussurrante no escuro banco traseiro que, de tempos em tempos, pula para o banco da frente, toma a direção e nos leva para o parque de diversões do impensável. Não se pode deixar que o mar de ovelhas perceba que Dexter é um lobo no meio delas.

Então fazemos nosso trabalho, o Passageiro e eu, um trabalho duro para nos disfarçarmos. Nos últimos anos, encenamos o Dexter Namorado, criado para ter um rosto feliz e, acima de tudo, normal, para todo mundo. Essa charmosa produção tinha Rita no papel de namorada, o que era um arranjo ideal por vários motivos. Por exemplo, como eu, ela não tinha interesse em sexo, mas ao mesmo tempo queria a companhia de um Compreensivo Cavalheiro. E Dexter compreendia bem as coisas. Não os humanos, romance, amor e outras besteiras iguais. Não. O que Dexter entendia mesmo era do assunto mais importante, a manchete letalmente sorridente, como achar os merecedores perfeitos e indiscutíveis, dentre tantos candidatos em Miami, para a sombria eleição final ao modesto Hall da Fama de Dexter.

Claro que não é isso que garante a Dexter a alcunha de companhia encantadora. Foram anos de prática e o resultado é uma imitação artificial perfeita graças a uma grande habilidade teatral. Mas coitada da pobre Rita — abalada por um primeiro casamento azarado e terrivelmente violento — ela não sabe discernir manteiga de margarina.

Tudo ia muito bem. Durante dois anos, Dexter e Rita trilharam um belo caminho pela vida social de Miami, sendo notados e admirados em toda parte. Mas então, por causa de uma série de eventos que podem deixar um observador esclarecido meio cético, Dexter e Rita ficaram noivos acidentalmente. E quanto mais eu pensava em como me desembaraçar desse destino ridículo, mais eu percebia que era o passo seguinte lógico do meu disfarce. Um Dexter casado — e com dois filhos já prontos — é um ótimo negócio para parecer o oposto do que ele realmente é. Um salto quântico em direção a um novo nível de camuflagem humana.

E as crianças eram um caso à parte.

Pode parecer estranho que uma pessoa cuja única paixão é a vivisseção de humanos goste de verdade dos filhos de Rita, mas essa pessoa gosta. Eu gosto. Claro que não fico todo choroso ao pensar em um dente de leite que cai, para isso eu precisaria ter a habilidade de sentir algo, e estou muito feliz sem essa mutação. Mas, no geral, acho as crianças muito mais interessantes que os adultos, e fico particularmente irritado com as pessoas que fazem mal a elas. E, na verdade, até procuro esses tipos às vezes. E quando acho esses predadores e tenho certeza absoluta de que fizeram o que espero deles, faço com que eles não sejam mais capazes de fazer aquilo — com minha mão feliz e minha consciência imaculada.

Por isso o fato de Rita ter dois filhos de seu desastroso primeiro casamento não era nem um pouco repelente, ainda mais quando ficou claro que eles precisavam do apoio paternal especial do Dexter para manter seus próprios e inexperientes Passageiros das Trevas bem acomodados e com o cinto afivelado em um confortável banco traseiro sombrio, até que aprendessem a dirigir sozinhos. O resultado presumível dos danos emocionais e mesmo físicos que Cody e Astor sofreram na mão de seu pai biológico drogado é que eles se voltaram para o Lado Negro, como eu. E agora eles seriam os meus filhos, tanto legalmente como espiritualmente. Era quase o suficiente para que eu sentisse que havia um propósito guiando a minha vida, afinal de contas.

Portanto, havia muitas razões para que Dexter fosse em frente com tudo isso — mas Paris? Não sei de onde tinha vindo essa história de que Paris é romântica. Fora os franceses, mais alguém além do Lawrence Welk acha o acordeão sexy7. Já não está bem claro que eles não querem a gente por lá? E eles ainda insistem em falar francês o tempo todo, não?

Talvez Rita tenha sofrido lavagem cerebral por causa de um filme antigo, daqueles com uma loira esperta e corajosa e um homem romântico de cabelos escuros, música modernista de fundo, enquanto um corre atrás do outro pela Torre Eiffel e riem da estranha hostilidade do gaulês fumante de boina. Ou talvez ela tenha ouvido um disco do Jacques Brel um dia e decidido que aquilo tocava a alma dela. Quem sabe? De alguma forma, Rita tinha uma noção bem arraigada dentro de sua cabeça de que Paris era a capital do romance sofisticado, e essa ideia não iria sair de lá sem uma cirurgia no cérebro.

Então, além das discussões intermináveis a respeito de servirmos frango ou peixe e vinho ou fazer os convidados pagarem a bebida, uma série de monólogos divagantes e monomaníacos a respeito de Paris estavam surgindo. Claro que tínhamos como ficar uma semana, isso nos daria tempo de visitar o Jardin des Tuileries e o museu do Louvre — talvez ver algo de Molière na Comèdie-Française. Tenho que me curvar à profundidade da pesquisa que ela fez. Já o meu interesse por Paris tinha desaparecido completamente havia muito tempo, quando descobri que ficava na França.

Para nossa sorte, fui salvo de ter de achar um jeito bem político de falar tudo isso para ela quando Cody e Astor entraram sorrateiramente. Eles não entram em uma sala correndo e segurando armas brilhantes como a maioria das crianças de sete e dez anos faria. Como já disse, eles ficaram traumatizados graças ao bom e velho pai biológico deles, e uma das consequências disso é que nunca percebemos quando eles aparecem ou somem: eles entram na sala silenciosamente. Eles não estão à vista, e de repente, estão parados, em silêncio, ao seu lado, esperando serem notados.

— Queremos brincar de chute a lata — disse Astor. Ela era a porta-voz da dupla; Cody nunca falava mais de quatro palavras em um só dia. Ele não era burro, longe disso. Apenas preferia não falar na maior parte do tempo. Agora, ele só olhou para mim e concordou com a cabeça.

— Oh — disse Rita, fazendo uma pausa em seus pensamentos sobre a terra de Rousseau, Candide e Jerry Lewis — bom, e por que não vão...

— Queremos brincar de chute a lata com o Dexter — acrescentou Astor, e Cody concordou com a cabeça de forma bem clara.

Rita franziu as sobrancelhas.

— Acho que devíamos ter falado disso antes, mas você não acha que Astor e Cody deveriam se referir a você com alguma outra palavra ou algo mais do que simplesmente Dexter? Me parece meio...

— Que tal mon papere? — perguntei. — Ou Monsieur le Comte?

— Que tal nenhuma das anteriores? — resmungou Astor.

— Só pensei que... — começou Rita.

— Só Dexter está bom — falei. — Eles já estão acostumados

— Não parece algo muito respeitoso — ela retrucou.

Olhei para Astor.

— Mostre para sua mãe que pode dizer "Dexter" de forma respeitosa — pedi a ela.

Ela revirou os olhos e falou:

— Por favoooooor.

Sorri para Rita.

— Viu? Ela tem dez anos. Não consegue falar nada de forma respeitosa.

— Bom, sim, mas... — Rita tentou dizer.

— Tudo bem. Desse jeito está bom — falei. — Mas Paris...

— Vamos lá pra fora — disse Cody, e olhei para ele surpreso. Quatro palavras juntas? Para ele era praticamente uma oração.

— Tá bom — disse Rita. — Se você pensa mesmo isso...

— Eu quase nunca penso — respondi. — Acaba atrapalhando o meu processo mental.

— Isso não faz nenhum sentido — falou Astor.

— Não precisa fazer sentido. É a verdade — respondi.

Cody fez que não com a cabeça.

— Chute a lata — ele falou. Em vez de ficar discutindo a súbita cachoeira de palavras vindas dele, simplesmente fui atrás dos dois até o quintal.

CAPÍTULO 02

É CLARO QUE, MESMO COM A REVELAÇÃO DOS GLORIOSOS PLANOS DE RITA, a vida não era só júbilo e cor-de-rosa. Também havia trabalho de verdade a ser feito. E como Dexter não é nada se não for extremamente cuidadoso, eu estava sendo cuidadoso. Passei as últimas duas semanas dando as derradeiras pinceladas em uma tela novinha. O jovem cavalheiro que serviu de inspiração para a minha pintura era herdeiro de uma bela fortuna e, aparentemente, a vinha usando para dar umas escapadas homicidas do tipo que me faziam desejar ser rico também. O nome dele era Alexander Macauley, apesar de preferir chamar a si mesmo de Zander, o que me parecia meio prepotente, mas talvez essa fosse mesmo a intenção. Afinal, ele era um hippie rico, alguém que nunca tinha trabalhado de verdade e que se devotava totalmente a uma diversão despreocupada que poderia fazer o meu coração vazio bater mais forte, se Zander tivesse um gosto um pouquinho melhor para escolher suas vítimas.

A grana da família Macauley vinha de um vasto rebanho de gado, de intermináveis plantações de frutas cítricas e de jogar fosfatos no lago Okeechobee. Zander ia sempre às áreas pobres da cidade para distribuir donativos para os sem-teto. E os poucos sortudos que ele achava que deveria ajudar eram levados ao rancho da família e ganhavam um emprego, descobri ao ler um encantador artigo de jornal de marejar os olhos.

Dexter sempre aplaude os espíritos caridosos. Mas, em geral, sou a favor desses gestos porque, quase sempre, eles são um sinal de que algo nefasto, perverso e divertido está acontecendo por trás da máscara de Madre Teresa. Não que eu não acredite que lá no fundo dos corações humanos exista mesmo um espírito de bondade e caridade, combinado com o amor pelo próximo. Claro que existe. Quero dizer, sei que deve estar lá em algum lugar. Apenas nunca vi, entende? E como eu não tenho humanidade nem coração, sou forçado a me basear na experiência, que diz que a caridade começa em casa e, em geral, acaba em casa também.

Então, quando vejo um jovem, bonito, bem de vida e aparentemente normal usar generosamente seus recursos com os desprezíveis excluídos da terra, acho difícil aceitar esse altruísmo a troco de nada, não interessando quão belo isso pareça. Afinal, sou muito bom também em me apresentar como uma pessoa charmosa e inocente, e você e eu sabemos quanto isso corresponde à verdade, não é mesmo?

Para sorte de minha visão do mundo, Zander não era diferente do que descrevi — apenas era muito mais rico. E o dinheiro que herdou o tinha deixado um pouco descuidado. Porque pelos meticulosos arquivos dos impostos que descobri, o rancho da família aparecia como desocupado e ocioso, o que claramente mostrava que, aonde quer que ele estivesse levando seus amiguinhos sujos, não era para uma vida saudável e feliz de trabalho no campo.

E melhor ainda para os meus propósitos era que, aonde quer que tenham ido com seu novo amigo Zander, eles estavam descalços. Porque em um quarto especial em sua adorável casa em Coral Gables, protegido por fechaduras caras e modernas que me fizeram demorar cinco minutos para abri-las, Zander tinha guardado algumas lembranças. Um risco besta que um monstro não deve correr; sei bem disso porque corro o mesmo risco. Mas se algum dia um ótimo

investigador chegar até a minha pequena caixa de memórias, não vai achar mais do que slides de vidro, cada um com apenas uma gota de sangue preservada nele, e não terá como provar que isso é uma coisa sinistra ou algo assim.

Já Zander não era tão esperto. Ele guardou um calçado de cada uma de suas vítimas, e contou demais com o dinheiro e uma porta trancada para preservar e proteger seu segredo.

Juro. Não é à toa que os monstros têm uma reputação tão ruim. É ingênuo demais para descrever com palavras, e mais, calçados? Fala sério, por ludo que é mais profano, calçados? Tento ser tolerante e compreensivo com os defeitos dos outros, mas isso foi um pouco demais. O que poderia ser atraente em tênis sujos, suados e com vinte anos de vida? E depois, deixá-los assim, tão expostos, também era demais. Quase um insulto.

É claro que o Zander, provavelmente, pensa que, se por um acaso for pego, poderá contratar a melhor assistência legal do mundo, o que o faria escapar com uma pena leve, como serviços comunitários — uma pequena ironia, pois seria exatamente como tudo começou. Mas uma coisa com a qual ele não contava foi ser pego por Dexter e não pela polícia. E o seu julgamento aconteceria na corte do Passageiro das Trevas, onde não há advogados — apesar de eu esperar pegar um advogado um dia desses — e o veredicto é sempre definitivo.

Mas será que um calçado é mesmo uma prova suficiente? Eu não tinha dúvida sobre a culpa de Zander. Mesmo que o Passageiro das Trevas não estivesse cantando durante todo o tempo em que estive examinando os sapatos, eu sabia muito bem o que significava aquela coleção — se o deixasse livre com seus brinquedinhos, Zander iria conseguir mais calçados. Eu tinha certeza de que ele era mau, e queria muito ter uma discussão noturna, sob a luz da lua, com ele e comentar algumas coisas. Mas eu precisava ter certeza absoluta — era assim que funcionava o Código de Harry.

Sempre segui as cuidadosas regras feitas por Harry, meu pai adotivo e policial, que me ensinou a ser o que sou, com modéstia e exatidão. Ele me mostrou como deixar uma cena de crime totalmente limpa, de um jeito que só um policial poderia fazer, e me ensinou a ter o mesmo nível de perfeição para encontrar meu parceiro de dança. Se houvesse qualquer resquício de dúvida eu não poderia tirar Zander para dançar.

E agora? Nenhum tribunal do mundo condenaria Zander por algo como fetichismo pouco saudável baseado em sua coleção de calçados — mas nenhum tribunal do mundo tinha o Passageiro das Trevas como testemunha, aquela voz interna suave e urgente que demandava ação e que nunca estava errada. E com aquele sussurro na parte de dentro de meu ouvido era difícil permanecer calmo e imparcial. Queria chamar Zander para a Última Dança com a mesma necessidade que tenho de respirar.

Eu queria, eu tinha certeza — mas sabia o que Harry me diria. Não era o suficiente. Ele me ensinou que é importante ver os corpos para poder estar certo, mas Zander tinha conseguido escondê-los bem o suficiente para que eu não os encontrasse. E sem um corpo, nenhuma espera faria com que aquilo virasse uma certeza.

Voltei à minha pesquisa para tentar descobrir onde ele poderia ter escondido aquelas conservas de corpos. A casa dele estava fora de questão. Eu estivera lá e não havia nenhuma outra pista a não ser o museu dos calçados, e o Passageiro das Trevas, em geral, é muito bom em descobrir coleções de cadáveres. Sem falar que não tinha um lugar na casa onde se poderia colocá-los — não havia porões na Flórida e o bairro era do tipo que ele não poderia cavar no quintal ou carregar os corpos sem ser visto. Uma pequena consulta ao Passageiro me convenceu de que alguém que arruma suas lembrancinhas em estantes de madeira nobre com certeza se livraria das sobras de maneira limpa e asseada.

O rancho era uma ótima possibilidade, mas uma rápida visita ao local não revelou nenhuma

pista. Era visível que estava abandonado havia algum tempo, até o caminho da entrada estava cheio de mato.

Tive que ir mais fundo. Zander tinha uma propriedade em um condomínio em Maui, porém era longe demais. Também tinha alguns acres na Carolina do Norte — possível, porém só de pensar em dirigir doze horas com um corpo no carro tornava a coisa improvável. Tinha ações de uma companhia que estava tentando desenvolver Toro Key, uma pequena ilha ao sul do Cabo da Flórida. Porém um local corporativo estava totalmente fora de questão — muita gente andando e bisbilhotando por lá. E me lembrei de tentar ir até Toro Key quando era jovem e dar de cara com guardas armados impedindo qualquer um de se aproximar. Tinha que haver outro lugar.

Dentre as muitas posses e bens, a única coisa que fazia sentido era o barco de Zander, uma Cigarette de quarenta e cinco pés. Pela experiência que tive com um monstro anterior, sabia que um barco dava ótimas oportunidades para se descartar sobras. Era só amarrar o corpo com algo pesado, jogar da amurada e se despedir. Limpo, asseado e seguro; sem exagero, sem desordem e sem evidências.

O que significava nada de provas para mim também. Zander mantinha seu barco na marina mais exclusiva e particular de Coconut Grove, o Iate Clube Royai Bay. A segurança dele era muito boa, aliás, boa demais para que Dexter entrasse apenas com uma micha e um sorriso. Era uma marina que provia todos os serviços necessários, como os muito ricos gostavam, o lipo de lugar onde eles limpavam e poliam tudo quando você deixava seu barco lá. E nem precisava abastecer, era só ligar com antecedência e quando chegasse o barco estaria pronto, com champanhe gelada esperando por você. E guardas armados felizes e sorridentes infestavam o lugar, dia e noite, usando seus chapéus com mérito e atirando em qualquer um que subisse nas cercas.

O barco era inalcançável. Eu estava certo de que Zander o estava usando para se livrar dos corpos, e o Passageiro das Trevas concordava, e esta era a opinião mais relevante. Mas não tinha jeito de chegar nele.

Eu estava irritado e frustrado imaginando Zander com seu último troféu — provavelmente empacotado, limpinho, em uma pequena geladeira banhada a ouro — ligando alegremente para o zelador da marina e avisando que sairia com o barco, chegando depois com indiferença nas docas, enquanto dois seguranças brutamontes colocariam a geladeira no barco e acenariam em uma respeitosa despedida. Mas eu não podia ir até o barco e provar tudo isso. E sem essa prova final, o Código do Harry não me deixaria continuar o trabalho.

Com a certeza que eu já tinha, o que poderia fazer? Talvez tentar pegar Zander no flagra da próxima vez. Mas não tinha como saber quando isso aconteceria, e eu não podia ficar vigiando ele o tempo todo. Tinha que aparecer no trabalho de vez em quando, tinha minhas idas simbólicas para casa e todas as outras coisas que formavam a minha imitação de uma vida de verdade. E, então, nas próximas semanas, se o padrão se mantivesse, Zander ligaria para o zelador da marina e pediria para ele preparar o barco, e...

E o zelador, sendo um funcionário exemplar de um clube de gente muito rica, anotaria exatamente o que fez com o barco e quando: quanto pôs de combustível, qual a marca do champanhe e quanto de produto de limpeza ele usou nos vidros. Ele colocaria tudo isso na pasta "Macauley" e guardaria em seu computador.

E subitamente estávamos de volta ao mundo de Dexter, com o Passageiro sibilando certezas e me empurrando para o teclado.

Dexter é modesto, retraído propositalmente e sabe qual o limite de seu considerável talento. Mas se havia um limite para o que eu podia descobrir usando um computador, esse limite ainda não tinha chegado. Me recostei na cadeira e comecei a trabalhar.

Levei menos de meia hora para invadir os computadores do clube e acessar os arquivos. E é claro que havia anotações detalhadas dos serviços. Comparei com a agenda da instituição de caridade preferida de Zander, Missão do Mundo Unificado da Luz Divina, que ficava nos limites de Liberty City. No dia 14 de fevereiro, a diretoria da instituição tinha o prazer de anunciar que Wynton Allen seria removido do covil de injustiças, que era Miami, para o rancho de Zander para ser reabilitado com um trabalho honesto. E no dia 15 de fevereiro, Zander saiu para passear com seu barco e utilizou 35 galões de combustível.

Em 11 de março, Tyrone Meeks recebeu um benefício similar. E no dia 12 de março, Zander fez outro passeio de barco.

E assim foi; cada vez que um sem-teto sortudo era escolhido para ter uma vida bucólica e alegre, Zander pedia que seu barco estivesse preparado vinte e quatro horas depois.

Não era o mesmo que ver os corpos — mas o Código de Harry tinha sido feito para operar onde o sistema falhava, nas áreas sombrias de justiça perfeita em vez de lei perfeita. Eu tinha certeza, o Passageiro tinha certeza e isso era prova suficiente para nos satisfazer.

Zander iria embarcar em um cruzeiro diferente sob o luar, e nem todo o dinheiro dele iria impedir que afundasse.

CAPÍTULO 03

ENTÃO, EM UMA NOITE COMO TANTAS OUTRAS, QUANDO A LUA ARREMESSAVA acordes de uma melodia maníaca às suas crianças sedentas por sangue, eu cantarolava e me preparava para sair para uma brincadeira afiada. Todo o trabalho estava feito e agora era hora do Dexter brincar. Deveria ter sido uma questão de minutos juntar minhas ferramentas e sair para o meu encontro com o riquinho encrenqueiro. Mas é claro que, com o casamento iminente, nada mais era simples. Comecei a pensar se, na verdade, alguma coisa seria simples dali para frente.

É claro que eu estava construindo uma fachada quase perfeita de aço antisséptico brilhante, vidro e cimento em frente ao horror do Castelo Gótico de Dexter. Por esse motivo eu estava bastante disposto a colaborar com a aposentadoria do Velho Dexter, por isso estava no processo de "consolidação de nossas vidas", nas palavras de Rita. Isso significava me mudar do meu confortável e pequeno recanto nos limites de Coconut Grove para a casa de três quartos de Rita, muito mais ao sul, e isso era a coisa "sensível" a fazer. E é obvio que, além de sensível, era uma Inconveniência Monstruosa. No novo regime, era impossível que eu mantivesse alguma coisa minimamente privativa. Mas claro que consegui dar um jeito. Todo ogro dedicado e responsável tem seus segredos e havia coisas que eu não queria que vissem à luz do dia nas mãos de ninguém mais além das minhas.

Por exemplo, eu tinha uma pesquisa com alguns possíveis colegas de brincadeira; e tinha também uma pequena caixa de madeira, muito querida por mim, contendo quarenta e uma lâminas com apenas uma gota de sangue seco preservado bem no centro delas, cada uma representando uma vida não muito humana que tinha acabado pelas minhas mãos — o grande álbum de recortes da minha vida secreta. Porque não deixo grandes amontoados de carne se decompondo por aí. Não sou um demônio retalhador louco, desleixado e sujo. Sou um demônio retalhador louco extremamente asseado. Sou sempre muito cuidadoso ao me livrar das minhas sobras, e mesmo um inimigo cruel e implacável empenhado em provar que sou um ogro mau, o que sou mesmo, teria dificuldade em explicar o que são os meus pequenos slides.

Apesar disso, ter que me explicar sobre eles poderia levantar perguntas embaraçosas, mesmo que fosse apenas para minha apaixonada esposa — e mais ainda para um devotado inimigo apaixonadamente empenhado em me destruir. Houve um desses recentemente, um policial de Miami chamado sargento Doakes. E apesar de ainda estar vivo, comecei a pensar nele no passado, pois as recentes desventuras dele fizeram com que perdesse as mãos, os pés e a língua. Ele não tinha condição física de me levar à justiça que eu merecia. Mas eu era inteligente o bastante para saber que, se existiu alguém como ele, mais cedo ou mais tarde apareceria outro.

Então, privacidade era algo importante — não que antes eu fosse um exibido com as minhas coisas. Até onde eu sabia, ninguém nunca tinha olhado dentro da minha pequena caixa de slides. Mas eu também nunca tinha tido uma noiva limpando a casa para mim, nem duas crianças muito curiosas bisbilhotando minhas coisas para tentarem ser mais parecidas com o Obscuro Papai Dexter.

Rita pareceu gostar da minha necessidade de ter um espaço só meu, sem saber as verdadeiras razões, e então sacrificou seu quarto de costura e o transformou no que chamou de escritório do Dexter. Ele poderia ser o lar do meu computador, alguns poucos livros e CDs e, talvez, da minha pequena caixa de slides. Mas como eu poderia deixar a caixa ali? Seria fácil explicar para Astor e Cody — mas o que eu diria a Rita? Era melhor eu tentar esconder? Construir uma passagem secreta atrás de uma estante de livros que daria em uma escada e me levaria ao meu covil secreto? Colocar a caixa no fundo de uma lata falsa de creme de barbear? Aquilo era um problema.

Até o momento, eu tinha evitado a necessidade de encontrar uma solução mantendo o meu apartamento. Mas já tinha deixado algumas coisas no novo escritório, como as minhas facas e fita adesiva, que poderiam ser facilmente explicadas pela minha paixão por pesca e por ar condicionado. A solução ficaria para mais tarde. Agora, sentia dedos gelados espetando e fazendo cócegas em minha espinha, e tinha uma necessidade urgente de manter o encontro marcado com um jovem mimado.

Então, entrei no meu escritório para pegar uma sacola de ginástica azul de náilon que guardara para uma ocasião especial para colocar meus apetrechos. Tirei-a do armário com um aguçado sabor de antecipação se formando em minha língua, e fui colocando meus brinquedinhos dentro dela: um rolo novo de fita adesiva, uma faca, luvas, minha máscara de seda e um rolo de corda de náilon para uma emergência. Tudo preparado. Podia sentir minhas veias pulsando com grande excitação, a música selvagem tocando mais alto dentro de meus ouvidos e o rugido do Passageiro me impulsionando para arrumar, sair e ir logo. Então, me virei para sair e...

Trombei com um par de crianças sérias, me encarando com uma certa expectativa.

— Ele quer ir — disse Astor, e Cody concordou com a cabeça, olhando para mim com seus olhos grandes e que não piscavam.

Acredito que as pessoas que me conhecem diriam que sou bem articulado e tenho rápida perspicácia, mas quando repassei em minha mente o que Astor tinha dito e tentei entender o que significava, tudo que consegui foi soltar um som parecido com o de um ser humano, algo como:

— Ehe er ir?

— Com você — Astor falou pacientemente, como se estivesse conversando com uma criada com problemas mentais. — Cody quer ir com você hoje à noite.

Pensando agora, era fácil prever que esse problema acabaria acontecendo mais cedo ou mais tarde. E sendo justo comigo mesmo, o que acho importante sermos aqui, eu esperava por isso, mas não tão cedo. Não na hora de sair para minha Noite de Necessidade. Não quando cada pelinho da minha nuca estava arrepiado, com a compulsão pura e urgente de me esgueirar pela noite fria com minha fúria de aço inoxidável...

A situação claramente pedia muita ponderação, mas tudo que meus nervos queriam e clamavam era que eu pulasse pela janela e saísse para a noite — mas ali estavam os dois e, de alguma forma, respirei fundo e os examinei.

A alma de latão afiado e brilhante do Destemido Dexter foi forjada por um trauma de infância tão violento que ficou bloqueado completamente em minha mente. Foi o que me fez ser quem sou, e tenho certeza de que choraria e ficaria triste com isso se fosse capaz de sentir algo. E esses dois, Astor e Cody, tinham sido marcados do mesmo jeito, sendo atacados por seu violento pai viciado em drogas e apanhando dele até que, igual a mim, estivessem para sempre afastados dos pirulitos e da luz do sol. E como meu esperto pai adotivo descobriria ao me criar, não há como fazer isso desaparecer, a serpente jamais volta para o ovo.

Mas ela poderia ser treinada. Harry me treinou, me tornou algo que caça apenas outros

predadores sombrios, outros monstros que se disfarçam como humanos e perambulam pelas trilhas de caça da cidade. Eu tinha uma permanente necessidade de matar, imutável e eterna, mas Harry me ensinou a descobrir e matar apenas aqueles que, pelo rigoroso padrão de um policial, realmente fosse necessário.

Quando descobri que Cody era parecido comigo, prometi a mim mesmo que eu continuaria com os Ensinamentos de Harry, e passaria adiante o que aprendi, criando o garoto no Lado Sombrio Correto. Mas isso seria um mundo de complicações, explicações e ensinamentos. Havia levado quase dez anos para que Harry tivesse me passado tudo e então me deixado brincar com algo mais difícil do que animais vadios. E eu nem tinha começado a ensinar Cody — e apesar de aquilo fazer com que eu me sentisse um Mestre Jedi, não dava para começar daquele jeito. Sabia que Cody poderia ser alguém como eu um dia, e queria muito ajudá-lo — mas não esta noite. Não com a lua me chamando tão alegremente do lado de fora da minha janela, me puxando como uma locomotiva amarela engatada no meu cérebro.

— Eu não... hã... — comecei a falar, querendo negar tudo. Mas eles me olharam com uma expressão tão cativante de fria certeza que parei. — Não — lalei finalmente. — Ele é muito pequeno.

Eles trocaram uma rápida olhadela, só isso, mas que significava uma enorme conversa para eles.

— Falei pra ele que você ia dizer isso — afirmou Astor.

— Você tinha razão — falei.

— Mas Dexter — ela começou. — Você disse que ia nos ensinar muitas coisas.

— E vou — respondi, sentindo os dedos sombrios subindo vagarosamente pela minha espinha e tentando me controlar, me empurrando para a porta. — Mas não agora.

— Quando? — perguntou Astor.

Olhei para os dois e senti uma estranha combinação de impaciência selvagem para ir embora logo misturada com uma vontade de embrulhar os dois em um cobertor macio e matar qualquer um que chegasse perto deles. E lá no fundo, apenas para dar um tempero à mistura, um desejo de bater suas pequenas cabeças uma na outra.

Será que isso era paternidade, finalmente?

Toda a superfície do meu corpo formigava com um fogo de necessidade de sair, de começar, de fazer o que não deve ser mencionado, mas em vez disso, respirei bem fundo e fiz uma expressão bem neutra.

— Estamos no meio da semana e está quase na hora de vocês dormirem — falei.

Eles me olharam como se eu os tivesse traído, e acho que fiz isso mesmo ao mudar as regras e bancar o Papai Dexter quando eles achavam que estavam falando com o Demoníaco Dexter. Mas era a verdade. Não se pode levar crianças pequenas para uma evisceração tarde da noite e esperar que se lembrem da matéria no dia seguinte. Já era difícil para mim aparecer no trabalho no dia seguinte a uma de minhas aventuras, e olha que eu tinha a vantagem de poder tomar todo o café cubano que quisesse. E eles eram mesmo jovens demais.

— Você está sendo um adulto normal agora — disse Astor com um sarcasmo típico de quem tem dez anos de idade.

— Mas eu sou um adulto normal. E estou tentando fazer o certo para vocês. — mesmo tendo dito isso com meus dentes doendo de lutar contra minha necessidade, eu falei sério, o que não ajudou em nada a amenizar os olhares idênticos de desolação sombria que recebi deles.

— Pensamos que você fosse diferente — ela falou.

— Não imagino como eu poderia ser tão diferente e ainda parecer tão humano — respondi.

— Não é justo — disse Cody, e olhei bem nos olhos deles e vi uma pequena fera sombria

aparecer e rugir para mim.

— Não, não é justo. Nada na vida é justo. Justiça é um palavrão e eu agradeceria se vocês não usassem esse linguajar perto de mim — falei.

Cody olhou para mim duramente por um momento, um olhar de desapontamento calculado que nunca tinha visto nele antes, e não sabia se queria bater nele ou lhe dar um doce.

— Não é justo — ele repetiu.

— Olha — comecei —, isto tudo é algo que eu conheço bem. Esta é a primeira lição para vocês, crianças normais vão dormir cedo durante a semana.

— Anormal — ele falou, esticando tanto seu lábio inferior que daria para colocar seus cadernos em cima.

— Exatamente o que eu quis dizer. É por isso que você precisa parecer normal, agir normalmente e fazer com que todos pensem que você é normal, sempre. E a outra coisa que precisa fazer é agir exatamente como eu disser, senão não vou fazer isto — falei. Ele não pareceu se convencer, mas estava fraquejando. — Cody, você precisa confiar em mim e precisa fazer as coisas do meu jeito.

— Preciso — ele confirmou.

— Isso — falei. — Precisa.

Ele me olhou durante um longo momento, depois encarou a irmã, que também olhou para ele. Era uma maravilhosa comunicação não verbal; dava para ver que estavam tendo uma longa e intrincada conversa, mas não emitiram nenhum som até que Astor deu de ombros, se virou para mim e falou:

— Você precisa prometer.

— Tá bom. Prometer o quê?

— Que vai começar a ensinar a gente — ela falou e Cody concordou com a cabeça. — Elogo.

Respirei fundo. Eu nunca tive chance de ir para o que considero um hipotético Paraíso, mesmo antes disso. Mas concordar com esse plano, seguir em frente e transformar esses pequenos monstrinhos brutos em pequenos monstrinhos asseados e bem ensinados (bom, eu realmente esperava estar certo em relação à parte hipotética).

— Prometo — falei. Eles olharam um para o outro, depois para mim, e saíram do escritório.

E lá estava eu com minha sacola cheia de brinquedinhos, um noivado me pressionando e um senso de urgência meio murcho.

Será que família é desse jeito pra todo mundo? Se for, como as pessoas sobrevivem a isso? Por que as pessoas têm mais de um filho, ou por que têm filhos? Ii estava ali, com uma meta importante e realizadora à minha frente, e de repente fiquei cego por uma situação que nenhuma mãe jamais teve que enfrentar e então era quase impossível me lembrar o que estava pensando havia alguns momentos. Mesmo com um grunhido impaciente do Passageiro das Trevas — estranhamente emudecido, como se estivesse meio confuso —, levei vários momentos para me recompor e mudar de Atordoado Papai Dexter para o Vingador Frio. Foi bem difícil voltar ao limite frio da prontidão e do perigo; foi bem difícil lembrar onde eu tinha deixado as chaves do carro também, pra falar a verdade.

Acabei achando e saí tropeçando do escritório. Depois de murmurar alguma bobagem romântica para Rita, eu saí pela porta e finalmente entrei na noite.

CAPÍTULO 04

EU TINHA SEGUIDO ZANDER POR TEMPO SUFICIENTE PARA SABER A ROTINA DELE, e como era quinta à noite, sabia exatamente onde estaria. Ele passava todas as noites de quinta na Missão do Mundo Unificado da Luz Divina, presumivelmente examinando as mercadorias vivas. Depois de uns noventa minutos sorrindo para os funcionários e ouvindo uma curta missa, ele faria um cheque para o pastor, um negro enorme que já tinha jogado na NFL. O pastor sorriria e agradeceria a ele, então Zander sairia em silêncio pela porta dos fundos e entraria em sua modesta SUV e dirigiria humildemente para casa, inflamado pelos sentimentos de virtude que só aparecem nos verdadeiros trabalhos comunitários.

Mas ele não iria dirigir sozinho esta noite.

Dexter e seu Passageiro das Trevas iriam junto e o levariam para um novo tipo de jornada.

Mas primeiro aquela aproximação fria e bem calculada, resultado de semanas de observação cuidadosa.

Parei meu carro não muito longe da casa da Rita, em uma velha área de compras chamada Dadeland e andei até a estação de metro mais próxima. O trem não estava muito cheio, mesmo sendo horário de pico, mas havia gente suficiente para que ninguém prestasse atenção em mim. Apenas um homem gentil em belas roupas pretas carregando uma mochila de ginástica.

Desci em uma estação depois do centro e andei seis quarteirões até a instituição, sentindo o limite aguçado se afiando em mim e me levando de volta à prontidão que eu necessitava. Pensaríamos em Cody e Astor mais tarde. Agora, nesta rua, eu escondia o meu brilho de durão. O cegante brilho rosa e laranja das luzes especiais contra criminosos das ruas não conseguiam penetrar na escuridão na qual eu me embrulhei enquanto andava.

A instituição dos missionários ficava na esquina de uma rua meio movimentada, em um local onde antes ficava uma loja. Havia um aglomerado de pessoas na frente - o que não era surpresa, afinal, eles distribuíam comida e roupas e, para conseguir isso, tudo que se precisava fazer era perder alguns momentos de seu tempo bebendo rum para ouvir o bom reverendo explicando por que você ia para o inferno. Parecia uma bela barganha, mesmo para mim, mas eu não estava com fome. Passei pelo local, dei a volta e fui até o estacionamento.

Apesar de estar um pouco mais escuro, o estacionamento ainda estava claro demais para mim, quase claro demais até para se enxergar a lua, apesar de eu sentir que ela estava lá no céu, sorrindo maliciosa para a nossa vida frágil e sofrida, festejando junto aos monstros que viviam apenas para acabar com aquelas vidas com colheradas cheias e dolorosas. Monstros como eu e como Zander. Mas haveria um a menos esta noite.

Dei uma volta pelo perímetro do estacionamento. Parecia seguro. Não havia ninguém à vista, dentro dos carros ou andando por perto. A única janela com vista para a área era pequena, bem no alto da parede da instituição e com um vidro opaco - era o banheiro. Dei a volta no carro de Zander, um Dodge Durango azul que estava de frente à saída dos fundos e tentei abrir a porta. Trancada. Ao lado dele estava um velho Chrysler, o venerável veículo tio pastor. Fui para o outro lado do Chrysler e esperei.

Tirei minha máscara de seda da sacola de ginástica e a coloquei, ajeitando os buracos para os olhos. Depois peguei um rolo de linha de pescar bem grossa e estava pronto. Logo começaria a Dança Sombria. Zander andando desavisadamente na noite do predador, uma noite de surpresas afiadas, uma escuridão selvagem e definitiva recheada de uma realização completa. Em breve ele andaria calmamente da vida dele para a minha. E então...

Será que Cody se lembrou de escovar os dentes? Ele vinha se esquecendo ultimamente e Rita ficava com dó de tirá-lo da cama quando ele já estava quase dormindo. Mas era importante colocá-lo no caminho dos bons hábitos agora, e escovar os dentes era muito importante.

Fiz o meu nó e o deixei preparado sobre os joelhos. Amanhã era dia de loto na escola de Astor. Ela iria usar seu vestido de Páscoa do ano passado para aparecer bem na foto. Será que ela deixou tudo preparado para não se esquecer de manhã? Claro que ela não iria sorrir para a foto, mas se vestisse um vestido bacana já seria bom.

Como eu podia estar aqui agachado, com o laço à mão e pronto para atacar, e ainda ficar pensando nessas coisas? Como os momentos que precediam a ação poderiam ser preenchidos com esses pensamentos em vez da ansiedade de dentes afiados querendo soltar o Passageiro das Trevas em cima de um amiguinho que tanto merecia? Será que isso era uma prévia do que seria a bela vida de casado de Dexter?

Respirei fundo cuidadosamente, sentindo grande simpatia por W. C. Fields. Não poderia trabalhar com crianças também. Fechei os olhos, senti meu corpo ser preenchido pelo ar da noite e comecei a voltar ao frígido estado de prontidão. Aos poucos, Dexter recuou e o Passageiro das Trevas foi retomando o controle.

E foi bem na hora.

A porta dos fundos da instituição se abriu e pudemos ouvir os sons de horríveis animais gritando e se lamentando lá dentro. Era uma versão verdadeiramente horrorosa de "Just a Closer Walk with Thee", um som que era suficiente para fazer qualquer um voltar a beber. E era o suficiente para fazer Zander sair de lá. Ele parou na porta, se virou para acenar uma despedida e sorrir maliciosamente e então a porta se fechou e ele veio em direção ao seu carro. Agora era nosso.

Zander procurou a chave, a trava da porta abriu, e já tínhamos dado a volta no carro e estávamos atrás dele. Antes que percebesse o que estava acontecendo, o laço subiu pelo ar, deslizou à volta de seu pescoço e apertamos forte o bastante para tirar os pés dele do chão, fazê-lo cair de joelhos sem conseguir respirar e com o rosto ficando roxo. Aquilo era bom.

- Nenhum som - falamos, frio e de maneira perfeita. - Faça exatamente o que mandamos, nenhuma palavra ou som, e vai viver um pouco mais - dissemos enquanto soltávamos o laço um pouco, apenas para que soubesse que nos pertencia e devia fazer o que mandávamos.

Zander reagiu da maneira mais gratificante possível, deslizando para frente e sem nenhum sorriso malicioso no rosto. Saliva escorria do canto de sua boca e ele tentava tirar o laço de seu pescoço com as mãos, mas segurávamos forte o bastante para que ele não conseguisse colocar nenhum dedo por baixo da linha de pesca. Quando estava bem perto de desmaiar, soltamos um pouco a linha, apenas o suficiente para ele conseguir dar uma única respirada dolorosa.

- De pé agora - falamos gentilmente, puxando o laço para cima e fazendo com que obedecesse à ordem. E, vagarosamente, ele foi tateando a lateral de seu carro e obedeceu. - Ótimo. Agora, entre no carro. - seguramos o laço com a mão esquerda e abrimos a porta do carro, entrando com cuidado e segurando novamente com a mão direita quando estávamos bem posicionados no banco de trás. - Agora dirija - falamos em nossa voz de comando gelada e sombria.

- Pra onde? - perguntou, agora em um sussurro graças às ordens do nosso laço.

Apertamos o laço novamente para lembrá-lo de não falar fora de hora. Quando achamos que era o bastante, soltamos o laço um pouco.

- Oeste - respondemos. - Chega de papo. Dirija.

Ele botou o carro para rodar e, com alguns puxões na linha, dirigi ele para oeste, para a via expressa Dolphin. Durante um tempo ele fez exatamente o que mandei. Ele nos olhava pelo retrovisor de vez em quando, mas uma pequena apertada no laço o deixou extremamente cooperativo até chegarmos na via expressa Palmetto e irmos na direção norte.

- Ouça - ele falou de repente, enquanto passávamos pelo aeroporto -, sou um cara muito rico. Posso dar qualquer coisa que você quiser.

- Sim, pode mesmo - falamos -, e vai dar - mas ele não entendeu o que queríamos, porque relaxou um pouco depois disso.

- Certo - falou, com a voz meio rouca por causa do laço. - Quanto você quer?

Fixamos os olhos nos olhos dele pelo retrovisor e devagar, bem devagar, para que ele entendesse, apertamos o laço em torno do pescoço dele. Zander mal podia respirar e o mantivemos assim por um tempo.

- Tudo - respondemos. - Vamos querer tudo. - soltamos um pouco o laço e dissemos: - Dirija.

E ele dirigiu. Ficou bem quieto o resto do caminho, mas não parecia tão assustado como deveria estar. Claro que devia estar pensando que aquilo não estava mesmo acontecendo com ele, não tinha como acontecer, não com ele, que viveria para sempre em seu impenetrável casulo de dinheiro. Tudo tinha um preço e ele sempre podia pagar. Logo ele negociaria algo. E compraria a chance de escapar.

E compraria mesmo. Ele acabaria comprando sua saída. Mas não com dinheiro. E não uma saída do aperto do laço.

Não foi um caminho terrivelmente longo e ficamos em silêncio até a saída que escolhemos. Mas quando desacelerou para entrar em uma travessa, ele me olhou pelo retrovisor com medo nos olhos, o crescente terror de um monstro preso em uma armadilha, pronto para cortar a perna com os dentes e escapar. E esse pânico tangível faiscou um brilho quente no Passageiro da Trevas e fez com que ficássemos felizes e fortalecidos.

- Você não... não, não tem nada... Onde estamos indo? - ele gaguejou, fraco e de dar dó, soando cada vez mais como um humano, o que nos deixou bravos e nos fez puxar o laço forte demais até que ele chacoalhou os ombros e tivemos que soltar um pouco. Zander voltou a olhar para frente e para a rua.

- Vire à direita - falamos e ele virou, com a respiração raspando ao sair de sua boca toda babada. Descemos a rua e viramos à esquerda em uma pequena e escura rua de velhos armazéns.

Ele parou o carro onde mandamos, ao lado da porta enferrujada de um prédio abandonado. Uma placa podre e com um pedaço quebrado tinha a inscrição: JONE PLASTI.

- Pare aqui - mandamos e, enquanto ele puxava o freio de mão, já estávamos lá fora puxando-o para o chão, apertando firme e o olhando se debater por um momento antes de puxá-lo para que ficasse de pé. Mais saliva havia se acumulado em volta de sua boca e, em seus olhos, dava para ver que começava a acreditar, enquanto estava ali parado, feio e nojento, sob a agradável luz da lua, tremendo por causa de algum terrível engano que cometi a respeito de seu dinheiro e talvez com a crescente percepção de que não era diferente daqueles aos quais ele tinha feito a mesma coisa. Deixamos ele ficar em pé e respirar por um momento, então o empurramos em direção à porta. Ele esticou a mão e se apoiou na parede de concreto.

- Olha - ele começou, e havia um tom de completo humano em sua voz. - Posso te dar um caminhão de dinheiro. Qualquer coisa que quiser.

Não falamos nada. Zander lambeu os lábios.

- Certo - começou de novo, e sua voz era seca, fragmentada e desesperada. - O que você quer de mim?

- Exatamente a mesma coisa que você tirou dos outros - falamos, com um forte apertão do laço. - Menos a parte do calçado.

Zander encarou, sua boca caiu e ele mijou nas calças.

- Eu não... não é...

- Você sim - falamos. - É sim. E puxando o laço com força, conseguimos empurrá-lo porta adentro até o local cuidadosamente preparado. Havia algumas pilhas de canos de PVC quebrados varridos para os cantos e, mais importante para Zander, dois tambores de ácido hidroclorídrico, deixados ali por Jone Plasti quando fecharam o negócio.

Foi fácil levarmos Zander para cima, até o local que tínhamos limpado para o trabalho, e em pouco tempo estava preso com fitas adesivas, e nós, muito ansiosos para começar. Cortamos o laço e ele engasgou quando a faca feriu de leve o seu pescoço.

- Jesus - falou. - Olha, você está muito enganado.

Não falamos nada. Havia trabalho a ser feito e começamos a nos preparar para isso, cortando as roupas dele devagar e jogando com cuidado nos tambores de ácido.>

- Ah, merda, por favor - ele falou. - Não é o que está pensando, você não sabe o que está prestes a fazer.

Estávamos prontos e levantamos a faca para que ele visse que sabíamos muito bem o que estávamos fazendo, e já iríamos começar.

- Cara, por favor - ele falou. O medo ia muito além do que ele pensava ser possível, muito mais do que a humilhação de mijar nas calças e implorar, muito mais do que jamais imaginara.

Então, ele ficou surpreendentemente parado. Ele me olhou diretamente nos olhos com uma sinceridade inesperada e falou com uma voz que eu não tinha ouvido ainda:

- Ele vai encontrar você.

Paramos um momento para considerar o que queria dizer com aquilo. Mas tínhamos certeza de que era um blefe, a última cartada, e aquilo abrandou o delicioso sabor do terror dele e nos deixou bravos, por isso tapamos sua boca com fita e começamos a trabalhar.

E quando acabamos, não havia sobrado nada, a não ser um dos sapatos dele. Pensamos em guardar, mas isso seria um trabalho desleixado, por isso jogamos no barril de ácido juntamente com o resto de Zander.

Isso não é nada bom, pensou o Observador. Eles ficaram naquele prédio abandonado tempo demais e não havia dúvida de que o que quer que estivessem fazendo, não era um encontro social.

Como também não era o encontro que ele tinha marcado com Zander. Os encontros deles até agora tinham sido estritamente de negócios, apesar de Zander pensar neles de forma diferente. A admiração no olhar dele nas poucas vezes que estiveram juntos dizia muito a respeito do que o jovem tolo pensava e sentia. Ele tinha tanto orgulho da pequena colaboração que tinha feito... e como ansiava por se aproximar do poder frio e sólido.

O Observador não se arrependia de nada que pudesse ter acontecido com Zander - seria bem fácil substituí-lo -, a preocupação era o porquê disso acontecer esta noite e o que poderia

significar.

E estava satisfeito de não ter interferido, apenas relaxou e os seguiu. Ele poderia ter se intrometido e dominado facilmente o jovem fraco que pegou Zander, esmagando-o completamente. Mesmo agora ele sentia o vasto poder murmurando dentro dele, um poder que podia rugir e devastar qualquer coisa que se colocasse em seu caminho - mas não.

O Observador era paciente, e isso também era um sinal de força. Se esse outro fosse mesmo uma ameaça, era melhor esperar e vigiar, e quando soubesse o suficiente sobre o perigo, ele atacaria - rápida, devastadora e definitivamente.

Então ele vigiou. Demorou várias horas até que o outro saísse e entrasse no carro de Zander. O Observador ficou bem para trás, com os faróis apagados, seguindo facilmente o Durango azul no fraco trânsito noturno. Quando o outro parou o carro no estacionamento da estação de metro e entrou no trem, ele entrou também, quando as portas já estavam fechando, e se sentou no fundo do vagão, estudando a face do outro pela primeira vez.

Surpreendentemente jovem e até bonito. Um ar de charme inocente. Não era o tipo de rosto que você espera, mas isso sempre acontece.

O Observador o seguiu quando ele desceu em Dadeland e foi em direção aos carros estacionados. Era tarde e não havia ninguém no estacionamento. Ele sabia que poderia atacar agora, era só chegar por trás do outro e deixar o poder fluir através dele, por suas mãos, e mandar o outro para a escuridão. Ele podia sentir o lento e magistral poder dentro dele crescer quando foi chegando mais perto, quase sentindo o poderoso e mudo rugido da matança...

E de repente ele parou e andou bem devagar em uma direção diferente.

O carro do outro era bem fácil de se notar.

Tinha um adesivo de permissão de estacionamento da polícia.

Ele ficou feliz por ter sido paciente. Se o outro estava do lado da polícia... Isso poderia ser um problema muito maior do que ele imaginava. Não era nada bom. Seria necessário um grande e cuidadoso planejamento. E muito mais vigilância.

Então o Observador desapareceu em silêncio noite adentro para se preparar e vigiar.

CAPÍTULO 05

ALGUÉM DISSE UMA VEZ QUE NÃO HÁ DESCANSO PARA OS MALVADOS, provavelmente estava falando de mim, porque vários dias depois de mandar o querido Zander para o merecido descanso, o pobre Obstinado Dexter estava muitíssimo ocupado. Mesmo com o planejamento de Rita engatando a quinta marcha, meu trabalho estava seguindo o mesmo ritmo. Parecíamos estar em uma daquelas época, que Miami tinha de vez em quando, na qual os homicídios parecem uma ótima ideia, e eu já estava examinando marcas de sangue havia três dias sem parar.

Mas no quarto dia as coisas conseguiram ficar piores. Eu tinha trazido rosquinhas, como fazia de tempos em tempos - especialmente depois de brincar com algum amiguinho. Por alguma razão, além de me sentir mais relaxado durante vários dias após eu e o Passageiro termos um encontro noturno, me sinto bastante faminto. Sei que esse fato está recheado de significados psicológico, mas estou bem mais preocupado em conseguir uma ou duas rosquinhas recheadas de geleia antes que os predadores do laboratório deixem só suas migalhas. Os significados podem esperar quando existem rosquinhas em perigo.

Mas nesta manhã eu mal tinha conseguido pegar uma recheada de geleia de framboesa - e tive sorte em não perder qualquer dedo no processo. O andar todo estava em polvorosa se preparando para uma visita a uma cena de crime, e o tom do burburinho me informou que era algo particularmente horripilante, o que não me agradava. Isso significava longas horas preso em um lugar longe da civilização e dos sanduíches cubanos. Quem poderia saber o que seria o meu almoço? Considerando que só tinha comido uma rosquinha, o almoço seria uma refeição muito importante do meu dia, e pelo que eu sabia, provavelmente trabalharia durante minha hora de almoço.

Peguei meu kit portátil de exames de borrifo de sangue e fui em direção à porta com Vince Masuoka, que apesar de ser pequeno, tinha conseguido pegar duas das preciosas rosquinhas recheadas, incluindo a de creme bávaro com cobertura de chocolate.

- Você acabou se saindo muito bem, Poderoso Caçador - falei e acenei em direção à pilhagem dele.

- Os deuses da floresta foram bons comigo - ele respondeu, e deu uma bela mordida. - Meu povo não passará fome nesta estação.

- Não, mas eu vou.

Ele me presenteou com seu terrível sorriso falso, que parecia algo que ele tinha aprendido ao estudar um manual governamental de expressões faciais.

- Os caminhos da selva são duros, Gafanhoto - falou.

- Sim, eu sei. Primeiro você precisa aprender a pensar como uma rosquinha - retruquei.

- Há. - A risada dele era mais falsa que seu sorriso, como se estivesse lendo um livro sobre como soletrar um riso. - Ah, há, há, há! - O pobre parecia fingir que era um humano o tempo todo, como eu fazia. Mas não era tão bom nisso como eu. Por isso eu ficava confortável ao lado dele. Isso e o fato de ele também trazer rosquinhas.

- Você precisa de uma camuflagem melhor - ele falou, apontando para minha camisa, que era rosa e verde brilhantes em estilo havaiano e com garotas de hula estampadas. - Ou pelo menos ter bom gosto.

- Estava em promoção - falei.

- Há - ele riu novamente. - Bom, em breve Rita vai escolher suas roupas. - E, então, largando abruptamente sua falsa simpatia, ele falou: - Olha, acho que encontrei o bufe perfeito.

- Ele faz rosquinhas recheadas? - perguntei, esperando sinceramente que aquela tempestade do meu iminente casamento simplesmente desaparecesse. Mas eu tinha convidado Vince para ser meu padrinho e ele estava encarando o trabalho de forma bem séria.

- O dono é um cara importante - Vince falou. - Acho que fez o MTV Awards e outras festas importantes de celebridades.

- Isso parece deliciosamente caro - falei.

- Mas ele me deve um favor - disse Vince. - Acho que podemos conseguir que ele faça um bom preço. Algo como 150 por prato.

- Bom, Vince, eu tinha pensado em conseguir pagar mais de um prato.

- Acho que ele saiu na revista South Beach - falou, parecendo um pouco ofendido. - Você devia pelo menos conversar com ele.

- Pra falar a verdade - disse, o que significava que eu estava mentindo -, acho que Rita prefere um bufe mais simples.

Vince tinha ficado de mau humor agora.

- Fale com ele pelo menos - repetiu.

- Vou falar a respeito dele com a Rita - retruquei, torcendo para que aquilo acabasse com a discussão. E durante o caminho até a cena do crime, Vince não tocou mais no assunto, então achei que tinha funcionado.

O local acabou sendo bem mais fácil para mim do que eu tinha antecipado, e fiquei animado quando cheguei lá. Para começar, era no campus da Universidade de Miami, onde eu tinha estudado, e uma das coisas que eu fazia para manter meu disfarce de humano era sempre fingir um grande e caloroso afeto pelo lugar quando eu estava nele. E, em segundo lugar, parecia haver muito pouco sangue por lá, o que queria dizer que poderia acabar meu trabalho em um tempo bem razoável. E também significava liberdade daquele líquido vermelho molhado e nojento - eu realmente não gosto de sangue, o que pode parecer estranho, mas é a verdade. Mas, por outro lado, adoro organizar o sangue em uma cena de crime, forçando-o a se enquadrar em um padrão e a se comportar. Nesse caso, pelo que eu ficara sabendo no caminho, meu trabalho não chegaria a ser um grande desafio.

Então, com minha animação usual, fui em direção à fita amarela que isolava a área do crime, com a certeza de que teria um charmoso intervalo em um agitado dia de trabalho...

E parei de repente depois de colocar um pé dentro da área isolada. Por um momento o mundo ficou amarelo brilhante e havia uma sensação ruim ile uma ameaça invisível em algum lugar. Não consegui ver nada além do brilho do fio da navalha. Havia um som mudo vindo do sombrio banco traseiro, uma sensação de náusea subliminar misturada com o pânico cego da laca de um carniceiro riscando um quadro negro. Um deslize, um nervosismo, uma certeza selvagem de que havia algo muito errado, mas sem nenhuma pista do que ou de onde.

Voltei a enxergar e então olhei em volta. Não vi nada que não esperasse ver em uma cena de crime: uma pequena multidão reunida atrás da fita amarela, alguns policiais guardando o perímetro, uns poucos detetives com seus ternos baratos e a minha equipe, os peritos forenses nerds, vasculhando os arbustos com as mãos, ajoelhados. Tudo parecia normal. Então me voltei para o meu infalível olho interior, procurando uma resposta.

O que aconteceu? Perguntei em silêncio, fechando novamente meus olhos e tentando obter uma resposta do Passageiro para essa demonstração de desconforto sem precedentes. Estava acostumado a comentários do meu Sócio Obscuro, e em geral, minha primeira visão de uma cena de crime vinha sempre seguida de sussurros de admiração ou divertimento, mas aquilo - era claramente o som do perigo, e eu não sabia o que fazer.

O que é? Perguntei de novo. Mas não houve resposta além do inquieto farfalhar de asas invisíveis, por isso deixei para lá e andei até o local do crime.

Os dois corpos tinham claramente sido queimados em algum outro lugar, pois não havia qualquer sinal de um churrasco grande o suficiente para ter assado por inteiro duas mulheres de estatura mediana. Elas tinham sido descartadas perto do lago que passa dentro do campus da UM, bem perto do caminho que circunda tudo, e foram descobertos por dois corredores matutinos. Minha opinião era que, pela pequena quantidade de sangue que encontrei no local, as cabeças tinham sido cortadas depois de elas terem morrido queimadas.

Um pequeno detalhe fez com que eu pensasse na coisa. Os corpos estavam dispostos muito bem arrumados, quase como em uma reverência, com seus braços carbonizados dobrados sobre o peito. E no lugar das cabeças cortadas, cabeças de touro de cerâmica foram cuidadosamente encaixadas nos torsos.

É exatamente esse tipo de toque apaixonado que acaba gerando algum comentário do Passageiro das Trevas - em geral é um sussurro de aprovação, um pequeno riso e às vezes até uma pontada de inveja. Mas dessa vez, enquanto Dexter dizia para si mesmo: há, há, uma cabeça de touro! O que achamos disso?, o Passageiro respondeu imediata e vigorosamente...

Nada?

Nem um sussurro ou um suspiro?

Exigi de forma irritada alguma explicação, mas não recebi mais do que uma sensação de preocupação, como se o Passageiro estivesse se abaixando atrás de qualquer coisa que o escondesse e com a esperança de passar pela tempestade sem que ninguém o notasse.

Abri meus olhos mais por estar surpreso do que por qualquer outra coisa. Não conseguia me lembrar de outra ocasião em que o Passageiro não tivesse algo a dizer a respeito de nossa coisa favorita. Mas lá estava ele, não só se abstendo, mas também se escondendo.

Olhei de novo para os corpos torrados com um respeito crescente. Não linha ideia do que isso significava, mas como nunca havia acontecido antes, me pareceu uma boa ideia descobrir.

Angel Batista estava de quatro, no chão, lá no canto do local, examinando com muito cuidado algo que eu não conseguia enxergar, mas para o qual também não ligava.

- Já achou? - perguntei a ele.

Ele não levantou a cabeça.

- O quê? - retrucou.

- Não tenho ideia - falei. - Mas deve estar em algum lugar por aqui.

Ele esticou uma tesoura e pegou um pequeno pedaço de vidro, o examinou com cuidado e depois colocou em um saco plástico:

- Por que alguém colocaria cabeças de touro de cerâmica?

- Porque se fossem de chocolate elas derreteriam - respondi.

Ele concordou com a cabeça, ainda sem olhar para mim.

- Sua irmã acha que é um ritual de Santeria.

- Jura? - Aquela possibilidade não havia passado pela minha cabeça, e me senti um pouco ofendido por isso. Estávamos em Miami, afinal de contas, e sempre que encontrávamos algo que parecia um ritual e que envolvia cabeças de animais, Santeria era o primeiro nome que deveria pipocar em nossa mente. Sendo uma religião afro-cubana que combinava o animismo iorubá

com o catolicismo, a Santeria estava espalhada por toda a Miami. Sacrifícios de animais e simbolismo eram muito comuns entre seus devotos, o que explicaria as cabeças de touro. E apesar de ser pequeno o número de pessoas que realmente praticavam a Santeria, a maioria das casas da cidade tinha uma ou duas velas de santos ou colares de conchas comprados em uma loja de botânica. A atitude que prevalecia na cidade era de que mesmo se você não acreditasse naquilo, não faria mal algum respeitar.

Como já falei, deveria ter pensado nisso logo. Mas minha irmã adotiva, que agora era sargento do departamento de homicídios, teve a ideia primeiro, mesmo que na teoria eu fosse mais esperto que ela.

Eu ficara aliviado ao saber que Deborah tinha sido designada para esse caso, pois isso significava que teríamos o mínimo de estupidez envolvida. E também faria com que ela, pelo menos era o que eu esperava, ocupasse melhor seu tempo do que vinha fazendo ultimamente. Ela passava a maior parte de suas horas, do dia e da noite, cuidando de seu namorado aleijado, Kyle Chutsky, que tinha perdido um ou dois membros em seu recente reencontro com um cirurgião louco que era especialista em transformar humanos em batatas guinchantes - o mesmo vilão que tinha cortado artisticamente várias partes desnecessárias do sargento Doakes.* Ele não teve tempo de terminar o que começou em Kyle, mas Debs levou isso para o lado pessoal e, depois de atirar no bom doutor, ela se devotou a cuidar de Chutsky, para que ele recuperasse sua masculinidade.

Tenho certeza de que ela ganhou infinitos pontos na escala ética, se é que existe alguém marcando, mas a verdade é que todo esse tempo afastada não a ajudara no departamento e, pior que isso, o pobre e solitário Dexter sentiu a afiada negligência de sua única parente viva.

Por tudo isso, era uma ótima notícia saber que Deborah tinha sido designada para esse caso, e ela estava do outro lado da cena conversando com seu chefe, o capitão Matthews, sem dúvida dando a ele alguma munição para sua guerra contra a imprensa, que simplesmente se recusava a tirar fotos do melhor ângulo dele.

Os carros da imprensa já estavam chegando e cuspindo equipes de seus interiores para fazer imagens secundárias para as matérias. Um casal de farejadores locais estava ali parado, brindando com seus microfones e entoando frases pesarosas a respeito da tragédia que era o fim brutal de duas vidas. E como sempre, me senti grato por viver em uma sociedade livre, onde a imprensa tem o direito sagrado de mostrar pessoas mortas nos telejornais noturnos.

O capitão Matthews penteou cuidadosamente o cabelo, que já estava impecável, com a palma da mão, deu um tapinha no ombro de Deborah e marchou para falar com a imprensa. E eu marchei em direção à minha irmã.

Ela estava parada onde o Capitão a tinha deixado, olhando para ele enquanto era entrevistado por Rick Sangre, um dos verdadeiros gurus das reportagens se-tem-sangue-tem-notícia.

- Bom, mana - comecei. - Seja bem-vinda de volta ao mundo real.

Ela desdenhou com a cabeça.

- Eeeeh - falou.

- Como vai o Kyle? - perguntei, pois meu treinamento me dizia que era a coisa certa a fazer.

- Fisicamente? Bem. Mas se sente um inútil o tempo todo. E os cuzões de Washington não o deixam voltar a trabalhar.

Era difícil para mim julgar se Chutsky estava apto a voltar ao trabalho, porque ele nunca disse exatamente o que fazia. Sabia que estava vagamente ligado ao governo e que era algo clandestino, mais nada.

- Bom - falei, procurando o cliché apropriado -, tenho certeza de que só precisa de mais tempo.

- Ah, claro - respondeu. - Tenho certeza disso. - Ela olhou para trás até o local onde os corpos torrados estavam. - De um jeito ou de outro, isto é uma boa maneira de eu distrair minha mente.

- O boato que corre é de que você acha que é Santeria - falei, e ela se virou rapidamente para me encarar.

- Você não acha'? - perguntou.

- Ah não, pode bem ser isso sim!

- Mas? - ela disse de modo afiado.

- Sem nenhum "mas" - respondi.

- Que droga, Dexter. O que sabe a respeito disso? - e aquela era uma pergunta justa. Eu era conhecido por dar ótimos palpites em muitos casos dificílimos de homicídios nos quais trabalhamos juntos. Tinha uma boa reputação por minhas ideias de como os maníacos homicidas doentios pensavam e agiam, o que era óbvio, já que, fora Deborah, ninguém sabia que eu também era um maníaco homicida doentio.

Mas mesmo que Deborah só tenha ficado sabendo recentemente a respeito de minha verdadeira natureza, ela não tinha vergonha em se aproveitar dos meus dons para ajudá-la no trabalho.

Eu não ligava, ficava feliz em ajudar. Para que serve a família? E eu não ligava se os meus amigos monstros pagassem seus débitos com a sociedade na cadeira elétrica - a menos, claro, que fosse alguém que eu estivesse guardando para o meu inocente prazer.

Mas nesse caso eu ainda não tinha absolutamente nada para dizer a Deborah. Na verdade até esperava que ela tivesse alguma migalha de informação para me dar, algo que explicasse o jeito estranho e totalmente fora do padrão do Passageiro das Trevas. Claro que aquilo era algo que eu não me sentia à vontade para contar a Deborah. Mas não interessa o que eu falasse, ela não iria acreditar em mim. Deborah teria certeza de que eu tinha informações e um ângulo diferente que faria com que eu guardasse tudo só para mim. A única coisa mais suspeita do que um irmão era um irmão policial.

E como eu falei, ela estava mesmo desconfiada de que eu estava escondendo algo.

- Vamos, Dexter. Desembucha. Pode falar o que sabe sobre o caso.

- Querida irmã, estou totalmente perdido - falei.

- Porra nenhuma - ela falou. - Você não quer me contar.

- Jamais faria isso - respondi. - Eu mentiria para minha única irmã?

Ela sorriu maliciosamente para mim.

- Então não é Santeria?

- Não tenho ideia - falei o mais sinceramente possível. - Parece ser um bom começo. Mas...

- Sabia! Mas o quê?

- Bom - comecei. E juro que aquilo tinha acabado de passar pela minha cabeça e provavelmente não significava nada, mas agora eu já estava no meio da frase, então resolvi falar. - Já ouviu falar de algum santeiro que usa cerâmica? E de touros, eles não tinham uma queda por cabeças de bode?

Por um minuto, ela me olhou com um olhar duro e então fez que não com a cabeça.

- Só isso? É o que você acha?

- Eu te falei que não tinha nada ainda, Debs. Foi só um pensamento, algo que acabou de passar pela minha cabeça.

- Bom, se está mesmo me dizendo a verdade...

- É claro que estou - protestei.

- Então você não sabe porra nenhuma - falou e olhou de novo para onde o capitão respondia as perguntas com sua mandíbula solene e máscula. - O que é um pouco menos do que a merda

de cavalo que eu sei.

Nunca tinha ouvido falar que porra nenhuma era menos do que merda de cavalo, mas acho que é sempre bom aprender algo novo. Acontece que essa incrível revelação não respondia a verdadeira pergunta aqui: por que o Passageiro das Trevas ficou com medo e se escondeu? Ao longo de anos de trabalho e de diversão, vi coisas que a maioria das pessoas nem imaginaria, a menos que tenham assistido muitos daqueles filmes de motoristas bêbados que as escolas de direção mostram. E em todas as situações, encarei, independentemente do humor dele, meu acompanhante sombrio, que sempre tinha algum comentário incisivo sobre o procedimento, mesmo que fosse apenas um bocejo.

Mas agora, confrontado com nada mais do que dois corpos torrados e uns trabalhos amadores de cerâmica, o Passageiro das Trevas resolveu se esconder como uma aranha assustada, e me deixou sem direção - um sentimento novo para mim e eu estava descobrindo que não gostava disso.

Mas o que eu poderia fazer? Sabia que não poderia conversar com ninguém a respeito do Passageiro das Trevas, não enquanto ainda quisesse ser um homem livre, e eu queria muito continuar sendo um homem livre. Até onde eu sabia não existiam outros especialistas no assunto além de mim. Mas o que eu conhecia mesmo do meu companheiro de farra? Será que eu era mesmo um especialista apenas porque dividi o mesmo espaço com ele durante tanto tempo? O fato de ele ter se escondido no sótão estava me deixando nervoso, como se eu tivesse chegando ao trabalho e percebesse que esqueci de pôr a calça. Pensando na essência das coisas, eu realmente não Unha ideia do que era o Passageiro das Trevas e de onde ele tinha vindo, e aquilo nunca me parecera importante antes.

E por alguma razão, agora parecia.

Uma pequena multidão havia se reunido atrás da barreira de fita amarela leita pela polícia. Gente suficiente para que o Observador ficasse ali no meio e não chamasse nenhuma atenção.

Ele assistiu a tudo com uma fome fria que não transparecia em seu rosto - aliás, seu rosto não transparecia nada, era apenas uma máscara que ele vestia quando precisava esconder o grande poder que vivia dentro dele. Ainda assim parecia que as pessoas à sua volta sentiam algo, pois davam olhadelas nervosas para ele de vez em quando, como se tivessem ouvido um tigre rosnar por perto.

O Observador apreciava o desconforto deles, o modo como encaravam com um medo estúpido no olhar o que ele tinha feito. Em parte pela alegria de sua força, em parte porque ele adorava observar.

Mas ele observava com um propósito, cuidadosa e deliberadamente, via as formigas de sempre circulando a sua frente e sentia uma onda de poder jorrar dentro dele. Carne, ele pensou. São como ovelhas e nós somos os pastores.

E enquanto se regozijava com a reação patética das pessoas ao cenário que tinha montado, sentiu uma presença coçar a ponta de seus sentidos de predador. Ele virou a cabeça lentamente, seguindo a fita amarela e...

Lá estava. Era ele, o cara com a camisa estilo havaiana brilhante. Ele era mesmo da polícia.

O Observador passou a mão com cuidado em um cacho de seu cabelo e depois em outro, enquanto observava, e nessa hora o outro parou e fechou os olhos, como se estivesse fazendo

uma pergunta silenciosa - sim. Tudo fazia sentido agora. O outro havia sentido o ténue encontro de seus sentidos; ele era poderoso, isso era uma certeza.

Mas qual era o propósito dele?

Ele observou enquanto o outro se endireitou, olhou em volta e então pareceu dar de ombros para a sensação e atravessou a barreira da polícia.

Somos mais fortes, ele pensou. Mais que todos eles. E eles vão descobrir isso e se arrependerão amargamente.

Ele podia sentir a fome aumentando - mas precisava saber mais, por isso esperaria até o momento certo. Esperar e vigiar.

Por enquanto.

CAPÍTULO 06

UM HOMICÍDIO SEM NENHUM SANGUE ESPALHADO, RESPINGADO OU BORRIFADO deveria ser como um feriado para mim, mas por alguma razão eu não conseguia ter uma sensação de alegria e aproveitar. Espreitei as redondezas, entrei e saí da área demarcada, mas havia muito pouco que eu pudesse fazer. E acho que Deborah já tinha dito tudo para mim, o que acabou me deixando sozinho e desocupado.

Uma pessoa sensata poderia ser perdoada por ficar um pouco de mau humor, mas nunca achei que eu fosse sensato, e isso me deixava sem muita opção. Talvez o melhor a fazer fosse seguir adiante com a vida e pensar em Iodas as coisas importantes que demandavam a minha atenção - as crianças, o bufe, Paris, o almoço... Considerando minha lista de coisas com as quais me preocupar, percebi por que o Passageiro estava um pouco tímido.

Olhei novamente para os dois corpos bem passados. Eles não estavam la/.endo nada sinistro. Ainda estavam mortos. Mas o Passageiro das Trevas continuava em silêncio.

Caminhei de volta até onde Deborah conversava com Angel. Os dois olharam para mim com expectativa, mas eu não tinha nada a oferecer, o que não era comum para mim. Para sorte da minha reputação mundialmente famosa de calma e animação, antes de eu ficar melancólico, Deborah olhou por cima do meu ombro e bufou.

- Já era hora, porra.

Segui o olhar dela até um carro da polícia que tinha acabado de parar, e vi um homem todo vestido de branco descer.

Era o babalaô oficial de Miami.

Nossa honesta cidade vivia em um estado permanente de enevoadas camaradagens e corrupção que causaria inveja no mais corrupto dos políticos, e milhões de dólares eram desperdiçados todos os anos com consultorias imaginárias, superfaturamento de projetos que nem começavam porque eram dados para a sogra de alguém tocar e outros itens especiais de grande importância cívica, como novos carros luxuosos para os apoiadores dos governantes. Por isso não era nenhuma surpresa a cidade ter um sacerdote de Santeria recebendo salário e benefícios.

A surpresa é que ele fazia por merecer o dinheiro.

O babalaô chegava todos os dias, ao amanhecer, ao Palácio de Justiça, onde normalmente encontrava um ou dois animais sacrificados deixados ali por pessoas com casos importantes pendentes. Nenhum cidadão de Miami em seu juízo perfeito tocaria naquelas coisas, mas também pegaria muito mal deixar animais mortos na frente do grande templo da justiça de Miami. Então o babalaô remove os sacrifícios, as conchas, as penas, os colares e as imagens de um jeito que não ofenda os orixás, que são os espíritos-guia da Santeria.

Às vezes, ele também é chamado para fazer feitiços de grande importância cívica, como abençoar uma ponte feita por alguém que investiu pouco ou para amaldiçoar o time do New York Jets. E dessa vez ele aparentemente havia sido chamado pela minha irmã.

O babalaô oficial da cidade era um homem negro de uns 50 anos, tinha cerca de dois metros

de altura, unhas muito compridas e uma bela pança. Estava vestido com calça e camisa brancas e usava sandálias. Ele veio se arrastando desde o carro que o trouxe com a expressão mal-humorada daqueles pequenos burocratas cujo trabalho importantíssimo havia sido interrompido. Enquanto caminhava, polia um par de óculos de aros pretos com a barra da camisa e o colocou quando se aproximou dos corpos. O que viu fez com que congelasse imediatamente.

Durante um bom tempo ele ficou apenas olhando. Depois, com os olhos ainda colados nos corpos, se afastou. Quando estava há uns dez metros, ele se virou, caminhou de volta e entrou no carro de polícia.

- Que porra é essa? - perguntou Deborah, e concordei que ela tinha descrito bem a cena. O babalaô bateu a porta e ficou ali sentado, no banco do passageiro, olhando diretamente para a frente, sem se mexer. Depois de uns momentos Deborah murmurou: - Merda! - e foi em direção ao carro. E porque eu também estava curioso, fui atrás dela.

Quando cheguei ao carro, Deborah batia no vidro do lado do passageiro e o babalaô continuava olhando diretamente para a frente, mandíbulas cerradas e seriamente tentando fingir que não a via. Deborah bateu mais forte e ele sacudiu a cabeça

- Abra a porta - disse ela em sua melhor voz policial largue-essa-arma-agora. Ele fez que não com a cabeça com mais relutância. Ela bateu no vidro com mais força ainda. - Abra agora!

Finalmente ele abriu o vidro.

- Isso não tem nada a ver comigo - falou.

- E o que é isso, então? - ela perguntou.

Ele apenas chacoalhou a cabeça negativamente.

- Tenho que voltar ao trabalho.

- Por acaso é Palo Mayombe? - perguntei a ele. Deborah me olhou com reprovação por interrompê-la, mas parecia uma pergunta pertinente. Palo Mayombe era uma ramificação mais sombria da Santeria, e mesmo eu não sabendo quase nada a respeito, tinha ouvido alguns rumores de rituais bem pesados que chamaram a minha atenção.

Mas o babalaô fez que não com a cabeça.

- Olha - ele começou. - Existem coisas por aí que vocês nem imaginam e que é melhor não saberem.

- E isso é uma dessas coisas? - perguntei.

- Não sei - ele respondeu. - Talvez.

- O que pode nos dizer a respeito? - perguntou Deborah.

- Não posso dizer nada porque não sei de nada. Mas não gostei e não quero ter nada a ver com aquilo. Tenho coisas importantes para fazer hoje, diga ao policial que preciso ir - e então ele levantou o vidro de novo.

- Merda - falou Deborah, enquanto me olhava acusadoramente.

- Bom, eu não fiz nada.

- Merda. Que diabos isso quer dizer? - ela perguntou.

- Estou completamente no escuro - respondi.

Tá bom - ela falou e fez cara de nem um pouco convencida, o que era um pouco irônico. Quero dizer, as pessoas acreditam em mim o tempo todo quando não estou sendo exatamente sincero, e aqui estava a própria carne da minha carne postiça se recusando a acreditar que eu estava mesmo completamente no escuro. Sem contar o fato de o babalaô parecer ter tido exatamente a mesma reação do Passageiro - mas o que eu poderia deduzir disso?

Antes que eu pudesse seguir com essa fascinante linha de raciocínio, percebi que Deborah ainda me encarava com uma expressão exagerada de desprazer no rosto.

- Você já achou as cabeças? - perguntei, logo pensando em algo que pudesse ajudar. -

Podemos ter uma ideia do ritual se descobrirmos o que ele fez com as cabeças.

- Não, ainda não achamos as cabeças. Não achei nada além de um irmão que está escondendo informações de mim.

- Olha, Deborah, esse seu ar de permanente suspeita não vai fazer bem para os músculos do seu rosto. Vai ficar com linhas de expressão.

- Talvez eu pegue um assassino também - ela falou e caminhou de volta até os corpos torrados.

Como a minha utilidade tinha acabado, pelo menos para minha irmã, não havia mais o que fazer naquela cena de crime. Terminei o meu trabalho, pegando pequenas amostra do sangue seco e preto que havia em volta do pescoço das vítimas, e voltei ao laboratório ainda com muito tempo para um almoço um pouco atrasado.

Mas claro que o Destemido Dexter devia ter um alvo pintado em suas costas, porque seus problemas só estavam começando. Quando terminava de arrumar a minha mesa e me preparava para enfrentar a animadora hora do rush homicida, Vince Masuoka entrou.

- Acabei de falar com Manny e ele pode nos encontrar amanhã, às dez - ele falou.

- Que notícia maravilhosa - respondi. - O que ajudaria ainda mais era eu saber quem é Manny e por que ele quer nos ver.

Vince me olhou um pouco magoado, e aquela foi uma das únicas expressões sinceras que eu vi no rosto dele.

- Manny Borque, o cara do bufê

- Aquele da MTV?

- Sim, esse mesmo - ele falou. - O cara que ganhou vários prêmios e que está escrevendo para a revista Gourmet.

- Ah sim - falei para ganhar tempo, na esperança de ter alguma ideia brilhante que me ajudasse a escapar desse terrível compromisso. - O premiado cara do bufê.

- Esse cara é famoso, Dexter. Ele dá conta de todo o casamento.

- Bom, acho isso incrível, Vince, mas...

- Olha - ele falou, com um resoluto ar de comando que eu nunca tinha ouvido antes -, você disse que falaria com a Rita e que deixaria ela decidir.

- Eu falei isso?

- Falou. E não vou deixar que jogue fora uma oportunidade incrível como essa, não, sabendo que Rita iria adorar.

Eu não sabia como ele podia ter tanta certeza a respeito daquilo. Afinal, eu é que estava noivo dela e não tinha ideia de qual bufê a deixaria saltitante. Mas achei que não era hora de perguntar como ele sabia do que ela gostava ou não. Por outro lado, um cara que se veste de Carmem Miranda no dia das bruxas pode mesmo saber mais do que eu sobre as preferências pessoais da minha noiva a respeito de culinária.

- Bom - respondi, decidindo que procrastinar o máximo possível era a melhor resposta -, nesse caso, vou para casa e falarei com Rita a respeito.

- Faça isso - ele disse. E não ficou bravo, mas teria batido a porta se houvesse uma ali para ser batida.

Terminei de arrumar tudo e fui enfrentar o tráfego do começo da noite. No caminho, um homem de meia-idade em um SUV Toyota entrou atrás de mim e começou a buzinar por alguma razão. Depois de cinco ou seis quarteirões, ele me passou, mostrou o dedo e jogou o carro de leve pra cima do meu para me assustar e fazer com que eu subisse na calçada. Apesar de admirar o espírito dele e de querer fazer aquilo, achei melhor continuar na pista. Não existe qualquer razão para se tentar entender como os motoristas de Miami vão de um lugar para o

outro. Você só precisa relaxar e aproveitar a violência - e claro que aquilo não era um problema para mim. Sorri e acenei enquanto ele pisava fundo no acelerador e desaparecia a uns 10 km/h acima do limite permitido.

Normalmente acho o trânsito caótico e mutilador do fim de tarde um jeito perfeito de encerrar o dia. Ver toda aquela raiva e desejo de matar me relaxa e faz com que eu me sinta conectado à minha cidade e aos seus espirituosos habitantes. Mas esta noite eu estava achando difícil conseguir algo que me animasse. Nunca achei que pudesse acontecer, mas a verdade é que eu estava preocupado.

E o pior é que não sabia com o que estava preocupado, sabia apenas que o Passageiro das Trevas tinha ficado em silêncio em uma cena de um homicídio bem criativo. Aquilo nunca tinha acontecido e eu só podia achar que algo fora do comum e que provavelmente ameaçava o Dexter tinha sido a causa. Mas o quê? E como poderia ter certeza quando eu nem sabia nada a respeito do Passageiro, a não ser o fato de ele estar sempre ali oferecendo compreensão e comentários felizes. Já tínhamos visto corpos queimados antes, e também muita cerâmica, nem um abalo foi sentido. Será que foi a combinação das duas coisas? Algo específico em um dos corpos? Ou foi uma grande coincidência e que não teve nada a ver com o que tínhamos visto?

Quanto mais eu pensava naquilo, menos eu sabia, mas o tráfego me envolvia com seu suave padrão homicida e, quando cheguei na casa de Rita, quase tinha me convencido de que não havia nada com o que me preocupar.

Rita, Cody e Astor já estavam em casa quando entrei. Rita trabalhava bem mais perto de casa do que eu, e as crianças estavam em um programa pós-escola em um parque nas redondezas, por isso já estavam esperando havia pelo menos meia hora a oportunidade de atormentar a paz de espírito que conquistei tão duramente.

- Deu nos jornais - sussurrou Astor quando abri a porta.

Cody concordou e disse:

- Nojento - em sua voz áspera e suave.

- O que deu nos jornais? - perguntei, me esforçando para entrar em casa sem passar por cima deles.

- Você queimou eles - sibilou Astor, e Cody me olhou com total falta de expressão que de alguma forma transmitia desaprovação.

- O quê? Quem falou que eu...

- As duas pessoas que acharam na faculdade. Não queremos aprender aquilo - ela acrescentou, e Cody concordou com a cabeça.

- Na... acho que você quis dizer na universidade, né? Eu não...

- A universidade é uma faculdade - disse Astor com a certeza absoluta de uma garota de dez anos. - E nós achamos que queimar é nojento.

Comecei a imaginar o que eles tinham visto no jornal - um repórter na cena do crime onde passara a manhã recolhendo sangue seco e queimado dos dois corpos torrados. E de alguma forma, apenas porque sabiam que eu tinha saído para brincar na outra noite, tinham decidido que era daquele jeito que eu tinha passado o meu tempo. Mesmo sem o estranho sumiço do Passageiro das Trevas, eu concordava que aquilo era nojento e achei muito chato eles pensarem que eu seria capaz de fazer algo daquele tipo.

- Prestem atenção - falei severamente, - não é como...

- Dexter, é você? - gritou Rita da cozinha.

- Não tenho certeza, vou olhar nos meus documentos - respondi.

Rita veio como um raio e antes que eu pudesse me proteger ela já estava enrolada em mim, aparentemente apertando com força suficiente para romper minha respiração.

- Oi gatão. Como foi seu dia?

- Nojento - resmungou Astor.

- Foi absolutamente incrível - respondi, lutando para respirar. - Muitos corpos para todos hoje. E pude usar meus cotonetes para recolher evidências.

Rita fez uma careta.

- Eca. Isso é... não sei se devia falar essas coisas na frente das crianças. E se tiverem pesadelo?

Se eu fosse um pessoa que só falasse a verdade, diria a ela que seus filhos tinham muito mais chance de causar pesadelos nos outros do que ter pesadelos, mas como não sou impulsionado por um grande desejo de falar a verdade, dei um tapinha nas costas dela e disse:

- Eles ouvem coisas piores nos desenhos animados. Não é mesmo, crianças?

- Não - disse Cody, e fiquei surpreso com isso. Ele raramente falava algo, e vê-lo não só dizer uma coisa mas também me contradizer era meio perturbador. Aliás, aquele dia inteiro estava sendo estranho, começando com a fuga em pânico do Passageiro das Trevas, passando pela situação do bufe com o Vince e agora isso. O que, em nome de tudo que é sombrio e mortal, estava acontecendo? Minha aura estava desalinhada? Será que as luas de Júpiter tinham se alinhado contra mim em Sagitário?

- Cody - falei, e espero que tenha conseguido transparecer que estava chateado -, você não vai ter pesadelo com isso, vai?

- Ele não tem pesadelos - respondeu Astor, como se alguém que não losse débil mental não soubesse. - Ele não sonha com nada, nunca.

- Bom saber disso - falei, porque eu mesmo quase não sonhava, e por alguma razão achava importante ter o máximo de coisas possíveis em comum com Cody. E Rita não tinha nada em comum.

- Não seja boba, Astor. Claro que Cody sonha. Todo mundo sonha - ela falou.

- Eu não - insistiu Cody. Agora, não só estava enfrentando nós dois como também praticamente quebrava seu recorde de palavras ditas em uma conversa. E mesmo tendo um coração que só funcionava para propósitos circulatórios, senti afeição e tive vontade de ficar do lado dele.

- Bom pra você - falei. - Continue assim. Os sonhos são superestimados. Eles interferem em uma boa noite de sono.

- Dexter, por favor. Não acho que devemos encorajar esse tipo de coisa - disse Rita.

- Claro que devemos - falei piscando para Cody. - Ele está demonstrando paixão, coragem e imaginação.

- Tô nada - falou, e achei maravilhoso seu jorro verbal.

- Claro que não está - falei, baixando minha voz. - Mas temos que dizer coisas assim pra sua mãe, senão ela fica preocupada.

- Ah, tenham dó - disse Rita. Desisto de vocês dois. Vão brincar lá fora.

- Queremos brincar com Dexter - falou Astor, fazendo biquinho.

- Já saio daqui a pouco - falei.

- É bom mesmo - ela respondeu sombriamente. Eles sumiram pela sala em direção à porta dos fundos, e quando saíram eu respirei fundo, feliz porque os ataques desagradáveis e inesperados contra mim tinham acabado. Claro que eu devia saber que não seria fácil assim.

- Venha aqui - e me levou pela mão até o sofá. - Vince ligou mais cedo - ela falou enquanto nos ajeitávamos entre as almofadas.

- É mesmo? - perguntei e fui dominado por uma súbita sensação de perigo quando pensei no que ele poderia ter dito a ela. - O que ele disse?

Ela chacoalhou a cabeça.

- Ele estava todo misterioso. Disse para avisarmos assim que tivéssemos conversado e decidido tudo. E quando perguntei "decidirmos o quê?" ele não respondeu. Falou apenas que você me contaria.

Quase não consegui evitar de fazer a asneira de não pensar e responder "É mesmo?" de novo. Em minha defesa, devo dizer que meu cérebro estava rodopiando, não só pelo pânico e a noção de que precisava correr para um lugar seguro, como também pela ideia de que antes de fugir eu precisava visitar o Vince com minha sacola de brinquedinhos. Mas antes que eu pudesse escolher mentalmente a lâmina certa, Rita continuou.

- Sério, Dexter, você tem sorte de ter um amigo como o Vince. Ele está levando bem a sério as responsabilidades de padrinho, além de ter muito bom gosto.

- Bom gosto bem caro - falei, e talvez eu ainda estivesse me recuperando da minha quase gafe, mas no momento em que as palavras saíram da boca eu sabia que era a coisa errada a ser dita. É claro que Rita se acendeu como uma árvore de Natal.

- É mesmo? Bom, acho que tem que ser assim, afinal, as duas coisas andam juntas, né? Normalmente você paga caro para ter qualidade.

- Sim, mas é uma questão de quanto você terá que pagar - falei.

- Quanto teremos que pagar pelo quê? - Rita quis saber, e agora eu não linha saída.

- Bom - falei. - Vince teve uma ideia meio louca de que devemos con- I ratar um bufe de South Beach que é de um cara bem careiro e que faz vários eventos de celebridades e tal.

Rita juntou as mãos embaixo do queixo e pareceu ficar radiante e feliz.

- Não é o Manny Borque, é? - ela começou a chorar. - Vince conhece Manny Borque?

Claro que o jogo já tinha acabado ali, mas o Destemido Dexter não se entrega sem lutar, não importa quanto isso seja ineficaz.

- Por acaso eu mencionei quão caro ele é? - falei esperançoso.

- Ah, Dexter, você não pode se preocupar com dinheiro em uma hora dessas.

- Posso sim. E estou.

- Não se temos uma chance de conseguir contratar o Manny Borque - disse ela, e havia uma estranha entonação de comando em sua voz que eu nunca tinha ouvido, a não ser quando estava brava com Astor e Cody.

- Eu sei, mas, Rita - falei -, não faz sentido gastar um monte de dinheiro só com o bufê.

- Sentido não tem nada a ver com isso - ela retrucou, e admito que concordei com o que ela disse. - Se temos como conseguir que Manny Borque faça a nossa festa, seríamos loucos de contratar outra pessoa.

- Mas... - comecei e então parei, porque além do fato de parecer uma idiotice pagar o preço de um rei por umas bolachas com endívias meio pintadas com frutas vermelhas e esculpidas para parecerem com a Jennifer Lopez, não conseguia pensar em mais nenhuma objeção. Claro que isso já deveria ser o suficiente, não?

Aparentemente não.

- Dexter, quantas vezes nós vamos nos casar? - E dando-me um crédito, eu estava alerta o suficiente para me segurar e não responder: "Bom, no seu caso já é a segunda vez", o que acho que foi bem esperto da minha parte.

Rapidamente mudei de estratégia, mergulhando de cabeça no que aprendi em tantos anos fingindo que era um ser humano.

- Rita, a parte importante do casamento é a hora que colocarei o anel no seu dedo. Não me importo no que vou comer depois.

- Ah, mas que amor - ela falou. - Então não se importa se contratarmos Manny Borque?

Mais uma vez eu estava perdendo uma discussão sem nem saber qual era o meu lado. Percebi que minha boca estava seca - claro que isso foi causado por estar boquiaberto enquanto meu cérebro lidava para entender o sentido do que tinha acabado de acontecer e então descobrir algo inteligente para dizer e fazer com que as coisas voltassem ao normal.

Mas já era tarde demais.

- Vou ligar para o Vince - ela falou e se inclinou para me dar um beijo na bochecha. - Nossa, isso é tão emocionante, muito obrigada, Dexter.

Bom, no fim das contas, casamento tem a ver com comprometimento, certo?

CAPÍTULO 07

COMO ERA DE SE ESPERAR, MANNY BORQUE MORAVA EM SOUTH BEACH. ELE ocupava o último andar de um dos prédios de alto padrão que estavam aparecendo em Miami como cogumelos depois de muita chuva. Este ficava onde antes havia uma praia deserta. Harry levava eu e Debs para brincar lá nas manhãs de sábado. A gente achava preservativos velhos, misteriosos pedaços de madeira de algum barco azarado, cestas de pesca, pedaços de rede de pesca e, em uma manhã realmente emocionante, um corpo boiando na beira do mar. Era uma memória dourada da minha juventude e eu me ressentia de alguém ter colocado um belo prédio no lugar.

Na manhã seguinte, às dez em ponto, Vince e eu saímos do trabalho e fomos até o horrível novo prédio que tinha substituído um local alegre da minha juventude. Subimos de elevador até o topo, eu em silêncio enquanto Vince estava inquieto e piscando sem parar. Por que ele estava nervoso em se encontrar com alguém que esculpia pedaços de fígado para viver eu não sei, mas ele estava. Uma gota de suor rolou por sua testa e ele engoliu convulsivamente duas vezes.

- É só um cara de um bufê, Vince, não é perigoso. Ele não pode nem revogar sua carteirinha da biblioteca.

Vince olhou para mim e engoliu de novo.

- Ele é muito temperamental - falou. - E é bem exigente às vezes.

- Bom, nesse caso - falei com grande animação -, vamos procurar alguém mais razoável.

Ele travou as mandíbulas como alguém prestes a enfrentar o pelotão de fuzilamento e fez que não com a cabeça.

- Não, vamos até o final - disse bravamente. E então a porta do elevador se abriu, como se fosse um sinal. Ele encheu o peito, acenou com a cabeça e disse: - Vamos.

Fomos até o fim do corredor e Vince parou em frente à última porta. Então respirou fundo, levantou a mão e, depois de uma pequena excitação, bateu à porta. Depois de um longo momento sem nada acontecer, ele olhou para mim, piscou, ainda com a mão levantada, e falou: - Talvez...

A porta se abriu.

- Oi Vic. - A coisa na porta gorjeou, e Vince respondeu corando e gaguejando.

- Olá. - Depois ficou mudando o peso do corpo de um pé para o outro, gaguejou algo ininteligível e deu um passo para trás.

Foi uma performance inesquecível e sedutora, e parecia que eu não tinha sido o único a apreciar. O manequim que atendeu a porta assistiu àquilo com um sorriso que sugeria que ele deveria gostar de assistir a qualquer tipo de sofrimento humano, por isso deixou Vince se contorcer mais um pouco antes de dizer:

- Bem, vamos entrar.

Manny Borque, se é que este era ele mesmo e não um holograma de Guerra nas Estrelas, tinha 1,70 m de altura, da parte mais baixa de sua bota prateada de salto alto toda enfeitada até o alto de sua cabeça tingida de laranja. Seus cabelos era bem curtos a não ser por uma franja preta

que caía por cima de seus enormes óculos com armações que pareciam de diamante. Ele estava vestido com uma longa bata vermelha brilhante e aparentemente mais nada, e ela ondulou pelo corpo de Manny enquanto se afastava da porta para nos deixar entrar e depois quando caminhou a pequenos passos rápidos até uma janela panorâmica que dava para o mar.

- Venham até aqui e vamos conversar - disse ele, passando por um pedestal que abrigava um enorme objeto que parecia uma grande bola de vômito de animal mergulhada em plástico e depois borrifada com uma tinta brilhante. Ele nos levou até uma mesa de vidro perto da janela, ao redor da qual havia quatro coisas que deveriam ser cadeiras, mas que poderiam facilmente ser confundidas com selas de bronze para camelos, soldadas sobre palafitas.

- Sentem-se - falou, com um caro aceno de mão, e então ficou com a cadeira-sela mais próxima da janela. Vince hesitou por um momento e então se sentou perto de mim. Manny saltou para a cadeira bem em frente dele.

- Bom, como tem passado, Vic? Gostaria de tomar um café? - falou e, sem esperar por uma resposta, virou a cabeça para sua esquerda e gritou: Eduardo!

Ao meu lado, Vince respirou de forma entrecortada, mas antes que pudesse soltar o ar, Manny voltou de novo sua atenção para o nosso lado e olhou para mim.

- E você deve ser o noivo tímido!

- Dexter Morgan - falei. - Mas sou um tímido meio fajuto.

- Ah, tudo bem, acho que Vic tem timidez suficiente para vocês dois - ele disse e é óbvio que Vince ficou o mais vermelho que a sua cor de pele permitia. Como eu ainda estava um pouco irritado por ter que passar por essa provação, decidi não sair em defesa dele fazendo algum comentário interessante ou corrigindo o nome de meu colega, que era Vince e não Vic. Tinha certeza de que ele sabia o nome correto e estava apenas atormentando Vince. Mas por mim tudo bem· Vince poderia sofrer um pouco por ter passado por cima de mim, falado com Rita e me obrigado a ter que vir até aqui.

Eduardo apareceu segurando um jogo para café, moderno, que tinha múltiplas cores, equilibrado em uma bandeja de plástico transparente. Ele era um jovem atarracado com o dobro da altura de Manny e também parecia muito ansioso em agradar o pequeno troll. Ele colocou uma xícara amarela na frente do chefe e ia colocar a azul em frente a Vince quando foi interrompido por Manny, que colocou um dedo no braço dele.

- Eduardo - ele disse com uma voz de seda que fez o garoto congelar. - Amarela? Não se lembra de que Manny sempre fica com a azul?

Eduardo quase tropeçou em si mesmo ao voltar e por pouco não derrubou a bandeja ao remover a ofensiva xícara amarela e trocá-la pela azul, que era a correta.

- Obrigado, Eduardo - disse Manny, e o rapaz parou um instante, aparentemente para ver se Manny queria mesmo dizer aquilo ou se tinha feito algo de errado de novo. Mas o chefe apenas deu um tapinha no braço dele e completou: - Pode servir nossos convidados agora, por favor - e Eduardo assentiu com a cabeça e deu a volta na mesa.

No fim, acabei ficando com a xícara amarela, o que por mim tudo bem, mas fiquei imaginando se isso significava que eles não gostavam de mim. Depois de servir o café, Eduardo correu até a cozinha e voltou com um pequeno prato que continha meia dúzia de pastelitos. E apesar de eles não terem sido esculpidos no formato do traseiro da Jennifer Lopez, até que se pareciam com ele. Eram recheados com pequenos porcos-espinhos - caroços marrons com espinhos que tanto poderiam ser de chocolate como algo retirado de uma anémona marinha. O meio era aberto e revelava um tipo de pudim cor de laranja e cada um deles tinha logo acima um toque de verde, azul ou marrom.

Eduardo pôs o prato no meio da mesa e todos olhamos para aquilo por um momento. Manny

parecia estar admirando-os e Vince parecia estar tendo um tipo de reverência religiosa, pois engoliu em seco mais algumas vezes e fez um som que pode ter sido um suspiro. Já eu não tinha certeza se deveríamos comer aquilo ou utilizar em um ritual asteca sangrento e bizarro, por isso fiquei estudando o prato e esperando por uma pista.

E ela veio de Vince.

- Meu Deus - ele balbuciou.

Manny concordou com a cabeça.

- São maravilhosos, não? Mas são muuuito ano passado - falou. Ele pegou um, o que tinha cobertura azul, e ficou admirando com um olhar de crítico imparcial. - A paleta de cores ficou meio ultrapassada e aquele horrível hotel antigo perto de Indian Creeky começou a copiá-los. Ainda assim... - deu de ombros e colocou o negócio na boca. Fiquei contente em ver que não causou nenhum tipo de sangramento. - Nós gostamos dos nossos pequenos truques - e se virou e piscou para Eduardo. - Às vezes nos afeiçoamos demais. Eduardo ficou pálido e voou para a cozinha, enquanto Manny se virou para nós com um grande sorriso de crocodilo. - Experimentem um, por favor.

- Tenho medo de dar uma mordida - disse Vince. - Eles são tão perfeitos.

- E eu tenho medo de que eles me mordam - falei.

Manny esboçou um sorriso.

- Se eu conseguisse ensiná-los a fazer isso, nunca mais me sentiria solitário - falou e empurrou o prato na minha direção. - Pode pegar.

- Vai servir isto no meu casamento? - perguntei, pensando que talvez pudéssemos tirar algo bom de tudo isso.

Vince me deu uma forte cotovelada, mas aparentemente era tarde demais. Os olhos de Manny estavam semicerrados, mas seus dentes incríveis ainda estavam bem à mostra.

- Eu não sirvo, eu ofereço. E faço questão de oferecer o que eu acho melhor.

- Mas não seria bom eu saber com um pouco de antecedência o que teremos? - perguntei. - Por exemplo, e se a noiva for alérgica a geleia de rúcula com wasabi?.

Manny fechou seus punhos com tanta força que pude ouvir suas juntas estralando. Por um momento tive um raio de esperança ao pensar que talvez tivesse me livrado dele. Mas então ele relaxou e começou a rir.

- Gostei do seu amigo, Vic. Ele é corajoso - falou.

Vince sorriu para nós dois e começou a respirar de novo, enquanto Manny passou a rabiscar em um papel, e foi assim que consegui que o grande Manny Borque fizesse o serviço de bufe do meu casamento pelo preço especial, com desconto, de apenas 250 dólares por prato.

Parecia um pouco caro. Mas tudo bem, eu tinha sido instruído a não me preocupar com dinheiro. Tenho certeza de que Rita pensaria em um jeito de lazer dar certo, talvez convidando apenas duas ou três pessoas. De qualquer forma, não tive muito tempo de me preocupar com meras finanças, pois meu celular tocou quase na mesma hora e, quando atendi, ouvi Deborah dizer, sem nem esperar o meu sempre animado alô: - Preciso que venha aqui agora!

- Estou totalmente ocupado com canapés bem importantes - falei. - Pode me emprestar vinte mil dólares?

Ela fez um barulho com a garganta e falou:

- Não tenho tempo pra besteiras, Dexter. As 24 horas começam daqui a vinte minutos e preciso de você. Era comum no Departamento de Homicídios juntar todos envolvidos no caso vinte e quatro horas depois de ele começar, para garantir que tudo estava organizado e que todos falassem a mesma língua. E Debs achava que eu tinha alguma boa sacada a oferecer - muito atencioso da parte dela, mas não era verdade. Com o Passageiro das Trevas ainda de férias, não

acho que nenhuma bela sacada fosse surgir na minha cabeça nos próximos tempos

- Debs, eu realmente não tenho nenhuma ideia a respeito desse caso - falei.
- Venha logo pra cá - falou e desligou.

CAPÍTULO 08

O TRÁFEGO NA 836 ESTAVA LENTO POR DOIS QUILÔMETROS LOGO DEPOIS DA saída da 395, que dava nela. Andamos a passo de tartaruga até que conseguimos ver o problema: um caminhão de melancias tinha derrubado sua carga na rodovia. Havia uma meleca verde e vermelha na pista repleta de vários carros em diferentes estágios de destruição. Uma ambulância passou pelo acostamento, seguida por uma procissão de carros dirigidos por pessoas importantes demais para ficarem paradas no trânsito. Muitas buzinas foram ouvidas, pessoas gritavam e agitavam seus punhos cerrados e, em algum lugar na minha frente, eu ouvi um tiro. Era bom estar de volta à vida normal.

Quando conseguimos vencer o trânsito e chegar em ruas livres, tínhamos perdido quinze minutos e demoramos mais quinze para chegar à delegacia. Vince e eu pegamos o elevador e subimos em silêncio até o segundo andar, mas quando as portas se abriram e saímos, ele me segurou e falou:

- Você está fazendo a coisa certa.

- Sim, eu sei, mas se não fizer bem rápido, Deborah vai me matar.

Ele segurou meu braço.

- Quis dizer a respeito de Manny. Você vai amar o trabalho dele. Vai fazer uma grande diferença no casamento.

Eu já sabia que ele faria uma grande diferença na minha conta bancária, mas fora isso, eu não imaginava o que pudesse ser tão diferente. Será que todos iriam apreciar mais se servíssemos uma série de coisinhas aparentemente de origem alienígenas e uso incerto em vez de frios? Tem muita coisa que não entendo da vida humana, mas esta realmente era a cereja do bolo - se é que teríamos um bolo de verdade, o que na minha opinião era algo incerto.

Mas havia uma coisa que eu entendia muito bem, e era a atitude de Deborah em relação à pontualidade. Ela tinha herdado isso de nosso pai, que dizia que o atraso significava falta de respeito e que não havia desculpa. Por isso soltei os dedos de Vince do meu braço e apertei a mão dele.

- Tenho certeza de que ficaremos muito felizes com a comida - falei.

Ele continuou segurando minha mão.

- É mais do que isso - falou.

- Vince...

- Você está fazendo uma declaração a respeito do resto de sua vida. Uma ótima declaração de que sua vida ao lado de Rita...

- Minha vida estará em perigo se eu não for agora, Vince - interrompi.

- Estou muito feliz com tudo isso - falou, e foi tão enervante vê-lo demonstrar uma emoção, que parecia mesmo autêntica, que houve certo pânico no intervalo entre deixá-lo e chegar na sala de conferências.

A sala estava cheia, afinal, este estava virando um caso importante depois das histórias histéricas dos noticiários a respeito das duas mulheres encontradas queimadas e sem cabeça.

Deborah deu uma olhada para mim quando entrei e fiquei perto da porta, e retribuí com o que eu esperava ser um sorriso de paz. Ela cortou o orador, um dos policiais que tinham chegado primeiro na cena do crime.

- Certo - ela falou. - Sabemos que não vamos encontrar as cabeças na cena do crime.

Eu tinha imaginado que meu atraso e o olhar congelante de Deborah ganhariam o prêmio de Entrada Mais Dramática, mas estava errado. Porque assim que Debs tentou dar continuidade à reunião, fui ignorado completamente como uma vela na praia em um dia de sol.

- Vamos, pessoal, é hora de ideias novas sobre o caso - disse a sargento Mana.

- Poderíamos drenar o lago - disse Camilla Figg. Ela era uma nerd forense de 35 anos que normalmente não falava nada, e foi uma grande surpresa a sugestão dela. Talvez algumas pessoas preferissem quando Camilla não falava, porque um tira pequeno e intenso chamado Corrigan respondeu de bate-pronto.

- Besteira! Cabeças flutuam.

- Cabeças não flutuam, elas são feitas de osso sólido - insistiu Camilla.

- Algumas são - retrucou Corrigan, e conseguiu algumas risadas.

Deborah fez uma careta e estava pronta para colocar ordem com uma ou duas palavras de autoridade quando um barulho no corredor a deteve.

CLUMP.

Não muito alto, mas de um jeito que chamou a atenção de todos na sala.

CLUMP.

Mais perto, um pouco mais alto e parecia estar se aproximando, como algo saído de um filme de terror de baixo orçamento

CLUMP.

Por alguma razão, que não tenho como explicar, todos na sala pareceram prender a respiração e olhar para a porta. E só porque preciso passar despercebido, comecei a me virar para a porta quando fui detido pelo menor arranhão possível, apenas uma pequena cócega interna, e por isso fechei os olhos. Olá? Falei mentalmente, e depois de uma pausa bem curta, ouve um som pequeno e excitante, quase como um limpar de garganta mental, e então...

Alguém na sala murmurou: - Meu Deus do céu - com o tipo de horror reverente que sempre me interessava, e o pequeno quase não som ronronou de leve e sumiu. Abri meus olhos.

Só posso dizer que fiquei tão feliz pela volta do Passageiro das Trevas ao meu sombrio banco traseiro que por um momento apaguei tudo à minha volta. Isso era um deslize perigoso, especialmente para humanos artificiais como eu, e aquilo provou ser mais verdadeiro ainda, com um impacto arrebatador, quando abri meus olhos.

Era mesmo um filme de terror de baixo orçamento, A noite dos mortos-vivos, mas em carne e osso, porque parado ali na porta, bem à minha direita, me encarando, estava um homem que devia estar morto.

O sargento Doakes.

Ele nunca tinha gostado de mim. Doakes parecia ser o único policial de toda a corporação que suspeitava que eu fosse o que, na verdade, eu era mesmo. Sempre achei que ele conseguia ver através do meu disfarce porque, de alguma forma, ele era muito parecido comigo, um assassino frio. Ele tinha tentado provar que eu era culpado de um monte de coisas e tinha falhado, e aquilo o tinha deixado ainda mais desconfiado de mim.

Na última vez que eu vira Doakes ele estava sendo colocado em uma ambulância pelos paramédicos. Estava inconsciente, em parte pelo choque e pela dor de ter a língua, os pés e as mãos removidos por um cirurgião amador muito talentoso que achava que Doakes o tinha sacaneado. Claro que era verdade que eu tinha encorajado o doutor a pensar aquilo, mas tivera a

decência de convencer primeiro Doakes a participar daquele plano para podermos pegar o terrível vilão. E quase tinha salvado Doakes, arriscando consideravelmente meus preciosos e insubstituíveis membros e minha vida. Não tinha conseguido fazer um resgate intrépido e a tempo como Doakes gostaria, mas tentara, e não era minha culpa que ele estivesse mais morto do que vivo quando o levaram.

Então acho que não era pedir demais querer um pouco de reconhecimento pelo grande perigo ao qual fui exposto ao tentar salvá-lo. Não queria flores, uma medalha ou uma caixa de chocolate, mas algo como um tapinha nas costas e um agradecimento murmurado "Obrigado, velho amigo". Claro que ele teria trabalho para murmurar algo coerentemente sem a língua, e o tapinha nas costas com uma de suas novas mãos metálicas poderia ser doloroso, mas ele poderia pelo menos tentar. Isso seria bem razoável, não?

Pelo visto não. Doakes me encarava como se fosse o cão mais faminto do mundo e eu o último bife. Sempre pensei que ele me olhava com veneno suficiente para acabar com todas as espécies em extinção da lista. Mas isso era o sorriso de uma criança cabeluda em um dia de sol se comparado ao jeito como ele me olhava agora. E eu sabia que ele tinha feito o Passageiro das Trevas limpar a garganta - era o cheiro de um predador familiar. Senti asas interiores começarem a se mover lentamente, voltando à vida ile rosnados, respondendo ao desafio dos olhos de Doakes. E, por trás de seus olhos sombrios, a fera interior dele rosnou de volta para a minha. Ficamos assim durante um bom tempo, por fora apenas nos encarando, mas por dentro as duas sombras predadoras gritavam seus desafios.

Alguém estava falando algo, mas o mundo agora se resumia a apenas Doakes, eu e nossas sombras negras internas nos conclamando para a batalha, e nenhum de nós ouvia nenhuma palavra, apenas um irritante zumbido ao fundo.

Finalmente a voz de Deborah cortou a neblina.

- Sargento Doakes - falou de um jeito meio forçado. Doakes se virou para ela e o feitiço foi quebrado. Sentindo-me convencido pelo poder (alegria e felicidade) do Passageiro e também pela pequena vitória de ter feito o sargento Doakes virar o rosto primeiro, sumi no meio do papel de parede ao dar um passo para trás, a fim de observar o que restava do meu antigo nêmesis.

O sargento Doakes tinha o recorde de levantamento de peso do departamento, mas aparentemente não ia defender seu título tão cedo. Ele estava magro e, a não ser pelo fogo em seus olhos, parecia quase fraco. Ficava em pé rigidamente sobre duas próteses, os braços retos ao lado do corpo e coisas prateadas que pareciam alicates evoluídos encaixados em seus pulsos.

Eu podia ouvir as pessoas respirando, mas fora isso não havia qualquer outro som. Todos apenas olhavam para a coisa, que já tinha sido Doakes, e ele olhava para Deborah, que lambeu seus lábios, tentando pensar em algo coerente para dizer, e finalmente se saindo com:

- Sente-se, Doakes. Hã. Posso atualizar você sobre o caso?

Doakes olhou para ela por um longo momento. Então se virou constrangedoramente, olhou para mim e saiu da sala com seus passos estranhos e medidos ecoando pelo corredor até sumirem.

Em geral, policiais não gostam de demonstrar que ficaram impressionados ou intimidados, por isso se passaram vários segundos até que alguém se arriscasse a entregar alguma emoção indesejada ao respirar novamente. Naturalmente, foi Deborah quem por fim quebrou aquele silêncio anormal.

Tudo bem - ela começou, e de repente todos estavam limpando suas gargantas e se mexendo nas cadeiras. - Tudo bem - ela repetiu -, então não vamos encontrar as cabeças na cena do crime.

- Cabeças não bóiam - insistiu Camilla, e assim voltamos ao mesmo ponto de quando fomos

interrompidos pela abrupta semiaparição do sargento Doakes. Eles ficaram nessa discussão por uns dez minutos, combatendo incansavelmente o crime ao se acusarem mutuamente sobre quem deveria ter preenchido a papelada, até que mais uma vez fomos rudemente interrompidos pela porta ao meu lado sendo aberta com força.

- Desculpe interromper - disse o capitão Matthews. - Tenho... hã... ótimas notícias, acho. - Ele olhou por toda a sala com uma expressão carrancuda e até mesmo eu poderia ter dito a ele que não era a expressão apropriada para boas notícias. - É... hã... bom. O sargento Doakes voltou, e ele... hã... É importante que vocês saibam que ele foi muito ferido. Faltam apenas uns dois anos para que ele consiga uma pensão completa, por isso os advogados... hã... nós pensamos que nessas circunstâncias era melhor... hã... - ele parou e olhou em volta da sala. - Alguém já tinha contado a vocês?

- O sargento Doakes acabou de sair daqui - disse Deborah.

- Ah. Bom, então... - ele deu de ombros. - Certo, tudo bem então. Vou deixar que continuem a reunião. Alguma novidade?

- Nenhum progresso por enquanto, capitão - explicou Deborah.

- Bom, tenho certeza de que resolverão tudo antes que a imprensa... quero dizer, vão resolver logo.

- Sim senhor - ela respondeu.

- Muito bem - ele disse e olhou mais uma vez em volta de toda a sala, se ajeitou e foi embora.

- Cabeças não boiam - alguém falou, e uma série de risadas ecoou pela sala.

- Jesus - falou Deborah. - Podemos nos concentrar no problema, por favor? Temos duas pessoas mortas.

E outras a caminho, pensei, e o Passageiro das Trevas tremeu de leve, como se estivesse tentando bravamente não fugir de novo, mas foi só, e não pensei mais naquilo.

CAPÍTULO 09

EU NÃO SONHO. QUER DIZER, IMAGINO QUE DURANTE ALGUMA PARTE DO MEU sono devam haver imagens e fragmentos de coisas sem sentido passando por meu subconsciente, afinal, dizem que isso acontece com todo mundo. Mas nunca me lembro de meus sonhos, se é que os tenho, e todos dizem que isso não acontece com ninguém. Por isso cheguei à conclusão de que não sonho.

Por esse motivo foi um choque quando, mais tarde naquela mesma noite, me vi aninhado nos braços de Rita gritando algo que não consegui ouvir; apenas o eco de minha própria voz estrangulada voltando para mim da macia escuridão e Rita, com a mão fria na minha testa, me dizendo, em um sussurro:

- Está tudo bem, querido, estou aqui com você.

- Muito obrigado - falei em uma voz rouca. Limpei a garganta e me sentei na cama.

- Você teve um pesadelo - ela falou.

- Jura? E o que era? - eu ainda não me lembrava, mas havia os gritos e uma vaga sensação de perigo tomando conta de mim, assim como uma grande solidão.

- Não sei - disse Rita. - Você gritava: "Volte! Não me deixe sozinho". - Rita limpou a garganta. - Dexter, sei que está um pouco estressado com o casamento...

- Não, não estou - respondi.

- Mas quero que saiba que nunca vou te abandonar. - Ela pegou na minha mão. - Isto vai ficar comigo para sempre. Vou ficar segurando para você. - Ela se inclinou e deitou a cabeça no meu ombro. - Não se preocupe, não vou te abandonar, Dexter.

Mesmo tendo pouca experiência com sonhos, tenho quase certeza de que meu subconsciente não estava terrivelmente preocupado com a possibilidade de Rita me deixar. Nunca me ocorreu que isso pudesse acontecer, nem era um grande sinal de confiança da minha parte. Simplesmente nunca pensei nisso. Primeiro, não sabia por que ela queria ficar comigo, por isso era estranho que eu estivesse pensando em uma hipotética partida de Rita.

Não, este era o meu subconsciente, e se ele estava chorando de dor com medo de ser abandonado, eu sabia exatamente o que ele temia perder: o Passageiro das Trevas. Meu amigo do peito, meu companheiro constante em minha jornada através das tristezas da vida e os prazeres afiados. Este era o medo por trás do sonho: perder a coisa que era parte de mim e que me definia por toda a minha vida.

Quando ocorreu o problema na cena do crime lá na universidade e ele se escondeu, aquilo deve ter me abalado muito mais do que percebi na hora. A aparição abrupta e assustadora de 65% do sargento Doakes suplantou o medo dele e o resto foi fácil. Meu subconsciente tomou as rédeas e fez um sonho a respeito de tudo aquilo. Tudo estava claro - psicologia 101, um caso a ser estudado, nada com o que se preocupar.

Mas então por que eu ainda me preocupava?

Porque o Passageiro nunca tinha hesitado antes, e eu não sabia por que ele tinha feito isso agora. Será que Rita tinha razão a respeito do estresse com a proximidade do casamento? Ou

realmente havia algo em relação aos dois corpos sem cabeça que estavam aterrorizando meu lado Sombrio?

Eu não sabia - e como parecia que a ideia de Rita a respeito de me confortar estava indo na direção de algo mais ativo, não iria descobrir isso agora.

- Vem cá, amorzinho - ela sussurrou.

E afinal de contas, não há para onde correr em uma cama queen-size, né?

A manhã seguinte encontrou Deborah obcecada para encontrar as cabeças dos corpos da universidade. E a informação de que o departamento queria achar dois crânios desaparecidos vazou para a imprensa de alguma forma. Estávamos em Miami e por isso eu tinha certeza de que uma cabeça desaparecida leria muito menos cobertura do que um congestionamento na I-95, mas algo 110 lalo de serem duas e de aparentemente terem pertencido a jovens mulheres acabou criando um grande barulho. O capitão Matthews era um homem que sabia o valor de ser mencionado pela imprensa, mas ele também não gostou da rude histeria que havia no tom dessa história.

E por isso todos nós recebemos uma pressão superior; do capitão para Deborah, que gastou seu tempo repassando para todos nós. Vince Masuoka estava convencido de que poderia dar a Debs a chave do caso descobrindo qual bizarra religião era responsável por aquilo. O que fez com que colocasse a cabeça na porta de minha sala naquela manhã e, sem nenhum aviso, me desse seu melhor sorriso falso, e depois falado: - Candomblé.

- Mas que vergonha! - exclamei. - Não é hora para esse tipo de linguajar.

- Há - disse ele com sua terrível risada artificial. - Mas é isso mesmo, tenho certeza. Candomblé é similar à Santeria, mas vem do Brasil.

- Não tenho nenhuma razão para duvidar disso, Vince. O que quero saber é de que diabos você tá falando?

Ele deu dois passos para dentro da minha sala meio inclinado, como se seu corpo quisesse voar e ele não tivesse como lutar contra.

- Eles têm um negócio com cabeças de animais em alguns de seus rituais. Está na internet.

- Jura? - falei. - Na internet fala que essa coisa brasileira faz churrasco de humanos, corta suas cabeças e substitui por cabeças de touro de cerâmica.

Vince murchou um pouco.

- Não - admitiu, mas levantou as sobrancelhas esperançoso -, mas eles usam animais.

- Como eles usam os animais, Vince?

- Bom - começou e olhou em volta da minha pequena sala, provavelmente para outra conversa mais tarde. - Às vezes eles oferecem uma parte aos deuses e depois comem o resto.

- Está sugerindo que alguém comeu as cabeças que desapareceram, Vince?

- Não - ele falou, ficando emburrado do mesmo jeito que acontecia com Cody e Astor. - Mas até que poderia.

- Provavelmente seria bem crocante, não acha?

- Tá bom - falou agora com um enorme mau humor. - Só estou tentando ajudar. - e saiu pisando duro, sem nem dar mais um daqueles sorrisos falsos.

Porém este era apenas o começo do caos. Como minha indesejada visita à terra dos sonhos indicava, eu já estava sob pressão suficiente sem ter que aguentar mais de uma irmã à beira de

um ataque de nervos. Mas apenas alguns minutos depois, meu oásis de tranquilidade foi perturbado novamente, dessa vez por Debs, que entrou rugindo como se estivesse sendo perseguida por abelhas assassinas.

- Vamos lá - rosnou.

- Vamos lá aonde? - perguntei, e acho que foi algo bem razoável, mas pela reação de Deborah você pensaria que pedira a ela que raspasse a cabeça e a pintasse de azul.

- Entre logo no clima e vamos embora - foi sua resposta, por isso levantei, a segui até o estacionamento e entrei no carro dela.

Juro por Deus - fumegou enquanto achava uma brecha e entrava com o seu carro no fluxo do trânsito. - Nunca vi o Matthews tão puto assim. E parece que agora tudo é culpa minha. - ela meteu a mão na buzina para enfatizar e entrou na frente de uma caminhonete. - Tudo por causa desses cuzões da imprensa.

- Bom, Debs - falei com o máximo de calma que consegui -, tenho certeza de que as cabeças vão aparecer.

- Pode apostar que vão - respondeu quase atropelando um gordão de bicicleta. - Porque vou descobrir qual é o culto desse filho da mãe e depois vou prender o bastardo.

Parei, calmamente. Aparentemente minha querida e louca irmã, do mesmo jeito que Vince, pensava que achar a religião correta levaria ao assassino.

- Ah, claro - falei. - E onde você vai conseguir fazer isso?

Sem responder, ela entrou em Biscayne Boulevard e depois em um estacionamento, e então saiu do carro. Assim, a segui pelo Centro de Aprimoramento Interior, um escritório que juntava todas as maravilhosas coisas que continham as palavras "holístico", "herbal" ou "aura".

O Centro era um predinho pequeno e velho em uma área que parecia feita sob medida para prostitutas e traficantes. Havia enormes grades de ferro nas janelas e na porta, que estava trancada. Deborah bateu e depois de um tempo a porta fez um som irritante. Debs a empurrou e ela finalmente abriu.

Entramos. Uma sufocante nuvem de incenso doentiamente doce nos cobriu, e posso dizer que meu aprimoramento interior tinha começado com uma inspeção completa dos meus pulmões. Mesmo com a fumaça, consegui ver um grande banner amarelo de seda pendurado em uma parede, com a mensagem: NÓS TODOS SOMOS UM. Só não dizia um o quê. Um aparelho de som locava uma música suave, o som de alguém tentando se livrar de uma overdose de drogas tocando uma série de pequenos sinos. Uma queda-d'agua murmurava ao fundo e tenho certeza de que meu espírito teria se elevado, se eu tivesse um espírito. Como eu não tinha, achei todas aquelas coisas um pouco irritantes.

Mas claro que não estávamos ali por prazer e nem pelo aprimoramento interior. E a sargento Mana estava a trabalho o tempo todo. Ela marchou em direção ao balcão, onde havia uma mulher de meia-idade que usava um vestido que parecia feito de papel crepom. Seus cabelos grisalhos irradiavam de sua cabeça meio bagunçados e ela fazia uma careta. Claro que poderia ser uma careta de santa iluminação.

- Posso ajudar? - perguntou com uma voz grave que parecia sugerir que não tínhamos condição de sermos ajudados.

Deborah mostrou o distintivo a ela. Antes que pudesse dizer algo, a mulher pegou o distintivo e o examinou.

- Certo, sargento Morgan - falou, jogando o distintivo no balcão. - Parece que é verdadeiro.

- Você não poderia ter lido a aura dela e descoberto? - sugeri. Nenhuma das duas parecia estar pronta para apreciar aquele comentário da maneira que ele merecia, por isso desencanei, e ouvi Deborah começar seu cansativo interrogatório.

- Gostaria de fazer algumas perguntas - falou, se inclinando para pegar o distintivo.

- Sobre o quê? - a mulher quis saber, e fez uma careta ainda pior, o que fez com que Deborah retribuísse a careta, e começou a parecer que estávamos em um antigo concurso de caretas no qual o vencedor ganharia um tratamento de botox grátis para poder congelar seu rosto em uma carranca permanente.

- Aconteceram alguns assassinatos - disse Deborah e a mulher deu de ombros.

- E o que isso tem a ver comigo?

Tenho que aplaudir a mulher por sua racionalidade, mas preciso jogar pelo meu time às vezes.

- É porque nós todos somos um - falei. - Esta é a base de todo o trabalho da polícia.

Ela virou sua careta para mim e piscou de uma maneira bastante agressiva.

- Quem diabos é você? Me mostre o seu distintivo.

- Sou o parceiro dela. Para o caso de um carma ruim recair sobre ela.

A mulher bufou, mas pelo menos não atirou em mim.

- Tiras nesta cidade estão nadando em carma ruim. Sei muito bem como vocês são.

- Talvez estejamos mesmo - disse Debs -, mas o outro lado é ainda pior. Então será que pode responder algumas perguntas?

A mulher olhou novamente para Debs, ainda com uma careta, e deu de ombros.

- Acho que sim. Mas não vejo como posso ajudar. E vou chamar meu advogado se vocês saírem da linha.

- Certo - disse Deborah. - Estamos procurando pistas de alguém que possa estar ligado a uma religião alternativa que tem uma queda por touros.

Por um segundo achei que a mulher fosse sorrir, mas ela se controlou bom a tempo.

- Touros? Caramba, quem não tem uma queda por touros? Isso vem lá de trás, da Suméria, Creta e todas essas antigas civilizações. Muitas pessoas adoravam os touros. Quero dizer, além de terem um pau enorme, eles também são bem poderosos.

Se a mulher achou que fosse deixar Deborah envergonhada, ela não sabia tanto sobre policiais de Miami como achava. Minha irmã nem piscou.

- Conhece algum grupo em particular que exista por aqui?

- Não sei, que tipo de grupo? - respondeu ela.

- Candomblé? - perguntei, agradecido a Vince por ter me ensinado aquela palavra. - Palo Mayombe? Talvez Wicca?

- Ah, pra esses grupos latinos vocês precisam ir no Eleggua, na Eighth Street. Não sei dessas coisas. Vendemos algumas coisas pro pessoal Wicca, mas não vou falar disso sem um mandato. Mas de qualquer forma eles não ligam para touros. - ela bufou. - Eles apenas ficam nus nos pântanos, em círculo, esperando que o poder apareça.

- Mais alguém de que você se lembre? - Debs insistiu.

A mulher fez que não com a cabeça.

- Acho que não. Conheço a maioria dos grupos da cidade e não me lembro de nenhum ligado a isso. - Ela deu de ombros. - Talvez os druidas, o evento de primavera deles está chegando. E eles costumavam fazer sacrifícios humanos.

Deborah forçou mais a careta.

- Quando eles fizeram isso?

Dessa vez a mulher chegou a sorrir, apenas de leve e com o canto da boca.

- Há mais ou menos duzentos anos. Você está um pouco atrasada, Sherlock.

- Tem mais alguma coisa que você ache que possa nos ajudar? - Deborah perguntou.

A mulher fez que não com a cabeça.

Ajudar com o quê? Talvez exista algum fracassado doido que leu Aleister Crowley e que mora em uma fazenda. Como vou saber?

Deborah olhou para ela por um momento, tentando decidir se tinha sido ofensivo o bastante para prendê-la, e então pareceu decidir que não.

- Obrigada pelo seu tempo - falou e colocou seu cartão em cima do balcão. - Se lembrar de algo que possa ajudar, me ligue, por favor.

- Ah sim, claro - respondeu a mulher sem nem olhar para o cartão. Deborah a encarou por um momento e depois caminhou em direção à porta. A mulher olhou para mim e eu sorri.

- Eu gosto bastante de vegetais - falei. Então fiz o sinal da paz para ela e segui minha irmã.

- Isso foi uma grande estupidez - Debs falou enquanto caminhávamos rapidamente para o carro.

- Ah, eu não diria isso - retruquei, e era verdade, não diria mesmo. Claro que tinha sido uma ideia estúpida, mas falar em voz alta seria um convite para ser socado por Deborah. - No mínimo eliminamos algumas possibilidades

- Claro - disse ela com amargura. - Sabemos que não foram um bando de caras pelados, a menos que tenham feito isso há duzentos anos.

Ela tinha certa razão, mas tenho como objetivo de vida manter a atitude positiva de todos que estão à minha volta.

- Ainda assim é um progresso - falei. - Vamos checar o lugar lá na Eighth Street? Posso ser seu tradutor de espanhol. - Apesar de ser nativa de Miami, Deborah tinha insistido caprichosamente em estudar francês na escola, por isso mal conseguia pedir o almoço em espanhol.

Ela fez que não com a cabeça.

- É perda de tempo. Vou pedir ao Angel que pergunte por aí, mas eu não vou mais a lugar nenhum.

E ela tinha razão. Angel chegou no fim da tarde com uma bela vela que continha uma prece para são Judas em espanhol, mas fora isso a ida dele no local da Eighth Street foi uma perda de tempo, como Deborah tinha previsto.

Não tínhamos nada, a não ser dois corpos sem cabeça e uma sensação muito ruim.

Mas aquilo iria mudar rapidamente.

CAPÍTULO 10

O DIA SEGUINTE SE PASSOU SEM SURPRESAS E NÃO DESCOBRIMOS NADA QUE nos deixasse mais perto de saber algo sobre os corpos encontrados na universidade. E como a vida é feita de altos e baixos nem sempre justos, Deborah pôs a culpa de nossa falta de progressos em mim. Ela continuava convencida de que eu tinha poderes mágicos e os tinha usado para ver dentro do coração negro dos assassinos e depois guardar as informações vitais só para mim, por motivos egoístas.

Muito lisonjeiro, mas não era verdade. A única coisa que eu sabia é que algo tinha assustado o Passageiro das Trevas e eu não queria que acontecesse de novo. Decidi me afastar do caso e, como não havia quase nenhum sangue envolvido, deveria ser algo fácil de se fazer em um universo lógico e bem organizado.

Mas é claro que não vivemos em um mundo assim. Nosso universo é regido por caprichos aleatórios e é habitado por pessoas que dão risada da lógica. E nesse momento, minha irmã era a chefe dessas pessoas. No final da manhã seguinte, ela me encurralou em meu pequeno cubículo e me arrastou para um almoço com seu namorado, Kyle Chutsky. Eu não tinha nada contra ele, a não ser aquela sua atitude de sempre achar que sabe a verdade sobre tudo. Fora isso era tão simpático e cordial como qualquer outro matador frio pode ser, e seria hipócrita da minha parte não gostar disso nele. E como Chutsky parecia fazer minha irmã feliz, não tinha nada contra ele em qualquer outra área também.

Então fui ao tal almoço, primeiro porque ela era minha irmã, e depois porque a incrível máquina que é o meu corpo precisa constantemente ser reabastecida.

E o combustível de que ela mais gosta é o sanduíche medianoche, em geral acompanhado de plátanos fritos e um milk-shake de mamey. Não sei por que essa refeição tão simples e pesada mexe tanto comigo, mas posso dizer que mais nada se compara. Se bem preparada, me leva o mais próximo do êxtase que consigo chegar. E ninguém prepara essa refeição tão bem quanto o Café Relâmpago, um lugar não muito longe da delegacia e onde os Morgan comem desde o início dos tempos. O lugar é tão bom que nem o eterno mau humor de Deborah consegue estragar.

- Maldição! - ela disse com a boca cheia de sanduíche. Estava longe de ser uma palavra que ela nunca tinha proferido, mas Debs falou com tanta violência que acabei sendo borrifado por migalhas de pão. Tomei um gole do delicioso batido de mamey e esperei que ela explicasse melhor o que queria dizer, mas recebi apenas outro "Maldição!".

- Você continua escondendo bem o que sente, mas como sou seu irmão, consigo perceber que tem algo te incomodando - falei.

Chutsky suspirou enquanto cortava seu filé à cubana.

- Ah, não brinca! - ele ia falar mais alguma coisa mas o garfo prendeu em seu braço prostético, que escorregou de lado. - Maldição - foi a vez de Chutsky dizer, e percebi que tinham muito mais em comum do que eu imaginava. Deborah se inclinou e o ajudou a colocar o garfo na posição certa. - Obrigado - ele falou e mandou para dentro um enorme pedaço de carne.

- É exatamente disso que falo sempre. Tudo que você precisa é de algo que distraia sua mente dos problemas - falei.

Estávamos sentados em uma mesa que provavelmente já tínhamos ocupado umas cem vezes. Mas Deborah raramente tinha problemas de ordem sentimental, por isso ela se endireitou e deu um tapa na mesa de fórmica com força suficiente para fazer o açucareiro pular.

- Gostaria de saber quem conversou com o cuzão do Rick Sangre! - ela disse exaltada. Rick Sangre era aquele repórter que achava que quanto mais sangrenta fosse a notícia, mais vital seria que a imprensa livre informasse as pessoas dos terríveis detalhes o máximo possível. Pelo tom de voz de Debs, aparentemente ela estava convencida de que Rick era meu novo melhor amigo.

- Bom, não fui eu. E não acho que foi o Doakes.

- Oops! - disse Chutsky.

- E também quero encontrar as cabeças - completou ela.

- Também não estou com elas. Você já procurou nos achados e perdidos? - perguntei.

- Você sabe de algo, Dexter. Vamos lá, por que está escondendo de mim?

Chutsky levantou a cabeça e engoliu.

- Por que ele saberia algo que você não sabe? Tinha muito sangue envolvido?

- Quase nada - falei. - Os corpos foram torrados e ficaram bem sequinhos.

Ele fez que sim com a cabeça e conseguiu pegar um pouco de arroz e feijão com o garfo.

- Você é um cara doente, sabia?

- Ele é pior que doente. Ele está escondendo algo - disse Deborah.

- Ah - disse ele com a boca cheia. - É aquele trabalho de detetive amador novamente? - Isso era uma pequena história que tínhamos contado a ele, que meu passatempo era analisar casos, mas não botar a mão na massa, claro.

- Isso mesmo. E ele não quer me contar o que descobriu.

- Sei que pode ser difícil de acreditar, mana, mas não sei nada mesmo. Apenas... - e dei de ombros, mas ela pegou a deixa.

- Apenas o quê? Vamos, me fala!

Hesitei novamente. Não havia como falar de um jeito fácil que o Passageiro das Trevas tinha reagido de modo muito estranho e inédito em relação àquelas mortes.

- É que tenho uma sensação. Tem algo de errado aí.

Ela bufou.

- Dois corpos queimados e sem cabeça e ele diz que tem algo de errado? Você não era inteligente?

Dei uma mordida no meu sanduíche enquanto Debs perdia seu precioso tempo de almoço fazendo careta.

- Já identificou os corpos? - perguntei.

- Tenha dó, Dexter. Sem as cabeças não temos como checar os registros dentários. E como foram queimadas não temos impressões digitais. Não sabemos nem de que cor eram os cabelos, merda! O que quer que eu faça?

- Acho que eu poderia ajudar, sabia? - disse Chutsky, espetando um pedaço de maduras frito e colocando na boca. - Tenho alguns recursos que posso utilizar.

- Não preciso de sua ajuda - disse Deborah e ele deu de ombros.

- Você usa a ajuda do Dexter.

- É diferente.

- Por que é diferente? - ele perguntou, e parecia uma dúvida bem pertinente

- Porque ele me dá uma ajuda. Você quer resolver o caso por mim.

Eles se encararam e ficaram em silêncio por um longo momento. Já tinha visto eles fazerem

isso antes, e era estranho ver essas conversas não verbais. Astor e Cody também faziam o mesmo. Era legal vê-los como um casal tão bem integrado, mesmo que isso me lembrasse que eu tinha que me preocupar com meu próprio casamento, que estava chegando, agravado por um fornecedor de comida de luxo totalmente louco. Por sorte, antes que eu começasse a ranger os dentes, Debs quebrou o silêncio assustador.

- Não serei uma dessas mulheres que precisam de ajuda.

- Mas eu posso conseguir informações que você não tem como conseguir - Chutsky disse, colocando seu braço bom sobre o dela.

- O quê, por exemplo? - perguntei. Tenho que admitir que fazia tempo já estava curioso para saber o que Chutsky faz, ou fazia antes das tristes amputações. Sabia que tinha trabalhado para uma agência governamental que ele chamava de OAG, mas não sabia o que isso significava.

Ele se virou para mim amavelmente:

- Tenho amigos e recursos em vários lugares. Algo assim pode ter deixado uma pista em algum outro local e posso fazer umas ligações e tentar descobrir.

- Tipo ligar para os seus amigos da OAG? - perguntei.

Ele sorriu.

- Mais ou menos isso.

- Pelo amor de Deus, Dexter. OAG significa apenas Outra Agência Governamental. Não existe algo assim, é só uma piada interna - disse Deborah.

- É bom ser o último a saber. Mas você ainda tem acesso aos arquivos deles? - perguntei.

Ele deu de ombros.

- Tecnicamente estou de licença para me recuperar.

- Licença de que trabalho? - perguntei

Ele me deu um sorriso mecânico. - Você não vai querer saber. O problema é que ainda não decidiram se eu sirvo ou não pra alguma coisa. - Ele olhou para o garfo preso em sua mão de aço e virou o braço para olhar o movimento, e falou: - Merda.

E como senti que um daqueles momentos constrangedores estava para acontecer, fiz o que pude para levar as coisas de volta a um tranquilo almoço social.

- Você achou algo no forno? Uma joia ou alguma outra coisa?

- Que merda é essa de que você tá falando? - ela perguntou.

- O forno onde os corpos foram queimados.

- Você não está prestando atenção? Não sabemos onde os corpos foram queimados.

- Ah. Achei que tinha sido lá na universidade mesmo, no estúdio de cerâmica - falei

Pela estranha expressão congelada que repentinamente apareceu no rosto dela, ou fora acometida por indigestão ou não sabia que havia um estúdio de cerâmica por lá.

- Fica a mais ou menos um quilômetro de onde os corpos foram achados. É o forno onde eles fazem cerâmica, sabe?

Deborah me encarou por um longo momento e então pulou da mesa. Achei um jeito incrivelmente criativo e dramático de terminar uma conversa, e levei um momento para fazer mais do que piscar.

- Imagino que ela não sabia a respeito do forno - disse Chutsky.

- É o que acho também. Devemos segui-la?

Ele deu de ombros e engarfou o último pedaço de carne.

- Ainda vou comer pudim e uma cafecita. Depois pegarei um táxi, afinal, não estou autorizado a ajudar. - Ele pegou mais um pouco de arroz e feijão. - Vá atrás dela, a não ser que queria voltar a pé para o trabalho.

Eu não estava com vontade de voltar a pé para o trabalho. Por outro lado, ainda tinha meio

milk-shake e também não queria desperdiçar. Me levantei e fui atrás dela, mas amenizei minha culpa pegando a metade que sobrara do sanduíche de Deborah e levei comigo

Logo estávamos entrando pelos portões principais da universidade. Deborah passou a maior parte do caminho falando no rádio, organizando para que outras pessoas nos encontrassem no forno, e a outra parte ela passou rangendo os dentes e resmungando.

Viramos a esquerda depois do portão e seguimos o caminho que levava ao departamento de cerâmica e artes manuais. Eu tinha feito uma matéria lá no meu primeiro ano, para ampliar meu horizonte. Descobri que era muito bom na fabricação de vasos certinhos, mas péssimo em criar obras de arte originais, pelo menos não naquele meio. Na minha área, tenho orgulho de minha criatividade, como tinha mostrado recentemente com Zander.

Angel Batista já estava lá, examinando cuidadosamente o primeiro forno, à procura de qualquer coisa. Deborah foi até lá e se agachou ao lado dele, me deixando a sós com as últimas três mordidas de seu sanduíche. Dei a primeira mordida. Uma multidão começava a se formar atrás da fita amarela. Talvez eles esperassem ver algo que era terrível demais para ver; não tinha ideia de por que as pessoas se reuniam daquele jeito, mas elas sempre faziam isso.

Deborah estava no chão juntamente com Angel, que tinha enfiado a cabeça dentro do primeiro forno. Provavelmente isso demoraria bastante.

Tinha acabado de colocar o último pedaço de sanduíche na boca quando percebi que estava sendo observado. Claro que estavam olhando para mim, qualquer um do lado de cá da fita amarela era olhado. Mas eu também estava sendo observado - o Passageiro das Trevas se esforçou para me dizer que eu era vigiado por alguém que tinha um interesse especial não muito saudável pelo maravilhoso Dexter, e não gostei daquela sensação. Engoli o resto do sanduíche e me virei para olhar, o sussurro dentro de mim assobiou algo confuso... e então ficou em silêncio.

E com isso, senti novamente uma onda de pânico nauseante, o brilho amarelo da cegueira e me desequilibrei por um momento, com todos os meus sentidos gritando que eu estava em perigo, mas com a minha habilidade de fazer algo a respeito completamente desaparecida. Durou um segundo. Lutei para voltar à superfície e olhei com mais cuidado à minha volta. Nada tinha mudado. Um monte de gente estava ali parada, olhando, o sol brilhava e um vento gentil passava pelas árvores. Apenas mais um dia perfeito em Miami, mas em algum lugar do paraíso, a cobra se escondia. Fechei os olhos e me concentrei para ouvir, torcendo para conseguir uma pista sobre a natureza da ameaça, mas só havia o eco de garras se arrastando ao longe.

Abri meus olhos e olhei em volta. Havia umas quinze pessoas fingindo não estarem fascinadas com a chance de ver algum sangue, mas nenhuma delas se destacava. Ninguém estava tentando disfarçar, tinha um olhar maligno ou tentava esconder uma bazuca sob a camiseta. Em uma situação normal, eu esperaria que o meu Passageiro visse uma sombra escura em volta de outro predador, mas eu não teria esse tipo de ajuda agora. Até onde eu conseguia ver, nada parecia se destacar no meio da multidão, então o que teria disparado o alarme de incêndio do Passageiro? Eu sabia muito pouco a respeito dele; apenas que estava lá, uma presença cheia de divertimentos sádicos e sugestões afiadas. Ele nunca havia demonstrado confusão antes, pelo menos não até vermos os dois corpos perto do lago. E agora repetia sua indefinição e incerteza a apenas um quilômetro do outro local.

Será que tinha algo na água? Ou haveria uma conexão entre os dois corpos queimados e o forno?

Caminhei até onde Angel e Deborah trabalhavam. Eles não pareciam ter encontrado nada alarmante e não havia solavancos de pânico saindo do forno e indo até onde o Passageiro das Trevas se escondia.

Se essa segunda fuga não tinha sido causada por algo na minha frente, o que aconteceu então?

E se fosse algum tipo de erosão interna? Talvez minha nova condição de iminente marido e padrasto estivesse se sobrepondo ao Passageiro. Será que estava me tornando bonzinho demais para ser um bom hospedeiro? Este seria um destino pior do que a morte.

Percebi que estava bem perto da fita amarela e que alguém grande estava me olhando.

- Hã, olá? - falou ele. Um jovem grande, musculoso, com cabelos longos e aparência de quem acredita que se deve respirar pela boca.

- Como posso ajudar, cidadão? - perguntei.

- Você, hã... é tipo, um policial?

- Sim, sou um pouco tipo policial.

Ele acenou com a cabeça e pensou por um instante, olhando para trás como se estivesse procurando algo para comer. Na nuca dele havia uma daquelas infelizes tatuagens que se tornaram tão populares, algum tipo de letra oriental. Provavelmente queria dizer "lerdo". Ele esfregou a tatuagem como se tivesse me ouvido, então se virou para mim e exclamou:

- Estava pensando em Jéssica.

- Mas é claro, quem não pensaria nela? - respondi.

- Você sabe se é ela? Sou tipo o namorado dela.

O jovem tinha conseguido atrair minha atenção profissional.

- A Jéssica está desaparecida?

Ele fez que sim com a cabeça.

- Ela deveria malhar comigo, tipo, todos os dias, sacou? Correr pela pista, fazer uns abdominais. Mas ontem ela não apareceu. Hoje também não. Daí comecei a pensar, hã... - ele fez uma careta, aparentemente pelo esforço de ter que pensar, e o discurso dele ficou em suspenso.

- Qual é o seu nome - perguntei.

- Kurt. Kurt Wagner. E o seu?

- Dexter. Espere aqui, Kurt. - Corri até Deborah antes que o esforço de pensar se mostrasse grande demais para o garoto.

- Deborah, pode ser que tenhamos algo aqui

- Bom, os seus malditos fornos é que não são - ela bufou. - Não cabe um corpo dentro deles.

- Não, mas o jovem ali atrás se queixou do sumiço da namorada.

Sua cabeça se virou rapidamente e ela se levantou quase como um cão de caça, encarando o talvez-namorado de Jéssica, que olhou para ela e ficou trocando o peso do corpo de um pé para o outro.

- Já era hora, droga - ela falou e foi em direção a ele.

Olhei para Angel que deu de ombros e se levantou. Por um momento, parecia que ele ia dizer alguma coisa. Mas então ele sacudiu a cabeça, limpou o pó das mãos e seguiu Deborah para ouvir o que Kurt tinha a dizer, me deixando verdadeiramente sozinho com meus pensamentos sombrios.

Apenas observar; às vezes é o suficiente. Claro que ele sabe que observar levaria inevitavelmente à afluência do calor e do glorioso fluxo de sangue, o irresistível pulso de emoções emanando das vítimas, a música crescente da loucura exigida enquanto o sacrifício se transforma em uma maravilhosa morte... tudo isso iria acontecer. Por enquanto era suficiente

para o Observador mirar e se embriagar com a sensação do poderoso anonimato. Ele podia sentir o desconforto do outro. Aquele desconforto cresceria como uma escala musical e se transformaria em medo, depois pânico e por último em completo terror. Tudo viria no tempo certo.

O Observador viu o outro examinando a multidão, procurando uma pista que explicasse o florescimento da sensação de perigo que arranhava seus sentidos. Mas claro que ele não encontraria nada. Não ainda. Não até que ele dissesse que era hora. Não até que ele levasse o outro ao pânico total e entorpecedor. Só então ele poderia parar de observar e partir para a ação final.

Mas até lá, era hora de começar a deixar que o outro ouvisse a música do medo.

CAPÍTULO 11

O NOME DELA ERA JÉSSICA ORTEGA. ELA ESTAVA NO PRIMEIRO ANO E MORAVA em uma residência estudantil próxima. Kurt nos deu o número do quarto e Deborah deixou Angel esperando pelos reforços no forno.

Nunca entendi por que começaram a chamar aquele lugar de residência estudantil em vez de dormitório. Talvez porque hoje em dia se parecessem muito mais com hotéis do que antigamente. Não havia mais paredes cobertas de trepadeiras enfeitando o lugar, a entrada tinha muitos vidros e vasos de flores e os corredores eram acarpetados, limpos e com cara de novos.

Paramos na porta do quarto de Jéssica. Havia uma pequena placa de cartolina colocada na altura dos olhos com os nomes ARIEL GOLDMAN & JÉSSICA ORTEGA. Abaixo, impresso em tamanho menor, havia a frase AGENTE INEBRIANTE REQUERIDO PARA ENTRAR. Alguém tinha riscado ENTRAR e escrito PENSAR.

Deborah levantou uma sobrancelha para mim.

- Garotas festeiras.

- Alguém tem que festejar - respondi.

Ela bufou e bateu à porta. Não houve resposta e Debs esperou longos três segundos antes de bater novamente, dessa vez mais forte.

Ouvi uma porta se abrindo atrás de nós, me virei e vi uma garota magrela com cabelos loiros curtos e óculos olhando para nós.

- Elas não estão - ela falou com um voz de desaprovação. - Já faz uns dois dias, os primeiros dias calmos que tenho no semestre todo.

- Sabe aonde elas foram? - Deborah perguntou.

A garota girou os olhos em desaprovação.

- Provavelmente a uma baita festa em algum lugar.

- Quando foi a última vez que as viu?

A garota deu de ombros.

- Com aquelas duas não é preciso ver, nós ouvimos elas o tempo todo. Música alta e risadas a noite inteira, sabe? Uma grande encheção de saco pra quem quer estudar de verdade e ir às aulas. - Ela balançou a cabeça e seu cabelo curto caiu um pouco em seu rosto. - Quero dizer, tenha dó!

- E quando foi a última vez que você as ouviu? - perguntei.

Ela olhou para mim.

- Vocês são policiais ou algo assim? O que elas fizeram dessa vez?

- O que elas fizeram das outras vezes? - Debs perguntou.

Ela suspirou.

- Multas. Muitas e muitas multas por estacionamento proibido. E uma vez por dirigirem bêbadas. Olha, não quero que pareça que odeio elas ou algo assim.

- Você diria que não é comum elas desaparecerem desse jeito? - perguntei.

- Incomum seria elas aparecerem em uma aula. Não sei como elas passam. Quer dizer -

abriu sorriso malicioso -, posso imaginar como elas passam, mas... - ela deu de ombros. Ela não disse o que imaginava, a não ser que a gente conte o sorriso malicioso.

- Que matérias elas fazem juntas? - Debs perguntou.

A garota deu de ombros novamente e chacoalhou a cabeça.

- Você tem que ver... tipo... na secretaria.

Não era longe demais para caminharmos até tipo, a secretaria, especialmente no ritmo que Deborah impôs. Consegui acompanhá-la e ainda manter o fôlego para fazer uma ou duas perguntas.

- O que importa se elas fazem alguma matéria juntas?

Deborah fez um gesto de impaciência com a mão.

- Se aquela garota estiver certa, Jéssica e a colega de quarto...

- Ariel Goldman - falei.

- Isso. Se elas estiverem trocando sexo por notas, isso me faz querer bater um papo com os professores delas.

Aquilo fazia sentido. Sexo é um dos principais motivos para assassinatos, o que não combina com o fato de também estar sempre ligado ao amor. Mas havia uma coisinha que não fazia sentido.

- Por que um professor assaria as duas e depois cortaria suas cabeças? Por que simplesmente não estrangular e depois jogar os corpos no lixão?

Deborah fez que não com a cabeça.

- Não importa como ele fez. O que interessa é se ele fez.

- Certo - falei. - E temos certeza de que essas duas são as nossas vítimas?

- Temos certeza suficiente para irmos falar com os professores delas. É um começo.

Chegamos à secretaria e foi só Deborah mostrar seu distintivo para deixarem- nos entrar. Mas levamos uns bons trinta minutos com Deborah resmungando enquanto eu mexia no computador com a secretária. Jéssica e Ariel cursavam várias matérias juntas, por isso imprimi os nomes, localização da sala e da casa dos professores. Deborah deu uma olhada na lista e acenou com a cabeça.

- Estes dois, Bukovich e Halpern, estão em horário de plantão de dúvidas. Vamos começar com eles.

Mais uma vez eu e Deborah enfrentamos um passeio pelo campus naquele dia quente e úmido.

- É legal voltar à universidade, não? - falei com o meu corriqueiro e fútil esforço de sempre manter a conversa fluindo.

Deborah bufou. - Bom será se conseguirmos confirmar a identidade dos corpos e talvez ficar um pouco mais perto de conseguir pegar o cara que fez isso.

Não acho que identificar os corpos nos fará ficar mais próximos de encontrar o assassino, mas já errei um palpite antes, e o trabalho da polícia é movido pela rotina e prática, e uma das tradições de maior orgulho de nossa profissão é saber a identidade da vítima e isso era uma coisa boa. Então acompanhei Deborah até o prédio onde estavam os dois professores.

A sala do professor Halpern ficava no térreo, logo depois da entrada do prédio, e antes que a porta automática se fechasse, Debs já estava batendo à do escritório. Ninguém respondeu. Ela tentou a maçaneta, mas estava trancada, então ela bateu de novo com o mesmo resultado de antes.

Um homem veio andando pelo corredor, parou na porta da sala ao lado e levantou a sobrancelha para nós.

- Estão procurando Jerry Halpern? Acho que ele não veio hoje.

- Você sabe onde ele está? - perguntou Deborah.

Ele nos deu um sorrisinho.

- Imagino que esteja em casa, já que não está aqui. Por que querem saber?

Deborah pegou e mostrou seu distintivo a ele, que não pareceu ficar impressionado.

- Entendi. Isto tem a ver com os dois corpos encontrados aqui no campus?. - ele perguntou.

- Você tem alguma razão para acreditar que tenha? - questionou Debs.

- Nã... não. Não tenho.

Deborah o encarou e esperou, mas ele não falou mais nada.

- Pode nos dizer como se chama, senhor? - ela finalmente perguntou.

- Sou o doutor Wilkins - falou apontando com a cabeça para a porta em frente. - Esta é a minha sala.

- Doutor Wilkins - Debs repetiu. - Pode nos dizer o que quis dizer com o comentário sobre o professor Halpern?

Wilkins apertou os lábios.

- Bom - ele começou, hesitando -, Jerry é um cara legal, mas se isso é uma investigação de assassinato... - ele deixou a frase no ar por um momento. Deborah fez o mesmo. - Bom, acredito que foi na quarta-feira que ouvi uma confusão na sala dele. - Ele balançou a cabeça. - As paredes são terrivelmente finas.

- Que tipo de confusão?

- Gritos. Talvez uma briga? Enfim, dei uma olhada pela porta e vi uma jovem aluna cambalear pra fora da sala de Halpern e correr. Ela... hã... a camiseta dela estava rasgada.

- E por acaso chegou a reconhecer a aluna? - perguntou Deborah.

- Sim, ela fez minha matéria no semestre passado. Era Ariel Goldman. Uma ótima garota, mas nem um pouco estudiosa.

Deborah deu uma olhadela para mim e acenei com a cabeça de forma encorajadora.

- Acha que Halpern quis forçar Ariel a fazer algo?

Wilkins colocou a cabeça de lado e levantou uma mão.

- Não tenho como afirmar, mas era o que parecia.

Deborah continuou olhando para Wilkins, mas ele não tinha mais nada a acrescentar, por isso ela acenou com a cabeça e disse:

- Muito obrigada, doutor Wilkins, você nos ajudou bastante.

- Espero que sim - ele falou e se virou para abrir a porta de sua sala.

Debs já estava olhando para as folhas que imprimi.

- Halpern mora a uns dois quilômetros daqui - falou e foi logo em direção à porta. E mais uma vez, me vi correndo para acompanhar o passo dela.

- De qual teoria nós vamos desistir? - perguntei. - A que diz que Ariel tentou seduzir Halpern ou a de que ele tentou estuprá-la?

- Não vamos desistir de nada por enquanto. Não até falarmos com Halpern.

CAPÍTULO 12

O APARTAMENTO DO DOUTOR JERRY HALPERN FICAVA A MENOS DE TRÊS quilômetros do campus, em um prédio de dois andares que deve ter sido bem bacana há uns quarenta anos. Ele atendeu a porta logo que Deborah bateu, piscando por causa da luz do sol que batia em seu rosto. Ele tinha trinta e poucos anos, era magro, sem parecer estar em forma, e não fazia barba havia alguns dias.

- Pois não? - falou com um tom de voz meio impertinente, que teria combinado bem com um moleque de escola de oito anos. Ele limpou a garganta e tentou de novo: - O que vocês querem?

Deborah mostrou o distintivo e falou:

- Podemos entrar, por favor?

Halpern arregalou os olhos para o distintivo e pareceu murchar um pouco.

- Eu não... o quê... entrar por quê?

- Queremos fazer algumas perguntas - disse Deborah. - Sobre Ariel Goldman.

Halpern desmaiou.

Não estou acostumado a ver minha irmã se surpreender, seu autocontrole é impressionante. Por isso foi gratificante vê-la boquiaberta enquanto Halpern tombava no chão. Fabriquei uma expressão que combinasse e me abaixei para tomar o pulso dele.

- O coração continua batendo - falei.

- Vamos levá-lo para dentro - Debs falou, e então eu o arrastei para o apartamento.

O apartamento não era tão pequeno quanto parecia, mas as paredes tinham estantes transbordando de livros e havia uma escrivaninha coberta de papéis e mais livros. No pequeno espaço que sobrava, havia um sofá de dois lugares feio e surrado e uma cadeira cheia de coisas, com um abajur atrás dela. Dei um jeito de levantar Halpern e colocá-lo no sofá, que rangeu e se afundou alarmantemente sob seu peso.

Me levantei e quase trombei com Debs, que se inclinava para olhá-lo.

- É melhor esperar ele acordar antes de tentar intimidá-lo - falei.

- O filho da mãe sabe de alguma coisa. Senão, por que desmaiaria daquele jeito? - falou Debs.

- Talvez falta de nutrição adequada?

- Acorde ele - disse.

Olhei para ver se ela estava brincando, mas claro que tinha falado sério.

- O que você sugere que eu faça? Me esqueci de trazer os sais aromáticos - falei.

- Não podemos ficar aqui parados esperando - ela falou e se inclinou como se fosse chacoalhar Halpern ou dar um soco no nariz dele.

Para a sorte de Halpern, ele escolheu exatamente esse momento para retornar à consciência. Seus olhos abriram e fecharam algumas vezes e então se mantiveram abertos e, quando olhou para cima, todo o seu corpo ficou tenso.

- O que vocês querem?

- Promete que não vai desmaiar de novo? - perguntei, e Deborah me deu uma cotovelada.

- Ariel Goldman - disse Debs.
- Oh, Deus - ele choramingou. - Sabia que isso iria acontecer.
- Você tinha razão - falei.
- Vocês têm que acreditar em mim, não fui eu - falou, tentando se levantar e sentar.
- Certo - disse Debs. - Quem foi?
- Foi ela mesmo quem fez aquilo.

Deborah olhou para mim, talvez querendo saber se eu poderia explicar por que Halpern era tão louco. Infelizmente eu não tinha ideia, por isso ela olhou novamente para ele.

- Ela mesmo quem fez - repetiu, com a voz cheia daquela duvida policial.
- Sim - insistiu ele. - Ela queria fazer com que parecesse que fui eu, assim eu teria que dar uma boa nota a ela.
- Ela botou fogo nela mesma - disse Debs de forma deliberada, como se estivesse falando com uma criança de três anos. - Depois cortou a própria cabeça, tudo para que você desse uma boa nota a ela.
- Espero que você tenha dado pelo menos um B depois de todo o trabalho que ela teve - falei.

Halpern arregalou os olhos para nós, enquanto sua boca permanecia aberta e com pequenos espasmos, como se estivesse tentando fechá-la mas faltasse um tendão.

- Mas... do... do que vocês estão falando?
- Ariel Goldman - disse Debs. - E a colega de quarto dela, Jéssica Ortega. Foram queimadas e tiveram as cabeças cortadas. O que pode nos dizer a respeito disso, Jerry?

Ele se encolheu e não disse nada por um longo tempo.

- Eu... eu... elas estão mortas? - ele finalmente sussurrou.
- Jerry - disse Debs. - Tiveram a cabeça cortada. O que acha?

Observei com grande interesse quando a cara dele passou por várias expressões que continham tipos diferentes de palidez e, finalmente, quando a ficha caiu, ele ficou com a boca aberta de novo.

- Você... acha que eu... não pode achar...
- Infelizmente posso sim, Jerry. A menos que você me diga por que eu não poderia.
- Mas isso é... eu nunca... - ele balbuciou.
- Alguém fez aquilo - falei.
- Sim, mas... meu Deus.
- Jerry - começou Deborah novamente -, o que você achou que iríamos falar?
- Sobre... sobre um estupro - falou. - Mas eu não a estuprei.

Em algum lugar existe um mundo onde as coisas fazem sentido, mas não estávamos nele.

- Você não estuprou ela? - perguntou Debs.
- Sim, isso... ela queria que eu... ah.
- Ela queria que você a estuprasse? - perguntei.
- Ela... ela... - falou e começou a ficar vermelho. - Ela me ofereceu... hà... sexo em troca de uma boa nota - falou, olhando para o chão. - E eu disse que não.
- E foi aí que ela pediu que você a estuprasse? - perguntei. Deborah me deu outra cotovelada.
- Então você disse não, Jerry? - perguntou Debs. - Pra uma moça bonita daquelas?
- Foi quando ela... hã... ela disse que iria conseguir um A de um jeito ou de outro. Então rasgou a própria camiseta e começou a gritar. - Ele engoliu em seco, mas não levantou a cabeça.
- Continue - pediu Deborah.
- Ela ainda acenou pra mim - falou, levantando a mão e fazendo o mesmo movimento. - E depois saiu correndo para o corredor. - Ele finalmente levantou a cabeça. - Posso virar professor titular este ano, se uma notícia dessas se espalhasse, poderia acabar com a minha carreira.

- Entendi - Deborah falou de forma bem compreensiva. - Então você a matou para proteger sua carreira.

- Quê? Não! - ele gritou. - Eu não a matei!

- Então quem foi, Jerry?

- Não sei! - respondeu e parecia quase petulante, como se o tivéssemos acusado de comer a última bolacha. Deborah o encarou, e ele a encarou, passando seu olhar dela para mim e voltando para ela. - Não fui eu!

- Eu quero acreditar em você, Jerry - disse Debs. - Mas infelizmente não depende de mim.

- Como assim? - ele perguntou.

- Vou ter que pedir que venha comigo.

- Você está me prendendo?

- Estou levando você até a delegacia para responder algumas perguntas, só isso - falou de forma tranquilizadora.

- Oh, meu Deus. Você está me prendendo. Isto... não. Não.

- Que tal facilitar as coisas para nós, professor? - Deborah perguntou. -Não precisaremos de algemas, né?

Ele olhou para ela por um longo tempo e então pulou e correu para a porta. Mas infelizmente em seu plano infalível de fuga, ele tinha que passar por mim, e Dexter se orgulha muito de seus reflexos rápidos como um raio. Estiquei o pé e ele caiu e deslizou batendo a cabeça na porta.

- Ai! - foi tudo que ele falou.

Sorri para Deborah.

- Acho que você vai precisar das algemas.

CAPÍTULO 13

NÃO SOU UM CARA PARANOICO. E NÃO ACREDITO QUE ESTOU CERCADO DE inimigos misteriosos que vão tentar armar uma emboscada, me torturar e me matar. Claro que sei que se vacilar e revelar o que sou de verdade, toda a sociedade vai se juntar e clamar para que eu tenha uma morte lenta e dolorosa, mas isso não é paranoia, é uma visão calma, verdadeira e bem pensada da realidade, e não tenho medo dela. Simplesmente tento ser cuidadoso para que isso não aconteça.

Mas grande parte dos meus cuidados consistia em sempre ouvir os sussurros sutis do Passageiro das Trevas, que continuava estranhamente tímido em dividir seus pensamentos. Então tive que encarar um silêncio interior novo e inquietante, que me deixou bastante irritadiço e com uma perturbação crescendo dentro de mim. Começou com a sensação de ser observado, talvez até vigiado, nos fornos da universidade. Depois, quando voltávamos para a delegacia, não consegui tirar da cabeça que um carro parecia estar nos seguindo. Seria mesmo? Teria ele algum objetivo sinistro? Se sim, será que estava atrás de Deborah ou de mim? Talvez fosse apenas a loucura aleatória dos motoristas de Miami.

Fiquei observando o carro, um Toyota branco, pelo espelho retrovisor. Ele acompanhou a gente o caminho todo até Deborah entrar no estacionamento da delegacia, então simplesmente passou por nós sem diminuir ou o motorista olhar para nós, mesmo assim não consegui perder aquela ridícula sensação de que ele estava realmente nos seguindo. Mas não tinha como ter certeza a não ser que o Passageiro me confirmasse, coisa que ele não fez - apenas deu algo como um sibilante limpar de garganta, e aquilo me parecia estúpido demais para que eu comentasse com Deborah.

Mais tarde, quando saí do trabalho o peguei meu carro para ir embora, tive a mesma sensação, que algo ou alguém estava me seguindo. Mas era uma sensação. Não um aviso, não um sussurro interior vindo das sombras, não um prepare-se esvoaçante vindo de asas negras invisíveis, apenas uma sensação. E aquilo me deixou nervoso. Quando o Passageiro fala comigo, eu ouço. Eu ajo. Porém não estava falando agora, meramente se contorcia, e eu não sabia o que fazer com aquilo. Então, na falta de alguma ideia definitiva, mantive meus olhos nos retrovisores e fui para casa.

Será que isso era ser um humano? Viver a vida com a eterna sensação de que você é uma carne ambulante, andando sempre por um caminho onde os tigres estão em seus calcanhares? Se for, isso explicaria bastante o comportamento humano. Sendo um predador, conheço bem a poderosa sensação de circular disfarçado entre o rebanho de potenciais presas, sabendo que poderia capturar uma delas a qualquer momento. Mas sem uma palavra do Passageiro, eu não apenas me misturava às presas como também me tornava parte do rebanho, ficava vulnerável. Eu era uma presa e não gostava nada disso. Aquilo me deixava muito mais cauteloso.

Quando cheguei à via expressa, vi pelo retrovisor que um Toyota Avalon branco me seguia.

Claro que existem milhares de Toyotas no mundo. Afinal, os japoneses perderam a guerra e por isso têm o direito de dominar nosso mercado automobilístico. E muitos desses Toyotas

poderiam estar indo para casa pelo mesmo caminho congestionado que eu peguei. Pensando de forma lógica, existem muitas direções a seguir, e fazia todo sentido que um Toyota Avalon branco circulasse por qualquer uma delas. E não era lógico imaginar que alguém quisesse me seguir. O que eu fiz? Quer dizer, o que alguém poderia provar?

Portanto, era completamente ilógico de minha parte sentir que estava sendo seguido, o que não explica por que fiz uma repentina curva à direita, na U.S. 1, e depois peguei uma rua lateral.

E também não explica por que o Toyota branco me seguiu.

O carro continuava afastado, como qualquer predador faria para não assustar a presa escolhida - ou o que qualquer pessoa normal faria se coincidentemente tivesse que fazer o mesmo caminho. Então, continuando com minha falta de lógica, fiz uma curva de novo, dessa vez para a esquerda, em uma pequena rua residencial.

Um momento depois, o outro carro me seguiu.

Como já disse antes, o Destemido Dexter não sabe o significado da palavra medo. Isso significava que o rápido bater do meu coração, a secura da minha boca e o suor nas minhas mãos só poderiam ser resultado de uma grande inquietação.

Eu não gostava daquela sensação. Eu não era mais o Cavaleiro da Espada. Minha lâmina e minha armadura estavam em algum porão do castelo e eu estava no campo de batalha sem elas, era uma vítima macia e saborosa, e por alguma razão que eu não podia explicar, estava certo de que algo tinha meu cheiro em suas narinas vorazes.

Virei novamente à direita e só depois percebi a placa que dizia que a rua era sem saída.

Eu estava em um beco sem saída. Estava encurralado.

Por alguma razão, diminuí a velocidade e esperei que o outro carro me seguisse. Acho que só quis ter certeza de que o Toyota branco existia de verdade. E existia. Continuei até o fim da rua, que terminava em uma rotatória para que as pessoas dessem a volta. Não havia nenhum carro na entrada da casa que ficava no topo da rotatória. Estacionei, desliguei o motor e esperei, impressionado com a rapidez do meu coração e minha inabilidade em fazer algo mais do que sentar e esperar pelos inevitáveis dentes e garras do que quer que estivesse me seguindo.

O carro branco se aproximou. Diminuiu a velocidade quando chegou na rotatória, diminuiu de novo quando se aproximou de mim...

E então passou por mim, terminou de dar a volta, foi até o fim da rua e desapareceu.

Assisti-o ir embora, e quando as luzes traseiras do carro desapareceram depois da esquina, me lembrei de novo como respirar. Fiz bom uso dessa lembrança e me senti muito bem. Assim que restaurei meu estoque de oxigênio e voltei a ser eu mesmo, comecei a me sentir um eu mesmo bem estúpido. O que tinha acontecido ali? Um carro parecia estar me seguindo. E depois ele foi embora. Havia milhares de razões para que ele tivesse pegado o mesmo caminho que eu, a maioria delas com uma palavra em comum: coincidência. E depois, quando o Confuso Dexter transpirava sentado no banco do motorista, o que o carro grande e mau fez? Passou por ele. Não parou para olhar, bufar nem jogar uma granada. Apenas passou por mim e me deixou atolado em minha poça de medo absurdo.

Alguém bateu no vidro do carro e eu pulei, batendo a cabeça no teto.

Eu me virei e olhei. Um homem de meia-idade, bigode e rosto estragado pela acne se inclinou e me olhou. Não o tinha percebido até então, outra prova de que estava sozinho e desprotegido.

Baixei o vidro.

- Posso ajudar em alguma coisa? - ele perguntou.

- Não, obrigado - respondi, intrigado com que tipo de ajuda ele achava que poderia me dar, mas ele não me deixou adivinhar.

- Você está parado na entrada da minha casa.

- Ah - suspirei, e então me ocorreu que eu devia estar mesmo e que precisava dar uma explicação. - Estou procurando o Vinny. - Não era algo brilhante, mas servia diante das circunstâncias.

- Você está no lugar errado - ele disse com um certo tom de triunfo sarcástico que quase me deixou animado de novo.

- Me desculpe - falei, fechei o vidro e dei ré, enquanto o homem ficou ali me olhando partir, talvez para ter certeza de que eu não voltaria de repente e o atacaria com uma machadinha. Alguns momentos depois eu estava novamente no caótico tráfego da U.S. 1. E como a rotineira violência do tráfego me envolvia igual a um cobertor quentinho, aos poucos fui voltando a me sentir eu mesmo. Estava em casa, atrás das dilaceradas muralhas do Castelo Dexter e de seu porão vazio.

Nunca tinha me sentido tão estúpido, o que significa dizer que me senti o mais perto possível de como um humano se sente. Em que diabos eu estava pensando? Na verdade, o que eu não estava fazendo era pensar, apenas reagi a um bizarro instinto de pânico. Tudo aquilo era ridículo demais, humano demais e até risível. Isso se eu fosse um humano de verdade e conseguisse rir de verdade. Bom, enfim, pelo menos ridículo eu estava sendo.

Dirigi os últimos quilômetros pensando em insultos que poderia fazer a mim mesmo por aquela reação absurda e, quando cheguei à casa de Rita, estava mergulhado em me maltratar, o que fez com que eu me sentisse bem melhor. Saí do carro com algo bem próximo de um sorriso verdadeiro, gerado pela alegria de ver a profundidade que existia no Tolo Dexter. Quando dei o segundo passo para longe do carro, começando a me virar em direção à porta, um carro passou lentamente pela rua.

Um Toyota Avalon branco, é claro.

Se existe uma justiça divina no mundo, este momento com certeza foi feito exatamente para mim. Eu me diverti muitas vezes ao ver alguém parado, boquiaberto e completamente incapacitado por surpresa e medo, e agora lá estava Dexter exatamente na mesma estúpida posição. Congelado no lugar, sem conseguir me mexer nem para limpar minha própria baba, assisti o carro passar devagar por mim e a única coisa em que consegui pensar foi que eu devia estar parecendo muito, mas muito estúpido.

Naturalmente, eu pareceria muito mais estúpido se quem quer que estivesse dirigindo fizesse algo mais do que apenas passar lentamente, mas para minha sorte e das pessoas que me amam - pelo menos duas, incluindo eu mesmo - o carro foi embora sem parar. Por um momento, achei que tinha visto o motorista olhando para mim. Então ele acelerou e freou bem de leve no meio da rua, de modo que a luz traseira iluminasse por um instante a cabeça de touro de prata, que é o símbolo da Toyota, e então o carro foi embora.

Não consegui pensar em mais nada para fazer além de fechar a boca, coçar a cabeça e me arrastar para dentro de casa.

Houve um rufar de tambores suave e profundo e uma alegria crescente, nascidos do alívio e da antecipação do que estava por vir. E então soaram as trombetas, e agora estava bem perto, apenas mais uns momentos até que ele viesse e assim tudo começaria e aconteceria de novo. E enquanto a alegria se fundia em uma melodia que ficava mais alta e parecia vir de todos os

lugares, senti meus pés me levando para onde as vozes prometiam o contentamento, preenchendo tudo com a alegria que estava a caminho, aquela esmagadora sensação de preenchimento que nos levaria ao êxtase...

E então acordei com o coração martelando e uma sensação de alívio injustificável, e não entendi o que estava acontecendo. Porque não era aquele alívio de tomar um gole de água quando se está com sede, ou de descansar quando se está cansado, apesar de envolver essas coisas também.

Mas - longe de ser algo a se pensar e totalmente perturbador - era também o tipo de alívio que tinha com meus coleguinhas malvados; o alívio que diz que você satisfez os seus desejos mais profundos e que pode relaxar e ficar tranquilo por um tempo.

E isso não poderia estar acontecendo. Era impossível para mim sentir meus sentimentos mais pessoais e profundos enquanto estava deitado na cama, dormindo.

Olhei o relógio ao lado da cama: meia-noite e cinco, não era hora de Dexter estar acordado e pensando, pelo menos não em uma noite em que ele linha planejado apenas dormir.

Do outro lado da cama, Rita respirava pesadamente e tremia de leve, como um cão que sonha estar caçando um coelho.

E do meu lado da cama está o terrivelmente Confuso Dexter. Algo tinha vindo até minha noite sem sonhos e criado ondas no mar tranquilo do meu sono desalmado. Eu não sabia o que fora, mas tinha me deixado muito contente sem nenhuma razão, e eu não estava gostando nada daquilo. Meu passatempo à luz da lua me fazia feliz em meu próprio mundo sem emoções, e aquilo bastava para mim. Mais nada tinha permissão de entrar naquele canto do porão escuro de Dexter. E era daquele jeito que eu queria que fosse. Tinha meu pequeno e bem guardado espaço interior, numerado e trancado, onde eu sentia minha própria alegria - apenas naquelas noites em particular e em nenhum outro momento. Nada mais fazia sentido para mim.

O que será que tinha invadido, derrubado a porta e inundado o porão com aquele sentimento indesejado? Que coisa no mundo poderia ter me escalado com uma facilidade tão esmagadora?

Eu me deitei determinado a voltar a dormir e provar que ainda estava no comando das coisas, que nada tinha acontecido e que com certeza não aconteceria de novo. Este era o Mundo de Dexter, e eu era o rei. Mais ninguém podia entrar. Fechei meus olhos e esperei a confirmação da voz da autoridade interior, o incontestável mestre dos cantos escuros interiores que forma o que sou, o Passageiro das Trevas, e esperei que ele concordasse, que sibilasse uma frase tranquilizadora que colocaria a música estridente e o jorro de sentimentos em seus devidos lugares, para fora da escuridão e para fora de mim. Esperei-o dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas ele não disse nada.

Provoquei ele, pensando com força em algo muito irritante e falando mentalmente Acorda! É hora de mostrar os dentes!

Mas ele não disse nada.

Apressei-me em procurar em todos os cantos de mim mesmo, gritando com uma preocupação constante, chamando o Passageiro, mas o lugar estava vazio, varrido, limpo e pronto para alugar. Partira como se nunca tivesse estado ali.

No lugar onde ele costumava ficar eu ainda podia ouvir um eco da música rebatendo nas paredes duras do apartamento sem mobília e se propagando pelo espaço vazio.

O Passageiro das Trevas havia ido embora.

CAPÍTULO 14

PASSEI O DIA SEGUINTE EM UM ESTADO DE AGITAÇÃO E INCERTEZA, NA ESPERANÇA de que o Passageiro retornasse, mas de alguma forma já sabendo que isso não aconteceria. E enquanto o dia foi passando, essa triste certeza foi ficando maior e mais desoladora.

Havia um lugar grande, vazio e sensível dentro de mim e eu não tinha como pensar direito nisso ou lutar contra esse vazio que nunca sentira antes. Não posso dizer que me sentia angustiado, algo que sempre me pareceu ser uma coisa bem autoindulgente de se experimentar, mas estava bem inquieto e passei o dia todo com uma grave sensação de medo e ansiedade.

Para onde tinha ido meu Passageiro, e por quê? Será que voltaria? E essas perguntas me levaram a uma especulação mais alarmante: O que era o Passageiro e por que vivia dentro de mim?

Era meio decepcionante perceber quanto me definia por algo que não era eu mesmo - ou será que era? Talvez o Passageiro das Trevas fosse apenas uma construção doentia de uma mente traumatizada, uma teia feita para capturar pequenos pedaços de uma realidade filtrada e me proteger da terrível verdade a respeito do que eu era. Sim, isso era possível. Conheço a psicologia básica e há algum tempo assumi que estava fora das estatísticas. Por mim, tudo bem; me sinto muito bem sem nenhum pedaço de humanidade ligado ao meu nome.

Pelo menos até agora. Mas de repente eu estava sozinho dentro de mim, e as coisas não pareciam mais tão certas e encaminhadas. E pela primeira vez, eu realmente precisava saber.

Claro que são poucos os trabalhos que permitem um tempo para introspecção, mesmo quando é um assunto importante como o sumiço do Passageiros das Trevas. Não, Dexter tinha que dançar conforme a música, ainda mais com a Deborah manejando o chicote.

Por sorte, a maior parte do trabalho era rotineira. Passei a manhã com meus colegas nerds vasculhando o apartamento de Halpern em busca de alguma prova da culpa dele. E, para minha felicidade, havia tantas provas que quase nem precisamos trabalhar.

Atrás de seu guarda-roupa havia uma meia com vários pingos de sangue. Embaixo do sofá encontramos um tênis branco de lona com uma mancha grande. Em uma sacola de plástico no banheiro, achamos uma calça com apenas uma bainha e mais sangue, pequenos pontos endurecidos pelo calor.

Provavelmente era uma coisa boa acharmos tantas provas assim facilmente, afinal, Dexter não estava em um de seus dias mais brilhantes. Eu me encontrei mergulhado em uma nuvem de ansiedade e imaginando se o passageiro voltaria para casa, apenas para voltar para a realidade presente, em pé e segurando uma meia suja e borrifada com sangue. Se tivesse sido necessária uma investigação de verdade, não sei se teria conseguido agir de acordo com meus padrões de qualidade.

Mas por sorte não foi necessário. Eu nunca tinha visto uma profusão tão grande de evidências óbvias e claras de alguém que teve tantos dias para limpar tudo. Quando comparo com o meu passatempo e me lembro de que tudo fica limpo e sem provas em minutos... Halpern teve vários

dias e nem se importou em tomar as precauções mais básicas. Era quase fácil demais, e quando checamos o carro dele, deixei o "quase" de lado. Havia uma digital de sangue seco bem clara no banco da frente.

Sem dúvida que os exames ainda poderiam mostrar que era sangue de galinha, e Halpern tinha apenas um passatempo inocente, talvez como abatedor de frangos. Mas eu duvidava. Parecia muito claro que Halpern tinha feito algo muito errado com alguém.

Ainda assim, uma pequena ideia resmungona crescia dentro de mim, me dizendo que isso estava tremendamente fácil demais. Tinha alguma coisa errada ali. Mas como não havia um Passageiro para me apontar a direção correta, não dividi aquilo com ninguém. E teria sido cruel, de qualquer forma, estourar o balão de felicidade de Deborah. Ela estava quase brilhando de satisfação quando os resultados começaram a chegar e Halpern parecia cada vez mais com o demente que havíamos conseguido capturar.

Ela estava até poderosa quando me levou junto para o interrogatório de Halpern, o que transferiu minha intranquilidade a um novo nível. Fiquei observando Deborah quando entramos na sala onde ele estava sentado. Não consegui me lembrar da última vez que a tinha visto tão feliz. Ela até se esqueceu de usar sua expressão de desaprovação eterna. Aquilo era perturbador, uma completa violação da ordem natural das coisas, como se de uma hora para a outra todos na I-95 começassem a dirigir devagar e com cuidado.

- Bom, Jerry - começou ela alegremente quando nos sentamos bem na frente dele. - Gostaria de começar a falar sobre as duas garotas?

- Não há nada pra falar - disse. Ele estava pálido, quase esverdeado, mas também parecia muito mais determinado do que quando o prendemos. - Você está cometendo um erro. Eu não fiz nada.

Deborah olhou para mim com um sorriso e fez que não com a cabeça.

- Ele não fez nada - declarou alegremente.

- É possível - falei. - Alguém pode ter colocado as roupas com sangue no apartamento enquanto ele assistia o Letterman.

- Foi isso que aconteceu, Jerry? Alguém colocou as roupas com sangue em seu apartamento?

Se é que era possível, ele pareceu mais pálido.

- Que... sangue? Do que estão falando?

Ela sorriu para ele.

- Achamos uma de suas calças com sangue, Jerry. E combina com o sangue da vítima. Achamos um sapato e uma meia do mesmo jeito. E encontramos uma digital com sangue no seu carro. Sua digital com o sangue delas.

Deborah se recostou na cadeira e cruzou os braços. - Isso faz com que você se lembre de algo, Jerry?

Halpern começou a sacudir a cabeça de forma negativa, enquanto Deborah falava, e ainda continuou depois, como se fosse um estranho tipo de reflexo que ele nem sabia que tinha.

- Não, isso não é possí... não.

- Não, Jerry? - disse Deborah. - O que quer dizer com não?

Ele continuava negando com a cabeça. Uma gota de suor voou e se esborrachou na mesa, e consegui ouvi-lo tentando respirar.

- Por favor... isso é uma loucura. Não fiz nada. Por que vocês... isso parece Kafka, eu não fiz nada.

Deborah se virou para mim e levantou uma sobrancelha.

- Kafka?

- Ele acha que é uma barata - respondi a ela.

- Sou só uma policial estúpida, Jerry - disse ela. - Não sei nada de Kafka. Mas conheço provas concretas quando vejo. E quer saber, Jerry? Estou vendo muitas em seu apartamento.

- Mas eu não fiz nada - ele suplicou.

- Certo - disse Deborah dando de ombros. - Então precisa me ajudar. Como todas aquelas coisas foram parar em seu apartamento?

- Deve ter sido o Wilkins - ele falou e parecia surpreso consigo mesmo, como se outra pessoa tivesse dito aquilo.

- Wilkins? - perguntou Deborah, se virando para mim.

- O professor com um escritório do lado do de Halpern? - devolvi com outra pergunta.

- Sim, esse mesmo - confirmou Halpern, ficando animado repentinamente e se inclinando para a frente. - Foi o Wilkins, só pode ter sido ele.

- O Wilkins fez tudo - disse Deborah. Ele usou suas roupas, matou as meninas e depois colocou as roupas de volta em seu apartamento.

- Sim, deve ter sido isso.

- Por que ele faria isso?

- Nós dois temos a chance de virar professor titular - disse ele. - Mas só um vai ficar com a vaga.

Deborah o encarou como se ele tivesse sugerido dançar pelado.

- Professor titular - disse ela finalmente, e havia surpresa em sua voz.

Isso mesmo - disse ele defensivamente. - É a parte mais importante de uma carreira acadêmica.

- Importante o suficiente para matar alguém? - perguntei

Ele encarou um ponto da mesa.

- Foi o Wilkins - disse.

Deborah o encarou por um minuto com cara de tia afetuosa olhando para o sobrinho preferido. Ele olhou para ela por alguns segundos, piscou e voltou a olhar para a mesa, depois para mim e para a mesa de novo. Como o silêncio continuou, ele acabou olhando de novo para Deborah.

- Certo, Jerry, se isso é o melhor que pode fazer, acho que é hora de ligar pro seu advogado.

Ele esbugalhou os olhos para ela, mas pareceu não conseguir pensar em nada para dizer, por isso Deborah se levantou e foi em direção à porta, e eu a segui.

- Peguei ele - disse ela no corredor. - O filho da mãe está frito. O jogo acabou.

E ela estava brilhando com tanto positivismo que não pude deixar de falar:

- Se é que foi ele.

Ela sorriu para mim.

- Claro que foi ele, Dex. Jesus. Não se menospreze. Você fez um bom trabalho, mas por sorte conseguimos pegar o cara de primeira.

- É, acho que sim - respondi.

Ela colocou a cabeça de lado e olhou para mim, ainda sorrindo em completa satisfação.

- O que foi, Dex? Está meio estressado por causa do casamento?

- Não foi nada - respondi. - A vida na Terra nunca foi tão harmoniosa e prazerosa. Eu só... - e aqui eu hesitei, porque realmente não sabia o que era exatamente. Havia apenas uma sensação que não ia embora e que não fazia sentido, uma sensação de que algo não estava certo ali.

- Eu sei, Dex - ela falou em uma voz meiga que fez as coisas parecerem ainda piores. - Parece fácil demais mesmo. Mas pense nas merdas que acontecem com a gente todos os dias em todos os outros casos. É razoável que de vez em quando tenhamos um caso mais fácil, não?

- Não sei - respondi. - Sinto que tem algo errado.

Ela bufou.

- Com o tanto de provas conclusivas que conseguimos ligadas a esse cara, ninguém se importa com uma sensação de que algo está errado. Por que você não pode se animar e aproveitar um bom dia de trabalho?

Sei que era um ótimo conselho, mas não consegui segui-lo. Mesmo sem ter um sussurro familiar me dando dicas quentes, alguma coisa me incomodava.

- Ele não age como se estivesse mentindo - falei sinceramente.

Deborah deu de ombros.

- Ele é louco. E não é problema meu. Ele é o assassino.

- Mas se ele for psicótico de alguma forma, por que só agora isso estourou de uma vez? Quer dizer, ele tem trinta e tantos anos e só agora resolveu fazer algo? A coisa não se encaixa.

Deborah deu um tapinha no meu ombro e sorriu novamente.

- Um bom argumento, Dexter. Por que não pega seu computador e checa o passado dele? Aposto que vai encontrar algo. - Ela deu uma olhada no relógio. - Pode fazer isso logo depois da coletiva de imprensa, tá bom? Vamos, não posso me atrasar.

E eu a segui obedientemente, imaginando por que eu sempre me voluntariava para fazer trabalho extra.

Deborah tinha recebido a grande dádiva de liderar uma coletiva de imprensa, algo de que o capitão Matthews não abria mão facilmente. Era a primeira dela como detetive principal em um caso grande com frenesi midiático, e ela claramente tinha estudado como se vestir e falar para os jornais noturnos. Deborah guardou o sorriso e qualquer outro sinal de emoção e falou frases secas no perfeito dialeto dos policiais. Apenas alguém que a conhecia tanto como eu podia perceber a grande e fora do comum felicidade que borbulhava por baixo daquele rosto sem expressão.

Fiquei em pé no fundo da sala e assisti minha irmã fazer uma série de declarações radiantemente mecânicas, explicando que tinha prendido um suspeito dos crimes hediondos na universidade e que assim que a culpa dele fosse comprovada sem sombra de dúvida, seus grandes amigos da imprensa seriam os primeiros a saber. Ela estava claramente feliz e orgulhosa e teria sido maldade de minha parte aventar a possibilidade de algo não estar certo em relação à culpa de Halpern, ainda mais que eu não sabia exatamente o que estava errado, e mesmo se eu soubesse.

Ela tinha quase certeza - Halpern era culpado e eu estava sendo idiota e ranzinza, jogando fora a voz da razão por causa do meu Passageiro perdido. O eco da ausência dele era o que me deixava inquieto, e não uma dúvida de verdade a respeito de um caso que não significava nada para mim. Quase certeza...

E lá estava o quase de novo. Até então, eu tinha vivido a vida sempre com casos absolutos - não tinha nenhuma experiência com "quase", e era inquietante e muito perturbador não ter aquela vozinha da certeza me dizendo o que era o que, sem dúvidas ou incertezas. Comecei a perceber quanto ficava desamparado sem o Passageiro das Trevas. Mesmo no meu emprego diurno as coisas não eram mais simples.

De volta ao meu cubículo, me sentei na cadeira, joguei o corpo para trás e fechei os olhos. Tem alguém aí?, perguntei esperançosamente. Não havia. Apenas um espaço vazio que começava a doer, agora que a terrível surpresa estava passando. Com o fim da distração que o trabalho estava me proporcionando, não havia mais nada que me afastasse de começar a sentir pena de mim mesmo. Eu estava sozinho em um mundo mau, sombrio e cheio de coisas terríveis iguais a mim. Ou, pelo menos, como o eu que eu costumava ser.

Aonde o Passageiro poderia ter ido e por que ele foi para lá? Se algo o havia assustado, o que

poderia ter sido? O que poderia assustar algo que vivia na escuridão e só despertava quando as facas apareciam?

Essas coisas me levaram a pensar em algo novo e bastante indesejável: Será que essa coisa que assustou o Passageiro foi atrás dele em seu exílio, ou será que estava farejando e vindo atrás de mim? Estaria eu em perigo e sem nenhuma chance de me defender - sem ter como saber se uma ameaça mortal está bem atrás de mim até que sua baba caia no meu pescoço?

Sempre ouvi dizer que é bom ter novas experiências, mas esta era pura tortura. Quanto mais pensava nisso, menos entendia o que estava acontecendo comigo, e a dor aumentava cada vez mais.

Bom, claro que existia um remédio para a penúria, e era trabalhar pesado em algo completamente inútil. Virei a cadeira para ficar de frente para o computador e comecei a trabalhar.

Em apenas alguns minutos consegui acesso à vida inteira do doutor Gerald Halpern, o PhD. Claro que não foi só colocar o nome dele no Google e pronto. Houve um problema, por exemplo, com arquivos fechados por segredo de justiça, o que fez com que eu perdesse cinco minutos para conseguir ter acesso a eles. Mas quando consegui, eles valeram o esforço, e me encontrei pensando: Ora, ora, ora... E porque naquele momento eu estava tragicamente sozinho internamente, sem ninguém para ouvir meus pensamentos, resolvi falar em voz alta: Ora, ora, ora...

Os arquivos de lares adotivos eram interessantes o suficiente, e não porque senti uma ligação com Halpern por ter um passado de órfão igual ao dele. Eu tinha recebido um lar mais do que adequado, com uma bela família, Harry, Dóris e Deborah, diferentemente de Halpern, que tinha mudado várias vezes de casas e abrigos até chegar à Universidade de Syracuse.

Mas muito mais interessante do que isso era o arquivo que ninguém deveria abrir sem um mandato, uma ordem judicial e uma tabuleta de pedra vinda diretamente das mãos de Deus. Quando terminei de ler pela segunda vez, minha reação foi ainda mais forte.

- Ora, ora, ora, ora - falei, um pouco desconfortável pelo eco que as palavras causavam em meu escritório pequeno e vazio. E como revelações profundas são sempre mais dramáticas com uma audiência, peguei o telefone e liguei para minha irmã.

Em alguns minutos ela entrou em meu cubículo e se sentou.

- O que foi que você encontrou?

- O doutor Gerald Halpern tem um passado daqueles - falei pronunciando as palavras cuidadosamente para que ela não pulasse a mesa e me abraçasse.

- Eu sabia - disse ela. - O que encontrou?

- Não é nada que ele tenha feito - retruquei. - É mais o que fizeram com ele.

- Para de enrolar. O que é?

- Para começar, aparentemente ele é órfão.

- Vamos, Dexter, vai logo ao que interessa.

Levantei uma mão tentando acalmá-la, mas aquilo claramente não funcionou, pois ela começou a bater os nós dos dedos na mesa.

- Estou tentando montar um quadro da situação, mana.

- Então monte mais rápido.

- Certo. Halpern entrou no sistema de adoções no interior de Nova York, quando foi encontrado vivendo em uma caixa embaixo de um viaduto. Acabaram achando os pais dele, que tinham morrido recentemente, vítimas de uma desagradável violência. Mas parecia ter sido uma violência merecida.

- O que quer dizer com isso, caralho?

- Os pais dele o alugavam para pedófilos - falei.

- Jesus - disse ela, e dava para ver que tinha ficado um pouco chocada. Mesmo para os padrões de Miami isso era um pouco demais.

- E Halpern não se lembra de nada disso. Ele tem falhas de memória quando está sob forte estresse, diz o arquivo. Faz sentido. Apagar é provavelmente uma resposta condicionada a um trauma repetido. Isso acontece mesmo.

- Bom. foda-se - disse ela e por dentro eu aplaudi sua elegância. Ele esquece das merdas. Você tem que admitir que isso se encaixa. A garota tenta acusá-lo de estupro, ele já está preocupado com a vaga de professor titular ... Resultado: ele fica estressado e a mata sem nem saber o que fez.

- Tenho mais umas coisas para acrescentar - continuei, e tenho que admitir que gostei do momento dramático um pouco mais do que o necessário. - Pra começar, tem a morte dos pais dele.

- Qual o problema? - perguntou, com total falta de apreço teatral.

- A cabeça deles foi cortada e depois alguém pôs fogo na casa.

Deborah se endireitou na cadeira.

- Merda!

- Pensei a mesma coisa - falei.

- Deus do céu, Dex, isso é bom demais. Ele tá fodido.

- Bom - falei. - Realmente se encaixa no padrão.

- Com certeza - disse ela. - Então ele matou os pais?z

Dei de ombros.

- Não conseguiram provar nada, caso contrário ele teria ido para um reformatório. Foi tão violento que ninguém conseguiu acreditar que uma criança faria aquilo. Mas eles tinham quase certeza de que ele estava lá e viu o que aconteceu.

Ela me lançou um olhar duro.

- Então o que tem de errado nessa história? Você ainda acha que não foi cie? Tipo, você está tendo um daqueles seus pressentimentos agora?

Demorei muito mais tempo do que devia e fechei meus olhos por um momento. Ainda não havia nada ali além do escuro e do vazio. Meus famosos pressentimentos eram baseados em coisas sussurradas a mim pelo Passageiro das Trevas e, sem ele por perto, eu não tinha nada.

- Não tenho tido muitos pressentimentos ultimamente - admiti. - Mas tem alguma coisa me incomodando neste caso. É só...

Abri os olhos e Deborah estava me encarando. Pela primeira vez naquele dia havia algo mais no rosto dela além da alegria borbulhante, e por um momento achei que ela fosse perguntar o que eu queria dizer e se tinha certeza. Não tenho ideia do que diria se ela tivesse perguntado, pois o Passageiro das Trevas era algo que eu nunca tinha discutido com ela e a ideia de dividir uma informação tão íntima como aquela era perturbadora.

- Não sei o que é - falei meio fraco. - Apenas não parece certo.

Deborah sorriu gentilmente. Eu teria me sentido melhor se ela tivesse bufado ou mandado me foder, mas ela sorriu e esticou a mão para pousar sobre a minha.

- Dex - ela começou, suavemente -, as provas são mais do que suficientes. O passado se encaixa. O motivo é bom. Você admitiu que não é uma de suas... intuições. - Ela deitou a cabeça de lado, ainda sorrindo, o que me deixou ainda mais desconfortável. - Este aqui já está resolvido, mano. Seja lá o que esteja te incomodando, não deve ter relação com o caso. Foi ele, nós o pegamos, ponto final. - Ela soltou a minha mão antes que um de nós dois começasse a chorar. - Mas estou um pouco preocupada com você.

- Estou bem - falei, e aquilo soou falso até mesmo para mim.

Deborah me olhou por um longo momento e então se levantou.

- Tá bom - disse. - Mas pode contar comigo para o que precisar - então se virou e saiu.

De alguma forma eu consegui resistir à sopa cinzenta que foi o resto daquele dia e, no fim dele, consegui voltar para a casa de Rita, onde a sopa se transformou em uma geleia de privação sensorial. Não sei o que teve no jantar ou o que conversamos. A única coisa que tentei ouvir foi o som do Passageiro das Trevas retornando apressado, mas esse som eu não ouvi. Então, passei a noite no piloto automático e finalmente fui para a cama, ainda completamente transformado no Tolo e Vazio Dexter.

Fiquei muito surpreso em descobrir que dormir não é algo automático para os humanos nem para o semi-humano no qual eu estava me transformando. O meu antigo eu, o Destemido Dexter, teria dormido tranquilamente e com grande facilidade, apenas se deitando, fechando os olhos e pensando "Um, dois, três, AGORA!" e pronto, estaria dormindo.

Mas o Novo Modelo de Dexter não tinha tanta sorte.

Me atirei na cama, me virei, ordenei ao meu pobre eu que dormisse imediatamente e parasse de enrolar, mas nada disso funcionou. Não conseguia dormir. Só conseguia ficar ali deitado de olhos abertos e imaginando o porquê daquilo.

E quanto mais a noite passava, mais eu era carregado pela terrível introspecção. Será que estive me enganando a vida toda? E se minha vida não fosse formar a velha dupla Destemido Retalhador Dexter e seu Sagaz Parceiro Passageiro? E se eu fosse, na verdade, apenas o Motorista das Trevas, com permissão de morar em um quartinho da mansão em troca de levar o patrão a seus encontros marcados? E se meus serviços não fossem mais necessários, qual seria a minha função agora que o chefe tinha se mudado? Quem eu seria se não fosse mais eu mesmo?

Não eram pensamentos felizes e não me deixaram feliz. Também não me ajudaram a dormir. Como já tinha me virado e me esticado exaustivamente sem ficar exausto, agora me concentrava em girar e chacoalhar, com os mesmos resultados anteriores. Finalmente, por volta das 3h30, devo ter atingido a combinação correta de movimentos sem sentido e acabei caindo em um sono desconfortável.

O som e o cheiro do bacon sendo frito me acordaram. Olhei o relógio e eram 8h32, o mais tarde que já acordei. Claro que era sábado de manhã, por isso Rita deixou que eu permanecesse em minha miserável inconsciência. E agora recompensaria a minha volta à terra dos acordados com um café da manhã beneficente. Viva!

Mas o café da manhã acabou mesmo tirando um pouco do meu mau humor. É bem difícil manter um real sentimento de total depressão e de grande inutilidade quando se está cheio de comida, por isso acabei parando de tentar na metade de um excelente omelete.

Cody e Astor já estavam acordados havia horas, como sempre - os sábados de manhã eram o período que tinham para assistir TV sem restrição de tempo, e normalmente eles aproveitavam para assistir a uma série de desenhos que com certeza não existiriam se o LSD não tivesse sido inventado. Eles nem notaram quando passei por eles e me arrastei até a cozinha, continuaram grudados na imagem de um utensílio doméstico falante enquanto eu terminava de comer, tomava uma última xícara de café e decidia dar mais um dia de chance à vida para que tudo se resolvesse.

- Estava bom? - Rita perguntou enquanto eu punha minha caneca de café na mesa.

- O omelete estava uma delícia - falei. - Obrigado.

Ela sorriu e se levantou para me dar um beijo na bochecha antes de tirar a mesa e começar a lavar a louça.

- Não se esqueça de que prometeu dar uma volta com Cody e Astor hoje ile manhã - disse

ela por cima do barulho da água da torneira.

- Eu prometi?

- Você sabe que hoje tenho uma prova do vestido do casamento, Dexter. Falei pra você há semanas e sua resposta foi que estava tudo bem, que cuidaria das crianças enquanto faço a prova lá na Susan, e depois preciso ir ao florista escolher alguns arranjos, o Vince também se ofereceu pra me ajudar com isso, ele disse que tem um amigo...

- Ah, duvido muito - falei, pensando em Manny Borque. - Não o Vince.

- Mas eu disse "não, obrigada" para ele. Espero que não se importe.

- Tudo bem - falei. - Afinal, só temos uma casa para vender e pagar por tudo.

- Não quero que Vince fique magoado, e tenho certeza de que ele é maravilhoso, mas compro flores no Hans faz muito tempo e ele ficaria muito triste se não fizer o meu casamento com ele.

- Tudo bem - falei. - Fico com as crianças.

Esperava ter a chance de devotar um bom tempo à minha miséria pessoal e entender por onde começar a resolver o problema da falta do Passageiro. Fora isso, seria bom apenas relaxar um pouco, talvez até recuperar um pouco do precioso sono perdido na noite anterior, que era meu direito sagrado.

Afinal de contas, era sábado. Muitas religiões conceituadas e sindicatos recomendavam que esse dia fosse para o descanso e o aprimoramento pessoal; isto é, se afastar da rotina diária com um merecido descanso e recreação. Mas agora Dexter era mais ou menos um homem de família, o que mudava tudo, como eu estava aprendendo. E com Rita correndo por aí como um tornado por causa dos preparativos do casamento, era imperativo que eu acompanhasse Astor e Cody para longe daquele pandemônio, de preferência para a proteção de alguma atividade aprovada pela sociedade e apropriada para desenvolver os laços entre adultos e crianças.

Depois de estudar cuidadosamente minhas opções, escolhi o Museu de Ciências e Planetário de Miami, afinal, estaria cheio de outros grupos familiares, e isso me ajudaria a manter o meu disfarce - e começaria a ensinar as crianças a treinarem os delas. Se elas planejavam embarcar no Caminho das Trevas, precisavam começar a entender imediatamente que quanto mais anormal a pessoa for, mais importante é o fato de ela ter que parecer normal.

E ir ao museu com o Idolatrado Papai Dexter era algo que pareceria enormemente normal para nós três. E ainda tinha o bônus de ser algo Bom para Eles, uma grande vantagem, não importando o fato de eles não terem gostado nem um pouco.

Entramos no meu carro e segui em direção norte pela U.S. 1, prometendo à rodopiante Rita que voltaríamos sãos e salvos para o jantar. Dirigi por Coconut Grove e logo estávamos entrando no estacionamento do museu. Mas não entramos gentilmente na exposição logo de cara. No estacionamento, Cody saiu do carro e ficou lá parado. Astor olhou para ele por um momento e então se virou para mim:

- Por que temos que entrar aí?

- Faz parte da educação de vocês - respondi.

- Eca - disse ela, e Cody concordou com a cabeça.

- É importante que nós passemos um tempo juntos - falei.

- Em um museu?. - ela perguntou. - Isso é patético.

- Esta é uma linda palavra. Onde você a aprendeu?

- Não vamos entrar aí - ela falou. - Queremos fazer algo.

- Vocês já vieram a este museu?

- Não - disse ela prolongando a palavra de maneira desdenhosa, como só uma garota de dez anos sabe fazer.

- Bom, vocês podem se surpreender. E talvez até aprendam alguma coisa.

- Não é o que queremos aprender. Não em um museu - disse ela.

- O que é que vocês acham que querem aprender? - falei e me surpreendi em como eu parecia um adulto paciente.

Astor fez uma expressão daquelas.

- Você sabe - falou. - Você disse que ia mostrar umas coisas para nós.

- E como sabe que não é isso que estou fazendo?

Por um momento, ela olhou para mim com incerteza e então se virou para Cody. O que quer que tenham conversado, não precisaram de palavras. Quando se virou para mim novamente, estava segura de si e pronta para negociar.

- Sem chance!

- E o que sabem a respeito das coisas que vou mostrar a vocês?

- Dexter - ela começou -, por que mais pediríamos para você nos mostrar coisas?

- Porque não sabem nada a respeito delas e eu sei.

-Dãã!

- O curso de vocês começa naquele prédio - falei, usando a minha expressão mais séria. - Me sigam e aprendam. - Olhei para eles um pouco, observando sua incerteza crescer, então me virei e fui em direção ao museu. Talvez eu estivesse apenas ranzinza por ter dormido pouco, e não estava certo de que eles me seguiriam, mas tinha que estabelecer as regras logo. Eles tinham que fazer as coisas do meu jeito, da mesma maneira que, há muito tempo, tive de entender que precisava ouvir Harry e fazer as coisas do jeito dele.

CAPÍTULO 15

NUNCA É FÁCIL TER QUATORZE ANOS, MESMO PARA OS HUMANOS ARTIFICIAIS. É a idade da qual a biologia toma conta, e mesmo quando o tal garoto de quatorze anos é mais interessado em biologia clínica do que na garota mais popular de quem seus colegas de classe na escola Ponce de Leon gostam, os hormônios continuam comandando com mão de ferro.

Uma das características imperativas da puberdade, que se aplica até para jovens monstros, é que ninguém com mais de vinte anos sabe de nada. E como Harry tinha muito mais do que isso naquela época, passei por um breve período de rebelião contra suas restrições irracionais a respeito de meus desejos completamente naturais e saudáveis de retalhar em pequenos pedaços meus colegas de escola.

Harry bolou um incrível plano lógico para me enquadrar, que era o termo que ele usava ao fazer as coisas - ou pessoas - ficarem limpas e ordenadas. Mas não tem nada de lógico em um Passageiro das Trevas flexionando suas asas e as batendo contra as barras da jaula, desejando respirar livremente e cair sobre sua presa como uma lança afiada.

Harry sabia tantas coisas de que eu precisava para me tornar um eu mais seguro e silencioso, me transformando de um monstro selvagem em desenvolvimento em um Vingador das Trevas: como agir como humano, como ser cuidadoso e ter certeza, como limpar tudo depois. Ele sabia muitas coisas que apenas um velho policial como ele poderia saber. Eu entendi aquilo, mesmo na época - apesar de parecer algo idiota e desnecessário.

E Harry não tinha como saber tudo, claro. Ele não sabia, por exemplo, nada a respeito de Steve Gonzales, um charmoso exemplo de puberdade humana que chamou minha atenção.

Steve era maior que eu e um ou dois anos mais velho; ele já tinha algo acima de seu lábio superior que dizia ser um bigode. Fazia uma matéria comigo e sentia que seu trabalho na Terra era tornar minha vida miserável sempre que possível. Se tivesse razão, Deus devia estar muito satisfeito com os esforços dele.

Isso aconteceu bem antes de Dexter ser uma Pedra de Gelo Ambulante, por isso, um sentimento bem duro e quente se formou dentro de mim. Aquilo parecia agradar Steve e levá-lo a dar passos cada vez maiores e mais criativos na perseguição do jovem e fervilhante Dexter. Nós dois sabíamos que só havia um jeito de aquilo acabar, mas coitado dele, pois não era o que ele tinha em mente.

Assim, uma tarde, um infeliz e dedicado zelador entrou no laboratório de biologia da Ponce de Leon e encontrou Dexter e Steve resolvendo seus problemas pessoais. Não era o clássico duelo de estudantes com palavrões e socos, apesar de eu achar que era isso que o Steve tinha em mente. Mas ele não esperava confrontar o jovem Passageiro das Trevas, por isso o zelador encontrou Steve preso à mesa com uma fita adesiva cinza em sua boca, e Dexter parado ao lado dele com um bisturi, tentando se lembrar do que tinha aprendido na aula de biologia no dia em que dissecaram um sapo.

Harry veio me buscar com um carro de polícia e de uniforme. Ele ouviu o ultrajado assistente do diretor, que descreveu a cena, citou o regulamento da escola e perguntou a Harry o

que ele iria fazer. Harry apenas o encarou até que as palavras virassem silêncio. Continuou olhando para ele por um momento, e então virou seus frios olhos azuis para mim.

- Você fez o que ele está dizendo que fez, Dexter?

Com aquele olhar, não havia a menor chance de escapar ou mentir.

- Sim - falei. Ele acenou com a cabeça.

- Viu só? - disse o assistente. Ele achou que diria mais alguma coisa, mas Harry voltou a olhar para ele, e com isso ficamos em silêncio de novo.

Ele olhou para mim novamente.

- Por quê? - perguntou.

- Ele estava me infernizando. - Aquilo soou medíocre, mesmo para mim, por isso acrescentei - Muito. O tempo todo.

- Então você o prendeu a uma mesa com fita adesiva - disse ele sem alterar sua voz.

- Rã-rã!

- E então pegou um bisturi.

- Eu queria que ele parasse.

- Por que não contou para alguém? - Harry me perguntou.

Dei de ombros, que era uma das coisas que mais fazia naquela época.

- Por que não contou para mim? - ele perguntou.

- Posso resolver as coisas sozinho.

- Bom, parece que você não resolveu essa muito bem - ele falou.

Não parecia haver muito que eu pudesse fazer, por isso, como seria natural, preferi olhar os meus pés. Infelizmente, eles não pareciam ter nada a acrescentar, e olhei para cima de novo. Harry ainda me encarava, e de alguma forma ele não precisava mais piscar. Também não parecia bravo, e eu não estava com medo dele, e essa combinação me fazia ficar mais desconfortável ainda.

- Me desculpe - falei finalmente. Não tenho certeza se acreditava naquilo, e, se interessa, até hoje não sei se realmente consigo me sentir culpado por algo que fiz. Mas parecia o correto a se fazer, e mais nada surgiu em meu cérebro adolescente lotado de hormônios e incertezas. E mesmo sabendo que Harry não acreditava nas minhas desculpas, ele acenou com a cabeça.

- Vamos embora.

- Espere um pouco - disse o assistente. - Ainda precisamos discutir algumas coisas.

- Você quer dizer o fato de ter deixado um conhecido valentão irritar meu menino a ponto de levá-lo àquele confronto apenas por falta de supervisão adequada? Quantas vezes o outro garoto recebeu advertências?

- Mas o ponto não é esse - o assistente tentou começar a dizer.

- Então talvez seja a respeito de vocês deixarem bisturis e outros equipamentos perigosos em lugares de fácil acesso, destrancados e em uma sala sem ninguém tomando conta?

- Olha, policial...

- Vou te dizer uma coisa - falou Harry -, prometo que farei vista grossa para a péssima condução de vocês neste caso, se me prometer que vão se esforçar para melhorar as coisas por aqui.

- Mas este garoto... - ele tentou falar.

- Eu vou cuidar dele. E você resolve os outros problemas, para que eu não tenha que ligar para toda a diretoria.

E isso foi tudo. Não havia como ganhar uma discussão com Harry, fosse você um suspeito de assassinato, o presidente do Rotary Clube ou um jovem monstro rebelde. O assistente abriu e fechou a boca algumas vezes, mas nenhuma palavra de verdade saiu de lá. Harry olhou para ele

por um momento e então se virou para mim e repetiu:

- Vamos embora.

Harry ficou em silêncio todo o caminho até o carro, e não era um silêncio sociável. Não falou nada quando saímos do estacionamento em direção ao norte, pegando a Dixie Highway - em vez de dar a volta na escola e ir na direção habitual, Granada e Hardee até chegar à nossa pequena casa em Grove. Olhei para ele quando virou, mas ainda não tinha nada para me dizer, e sua expressão não encorajava qualquer tipo de conversa. Ele olhava diretamente para a frente e dirigia - rápido, mas não o suficiente para ter que ligar a sirene.

Harry virou à esquerda na 17ª Avenida e por um momento tive o insano pensamento de que ele estava me levando para o Orange Bowl. Mas passamos diante da entrada do estádio e continuamos, passamos por cima do rio Miami e entramos à direita na North River Drive e agora eu sabia para onde estávamos indo, mas ainda não sabia por quê. Harry ainda não havia dito qualquer palavra ou olhado para mim, e naquela tarde comecei a sentir uma opressão crescente que não tinha nada a ver com as nuvens de chuva que começavam a se formar no horizonte.

Harry parou o carro e finalmente falou:

- Vamos entrar. - Olhei para o lado, mas ele já estava saindo do carro, então saí também e o segui até o presídio.

Harry era bem conhecido por ali, como era em todos os lugares onde os bons policiais eram reconhecidos. Ele foi seguido por cumprimentos de Harry! ou Ei, sargento! por toda a entrada e também pelo corredor que levava até o bloco das celas. Eu o seguia enquanto minha sensação de mau pressentimento crescia. Por que Harry tinha me trazido à cadeia? Por que não estava me dando bronca, dizendo que estava desapontado comigo e me punindo de forma dura, mas justa?

Nada do que ele fez, ou sua recusa em dizer algo, me dava alguma pista. Por isso continuei indo atrás dele. Finalmente fomos parados por um dos guardas. Harry o levou de lado e falou bem baixinho; o guarda olhou para mim e assentiu com a cabeça, e então nos levou até o fundo da carceragem.

- Chegamos - falou o guarda. - Aproveitem - disse, apontando com a cabeça para a figura que estava na cela, dando uma rápida olhada em mim e depois indo embora, deixando Harry e eu novamente em nosso desconfortável silêncio.

No começo, Harry nada fez para acabar com aquele silêncio. Ele se virou para olhar a cela e a figura pálida lá dentro se mexeu, levantou e veio até as grades.

- Nossa, é o sargento Harry - disse alegremente. - Como vai, Harry? Muito simpático de sua parte aparecer para uma visita.

- Oi, Carl - disse Harry. Finalmente se virou para mim e falou: - Este é o Carl, Dexter.

- Que belo rapaz você é, Dexter. Muito prazer em conhecê-lo.

Os olhos de Carl eram brilhantes e vazios, mas atrás deles eu quase podia ver uma enorme sombra escura, e algo dentro de mim piricou e tentou fugir da grande e poderosa coisa que vivia atrás daquelas barras. Ele não parecia particularmente muito grande ou poderoso - aliás, era até bem agradável de uma forma superficial, com seu cabelo loiro certinho e suas feições comuns -, mas tinha algo nele que me deixava muito desconfortável.

- Trouxeram o Carl ontem. Ele matou onze pessoas.

- Ah, bom - disse Carl de forma modesta. - Mais ou menos isso.

Lá fora ouvimos um estrondoso trovão e começou a chover. Olhei para Carl com grande interesse; agora eu sabia o que tinha perturbado o meu Passageiro das Trevas. Estávamos apenas começando, mas ali havia alguém que já tinha ido e voltado umas onze vezes, mais ou menos. Pela primeira vez entendi o que meus colegas da escola sentiam ao se encontrar com um jogador profissional de futebol americano.

- Carl gosta de matar pessoas - disse Harry em tom informativo. - Não é isso, Carl?
- Me mantém ocupado - respondeu o preso.
- Até que pegamos você - disse Harry sem rodeios.
- Bom, sim, realmente tem isso. Mesmo assim... - ele deu de ombros e lançou um sorriso falso a Harry - foi divertido enquanto durou.
- Você ficou descuidado.
- Sim - respondeu Carl. - Como poderia saber que a polícia seria tão meticulosa?
- Como você fazia? - perguntei, não me aguentando.
- Ah, não foi difícil...
- Não, quero dizer, tipo, como você matava?
Carl me encarou de forma a me examinar, e quase pude ouvir um ronronar vindo da sombra atrás de seus olhos. Por um momento, nossos olhares se encontraram e o mundo foi preenchido pelo som negro de dois predadores se encontrando sobre uma pequena e desprotegida presa.
- Ora, ora - disse Carl. - Será possível? - ele se virou para Harry quando eu comecei a me contorcer. - Por acaso sou algum tipo de objeto de estudo, sargento? Para assustar o seu garoto e levá-lo de volta ao correto caminho da bondade?
Harry também o encarou, sem falar nada e não demonstrando qualquer emoção.
- Bom, sinto muito, mas tenho que lhe dizer que não há saída deste caminho particular, pobre Harry. Quando se está nele, a coisa é para a vida toda, talvez até para depois dela também, e não há nada que eu, você ou esta agradável criança possa fazer a respeito.
- Há uma coisa que pode ser feita - retrucou Harry.
- Jura? - falou Carl, e agora uma nuvem negra parecia estar se formando lentamente em torno dele, combinando com os dentes de seu sorriso e abrindo suas asas em direção a Harry e a mim. - E o que seria isso, se não se importa em me dizer?
- Não ser pego.
Por um momento a nuvem negra congelou, depois começou a se dissipar e sumiu.
- Oh, meu Deus - disse Carl. - Como eu gostaria de saber rir direito. - Ele sacudiu sua cabeça para os lados. - Você está falando sério mesmo, não? Oh, meu Deus. Você é um pai maravilhoso, sargento Harry. - E nos deu um enorme sorriso que quase parecia real.
Harry virou seu olhar azul e gelado para mim.
- Ele foi pego porque não sabia aonde estava indo. E agora vai para a cadeira elétrica. Porque não sabia o que a polícia estava fazendo. Porque... - ele falou sem levantar a voz nem piscar uma vez sequer - ele não tinha treinamento.
Olhei para Carl que nos assistia por trás das grades com seus olhos muito brilhantes e vazios. Foi pego. Olhei de novo para Harry.
- Entendi - falei.
E tinha entendido mesmo.
Aquilo foi o fim da minha rebeldia juvenil.

Agora, tantos anos depois - maravilhosos anos, cheios de cortes e retalhos sem ser pego -, sabia de verdade que grande aposta Harry tinha feito ao me apresentar Carl. Não podia imaginar que conseguiria ter uma performance tão boa como a dele - afinal, Harry fez aquelas coisas por que tinha sentimentos, algo que eu nunca terei -, mas posso seguir seu exemplo e fazer com que

Cody e Astor entrem na linha. Vou apostar, exatamente como Harry fez.

Talvez eles me sigam, talvez não.

CAPÍTULO 16

ELES ME SEGUIRAM.

O museu estava cheio de grupos de cidadãos curiosos procurando conhecimento - ou o banheiro, pelo que vi. A maioria tinha entre 2 e 10 anos, e parecia haver um adulto para cada sete crianças. Eles se moviam como um colorido bando de papagaios, indo pra cá e pra lá nas exposições com um grasnado alto que, apesar de ser composto de umas três línguas diferentes, soava como se fosse um único som. A língua internacional das crianças.

Astor e Cody pareciam estar um pouco intimidados pela multidão e permaneciam bem perto de mim. Era um agradável contraste ao espírito do pouco aventureiro Dexter que parecia dominá-los o resto do tempo, por isso tentei me aproveitar daquilo levando-os diretamente para a ala das piranhas.

- Com o que elas se parecem? - perguntei.

- Com coisas muito más - disse Cody suavemente, olhando sem piscar para os vários dentes do peixe.

- São piranhas - falou Astor. - Elas podem comer uma vaca inteira.

- Se estivessem nadando e vissem piranhas, o que vocês fariam? - perguntei.

- Mataria elas - respondeu Cody.

- São muitas - explicou Astor. - Você tem que fugir delas e não chegar perto.

- Então, quando virem estes peixes nervosos, vocês vão tentar matá-los e ficar bem longe deles? - os dois assentiram com a cabeça. - E se os peixes fossem muito espertos, como as pessoas, o que acha que eles fariam?

- Usariam um disfarce - disse Astor sorrindo.

- Isso mesmo - respondi, e até Cody sorriu. - Que disfarce vocês recomendariam, uma peruca e uma barba?

- Dexter - disse Astor -, eles são peixes, e peixes não usam barba.

- Ah - falei. - Então eles ainda iriam querer se parecer com peixes?

- É claro - disse ela, como se eu fosse burro demais para entender palavras complicadas.

- Que tipo de peixe? Uns grandões, tipo tubarão?

- Normais - disse Cody. Sua irmã olhou para ele e depois concordou com a cabeça.

- Qualquer um que exista em grande quantidade por lá - completou ela. - Algo que não assuste a coisa que ele quer comer.

- Isso mesmo - falei.

Os dois olharam para o peixe por um momento. Foi Cody quem entendeu primeiro. Ele fez uma careta e depois olhou para mim. Sorri de forma encorajadora. Ele sussurrou algo para Astor, que pareceu ficar assustada. Ela abriu a boca para dizer algo e depois parou.

- Ah! - acabou soltando.

- Sim - respondi. - Aah.

Ela olhou para Cody, que desviou o olhar da piranha e olhou para ela. Mais uma vez nada disseram em voz alta, mas uma grande conversa silenciosa aconteceu. Deixei rolar até que olhassem para mim.

- O que podemos aprender com a piranha? - perguntei.

- Não pareça feroz - disse Cody.

- Pareça com algo normal - completou Astor meio ressentida. - Mas, Dexter, peixes não são pessoas.

- Isso é verdade. As pessoas sobrevivem exatamente porque reconhecem as coisas que parecem perigosas. Os peixes são pegos. Nós não queremos ser pegos. - Eles olharam para mim solenemente e depois para o peixe. - O que mais aprendemos hoje? - perguntei depois de um momento.

- Não seja pego - respondeu Astor.

Suspirei. Finalmente um bom começo, mas ainda havia muito trabalho pela frente.

- Vamos - falei. - Hora de ver outras exposições.

Eu não conhecia muito bem o museu, talvez porque até bem pouco tempo eu não tivesse crianças para trazer ao lugar. Então eu estava improvisando, procurando coisas que poderiam fazer com que eles pensassem e começassem a aprender as coisas certas. As piranhas tinham sido um golpe de sorte, tenho que admitir, simplesmente apareceram na minha frente e meu cérebro gigante bolou a lição correta. Achar a próxima feliz coincidência não foi fácil e demandou meia hora circulando no meio de uma multidão homicida de crianças e seus perversos pais até chegamos à exposição dos leões.

E mais uma vez, a aparência feroz e a reputação se mostraram irresistíveis para Cody e Astor, quando fizemos uma parada na entrada da exposição. Era um leão empalhado, claro, acho que é o que as pessoas chamam de diorama, mas aquilo chamou a atenção deles. O leão estava ali, orgulhoso, sobre o corpo de uma gazela, com a boca aberta e os dentes afiados à mostra. Ao lado dele havia duas leoas e um filhote. Havia duas páginas explicando a exposição, e na metade da segunda encontrei o que precisava.

- Bom - falei alegremente -, não estamos felizes por não sermos leões?

- Não - respondeu Cody.

- Aqui diz que quando um leão adulto assume a família de outro leão...

- Isso é conhecido como o orgulho dele - disse Astor. - Já vimos isso em O rei Leão.

- Certo - falei. - Quando um leão toma o orgulho do outro, ele mata todos os filhotes.

- Isso é horrível - disse Astor.

Sorri para mostrar os meus dentes afiados para ela.

- Não, é perfeitamente natural. Ele está protegendo os seus e garantindo que seus filhos sejam os chefes no futuro. Vários predadores fazem a mesma coisa.

- E o que isso tem a ver com a gente? - perguntou Astor. - Você não vai matar a gente quando casar com a mamãe, né?

- Claro que não. Vocês são os meus filhotes agora.

- Então qual é o sentido disso? - ela perguntou.

Abri a boca para começar a explicar e então senti todo o ar sair de dentro de mim. Minha boca continuava aberta, mas eu não conseguia falar, porque meu cérebro fervilhava com um pensamento tão complexo que nem me preocupei em tentar por algum defeito. Vários predadores fazem a mesma coisa, me ouvi dizendo. Para proteger os seus.

O que quer que tenha feito de mim um predador, a morada dele era o Passageiro das Trevas. E agora algo tinha assustado o Passageiro. Seria possível que...

O quê? Um novo papai Passageiro estava ameaçando o meu Passageiro? Já havia me encontrado com muitas pessoas na vida que tinham uma sombra de algo similar ao meu as envolvendo, e nada tinha acontecido com ambas as sombras a não ser um reconhecimento mútuo e alguns rosnados silenciosos. Isso era estúpido demais, mesmo sendo só um pensamento - Passageiros não tinham pais.

Ou será que tinham?

- Dexter - Astor chamou. - Você está nos assustando.

Devo admitir que estava me assustando também. A ideia de que o Passageiro tinha um pai à espreita dele e, com intenções letais, era algo terrivelmente estúpido. Mas por outro lado, pensando bem, de onde o Passageiro tinha vindo? Eu tinha boas razões para acreditar que era algo mais do que uma invenção psicótica de minha mente perturbada. Eu não era esquizofrênico - e nós dois sabíamos disso. O fato de ele ter desaparecido agora provava que ele tinha uma existência independente da minha.

E isso significava que o Passageiro tinha vindo de algum lugar. Ele existia antes de mim. Havia algum ponto de partida, independentemente se você chama de pais ou qualquer outra coisa.

- Terra chamando Dexter - disse Astor, e percebi que eu continuava parado diante deles, congelado na estranha e estúpida posição de boca aberta, parecendo um zumbi.

- Sim - respondi ainda meio abobado. - Estava só pensando.

- E doeu muito? - ela perguntou.

Fechei a boca e olhei para ela, que me encarava com aquele olhar de alguém de 10 anos com nojo de quão estúpido um adulto pode ser, e dessa vez eu concordava com ela. Sempre pensei no Passageiro como algo eterno, tanto que nunca imaginei de onde ele tinha vindo ou o que poderia acontecer. Tinha ficado convencido e acomodado em dividir espaço com ele, feliz por ser eu e não outra pessoa, um mortal vazio, e agora, quando um pouco de autoconhecimento estava salvando o dia, eu estava completamente mudo e abobado. Por que nunca tinha pensado em algo assim antes? E por que tinha escolhido esta hora para começar a pensar, na presença de crianças sarcásticas? Eu precisava de um tempo para refletir sobre tudo isso, mas claro que agora não era hora e este não era o lugar.

- Me desculpem. Vamos ver o planetário.

- Mas você ainda ia nos falar porque os leões são importantes - ela me lembrou.

Pra falar a verdade, eu não lembrava mais por que os leões eram importantes. Mas para a minha sorte, meu celular começou a tocar antes de eu admitir que não me lembrava.

- Só um minuto - falei, e peguei o celular. Olhei e vi que era Deborah ligando, e família é família, por isso atendi.

- Acharam as cabeças - ela falou de cara.

Levei um momento para entender do que ela estava falando, mas Deborah sibilava no meu ouvido e percebi que precisava responder algo.

- As cabeças? Aquelas dos corpos na universidade?

Deborah fez um som de impaciência e falou:

- Jesus, Dex, não existem tantas cabeças desaparecidas na cidade

- Bom, tem as dos políticos - falei.

- Não enche o saco e vem logo pra cá, Dexter. Preciso de você.

- Mas Debs, é sábado e estou no meio do...

- Agora - ela falou e desligou.

Olhei para Astor e Cody e ponderei minhas opções. Se os levasse para casa, demoraria uma hora até voltar e encontrar Debs, sem falar que perderíamos nosso precioso tempo juntos. Por outro lado, até eu sabia que levar crianças a uma cena de crime poderia ser considerado meio excêntrico.

Mas também seria educacional. Eles precisavam se impressionar com quão minuciosa a polícia é quando pessoas mortas são encontradas, e essa era uma oportunidade tão boa como qualquer outra. Pesando tudo, inclusive a reação talvez homicida que minha irmã teria, decidi

que o melhor a fazer era pôr todo mundo no carro e levá-los para a primeira investigação da vida deles.

- Certo - falei enquanto guardava o telefone. - Temos que ir.

- Pra onde? - perguntou Cody.

- Ajudar a minha irmã. Vocês não vão esquecer o que aprendemos hoje, não é?

- Não, mas isto é apenas um museu - disse Astor. - Não é o que queremos aprender.

- É sim - respondi. - E precisam confiar em mim e fazer as coisas do meu jeito, ou não ensinarei nada a vocês. - Me inclinei para poder olhar os dois nos olhos. - Nada de fazer bobagens - falei.

Astor fez uma careta.

- Dex-terrrr - falou.

- Estou falando sério. Tem que ser do meu jeito.

Mais uma vez ela e Cody conversaram pelo olhar. Depois de um momento, ele assentiu com a cabeça e ela se virou para mim.

- Tudo bem. A gente promete.

- Vamos esperar - disse Cody.

- Nós entendemos - falou Astor. - Mas quando podemos começar a parte legal?

- Quando eu disser que sim. Mas agora temos que ir.

Ela voltou rapidamente para o seu humor presunçoso das crianças de 10 anos.

- Aonde temos que ir agora?

- Eu tenho que ir trabalhar. E vou levar vocês comigo.

- Vamos ver um corpo? - ela perguntou esperançosa.

Fiz que não com a cabeça.

- Apenas a cabeça.

Ela olhou para Cody e fez que não com a cabeça.

- A mamãe não vai gostar disso.

- Você pode esperar no carro se quiser - falei.

- Vamos logo - disse Cody, uma das frases mais longas que falou durante o dia todo.

E fomos.

CAPÍTULO 17

DEBORAH ME ESPERAVA EM UMA MODESTA CASA DE DOIS MILHÕES DE DÓLARES em uma rua fechada em Coconut Grove. Havia uma guarita na entrada e a casa ficava na metade da rua, à esquerda, e uma multidão de moradores indignados olhava da frente de suas casas, com entradas e jardins muito bem cuidados, irritados com o enxame de pés-rapados indesejados do departamento de polícia que tinham invadido o pequeno paraíso deles. Deborah estava na rua instruindo o câmera sobre o que deveria gravar e de que ângulo. Corri até ela, com Astor e Cody logo atrás de mim.

- Que diabos é isso? - Deborah perguntou olhando para eles e para mim.

- Eles são conhecidos como crianças - falei. - Normalmente são o produto de um casamento, o que pode explicar o porquê de você não estar familiarizada com algo assim.

- Você ficou completamente louco, por que os trouxe aqui, caralho? - ela disparou.

- Você não devia dizer essa palavra com C - Astor falou para Deborah com um brilho no olhar. - Você me deve cinquenta centavos por ter falado palavrão.

Deborah abriu a boca, ficou vermelha e fechou a boca.

- Melhor tirá-los daqui - acabou dizendo. - Eles não deveriam ver essas coisas.

- Mas nós queremos ver - disse Astor.

- Quietos - falei. - Os dois!

- Jesus Cristo, Dexter!

- Você disse pra eu vir logo - falei. - E eu vim.

- Não posso brincar de babá das crianças - ela falou.

- E não precisa - falei. - Eles vão ficar bem.

Deborah encarou os dois e eles a encararam. Ninguém piscou, e por um momento achei que minha querida irmã iria morder o lábio inferior. Depois balançou a cabeça e disse:

- Foda-se. Não tenho tempo a perder. Vocês dois, esperem ali. - Ela apontou para o carro dela, que estava parado do outro lado da rua, e me pegou pelo braço. Então me levou até a casa onde a ação acontecia. - Dá uma olhada - falou e apontou para a frente da casa.

Ao telefone, ela tinha me dito que tinham achado as cabeças, mas pra ser sincero, seria preciso um grande esforço para não vê-las. Na frente da casa a entrada fazia uma curva passando por um par de colunas de portão feitas de pedra antes de chegar a uma área gramada, com uma fonte no meio. Em cima de cada um dos postes havia uma luminária ornada. No meio das duas colunas, escrito no chão, havia algo que parecia com as letras MLK, mas era uma escrita estranha que não consegui reconhecer. E para garantir que ninguém ficasse pensando demais na mensagem, no alto de cada coluna...

Bom, apesar de ter que admitir que aquela exibição tinha um certo vigor primitivo e um inegável impacto dramático, era imperfeito demais para o meu gosto. Ainda que as cabeças parecessem ter sido limpas com muito cuidado, os globos oculares tinham sido retirados e as bocas forçadas em um estranho sorriso, e aquilo não era algo prazeroso. Claro que ninguém ali pediu minha opinião, mas sempre achei que o melhor era que não houvesse sobras. É desleixado

e mostra falta de capricho com o trabalho. E essas cabeças terem sido deixadas assim tão em evidência, bom, era apenas uma forma de se exibir e demonstrar uma visão não muito refinada do problema. Claro que gosto é relativo. Estou sempre disposto a admitir que minha técnica não é a única boa. E como sempre acontecia em questões estéticas, esperei algum sussurro sibilante de concordância do Passageiro das Trevas - mas claro que não ouvi nada.

Nem um murmúrio, nem um farfalhar de asas, nem um pio. Meu companheiro tinha ido embora, me deixando em uma desconfortável posição de ter que segurar minha própria mão.

Claro que eu não estava totalmente sozinho, Deborah estava do meu lado, e percebi que, enquanto eu ponderava a respeito do desaparecimento do meu companheiro sombrio, ele falava comigo.

- Eles foram para o funeral de manhã - ela falava. - Quando voltaram, isto estava esperando por eles.

- Quem são eles? - perguntei apontando para a casa com a cabeça.

Deborah me deu uma cotovelada nas costelas. E doeu.

- A família, cuzão! A família Ortega. Acabei de falar pra você.

- Então isto foi feito à luz do dia? - por alguma razão aquilo deixava a coisa um pouco mais perturbadora.

- A maioria dos vizinhos também estava no funeral. Mas estamos procurando alguém que possa ter visto algo - disse ela, e depois deu de ombros. - Talvez tenhamos sorte, quem sabe?

Eu não sabia, mas por alguma razão não achava que nada ligado a esse caso nos traria sorte.

- Imagino que isso crie certa dúvida a respeito da culpa de Halpern.

- Mas é claro que não - ela falou. - O cuzão é culpado.

- Ah, então você acha que outra pessoa achou as cabeças e então...

- Não tenho ideia, porra. Ele deve ter um parceiro.

Chacoalhei minha cabeça negativamente. Aquilo não fazia o menor sentido, e nós dois sabíamos. Alguém capaz de conceber e depois realizar o elaborado ritual de dois assassinatos praticamente é obrigado a fazer aquilo sozinho. Esses atos são altamente pessoais, cada pequena jogada saída de alguma necessidade interna única, por isso a ideia de duas pessoas dividirem a mesma visão era algo absurdo. De um jeito bizarro, o modo cerimonial como as cabeças foram colocadas combinava com o jeito que os corpos foram deixados - duas peças do mesmo ritual.

- Isso não parece certo - falei.

- Sim, porém, o que parece certo?

Olhei para as cabeças, colocadas com muito cuidado sobre as luminárias. Claro que tinham sido queimadas no mesmo fogo que torrou os corpos, e não havia sinais visíveis de nenhum traço de sangue. Os pescoços pareciam ter sido cortados bem retinhos. Fora isso, eu não tinha qualquer outra dica para dar, mas ali estava Deborah, me encarando e esperando que eu tivesse algo para ela. É difícil ter uma reputação de conseguir enxergar o coração dos mistérios quando essa notoriedade advém de orientações sombrias de sua voz interna que, naquele momento, não estava por ali. Me senti como um boneco de ventríloquo que é chamado para fazer sua performance sozinho.

- As duas cabeças estão aqui - falei apenas porque precisava dizer algo. - Por que não na casa da outra garota, aquela que tinha namorado?

- A família dela é de Massachusetts. Aqui era mais fácil.

- E você checou o cara, né?

- Quem?

- O namorado da garota morta - falei devagar e com cuidado. - O cara com a tatuagem no pescoço.

- Jesus Cristo, Dexter, é claro que o estamos checando. Estamos checando todo mundo que chegou perto dessas garotas durante toda a porra da vidinha triste delas, e você... - ela respirou fundo, mas aquilo não pareceu acalmá-la muito. - Olha, não preciso de ajuda com o trabalho básico da polícia, tá? Preciso que me ajude com essas merdas bizarras que normalmente você conhece bem.

Era legal confirmar que eu era o Rei das Merdas Bizarras, mas eu imaginava por quanto tempo aquilo iria durar sem a minha Coroa das Trevas. Mesmo assim, minha reputação estava em jogo, então precisava dar alguma opinião genial, por isso resolvi dar uma pequena estocada seca na coisa.

- Certo. - falei. - Do meu ponto de vista bizarro, não faz o menor sentido ter dois matadores diferentes com apenas um ritual. Por isso, ou Halpern as matou e alguém achou as cabeças e pensou "ah, que se dane, vou botar essas cabeças à vista", ou então prendemos o cara errado.

- Dane-se.

- Qual parte?

- Tudo, maldição. Nenhuma das opções é boa!

- Bom, é uma merda mesmo - falei, surpreendendo a nós dois. Como eu estava mal-humorado e sem paciência com Debs, comigo e com todo esse caso de coisas queimadas e sem cabeça, fiz a única coisa lógica e razoável em uma situação dessas. Chutei um coco.

Muito melhor assim. Agora o meu pé também estava doendo.

- Estou checando a vida de Goldman - ela falou de forma abrupta, apontando para a casa com a cabeça. - Por enquanto ele é apenas um dentista e tem um escritório em Davie. Mas isso... está cheirando a algo relacionado com drogas. E isso também não faz o menor sentido. Droga, Dexter. Preciso que tenha uma ideia.

Olhei surpreso para Deborah. De algum jeito ela dera a volta e colocara o caso de novo no meu colo, e eu não tinha nada a não ser uma grande esperança de que Goldman fosse um chefão das drogas que estava apenas disfarçado de dentista.

- Estou vazio de ideias - falei, o que era triste, mas muito verdadeiro.

- Ah, merda - falou olhando para a multidão reunida. O primeiro carro da imprensa tinha chegado e, antes mesmo do automóvel parar totalmente, o repórter pulou dele e começou a orientar o câmera e a posicioná-lo para que tivessem um bom ângulo. - Malditos - ela falou e correu para lidar com eles.

- Aquele cara é assustador, Dexter - disse uma vozinha atrás de mim, então me virei rapidamente. Mais uma vez, Cody e Astor tinham se aproximado de mim sem que eu percebesse. Eles estavam juntos, e Cody inclinou sua cabeça em direção à multidão reunida no lado mais distante da fita da polícia.

- Que cara? - perguntei e Astor respondeu:

- Ali. De camisa laranja. Não me peça para apontar. Ele está olhando.

Procurei uma camisa laranja e vi apenas um flash de cor lá no fim da rua quando alguém entrou rapidamente em um carro. Era um veículo pequeno e azul, não um Toyota branco, mas percebi uma coisa diferente, familiar e colorida pendurada no retrovisor quando o carro foi embora. E apesar de ser difícil ter certeza, eu estava bem confiante de que era um passe de estacionamento da Universidade de Miami.

Me virei para Astor.

- Bom, ele foi embora. - Por que disse que ele era assustador?

- Ele que disse - ela falou apontando para Cody, que assentiu com a cabeça

- Ele era - ele falou, quase sussurrando. - Ele tinha uma sombra enorme

- Sinto muito por ele ter assustado vocês. Mas agora foi embora.

Cody assentiu.

- Podemos ver as cabeças agora?

As crianças são muito interessantes, não? Cody tinha sido amedrontado por algo tão insubstancial como a sombra de alguém, e agora já estava ansioso para ver de perto um exemplo concreto de assassinato, terror e mortalidade humana. Claro que eu não o culpava por querer dar uma olhada, mas acho que não podia deixar abertamente. Por outro lado, também não tinha ideia de como poderia explicar tudo isso a eles. Me contaram que a língua turca, por exemplo, tem mais sutilezas do que posso imaginar, mas o inglês definitivamente não era adequado para uma resposta apropriada.

Para minha sorte, Deborah voltou bem nesta hora, resmungando:

- Nunca mais vou reclamar do capitão. - Aquilo parecia muito improvável, mas achei melhor não falar nada. - Ele pode ficar com as sanguessugas da imprensa.

- Talvez você apenas não goste de lidar com pessoas.

- Esses cuzões não são pessoas - disse ela. - Tudo o que querem são malditas fotos e vídeos da merda de seus penteados perfeitos com as cabeças como pano de fundo, para poderem mandar o material para sua emissora. Que tipo de animal vai querer ver isso?

Eu sabia a resposta, afinal estava cuidando de dois deles no momento, e, pra falar a verdade, eu também era um deles. Mas parecia que eu devia ignorar aquela pergunta e me concentrar no problema mais urgente. Por isso ponderei no que fazia o cara que assustou Cody parecer assustador e no fato de ele ter algo que se parecia muito com um passe de estacionamento da universidade.

- Estou tendo uma ideia - falei para Deborah, e o jeito que ela virou rapidamente a cabeça faria qualquer um pensar que eu tinha falado que ela estava pisando em uma cobra venenosa. - Mas não se encaixa na sua teoria do dentista ligado a drogas - alertei.

- Fale logo - ela disse por entre os dentes.

- Havia alguém aqui que assustou as crianças. E ele foi embora em um carro que tinha um passe de estacionamento da universidade.

Deborah me encarou com olhos duros e opacos.

- Merda - disse suavemente. - O cara de que Halpern falou, como era mesmo o nome dele?

- Wilkins - respondi.

- Não, não pode ser. Só porque as crianças viram alguém que as assustou? Não - disse ela.

- Ele tinha um motivo.

- A vaga de professor titular? Tenha dó, Dexter.

- Nós não precisamos achar importante - falei. - Eles precisam.

- Então só para ganhar a vaga - ela disse, sacudindo a cabeça -, ele invade o apartamento de Halpern, rouba as roupas dele, mata as duas garotas...

- E aí nos empurra para o Halpern - falei, lembrando de como ele ficou parado no corredor e nos sugeriu aquilo.

A cabeça de Deborah se virou para mim.

- Merda. Ele fez isso mesmo, né? Ele que sugeriu que falássemos com Halpern.

- E mesmo a vaga de professor titular parecendo um motivo fraco, faz mais sentido do que pensar em dois Danny Rollins e Ted Bundy se juntando para um projeto, não é mesmo?

Deborah passou a mão e alisou os cabelos da parte de trás de sua cabeça, um gesto surpreendentemente feminino para alguém que eu chamava de Sargento Durona.

- Pode ser. Não conheço Wilkins o suficiente para ter certeza.

- Que tal irmos falar com ele?

Ela fez que não com a cabeça.

- Primeiro preciso falar com Halpern de novo.

- Vou pegar as crianças - falei.

Naturalmente, elas não estavam perto de onde deveriam estar. Mas foi fácil achá-las; tinham caminhado para ter uma visão melhor das duas cabeças, e pode ter sido minha imaginação, mas acho que vi um pequeno brilho de admiração profissional nos olhos de Cody

- Vamos - falei. - É hora de ir embora. - Eles se viraram e me seguiram com certa relutância, mas pude ouvir Astor murmurar entre uma respiração e outra:

- Bem melhor que um museu estúpido.

Do canto da multidão reunida para ver o espetáculo, ele observou, cuidadosamente, procurando ser apenas mais um na multidão e não se destacar em nada. Era um risco para o Observador estar ali - ele poderia ser reconhecido, mas estava disposto a correr esse perigo. E claro, era gratificante ver as reações ao seu trabalho; uma pequena vaidade que ele se permitia ter.

Além do mais, ele queria ver o que fariam com a pista simples que tinha deixado. O outro era esperto, mas até agora tinha ignorado a coisa, passando direto por ela e deixando que seus colegas de trabalho fotografassem e examinassem. Talvez ele devesse ter sido um pouco mais evidente, mas havia tempo para fazer isso da forma correta. Sem pressa, o importante era deixar o outro pronto, pegá-lo quando tudo estivesse preparado corretamente - isso era o mais importante de tudo.

O Observador se aproximou um pouco mais para estudar o outro, talvez para tentar ver algum sinal de como ele estava reagindo até agora. Interessante ele ter trazido essas crianças. Elas não parecem perturbadas com a visão das cabeças. Talvez estejam acostumadas com essas coisas, ou...

Não. Não é possível.

Se movendo com o máximo de cuidado para ficar mais perto, ainda tentando permanecer no meio dos curiosos para não chamar atenção, ele chegou até o ponto da fita amarela mais próximo das crianças.

E quando o menino olhou para cima e seus olhos se encontraram, não havia nenhuma possibilidade de estar enganado.

Por um momento seus olhos ficaram travados uns nos outros e toda a sensação de tempo se perdeu em um farfalhar de asas sombrias. O menino simplesmente ficou ali parado, olhando para ele e o enxergando de verdade - não quem ele era, mas o que ele era, e suas pequenas asas sombrias esvoaçaram em fúria e pânico. O Observador não conseguiu se segurar: ele chegou mais perto e com isso permitiu que o garoto o visse e também enxergasse o poder sombrio resplendoroso que ele carregava. O garoto não demonstrou medo, apenas o encarou de volta e mostrou seu próprio poder. Então se virou, pegou a mão da irmã e os dois caminharam rapidamente até o outro.

Hora de ir embora. As crianças com certeza iriam apontar para ele, e ainda não era hora de mostrar seu rosto. Ele correu para o carro e foi embora, mas sem preocupação nenhuma. Mesmo. Na verdade estava ainda mais satisfeito do que poderia esperar.

Eram as crianças, claro. Não só porque contariam ao outro e o levariam a alguns passos mais perto do medo necessário. Era também porque ele realmente gostava muito de crianças. Era

maravilhoso trabalhar com elas, pois transmitiam emoções muito fortes e poderosas e transportavam a energia do evento a um plano muito mais elevado.

Crianças, que coisa maravilhosa.

Aquilo estava começando a ficar divertido.

Durante um tempo, foi suficiente estar com os macacos e ajudá-los a matar. Mas mesmo aquilo foi ficando chato depois de tantas repetições, e de vez em quando A Coisa sentia que deveria ser algo mais. Havia uma contração torturante de algo indefinível no momento do assassinato, o sentimento de que algo se agitava, tentando acordar, e então se retraía. A COISA queria saber o que era aquilo.

Mas não importava quantas vezes acontecesse e quantos fossem os macacos, A COISA não conseguia chegar mais perto daquela sensação, nunca ia longe o suficiente para descobrir o que era aquilo, fazendo com que A COISA quisesse descobrir mais ainda.

Muito tempo se passou e A COISA foi ficando irritada novamente. Aqueles macacos eram simplórios demais, e o que quer que fizesse com eles não era suficiente. A COISA começou a se ressentir da existência repetitiva, estúpida e sem objetivo deles. A COISA os guiava de vez em quando, querendo puni-los por seus sofrimentos estúpidos e sem imaginação, então levou seus hospedeiros a massacrar famílias e até tribos inteiras. E enquanto todos morriam, aquela incrível sensação de resposta aparecia ali, quase ao alcance, e depois voltava a retroceder a um estado de torpor.

Era furiosamente frustrante. Tinha que haver um jeito de chegar à resposta, descobrir o que era aquela coisa evasiva e trazê-la à tona.

E finalmente os macacos começaram a evoluir. Foi bem devagar no começo, tão devagar que A COISA nem percebeu o que estava acontecendo até que o processo já estava bem avançado. E em um dia maravilhoso, quando A COISA entrou em um novo hospedeiro, o animal ficou em pé nas pernas traseiras e, enquanto A COISA imaginava o que estava acontecendo, o animal falou: - Quem é você?

O grande choque daquele momento foi seguido por um prazer ainda maior.

A COISA não estava mais sozinha.

CAPÍTULO 18

O CAMINHO ATÉ O PRESÍDIO FOI TRANQUILO, MAS COM DEBORAH DIRIGINDO, isso queria dizer que ninguém tinha se ferido durante o trajeto. Ela estava com pressa e era uma policial de Miami que tinha aprendido a dirigir com outro policial de Miami. Ou seja, ela acreditava que o tráfego era fluido por natureza e por isso ela cortava os outros carros como faca quente na manteiga, entrando em espaços que não existiam e deixando claro para os outros veículos que ou eles saíam da frente ou morriam.

Cody e Astor estavam bem satisfeitos, é claro, sentados com seus cintos de segurança afivelados no banco traseiro. Eles estavam o mais eretos que conseguiam e tentavam esticar a cabeça para enxergar à frente. E o mais raro de tudo é que Cody esboçou um sorriso rápido quando tiramos uma fina de um cara de duzentos quilos em uma moto pequena.

- Ligue a sirene - Astor pediu.

- Não estamos em uma maldita brincadeira - Deborah bufou.

- Precisa ser uma maldita brincadeira para que a sirene seja ligada? - perguntou Astor, fazendo com que Debs ficasse vermelha e acelerasse mais ainda, nos tirando da U.S. 1 e quase acertando um Honda já todo batido.

- Astor - falei -, não fale palavrão.

- Mas ela fala o tempo todo.

- Quanto tiver a idade dela você poderá falar, se quiser - respondi. - Mas não agora, com 10 anos.

- Isso é estúpido - ela respondeu. - Se a palavra não é boa, não interessa quantos anos você tem.

- Você tem toda a razão. Mas eu não posso obrigar a sargento Deborah a não falar palavrão.

- Isso é estúpido - Astor repetiu, e então mudou o rumo da conversa ao perguntar: - Ela é mesmo sargento? E isso é melhor que ser policial?

- Quer dizer que ela é a chefe dos policiais - respondi.

- Ela pode dizer o que os caras de uniforme azul devem fazer?

- Sim - falei.

- E ela tem uma arma?

- Sim.

Astor se inclinou para a frente o máximo que seu cinto de segurança permitiu e olhou para Deborah com algo parecido com respeito, algo que eu não via no rosto dela com frequência.

- Não sabia que mulheres podiam ter armas e serem chefes dos policiais.

- Garotas podem fazer qualquer mal... qualquer coisa que os garotos fazem - Deborah falou. - E em geral fazem melhor.

- Astor olhou para Cody e depois para mim. - Qualquer coisa?

- Quase tudo, sim - falei. - Acho que futebol americano fica fora disso.

- Você atira nas pessoas? - Astor perguntou a Deborah.

- Pelo amor de Deus, Dexter.

- Ela atira nas pessoas às vezes - falei -, mas ela não gosta de falar disso.

- Por quê?

- Porque atirar em alguém é algo muito pessoal e acho que ela acredita que isso não é da conta de mais ninguém.

- Pare de falar de mim como se eu fosse um abajur, pelo amor de Deus. Estou bem aqui.

- Sei disso - disse Astor. - Pode falar pra gente sobre as pessoas em quem você atirou?

Como resposta, Deborah fez uma curva repentina, entrou no estacionamento e parou como um foguete na vaga bem em frente à prisão.

- Chegamos - falou e pulou do carro como se estivesse fugindo de um ninho de formigas carnívoras. Depois foi logo para a entrada e quando consegui soltar Cody e Astor dos cintos, a seguimos em um passo mais calmo até lá.

Deborah ainda estava falando com o sargento de plantão na recepção, então levei Cody e Astor até duas cadeiras.

- Esperem aqui. Voltarei em alguns minutos.

- Esperar? - disse Astor com uma voz carregada de ultraje.

- Sim - falei. - Tenho que conversar com um cara mau.

- E por que não podemos ir? - perguntou.

- Porque é contra a lei. Agora esperem aqui como falei. Por favor.

Eles não pareceram terrivelmente entusiasmados, mas pelo menos não pularam das cadeiras e saíram gritando pelo corredor. Eu me aproveitei da cooperação deles e fui me juntar a Deborah.

- Vamos - ela falou, e seguimos para uma das salas de interrogatório. Alguns minutos depois um guarda trouxe Halpern. Ele estava algemado e parecia ainda pior do que quando o prendemos. Estava com a barba por fazer, seu cabelo parecia um ninho de rato e havia algo em seus olhos que só posso descrever como assombro, não importa quanto isso pareça cliché. Ele sentou na cadeira que o guarda indicou, ficando na ponta dela e olhando para suas mãos que estavam sobre a mesa.

Deborah fez um sinal com a cabeça para o guarda, que saiu da sala e ficou parado do lado de fora. Ela esperou a porta se fechar e então se voltou para Halpern.

- Bom, Jerry, espero que tenha descansado bastante essa noite.

A cabeça dele se levantou como se uma corda a puxasse e seus olhos se esbugalharam para Deborah.

- O que... o que quer dizer com isso?

Debs levantou a sobrancelha:

- Não quero dizer nada, Jerry. Estava apenas sendo educada.

Ele a encarou por um momento e então baixou a cabeça.

- Quero ir pra casa - disse com uma voz fraca.

- Tenho certeza de que quer, Jerry - disse Deborah. - Mas não posso deixá-lo ir agora.

Ele sacudiu a cabeça e murmurou algo inaudível.

- O que você disse, Jerry? - ela perguntou na mesma voz calma e paciente que estava usando até agora.

- Disse que acho que não fiz nada de errado - falou ainda olhando para baixo.

- Você acha? - ela perguntou. - Não deveríamos ter certeza disso antes de soltar você?

Ele levantou a cabeça e olhou para ela, bem devagar dessa vez.

- Na noite passada... - falou. - Tem algo a ver com eu estar neste lugar... - Ele sacudiu a cabeça. - Não sei. Não sei.

- Você já esteve em um lugar como este antes, não, Jerry? Quando era jovem? - Deborah

falou e ele assentiu. - Este lugar fez você se lembrar de algo?

Ele virou o rosto como se ela tivesse cuspido nele.

- Eu não... não é uma memória. Foi um sonho. Só pode ter sido um sonho

Deborah concordou de forma bem compreensiva.

- Sobre o que era o sonho, Jerry?

Ele chacoalhou a cabeça e depois a encarou com a mandíbula aberta.

- Talvez se você falar dele, isso o ajude. - ela disse. - Se é só um sonho, qual o problema em nos contar? - ele continuava sacudindo a cabeça negativamente. - Sobre o que era o sonho, Jerry? - ela perguntou de novo, um pouco mais insistente, mas ainda gentil.

- Tinha uma grande estátua - começou a falar e depois parou, sacudiu a cabeça de forma negativa e pareceu surpreso ao perceber que as palavras tinham saído de sua boca

- Tá tudo bem - encorajou Deborah.

- E é... é bem grande. E tem um... um... fogo na barriga dela.

- Na barriga? Que tipo de estátua é essa? - perguntou Debs.

- É muito grande. Tem o corpo de bronze e os dois braços esticados... e agora eles estão se movendo para baixo, para... - ele deu uma parada e depois murmurou algo baixinho.

- O que você disse, Jerry?

- Ele disse que a estátua tem uma cabeça de touro - falei, e pude sentir todos os pelos de minha nuca se eriçando.

- Os braços se abaixam. E me sinto... muito feliz. Não sei por quê. Cantando. Então coloco as duas garotas naqueles braços, corto elas com uma faca, então sobem até a boca e depois os braços jogam elas dentro do fogo...

- Jerry - começou Debs ainda mais gentil -, suas roupas tinham sangue e também estavam um pouco chamuscadas. - Ele não falou nada, então ela continuou. - Sabemos que você tem apagões quando passa por situações de muito estresse. - Ele continuava quieto. - Não é possível que você tenha tido um desses apagões, matado as garotas e voltado para casa, Jerry? E agora nem se lembre disso?

Ele começou a sacudir a cabeça negativamente outra vez, devagar e mecanicamente.

- Tem alguma ideia melhor para me dar? - disse ela.

- Onde eu acharia uma estátua como aquela? - ele falou. - Como encontraria uma estátua, faria um fogo dentro dela, colocaria as garotas lá e... como isso seria possível? Como eu poderia fazer tudo isso e depois não saber?

Deborah olhou para mim e dei de ombros. Era uma observação correta. Deve haver um limite prático para o que se pode fazer enquanto se está dormindo, e isso parecia mesmo passar dos limites.

- Então de onde vem esse sonho, Jerry?

- Todo mundo sonha.

- E como o sangue chegou nas suas roupas?

- O Wilkins fez isso - falou. - Tem que ser ele, não vejo outra explicação.

Houve uma batida na porta e o sargento entrou. Ele se curvou e falou baixinho no ouvido de Deborah, e cheguei mais perto para ouvir.

- O advogado dele está criando confusão. Ele está dizendo que agora que as cabeças apareceram enquanto o cliente estava preso, ele só pode ser inocente - disse o sargento e deu de ombros. - Não posso mantê-lo aqui.

- Tá certo - Deborah respondeu. - Obrigado Dave. - Ele deu de ombros novamente, se endireitou e saiu.

Debs olhou para mim.

- Bom - falei. - Pelo menos não está parecendo tão fácil agora.

Ela se virou para Halpern.

- Certo, Jerry. Continuaremos com isso mais tarde - então se levantou e saiu da sala. E eu fui atrás dela.

- O que achamos de tudo isso? - perguntei.

Ela chacoalhou a cabeça.

- Jesus, Dex, não sei. Preciso de uma grande ajuda com isso. - Ela parou de andar e se virou para mim. - Ou esse cara realmente fez isso durante um de seus apagões, o que quer dizer que preparou e fez tudo sem saber, o que é possível.

- Provavelmente - respondi.

- Ou então alguém teve muito trabalho para fazer tudo e depois incriminá- lo, planejando para coincidir exatamente com um dos apagões de Jerry.

- O que seria um pouco impossível - falei tentando ajudar.

- Sim, eu sei.

- E a estátua com cabeça de touro e fogo na barriga?

- Merda - disse ela. - Isso é só um sonho. Só pode ser.

- Então onde as garotas foram queimadas?

- Se quiser, pode me mostrar onde fica a enorme estátua de bronze com uma churrasqueira dentro. Onde se esconde uma coisa dessas? Se você encontrar, eu acreditarei que é real - disse ela.

- Teremos que soltar o Halpern?

- Não, de jeito nenhum - ela bufou. - Ainda tenho uma acusação de resistência à prisão contra ele. Deborah então se virou e foi em direção à recepção.

Cody e Astor estavam sentados com o sargento quando voltamos, e mesmo não estando exatamente no lugar onde pedi que esperassem, fiquei tão contente por não terem posto fogo em nada que não emiti nenhum som. Deborah assistia impaciente enquanto eu os reunia, e então fomos todos para o carro.

- E agora? - perguntei.

- Temos que falar com o Wilkins, claro.

- E vamos perguntar se ele tem uma estátua com cabeça de touro no quintal? - falei.

- Não, para de falar merda.

- Isso foi um palavrão - falou Astor. - Me deve mais cinquenta centavos.

- Está ficando tarde - falei. - Preciso levar as crianças para casa antes que a mãe delas faça churrasco de mim.

Deborah olhou para os dois por um momento e depois para mim.

- Tudo bem.

CAPÍTULO 19

CONSEGUI LEVAR AS CRIANÇAS PARA CASA ANTES QUE RITA FICASSE BRAVA , mas foi por pouco, e não foi fácil quando ela descobriu que as crianças andaram vendo cabeças cortadas. Mesmo assim, elas não estavam perturbadas, ao contrário, estavam bem animadas pelo dia de passeio, e o novo objetivo de Astor de ser uma cópia de Deborah pareceu distrair Rita de todo o resto. Afinal de contas, uma escolha de carreira assim tão cedo poderia economizar muito tempo e dores de cabeça mais tarde.

Estava claro que Rita tivera um dia agitado e estava pronta para contar todas as novidades. Normalmente eu só concordaria com a cabeça, sorriria e a deixaria falar durante dias. Mas não estava com cabeça para nada que fugisse da rotina. Nos últimos dois dias, tudo que eu queria era ficar em um lugar silencioso para poder pensar em aonde o meu Passageiro poderia ter ido, mas acabei sendo empurrado em todas as direções possíveis por Deborah, Rita, as crianças e até mesmo o meu trabalho. Meu disfarce estava dominando o eu verdadeiro que deveria apenas esconder, e eu não estava gostando daquilo. Mas se conseguisse me livrar de Rita e sair pela porta da frente, finalmente teria um pouco de tempo para mim.

Então, alegando um caso importante que não podia esperar até segunda de manhã, saí e dirigi até a delegacia, aproveitando a relativa calma do tráfego de Miami em um sábado à noite.

Nos primeiros quinze minutos do caminho não consegui esquecer aquela sensação de que estava sendo seguido. Era ridículo, eu sei, mas não tinha qualquer experiência de estar sozinho à noite e aquilo me deixou bastante vulnerável. Sem o Passageiro, eu era um tigre com um nariz entupido e sem garras. Sentia-me lento e burro e a pele das minhas costas não parava de formigar. Era uma sensação iminente de medo, que eu precisava contornar e pegar outro caminho, pois havia algo à espreita e faminto. E no limite de tudo aquilo ainda havia o eco de uma estranha música que fazia meus pés se mexerem de forma involuntária, como se tivessem que ir a algum lugar sem mim.

Era uma sensação terrível e, se pelo menos eu conseguisse sentir empatia, tenho certeza de que teria um momento de revelação medonho, no qual colocaria uma mão na testa e cairia de joelhos, murmurando desculpas angustiadas por todas as vezes que persegui e causei essa sensação horrorosa nos outros. Mas não fui criado para a angústia - pelo menos não a minha -, por isso só consegui pensar no grande problema que tinha. Meu Passageiro tinha desaparecido e eu estaria vazio e indefeso se realmente houvesse alguém na minha cola.

Mas tinha que ser apenas a minha imaginação. Quem perseguiria o Destemido Dexter, enxergando a verdade através de sua existência completamente normal e artificial, seu sorriso feliz, duas crianças e uma bela dívida com o homem do bufe? Só para garantir, dei uma olhada no retrovisor.

Não havia ninguém, claro. Ninguém à espreita com um machado e um pote com o nome Dexter nele. Eu estava emburrecendo por causa da solidão.

Havia um carro pegando fogo na Palmetto e a maior parte dos carros lidava com o congestionamento de duas maneiras, passando pela pista que estava livre ou buzinando e gritando

ensandecidamente. Peguei uma saída e passei pelos armazéns próximos do aeroporto. Num deles, perto da Avenida 69, um alarme de roubo tocava sem parar e três homens colocavam caixas em um caminhão sem nenhuma pressa. Sorri e acenei; eles me ignoraram.

Era uma sensação que já estava me acostumando a ter - todos ignoravam o pobre e vazio Dexter ultimamente, a não ser, é claro, quem quer que estivesse me seguindo ou apenas fazendo o seu caminho.

Porém, falando em vazio, ao driblar Rita, de forma tranquila e sem sobressaltos, acabei ficando sem jantar, e isto é algo que nunca estou disposto a tolerar. Neste momento, tenho tanta vontade de comer como de respirar.

Parei no Pollo Tropical e comprei meio frango assado para viagem. O cheiro logo preencheu o carro e fiz um esforço terrível naqueles poucos quilômetros que faltavam para não largar a direção e rasgar o pacote do frango 10111 meus dentes afiados.

Acabei sendo dominado pela fome no estacionamento e, quando cheguei à entrada, precisei mostrar minhas credenciais com as mãos engorduradas. Mas quando alcancei meu computador, era um menino muito mais feliz e o frango não passava de ossos em uma sacola e uma alegre memória.

Como sempre, com a barriga cheia e a consciência limpa era muito mais fácil fazer meu poderoso cérebro engatar uma quinta e pensar no problema. O Passageiro das Trevas tinha sumido; aquilo parecia indicar que ele tinha uma existência independente da minha. E significava que tinha vindo de algum lugar e, possivelmente, voltara para lá. Meu primeiro problema era descobrir o que pudesse a respeito de onde tinha vindo.

Eu já sabia muito bem que o meu Passageiro não era o único do mundo. Durante minha longa e prazerosa carreira, encontrei muitos outros predadores envoltos em uma nuvem negra invisível, que indicava que tinham um caronista igual ao meu. E isso corroborava a tese de que eles deviam ter se originado em algum tempo e lugar, não apenas comigo e agora. Infelizmente nunca tentara imaginar de onde essas vozes vinham e nem por que apareciam. Agora, com a noite toda diante de mim e na paz e tranquilidade do meu laboratório era hora de retificar esse terrível erro.

Então, sem pensar muito na minha segurança, mergulhei sem medo na internet. Claro que não havia nada que interessasse quando digitei "Passageiro das Trevas", afinal, aquele era um termo que eu havia criado. Mas tentei, só para garantir, e não encontrei nada além de alguns jogos e dois blogs que alguém deveria denunciar para as autoridades.

Pesquisei então "companheiro interior", "amigo interno" e até mesmo "espírito-guia". Mais uma vez obtive resultados muito interessantes que me fizeram pensar aonde este velho e cansado mundo tinha chegado, mas nada deu uma luz ao meu problema. Até onde sei, nunca existiu algo único no mundo, por isso era provável que eu apenas não tinha conseguido pensar na palavra-chave correta.

Muito bem então: "Guia interior". "Conselheiro interno." "Ajudante escondido." Bolei o máximo de combinações desses termos que consegui pensar, trocando adjetivos, vendo listas de sinônimos e sempre me maravilhando como os pseudofilósofos da nova era tinham tomando conta da internet. Mas continuei sem nada além de um jeito sombrio de concentrar o poder do meu subconsciente para fazer uma compra de imóveis matadora.

Mas encontrei uma referência muito interessante a Salomão, aquele famoso da Bíblia, que dizia que o velho sábio tinha feito referências secretas a um rei interior. Pesquisei em outros lugares sobre Salomão. Quem poderia imaginar que essas informações bíblicas pudessem ser tão interessantes e relevantes? Aparentemente, quando pensamos nele como o velho barbudo, alegre e sábio, que se ofereceu para cortar um bebé em dois apenas por diversão, na verdade estamos

perdendo toda a parte boa da coisa.

Por exemplo, Salomão construiu um templo para algo chamado Moloch, aparentemente um dos perversos deuses antigos, e matou seu irmão porque a maldade foi encontrada dentro dele. Eu conseguia enxergar que, de uma perspectiva bíblica, maldade interior seria uma boa descrição para um Passageiro das Trevas. Mas se havia uma conexão aqui, faria sentido alguém com um "rei interior" matar alguém que era habitado pela maldade?

Aquilo estava fazendo minha cabeça girar. Deveria acreditar que o rei Salomão tinha um Passageiro das Trevas com ele? Ou, porque ele era um dos mocinhos da Bíblia, eu devia interpretar que ele achou um em seu irmão e o matou por causa disso? E, ao contrário, do que todos fomos levados a acreditar, será que queria mesmo dizer aquilo quando se ofereceu para cortar o bebê ao meio?

E mais importante, será que importava mesmo algo que aconteceu a milhares de anos e do outro lado do mundo? Supondo que o rei Salomão tivesse mesmo um dos Passageiros das Trevas original, como isso me ajudaria a voltar a ser o amável e mortal eu mesmo? O que eu podia fazer com toda essa teoria fascinante? Nada disso me explicava de onde o Passageiro tinha vindo, o que ele era e como trazê-lo de volta.

Eu estava perdido. Certo, bom, claramente era hora de desistir, aceitar meu destino, ficar à mercê da sorte, assumir meu papel de Dexter, pacato homem de família e ex-Vingador Sombrio. Aceitar a ideia de que nunca mais iria sentir o toque frio e duro do luar nas minhas terminações nervosas enquanto deslizava pela noite como um avatar de aço frio e afiado.

Tentei pensar em algo que me inspirasse a novos patamares de esforço mental para minha investigação, mas tudo que consegui foi um pedaço do poema de Rudyard Kipling: "Se puder manter sua cabeça quando todos a sua volta perdem as deles", e outras palavras de mesmo efeito. Não parecia suficiente. Talvez Ariel Goldman e Jéssica Ortega devessem ter estudado Kipling. De qualquer forma, minha pesquisa não tinha me levado a lugar nenhum.

Certo. Do que mais alguém poderia chamar o Passageiro? "Comentarista amargo?", "sistema de avisos", "chefe de torcida interior". Cheguei todos eles. Alguns resultados para este último foram bem espantosos, mas não tinham nada a ver com minha pesquisa.

Tentei "Observador", "Observador interior", "Observador sombrio", "Observador oculto".

Mais uma tentativa desesperada, talvez porque minha mente já estava pensando em comida novamente, uma boa justificativa, então tentei: "Observador faminto".

Novamente a maioria dos resultados era de baboseiras filosóficas modernas. Mas um blog chamou minha atenção e entrei nele. Li o parágrafo de abertura e, apesar de não ter chegado a falar "na mosca", foi certamente nisso que pensei.

"Outra vez, saio para a noite com o Observador Faminto", começava assim.

"Seguindo pelas ruas escuras, que fervilham com presas, caminhando devagar pelo banquete que aguarda, sentindo que o empurrão de uma maré de sangue em breve subirá e nos cobrirá de alegria..."

Bom. A prosa era um pouco rebuscada. A parte do sangue era um pouco nojenta. Mas fora isso, era uma bela descrição de como eu me sentia quando saía em uma de minhas aventuras. Parece que eu tinha encontrado um espírito semelhante.

Continuei lendo. Era tudo consistente com a experiência que eu conhecia bem, cruzar a noite com uma antecipação faminta enquanto uma voz interior sibilante sussurrava conselhos. Então, quando a narrativa chegava na parte em que eu normalmente cortava e retalhava, o narrador fazia referência "aos outros", seguido de três figuras de algum alfabeto que eu não reconhecia.

Ou será que reconhecia?

Agitadamente, remexi em minha mesa procurando a pasta com o caso das duas garotas sem

cabeça. Arranquei a parte que continha as fotos, comecei a examinar e pronto, lá estava.

Riscadas na entrada da casa do doutor Goldman, as mesmas três letras, parecendo MLK mal escrito.

Olhei para a tela do computador. Era igual, não havia dúvida.

Não tinha como isso ser coincidência. Com certeza significava algo importante, talvez fosse até a chave para entender meu problema todo. Sim, um significado importantíssimo, com apenas um pequeno porém: qual o significado? O que aquilo queria dizer?

E mais, por que esta pista em particular estava me afligindo tanto? Viera até a delegacia para trabalhar no meu problema particular, a perda do meu Passageiro, - tinha vindo à noite para não ser incomodado pela minha irmã ou algum outro assunto do trabalho. E agora, aparentemente, se quisesse resolver meu problema, teria que fazê-lo trabalhando no caso de Deborah. Será que não existia mais justiça no mundo?

Bom, se havia alguma recompensa por reclamações, eu ainda não tinha recebido a minha. Então era melhor seguir em frente com o que acabara de encontrar e ver aonde dava.

Primeiro, que língua era aquela? Tinha quase certeza de que não era chinês nem japonês, mas poderia ser outro alfabeto asiático que eu não conhecia. Abri um atlas on-line e comecei a checar os países: Coreia, Camboja, Tailândia, nenhum chegava perto. Que mais faltava? Cirílico? Fácil de checar. Abri outra página com o alfabeto todo. Perdi um bom tempo, pois algumas letras se pareciam bastante, mas no fim acabei percebendo que não era.

Que mais? Onde mais procurar? O que alguém inteligente faria a seguir, alguém como o Dexter que eu era ou talvez alguém como um campeão da esperteza de todos os tempos, tipo o rei Salomão?

Um bipe começou a tocar no fundo do meu cérebro e fiquei ouvindo um momento antes de atender. Sim, claro, eu tinha falado do rei Salomão. O cara da Bíblia com um rei interno. Quê? É mesmo? Uma conexão? Acha mesmo?

Era um tiro no escuro, mas fácil de checar, e checquei. Salomão devia falar hebraico antigo, claro, e isso era fácil de achar na internet. E não parecia muito com o que eu tinha em mãos. Encontrara e percebera que não havia uma conexão: ipso facto ou qualquer outra coisa em latim que servisse ali.

Mas espere um pouco. Comecei a me lembrar que a língua original da Bíblia não era o hebraico, era outra. Bati em minha massa cinzenta com força e ela finalmente me deu uma boa resposta. Sim, era algo resgatado de uma impecável fonte de informação escolar: Os caçadores da arca perdida. A língua que eu estava procurando era o aramaico.

Mais uma vez foi fácil achar um site louco para ensinar aramaico aos outros. E quando olhei, fiquei muito interessado em aprender, porque não havia nenhuma dúvida: as três letras eram exatamente iguais. E elas eram, no fim das contas, as letras correspondentes em aramaico para MLK.

Li o site. O aramaico, da mesma forma que o hebraico, não usava vogais. Era bem complicado, na verdade, porque você precisava saber o que era a palavra antes de poder ler. Por isso, MLK poderia ser a abreviatura de qualquer coisa e nada que eu tentasse fazia sentido. Não para mim, pelo menos. Mas continuei tentando algo que fizesse sentido, chutando palavras...

Mais uma vez alguma coisa cutucou o fundo do meu cérebro e eu me agarrei àquilo, puxei para a luz e olhei de perto. Era o rei Salomão de novo. Antes de saber da parte que ele matava o irmão, eu tinha descoberto que ele havia construído um templo para Moloch. E claro que o outro nome de Moloch era Molek, conhecido como o detestável deus dos amonitas.

Dessa vez pesquisei por "adoração a Moloch" e passei por dúzias de páginas irrelevantes até achar algumas poucas que me deram as mesmas explicações: a adoração a Moloch era

caracterizada por uma perda de controle extática e que terminava com um sacrifício humano. Aparentemente as pessoas eram levadas a tamanho grau de frenesi que nem percebiam que o pequeno Jimmy tinha sido morto e cozido, não necessariamente nessa ordem.

Bom, não entendo nada de perda de controle por êxtase, mesmo tendo ido a jogos de futebol americano no Orange Bowl, por isso devo admitir que estava curioso. Como será que eles faziam aquilo funcionar? Li com mais atenção e descobri que tinha música no meio, uma música tão atrativa que o frenesi era quase automático. Como aquilo acontecia era algo meio ambíguo - a melhor descrição que encontrei, em um texto traduzido do aramaico com muitas notas de rodapé, dizia que "Moloch mandava a música até eles". Imagino que isso significava um bando de pregadores marchando pelas ruas com tambores e trombetas...

Mas por que tambores e trombetas, Dexter?

Porque era o que eu estava ouvindo nos meus sonhos. Tambores e trombetas por cima de um coro feliz e a sensação de que a felicidade eterna estava logo ali, do outro lado da porta.

O que parecia uma bela descrição para perda de controle extática, não é mesmo?

Tudo bem, pensei, vamos imaginar que Moloch retornou. Ou talvez ele nunca tenha partido. Então, um detestável deus de 3 mil anos saído da Bíblia enviava sua música para... hã... o que exatamente? Roubar o meu Passageiro das Trevas? Matar jovens de Miami como se fosse uma Gomorra moderna? Resolvi usar até mesmo o que pensara: Salomão tinha o Passageiro das Trevas original, que agora estava em Miami e, como um leão assumindo a família de outro, tentava matar os Passageiros que já estavam ali, porque... Boa pergunta: por quê?

Eu deveria mesmo acreditar que um cara mau do Velho Testamento estava vindo me pegar? Não faria mais sentido eu simplesmente reservar uma sala redonda no hospício?

Examinei cada ângulo da questão e, mesmo assim, não cheguei a qualquer conclusão. Talvez o meu cérebro também estivesse se deteriorando igual ao resto da minha vida. Ou talvez eu só estivesse cansado. Qualquer que fosse o caso, nada daquilo fazia sentido. Eu precisava saber mais a respeito de Moloch. E já que estava na frente do computador, fiquei imaginando se ele não teria sua própria página na internet

Levaria apenas um momento para descobrir, por isso digitei e comecei a olhar os muitos resultados ridículos que apareceram de pessoas ridículas, jogos on-line e fantasias arcanas paranoicas, até que achei um que poderia ser o melhor. Quando cliquei no link, uma figura começou a se formar lentamente, e quando finalizou...

A batida forte e profunda do tambor e as insistentes trombetas, surgindo por baixo daquele ritmo pulsante e se mesclando até chegarem a um ponto onde não conseguiam mais encobrir as vozes que surgiam em um frenesi de alegria além da imaginação, era a música que eu tinha ouvido enquanto dormia.

E o lento florescimento de uma ardente cabeça de touro, bem no meio da página, com duas mãos erguidas para o alto e as mesmas três letras em aramaico acima.

Fiquei ali sentado, encarando a tela e piscando para o cursor, ainda sentindo a música me invadir e me levar às quentes e gloriosas alturas do êxtase desconhecido que me prometia todo o prazer cego existente e possível em um mundo de alegrias escondidas. Pela primeira vez, pelo que me lembro, esse tipo de sensação me invadiu, me dominou e depois desapareceu. Pela primeira vez eu sentia algo novo, diferente e indesejado.

Eu estava com medo.

Não sabia dizer por que, ou do que, o que tornava pior ainda a coisa toda, um medo solitário e desconhecido que me invadia, ecoava nos lugares vazios dentro de mim e levava tudo embora, a não ser a imagem da cabeça do touro e o próprio medo.

Isso não é nada, Dexter, tentei dizer a mim mesmo. A imagem de um animal e algumas

notas de uma música não tão boa. E tive que concordar completamente comigo mesmo - mas não consegui fazer minhas mãos ouvirem a voz da razão e saírem do meu colo. Havia algo nessa mistura de sonho e a vida real, que supostamente deveriam ser coisas totalmente separadas, mas pareciam bem conectadas, como se algo que pudesse aparecer nos meus sonhos e depois também na tela do meu computador fosse poderoso demais para se resistir e eu não tinha chance de lutar contra aquilo, precisava simplesmente ficar ali assistindo enquanto ele me arrastava para baixo e para o meio das chamas.

E não havia uma voz sombria e poderosa dentro de mim para me transformar em aço e me lançar como uma flecha na direção do que quer que fosse aquilo. Eu estava sozinho, com medo, desamparado e sem pistas. Dexter no escuro e com o bicho-papão e todos os seus lacaios desconhecidos embaixo da cama e se preparando para me puxar para fora deste mundo até uma terra de gritos, terror e dor.

Com um movimento bem distante de ser gracioso, pulei sobre a mesa e arranquei o fio do computador da tomada. Então, com a respiração rápida e parecendo com alguém que teve eletrodos ligados em seus músculos, me arrastei de volta para minha cadeira de forma tão rápida e desajeitada que o fio chicoteou e me acertou na testa, bem em cima de minha sobrancelha esquerda.

Durante vários minutos nada fiz além de respirar e observar o suor que escorria por meu rosto e caía na mesa. Eu não tinha ideia por que tinha pulado da cadeira como uma barracuda saltitante e arrancado o fio da tomada, fora o fato de que senti que ou fazia aquilo ou morreria, e não conseguia entender de onde tinha vindo aquela sensação, mas ela tinha aparecido, crescendo rapidamente no meio da nova escuridão que se formava em minhas orelhas e me esmagando com sua urgência.

Então, fiquei sentado no meu silencioso escritório e encarei pasmado a tela apagada, imaginando quem eu era e o que tinha acabado de acontecer.

Eu nunca sentira medo. Afinal, medo era uma emoção e Dexter não tinha emoções. E ter medo de uma página na internet ia tão além da estupidez e da falta de objetividade que até me faltavam adjetivos para descrever. E eu não agia de forma irracional, apenas quando imitava os seres humanos.

Então por que tinha tirado o fio da tomada e por que minhas mãos tremiam por causa de uma musiquinha alegre e um desenho de uma vaca?

Não havia respostas, e já não tinha certeza de que queria encontrá-las.

Fui para casa, mais uma vez convencido de que estava sendo seguido, mesmo sem ver ninguém pelo retrovisor o caminho todo.

O outro era mesmo especial, resiliente de um jeito que o Observador não via havia muito tempo. Isso estava se mostrando bem mais interessante do que muitos do passado. Ele estava começando a sentir algo que poderia ser descrito como afinidade pelo outro. O que era triste, muito triste. Se as coisas tivessem sido diferentes... Mas havia certa beleza no destino inevitável do outro, e aquilo era algo bom também.

Mesmo a uma distância tão grande do carro do outro ele podia ver os nervos começando a manifestar-se-. acelerando e reduzindo a velocidade do carro, olhando o tempo todo nos espelhos. Bom. Desconforto era apenas o começo. Ele precisava levar o outro a sentir muito mas

do que desconforto, e ele faria isso. Mas primeiro era essencial ter certeza de que o outro saberia o que estava por vir. E até agora, apesar das pistas, não parecia ter conseguido descobrir nada.

Muito bem, então, o Observador iria repetir o padrão até que o outro reconhecesse o tamanho do poder que estava atrás dele. Depois disso, o outro não teria chance. Ele viria como um cordeiro feliz diante do executor.

Até lá, mesmo a observação tinha um propósito. Era bom ele saber que estava sendo vigiado. Não o ajudaria em nada, mesmo se visse o rosto de quem o estava vigiando.

Rostos podem mudar. Mas a vigilância não.

CAPÍTULO 20

É CLARO QUE NÃO DORMI NAQUELA NOITE. O DIA SEGUINTE, DOMINGO, passou em uma névoa de fadiga e ansiedade. Levei Cody e Astor até um parque próximo, me sentei em um banco e tentei dar sentido à pilha de informações e conjecturas que eu tinha juntado até então. As peças se recusavam a se encaixar para formar qualquer imagem que fizesse algum sentido. Mesmo martelando, elas, em uma explicação semicoerente, ainda não me davam qualquer pista concreta de como fazer com que meu Passageiro voltasse.

A melhor coisa que consegui bolar foi uma noção mais ou menos de que o Passageiro das Trevas e outros como ele estão por aí há pelo menos uns 3 mil anos. Mas por que o meu fugiria de um outro era impossível dizer - especialmente porque já tinha encontrado outros antes que não causaram outra reação parecida com esta. E minha teoria de um novo papai leão parecia meio absurda em um belo dia de sol no parque, tendo como pano de fundo as crianças detonando umas às outras. Estatisticamente falando, metade delas deveria ter novos pais, com base na taxa de divórcios, e todos pareciam ir muito bem.

Deixei o desespero tomar conta de mim, um sentimento que parecia meio absurdo em uma tarde adorável daquelas em Miami. O Passageiro tinha ido embora, eu estava sozinho, e a única solução que eu encontrara até então era ter aulas de aramaico. E torcer para que um pedaço grande de gelo caísse de um avião passando sobre minha cabeça e acabasse com o meu sofrimento. Olhei para cima esperançoso, mas, infelizmente, também estava sem sorte no que dizia respeito àquele desejo.

Tive outra noite de meio sono, quebrada apenas pela volta da música estranha que apareceu nos meus sonhos e me acordou na hora em que me sentei na cama para segui-la. Não sei por que parecia boa ideia seguir a música, e sei menos ainda aonde ela queria me levar, mas pelo visto eu iria mesmo assim. Claramente eu estava desmoronando, descendo rapidamente um abismo até a loucura.

Na segunda de manhã, um confuso e abatido Dexter se arrastou para a cozinha e foi imediatamente envolvido pelo Furacão Rita, que me atacou trazendo uma enorme pilha de papéis e CDs

- Preciso saber o que você acha - falou, e me pareceu que era melhor ela não saber quais as coisas que eu achava no momento. Mas antes que eu pudesse fazer qualquer objeção, ela me fez sentar à mesa e começou a espalhar papéis por todos os lados. - Estes são os arranjos florais que o Hans quer fazer - ela começou, me mostrando várias fotos de plantas. - Este é para o altar. E talvez seja muito... ah, não sei - disse desesperada. - Será que alguém fará piada por termos muito branco?

Apesar de ser conhecido por ter bom senso de humor, poucas piadas com a cor branca vieram à minha mente, mas antes que eu pudesse assegurar a ela que tudo bem, Rita já estava passando para outra página.

- Bom, esta é para a mesa, e espero que combine com o que o Manny vai fazer. Talvez devêssemos falar para o Vince checar isso com ele, o que acha?

- Bom - falei.

- Oh, meu Deus, olha a hora - disse ela e, antes que eu pudesse falar qualquer coisa, jogou a pilha de CDs no meu colo -, fiz uma triagem e temos que escolher uma entre seis bandas. Pode ouvir as músicas hoje e me dizer o que acha? Obrigada, Dex - continuou ela, se inclinando para me beijar na bochecha e indo em direção à porta, passando para o próximo item da lista dela. - Cody? É hora de ir, querido. Vamos!

Houve mais uns três minutos de comoção, nos quais Cody e Astor colocaram suas cabeças para dentro da cozinha para dizer tchau, depois a porta da frente se fechou e tudo ficou silencioso.

E nesse silêncio eu pensei que quase dava para ouvir, do mesmo jeito que eu tinha ouvido durante a noite, o eco baixinho daquela música. Sabia que deveria pular da cadeira e saltar pela porta da frente com meu sabre preso firmemente entre os dentes - atacar sob a brilhante luz do dia e descobrir essa coisa, o que quer que fosse, desafiá-la em seu esconderijo e acabar com ela -, mas claro que eu não podia fazer isso.

O site do Moloch havia conseguido plantar o medo dele em mim, e mesmo sabendo que era uma coisa idiota, errada, contraproducente e totalmente oposta do Dexter, em todos os sentidos, não conseguia lutar contra. Moloch. Apenas um nome antigo e estúpido. Um mito da antiguidade que desaparecera havia milhares de anos, destruído juntamente com o templo de Salomão. Não era nada, apenas uma invenção das imaginações pré-históricas, menos do que nada - a não ser pelo fato de eu estar morrendo de medo daquilo.

Parecia não haver mais nada a fazer exceto aguentar o resto do dia com a cabeça baixa e torcer para que não me pegasse, o que quer que fosse aquilo. Eu estava cansado, e talvez isso estivesse ajudando a aumentar meu sentimento de impotência. Mas eu não achava. Tinha a sensação de que algo muito ruim estava circulando bem perto, com o nariz farejando o meu cheiro, e podia sentir os dentes afiados da coisa no meu pescoço. Tudo que eu podia esperar era conseguir fazer com que aquilo durasse um pouco mais de tempo, mas, cedo ou tarde, iria sentir as garras dele em mim e, então, eu ia chorar, espernear e então morrer. Não havia mais espírito de luta em mim; na verdade não sobrara mais quase nada em mim, apenas um pequeno reflexo de humanidade que me dizia que era hora de ir para o trabalho.

Peguei a pilha de CDs de Rita e me arrastei para a porta. E assim que saí por ela e parei, virando a chave para trancá-la, um Toyota Avalon branco saiu devagarzinho de onde estava estacionado e continuou nessa velocidade com uma insolência preguiçosa que cortou minha fadiga e desespero e me espetou fundo com um jorro de terror, que me fez encostar na porta e deixar os CDs escaparem pelos meus dedos e caírem todos no chão.

O carro seguiu devagar até parar no farol fechado. Continuei assistindo àquilo com abatimento e indolência. E quando a luz de freio se apagou e ele começou a pegar a outra via, uma pequena parte do Dexter acordou e ela estava muito brava.

Talvez tenha sido a total falta de respeito e cuidado no comportamento do Toyota, ou talvez tudo o que eu precisasse fosse um jorro de adrenalina para complementar o café matutino. O que quer que tenha sido, me preencheu com um grande sentimento de indignação e antes que pudesse decidir o que fazer eu já estava fazendo, correndo até o meu carro e pulando para dentro dele. Coloquei a chave na ignição, liguei motor e parti atrás do Toyota.

Ignorei a placa de pare e acelerei em direção à rua seguinte, avistando o carro quando ele virava à direita alguns quarteirões à frente. Andei muito mais rápido do que deveria e o vi virando à esquerda na direção da U.S. 1. Diminuí a distância entre nós e acelerei, louco para pegá-lo antes que ele escapasse no meio da hora do rush matinal.

Estava havia apenas um quarteirão dele quando o carro virou na U.S. 1 em direção ao Norte e eu o segui, ignorando as freadas e buzinadas musicais defensivas vindas dos outros motoristas. O

Toyota estava agora a apenas uns dez carros na minha frente e usei todas as minhas habilidades de motorista de Miami para me aproximar, me concentrando apenas na estrada e ignorando as linhas que separavam as pistas, e até deixando de apreciar a incrível criatividade dos motoristas à minha volta para falar palavrões. O verme tinha acordado, e mesmo não tendo todos os seus dentes, estava pronto para a luta, seja lá como for que um verme lute. Eu estava bravo - outra novidade para mim. Tinha sido drenado de todas as minhas trevas e empurrado para um canto brilhante onde as paredes estavam se fechando, mas já estava farto disso tudo. Era hora de Dexter revidar. E embora não soubesse o que faria quando pegasse o outro carro, eu o pegaria com certeza.

Estava havia meio quarteirão dele quando o motorista do Toyota percebeu minha presença e acelerou na hora, entrando em um espaço à esquerda tão apertado que o carro de trás teve que frear bruscamente e derrapou.

Dois carros que vinham atrás acertaram a lateral dele e um enorme barulho de freadas e buzinas preencheu o ambiente. Encontrei espaço suficiente à direita para enfiar meu carro e escapar da batida e depois voltar para a esquerda que agora estava livre. O Toyota estava um quarteirão à frente e acelerando, mas eu pisei fundo e fui atrás.

Durante algum tempo a distância entre nós permaneceu a mesma, até que o Toyota pegou um pouco de trânsito e consegui me aproximar, até ficar a apenas dois carros dele, perto o suficiente para ver um par de grandes óculos escuros olhando para mim pelo retrovisor. Quando costurei para ultrapassar o veículo que estava perto de seu para-choque, ele virou repentinamente a direção para a esquerda, passando por cima da divisória do meio das pistas e entrando no sentido contrário. Passei por ele antes de poder reagir. Quase consegui ouvir um riso malicioso vindo em minha direção enquanto ele seguia em direção a Homestead.

Mas me recusei a deixá-lo escapar. Não era porque, pegando aquele carro, eu teria respostas, apesar de também ser verdade. E nem mesmo estava pensando em justiça ou qualquer um desses conceitos abstratos. Não, isso era a pura raiva advinda da indignação, crescendo de alguma parte desocupada do meu ser e fluindo diretamente para o meu cérebro de lagarto e depois descendo para os meus punhos. O que eu queria realmente era arrancar aquele cara de seu carro podre e cobri-lo de porrada. Era uma sensação completamente nova para mim, a ideia de infligir danos físicos a alguém em meio a um acesso de raiva, e aquilo era intoxicante, forte o suficiente para apagar qualquer impulso lógico que pudesse ter sobrado em mim e me fazer também cruzar a pista para continuar a perseguição.

Meu carro fez um barulho terrível ao pular e cruzar a pequena calçada que separava as duas pistas e descer do outro lado, antes que um enorme caminhão de cimento me acertasse por centímetros, mas já estava acelerando de novo, perseguindo o Toyota no tráfego mais leve da pista sul. Bem lá na frente eu podia ver vários pontos brancos se movendo, e um deles poderia ser o meu alvo. Pisei fundo mais uma vez e fui atrás.

Os deuses do tráfego foram bons para mim, então passei tranquilamente por vários carros por um bom tempo até alcançar o primeiro farol vermelho. Vários automóveis se enfileiravam obedientemente em cada pista da intersecção e não havia como eu desviar - a menos que eu repetisse meu momento de loucura e subisse na calçada do meio. E foi o que fiz. Saí dela para a intersecção bem a tempo de atrapalhar bastante um Hummer amarelo que burramente vinha tentando usar as pistas da forma correta. Ele deu uma guinada louca e quase conseguiu evitar a colisão; houve apenas um barulho leve quando acertei o para-choque dianteiro dele, ricochetei em direção à intersecção e continuei em frente, seguido por outra explosão de buzinas e xingamentos.

O Toyota devia estar a uns quinhentos metros de mim, se ainda estivesse na U.S. 1, e não

esperei para ver se a diferença aumentaria. Pisei fundo no meu pequeno e confiável carro e depois de meio minuto eu avistava dois veículos brancos à minha frente, um SUV Chevy e uma perua. O Toyota não estava à vista.

Diminuí a velocidade por um momento - e pelo canto do olho eu o vi, fazendo a curva atrás de uma loja de doces, no estacionamento de uma cadeia de lojas à minha direita. Meu pé afundou no acelerador e cortei as duas pistas com trânsito e consegui entrar no mesmo estacionamento. O motorista do outro carro me viu; ele acelerou e pegou a rua perpendicular à U.S. 1, correndo em direção leste o mais rápido que conseguiu. Atravessei o estacionamento e fui atrás.

Ele me levou por uma área residencial por uns três ou quatro quilómetros e depois virou em uma esquina e passou por um parque onde havia muitas crianças. Cheguei um pouco mais perto - bem a tempo de ver uma mulher, segurando um bebé e levando mais duas crianças, começar a atravessar a rua na nossa frente.

O Toyota acelerou e subiu na calçada enquanto a mulher continuou atravessando lentamente e olhando para mim como se eu fosse uma placa que ela não conseguia ler. Virei o carro para ir atrás dele, mas de repente uma das crianças resolveu correr de volta para a calçada bem na frente do meu carro e pisei com tudo no freio. Meu carro derrapou e por um momento pareceu que eu deslizaria direto para o lento e estúpido grupo que estava parado no meio da rua, me assistindo sem o menor sinal de interesse. Mas meus pneus finalmente fizeram seu serviço e consegui virar a direção, jogando um pouco de potência, fiz uma pequena volta na garagem de uma casa do outro lado da rua em frente ao parque. Em seguida, retornei para a rua em meio a uma nuvem de grama e de volta à perseguição ao Toyota, agora um pouco longe de mim.

A distância permaneceu a mesma durante vários quarteirões até eu dar sorte de novo. O Toyota passou voando por uma placa de pare, mas dessa vez um carro de polícia saiu atrás dele, ligou a sirene e se juntou à perseguição. Não sei se devia ficar feliz pela companhia ou com ciúmes pela competição, mas pelo menos era muito mais fácil seguir as luzes e sirenes, então continuei atrás.

Os dois carros à minha frente começaram uma série de curvas rápidas, e achei que estava chegando mais perto, mas de repente o Toyota desapareceu o o carro de polícia deslizou e parou. Alguns segundos depois eu estava do lado da viatura e descendo do carro.

Na minha frente, o policial corria por um gramado bem aparado, com marcas de pneu que iam da parte de trás de uma casa em direção a um canal. O Toyota afundava do outro lado do canal e, enquanto eu assistia, um homem saiu do carro pela janela e nadou os poucos metros que o separavam da outra margem. O policial parou na nossa margem, hesitou e então se jogou e nadou até o veículo que já estava meio afundado. Enquanto isso, ouvi o barulho de um automóvel pesado freando atrás de mim.

Era o Hummer amarelo que lutava para parar atrás do meu carro e um homem com o rosto muito vermelho e cabelos arenosos pulou para fora e começou a gritar comigo.

- Seu filho da mãe desgraçado! - ele gritou. - Você bateu no meu carro! O que acha que estava fazendo?

Antes que pudesse responder meu celular tocou.

- Com licença - falei, e por mais estranho que possa parecer, ele se calou e esperou calmamente que eu atendesse a chamada

- Onde diabos você está? - sibilou Deborah.

- Estou em Cutler Ridge, olhando para um ca

Isso deu a ela uma pausa de um segundo antes de dizer:

- Bom, se seque e venha logo para a porra do campus. Temos outro corpo!

CAPÍTULO 21

LEVEI ALGUNS MINUTOS PARA ME DESVENCILHAR DO MOTORISTA DO HUMMER amarelo, e talvez ainda estaria lá se não fosse pelo policial que pulou no canal. Ele finalmente voltou à margem e depois caminhou até onde eu estava parado, ouvindo um desfile de palavrões e obscenidades intermináveis, nenhum deles muito original. Tentei ser educado com aquilo tudo - o cara precisava muito desabafar, e eu não queria causar nenhum dano psicológico a ele ao tentar impedi- lo -, mas eu tinha alguns assuntos policiais urgentes para resolver, infelizmente. Tentei explicar a situação, mas aparentemente ele era uma daquelas pessoas que não conseguem ouvir a voz da razão e gritar ao mesmo tempo.

Por isso o aparecimento de um policial muito infeliz e totalmente molhado foi uma ótima interrupção para aquela conversa que estava sendo bastante tediosa para uma das partes.

- Eu realmente gostaria de saber o que descobriu a respeito do motorista daquele carro - falei para o policial.

- Aposto que sim - ele respondeu. - Posso ver sua identidade, por favor?

- Tenho que ir para uma cena de crime - respondi.

- Você está em uma - me disse. - Então mostrei minhas credenciais e ele as examinou detalhadamente, pingando água do canal na foto plastificada. Finalmente acenou com a cabeça e disse - Tudo bem, Morgan. Pode ir.

Pela reação do motorista do Hummer, você imaginaria que o policial linha sugerido que colocássemos fogo no papa.

- Não pode deixar esse filho da mãe ir embora assim. Esse cuzão de uma liga bateu no meu carro!

E o abençoado policial apenas o encarou, ainda pingando, e disse:

- Posso ver sua carteira de motorista e o documento do carro, senhor? - Aquilo me pareceu uma bela deixa para eu ir embora, e resolvi aproveitar.

Meu pobre e amassado carro estava fazendo sons bem tristes, mas dirigi até a universidade de qualquer forma - eu realmente não tinha alternativa. Não importava quanto ele estive danificado, precisava chegar lá. Aquilo fez com que eu sentisse uma ligação com o carro. Lá estávamos nós, duas esplêndidas máquinas detonadas e afastadas de nossa condição original por circunstâncias acima de nosso controle. Era um ótimo assunto para um pensamento de autopiedade, e me aproveitei dele por vários minutos. A raiva que sentira havia alguns minutos tinha desaparecido, escorrendo na relva, igual a água do canal que pingava do policial. Ver o motorista do Toyota sair nadando, subir na margem oposta e ir embora, me levou à mesma sensação a respeito de tudo que estava acontecendo ultimamente; chegar um pouco mais perto e depois ter o tapete puxado de debaixo de meus pés.

Agora havia mais um corpo e ainda não tínhamos descoberto o que fazer com os outros dois. Aquilo fazia com que parecêssemos cães em uma pista de corrida, perseguindo um coelho falso que está sempre um pouco à nossa frente, acelerando sempre que o pobre cão acha que vai pegá-lo com os dentes.

Havia dois carros do nosso departamento quando cheguei à universidade, os policiais já haviam colocado um cordão de isolamento em volta da área do Museu de Arte Lowe e deixado a multidão de curiosos atrás. Um policial forte e com a cabeça raspada veio até mim e apontou em direção à parte de trás do prédio.

O corpo estava em uns arbustos atrás da galeria. Deborah conversava com alguém que parecia ser um estudante, e Vince Masuoka estava agachado ao lado da perna esquerda do corpo, cutucando o tornozelo de leve com uma caneta. O corpo não podia ser visto da rua, mas mesmo assim não dava para dizer que tinha sido escondido. E obviamente tinha sido queimado e deixado exatamente como os outros dois, em uma posição cerimonial, com a cabeça sendo substituída por uma de touro feita de cerâmica. E mais uma vez, ao observar essa cena, esperei por alguma reação interna. Mas não ouvi nada, apenas um vento tropical passando por meu cérebro. Eu ainda estava sozinho.

Enquanto estava ali parado com meus pensamentos melindrosos, Deborah veio em minha direção com força total.

- Demorou bastante - ela bufou. - Onde você estava?

- Aula de macramê - falei. - É igual aos outros?

- Parece que sim - ela respondeu. - O que achou, Masuoka?

- Acho que demos sorte aqui - ele respondeu.

- Porra, já era hora!

- Ela tem uma corrente no tornozelo - disse Vince. - De platina, por isso não derreteu - levantou a cabeça e olhou para Deborah e deu aquele seu terrível sorriso falso. - Está escrito Tammy.

Debs fez uma careta e olhou para a porta lateral da galeria. Um homem alto usando um terno de verão e uma gravata borboleta estava ali parado com um dos policiais e olhava ansioso para Deborah.

- Quem é aquele cara? - ela perguntou a Vince.

- É o professor Keller. Dá aulas de História da Arte. Foi ele que achou o corpo - respondeu.

Ainda com uma careta, Deborah ficou em pé e fez um sinal para o policial trazer o professor até ali.

- Professor...? - perguntou Deborah.

- Keller. Gus Keller. - Era um homem bem-apessoado, na faixa dos 60 anos, com o que parecia ser uma cicatriz de luta na bochecha esquerda. Não parecia estar a ponto de desmaiar com a visão do corpo.

- Então você achou o corpo? - Deborah perguntou.

- Isso mesmo. Estava chegando para ver se estava tudo certo com a nova exposição (a arte da Mesopotâmia, o que é interessante) e vi o corpo aqui nos arbustos. - Ele fez uma careta. - Acho que há mais ou menos uma hora.

Deborah assentiu com a cabeça como se já soubesse de tudo aquilo, mesmo a parte sobre a Mesopotâmia. Esse era um truque usado pelos policiais para fazer com que as pessoas se sentissem ansiosas para dar novos detalhes, especialmente se tivessem alguma culpa no cartório. Mas aquilo não pareceu funcionar com Keller. Ele ficou ali parado esperando por outra pergunta, e Debs ficou tentando pensar em uma. Eu tenho orgulho das habilidades sociais artificiais que desenvolvi com muito esforço, e para não deixar aquele silêncio virar algo constrangedor, limpei a garganta, e Keller olhou para mim.

- O que pode nos dizer a respeito da cabeça de cerâmica? - perguntei. - Do ponto de vista artístico. - Deborah me deu uma olhada, que poderia bem ser apenas um olhar de ciúmes por não ter pensado naquela pergunta.

- Do ponto de vista artístico? Não muito - respondeu ele olhando para a cabeça perto do corpo. - Parece que foi feita em um molde e depois cozida em um forno rústico e primitivo. Talvez até em um forno grande. Mas historicamente é algo muito mais interessante.

- O que quer dizer com isso? - Deborah perguntou e ele deu de ombros.

- Bom, não é perfeito - ele começou -, mas alguém tentou recriar um design estilizado bem antigo

.

- Antigo quanto? - perguntou Debs. Keller levantou uma sobrancelha e deu de ombros, como se ela tivesse feito a pergunta errada, mas respondeu.

- Uns três ou quatro mil anos.

- Isso é bem antigo - falei de forma prestativa, e os dois me olharam, o que fez com que eu pensasse que precisava oferecer algo pelo menos meio inteligente - De que parte do mundo seria isso?

Keller assentiu com a cabeça. Eu tinha sido inteligente de novo.

- Oriente Médio. Víamos algo parecido na Babilônia, e antes disso também em Jerusalém. A cabeça de touro parece estar ligada à adoração de um dos deuses da antiguidade. Um bem malvado, na verdade.

- Moloch - falei, e minha garganta doeu ao pronunciar o nome.

Deborah me olhou com a certeza absoluta de que eu estava mesmo escondendo algo dela, mas se virou novamente para o Keller, pois ele continuou a falar.

- Sim, isso mesmo. Moloch gostava de sacrifícios humanos, especialmente de crianças. O acordo padrão era: sacrifique seu filho e ele garantirá uma boa colheita, ou a vitória sobre seus inimigos.

- Bem, então imagino que podemos esperar uma ótima colheita este ano - falei, mas parece que nenhum dos dois achou que aquilo valia nem um pequeno sorriso. Ah, mas tudo bem, cada um faz o que pode para tentar animar um pouco este mundo tão triste, e se as pessoas se recusam a aceitar o seu esforço, o azar é só delas.

- Qual o objetivo de queimar os corpos? - Deborah quis saber.

Keller sorriu rapidamente, daqueles sorrisos obrigado-por-perguntar que os professores adoram.

- É a chave do ritual. Há uma enorme estátua de Moloch com sua cabeça de touro e que na verdade é uma fornalha.

Lembrei de Halpern e seu "sonho". Será que ele já sabia sobre Moloch, ou aquilo veio até ele do mesmo jeito que a música veio até mim? Talvez Deborah estivesse certa desde o começo e ele tinha mesmo estado no lugar onde havia essa estátua e tinha matado as garotas - apesar disso parecer bem improvável agora.

- Uma fornalha - repetiu Debs, e Keller concordou. - E eles atiravam os corpos lá dentro? - perguntou com uma expressão que indicava que estava com problemas em acreditar e que era por culpa dele.

- Ah, é muito melhor que isso - ele retrucou. - Eles promoviam um milagre durante o ritual. E era algo bem sofisticado, na verdade. E é uma das razões de Moloch ter sido tão popular durante tanto tempo. Era algo bem convincente e muito emocionante. A estátua tinha braços que se esticavam em direção à congregação. Quando o sacrifício era colocado em seus braços, Moloch parecia ganhar vida e comer aquilo, os braços levantavam a vítima lentamente e a colocavam na boca da estátua.

- E depois dentro da fornalha - falei, não querendo ficar muito tempo fora da conversa -, enquanto a música continuava a tocar.

Deborah me olhou com estranheza, e percebi que ninguém tinha mencionado a música ainda, mas Keller deu de ombros e respondeu mesmo assim.

- Sim, isso mesmo. Trombetas e tambores, cantos, tudo muito hipnótico. E o clímax de tudo isso era quando o deus levantava o corpo até a sua boca e o deixava cair. Entrando pela boca, você caía direto na fornalha. Vivo. Não devia ser muito divertido para a vítima.

Eu acreditava no que Keller dizia - afinal, ouvia a batida suave dos tambores ao longe e não era nem um pouco divertido.

- Há alguém que ainda adore esse cara hoje em dia? - Debs perguntou.

Keller fez que não com a cabeça.

- Não nos últimos 2 mil anos, pelo menos até onde sei.

- Muito bem, que se dane então - disse ela. - Quem pode estar fazendo isto?

- Essas coisas não são um segredo - ele falou. - É uma parte da história e está muito bem documentada. Qualquer um que pesquisasse acharia o suficiente para fazer algo assim.

- Mas por que alguém faria isso? - Deborah perguntou.

Keller sorriu educadamente.

- Não tenho a menor ideia.

- Então o que essas drogas de informações podem fazer por mim? - reclamou ela em um tom que sugeria que Keller deveria saber a resposta para a pergunta.

Ele lhe deu um singelo sorriso professoral:

- É sempre bom aprender coisas diferentes.

- Por exemplo - falei -, sabemos que em algum lugar por aí existe uma enorme estátua de um touro com uma fornalha dentro.

Deborah virou sua cabeça rapidamente para olhar para mim.

Eu me inclinei em direção a ela e disse suavemente:

- Halpern. - Ela piscou para mim e pude ver que ainda não tinha pensado naquilo.

- Você acha que não foi um sonho?

- Não sei o que pensar - falei. - Mas se alguém está realizando mesmo os sacrifícios para Moloch, por que não faria com todos os equipamentos corretos?

- Maldição! Onde alguém poderia esconder algo assim?

Keller tossiu com delicadeza.

- Infelizmente acho que esconder não é o único problema.

- Como assim? - Deborah quis saber.

- Bom, a pessoa teria que esconder o cheiro também. O cheiro de carne humana queimando permanece por muito tempo e é inesquecível - disse ele parecendo um pouco embaraçado.

- Então estamos procurando uma estátua enorme com uma fornalha dentro e cheirando a gente queimada - falei animado. - Acho que não será difícil de achar.

Deborah me encarou e mais uma vez fiquei um pouco desapontado com a visão pesada que ela tinha da vida - ainda mais porque eu provavelmente me juntaria a ela permanentemente na Terra da Melancolia se o Passageiro das Trevas se recusasse a se comportar e sair de onde estava se escondendo.

- Professor Keller - disse ela, se virando para ele novamente e completando o abandono de seu pobre irmão -, tem mais alguma coisa a respeito desse touro e rituais que possa nos ajudar?

Era uma boa pergunta para encorajar alguém e quase desejei que eu tivesse pensado nisso, mas pareceu não ter efeito em Keller ou Deborah, que aparentemente não percebera que tinha feito uma pergunta inteligente. Keller fez que não com a cabeça.

- Infelizmente isso tudo não é bem da minha área. Estudo alguns aspectos que influenciam na parte da História da Arte. Vocês poderiam checar isso com alguém de filosofia ou religião

comparada - disse ele.

- Como o professor Halpern - sussurrei novamente, e Debs fez que sim com a cabeça.

Ela se virou para ir embora, mas por sorte se lembrou das boas maneiras a tempo, se virou para Keller e disse:

- O senhor nos ajudou bastante, doutor Keller. Por favor, nos avise se lembrar de algo mais.

- É claro - disse ele.

Debs me pegou pelo braço e me levou com ela.

- Vamos até a secretaria de novo? - perguntei educadamente enquanto meu braço ficava roxo.

- Sim - disse ela. - Mas se tiver uma Tammy em uma das classes de Halpern, não sei o que vou fazer.

Puxei o que tinha sobrado de meu pobre braço do apertão dela. - E se não houver?

Ela apenas chacoalhou a cabeça:

- Vamos logo.

Mas quando eu passava novamente pelo corpo, algo agarrou as minhas pernas, e então olhei para baixo.

- Ah-hã - disse Vince. Ele limpou a garganta. - Dexter - falou levantando uma sobrancelha. Depois ficou vermelho e soltou minhas pernas. - Preciso falar com você.

- Certamente - falei. - Pode esperar?

Ele fez que não com a cabeça.

- É muito importante.

- Então tudo bem. - Dei três passos de volta até onde ele estava agachado. - O que é?

Ele desviou o olhar, e por mais que fosse estranho vê-lo demonstrar emoções verdadeiras, o rosto dele ficou mais vermelho ainda.

- Falei com Manny.

- Maravilha. E ainda continua com todos os seus membros - falei.

- Sim, he, he. Ele quer fazer algumas pequenas mudanças. Hã... no cardápio. Do seu casamento.

- Arrá! - falei, apesar de parecer meio idiota dizer "Arrá" quando se está ao lado de uma pessoa morta. Mas não consegui me segurar. - E por um acaso essas mudanças são mais caras?

Vince se recusou a olhar para mim. Ele apenas assentiu com a cabeça.

- Sim. Ele disse que teve uma inspiração. Algo totalmente novo e diferente.

- Acho isso maravilhoso - falei. - Mas não tenho como pagar pela inspiração. Teremos que dizer não a ele.

Vince fez que não com a cabeça.

- Você não está entendendo. Ele só ligou porque gosta de você. Manny disse que o contrato permite que ele faça o que quiser.

- E ele quer aumentar o preço só um pouquinho?

Vince agora estava roxo. Ele balbuciou algumas sílabas e olhou para o outro lado.

- Como? - perguntei. - O que você falou?

- O dobro - falou, bem baixo, mas audível dessa vez.

- O dobro?

- Sim.

- Mas isso dá 500 dólares por prato.

- Tenho certeza de que será algo muito legal - retrucou o homem da cara roxa.

- Por 500 dólares o prato eu espero que seja bem mais do que legal. No mínimo tem que estacionar os carros, encerar o chão e fazer uma massagem em cada convidado.

- Este é um daqueles acordos de estrelas, Dexter. Provavelmente seu casamento aparecerá em uma revista.

- Sim, provavelmente na revista Casamentos que levaram à falência. Temos que falar com ele, Vince.

Ele fez que não com a cabeça e continuou a olhar para a grama.

- Não posso - falou.

Humanos são uma incrível combinação de burrice, ignorância e estupidez, não é? Mesmo os que fingem a maior parte do tempo, como Vince. Ele era um especialista forense sem qualquer medo, que estava a centímetros do corpo de alguém assassinado de forma horrível, algo que tinha o mesmo efeito sobre ele do que uma árvore, mas ficava paralisado de terror por ter que enfrentar um baixinho que esculpia chocolate para viver.

- Tudo bem - falei. - Pode deixar que eu falo com ele.

Ele finalmente olhou para mim e disse:

- Tome cuidado, Dexter.

CAPÍTULO 22

ALCANCEI DEBORAH QUANDO ELA MANOBRAVA O CARRO E, FELIZMENTE, ela parou por tempo suficiente para que eu entrasse e fosse com ela até a secretaria. Ela não tinha nada a dizer no curto caminho, e eu estava preocupado demais com os meus problemas.

Uma rápida pesquisa nos arquivos da secretaria com minha nova amiga mostrou que não havia nenhuma Tammy nas classes de Halpern. Mas Deborah, que ficou andando para a frente e para trás enquanto esperava, estava pronta para aquele revés.

- Tente no semestre passado.

Tentei e nada.

- Tudo bem - disse ela com uma careta. - Tente então nas turmas do Wilkins.

Era uma ótima ideia e, para comprovar, achei logo de cara: a senhorita Connor estava na classe de ética ministrada pelo professor Wilkins.

- Certo - disse Deborah. Pegue o endereço dela.

Tammy Connor morava em uma residência estudantil ali perto, e Deborah não perdeu tempo em nos levar até lá e estacionar ilegalmente em frente ao prédio. Ela pulou do carro e caminhou em direção à porta da frente antes que eu pudesse abrir a minha, mas a segui o mais rápido de pude.

O quarto de Tammy era no terceiro andar. Debs escolheu ir pelas escadas, subindo dois degraus de cada vez, em vez de perder tempo apertando o botão do elevador, e como aquilo me deixou sem fôlego para reclamar, não reclamei. Cheguei bem a tempo de ver a porta do quarto se abrindo e revelando uma garota atarracada, de cabelos escuros e óculos.

- Sim? - disse ela, fazendo uma careta.

Deborah mostrou seu distintivo e perguntou:

- Tammy Connor?

A garota engasgou e pôs uma mão no pescoço.

- Oh, Deus, eu sabia.

Deborah assentiu.

- Você é Tammy Connor, senhorita?

- Não, claro que não. Sou Allison, colega de quarto dela.

- Sabe onde Tammy está, Allison?

A garota quase engoliu seu lábio inferior ao mesmo tempo que negava vigorosamente com a cabeça.

- Não!

- Quanto tempo faz que não a vê?

- Dois dias.

- Dois dias? - Deborah repetiu, levantando suas sobrancelhas. - E isso não é normal?

Parecia que Allison ia arrancar o próprio lábio, mas ela continuou apenas mastigando, parando somente para balbuciar:

- Não posso falar nada.

Deborah a encarou por um longo tempo antes de dizer:

- Acho que você vai precisar falar, Allison. Achamos que Tammy está com sérios problemas.

Aquilo me pareceu um jeito bem eufemístico de dizer que achávamos que ela estava morta, mas deixei passar, porque aquilo teve um profundo efeito em Allison.

- Oh - falou e começou a saltitar pra cima e pra baixo. - Oh, eu sabia que isso ia acontecer.

- O que é que você acha que aconteceu? - perguntei a ela.

- Eles foram pegos - ela respondeu. - Eu disse a ela.

- Tenho certeza de que falou - concordei. - Por que não fala pra gente também?

Ela saltou mais rápido por um momento.

- Oh - repetiu, e então falou de uma vez. - Ela está tendo um caso com um professor. Oh, meu Deus, ela vai me matar.

Pessoalmente, não achava que Tammy fosse matar alguém, mas só pra garantir, achei melhor perguntar:

- Tammy usava algum tipo de joia?

Ela me olhou como se eu fosse louco.

- Joia? - repetiu, como se a palavra estivesse em uma língua estrangeira, como aramaico, por exemplo.

- Sim, isso mesmo - falei em tom de encorajamento. - Anéis, braceletes, algo assim?

- Quer dizer, tipo, a tornozeleira de platina dela? - perguntou.

- Sim, exatamente algo assim - falei. - Havia algo marcado na tornozeleira?

- Sim, o nome dela - falou. - Meu Deus, ela vai ficar muito brava comigo.

- Você sabe quem era o professor que estava tendo um caso com ela, Allison? - perguntou Deborah.

Allison voltou a chacoalhar a cabeça de forma negativa.

- Eu realmente não devia falar sobre isso.

- Era o professor Wilkins? - perguntei, e mesmo que Deborah tenha me encarado, a reação de Allison foi muito mais gratificante.

- Oh, Deus, juro que não fui eu que falei - disse ela.

Com um telefonema, descobrimos o endereço em Coconut Grove onde o professor Wilkins tinha sua "humilde" morada. Era um bairro chamado Os Ancoradouros, o que significava que ou a universidade estava pagando muito mais do que antigamente, ou o professor tinha outras fontes de renda. Quando entramos na rua, a chuva da tarde começou, caindo em ondas, diminuindo o ritmo e depois recomeçando.

Achamos a casa facilmente. O número estava no muro amarelo de dois metros que circundava a casa. Um portão de ferro bloqueava a entrada. Deborah estacionou na rua, descemos e olhamos pelo portão. Era uma propriedade modesta, não mais do que uns 1.500 m², situada há pelo menos uns setenta metros da água, então talvez Wilkins não fosse tão rico assim.

Enquanto tentávamos descobrir um meio de sinalizar que estávamos ali e queríamos entrar, a porta da frente se abriu e um homem saiu dela, vestindo uma capa de chuva amarelo-brilhante. Ele foi em direção ao carro estacionado na entrada, um Lexus azul.

Deborah levantou a voz e chamou:

- Professor? Professor Wilkins?

O homem olhou para nós de dentro de sua capa.

- Sim?

- Podemos falar um momento com o senhor, por favor?

Ele veio lentamente ao nosso encontro, com a cabeça inclinada de leve em direção a Deborah.

- Depende. Quem são vocês?

Deborah pôs a mão no bolso para pegar o distintivo e ele parou, cuidadoso, com certeza teve medo de que ela tirasse uma granada do bolso.

- Somos da polícia - assegurei a ele.

- É mesmo? - falou e se virou para mim com um meio sorriso que se congelou quando me viu, hesitou e depois virou um sorriso bem falso. Como sou especialista em fingir emoções e expressões, não tinha a menor dúvida daquilo - a visão do velho e bom Dexter o tinha deixado meio abalado, e estava tentando esconder isso com um belo sorriso falso. Mas por quê? Se ele fosse culpado, claro que encontrar a polícia no portão seria uma notícia pior do que ter Dexter na porta de casa. Em vez disso, ele olhou para Deborah e disse:

- Ah sim, já nos encontramos uma vez, na porta da minha sala na universidade.

- Isso mesmo - disse Deborah, finalmente conseguindo tirar o distintivo do bolso.

- Desculpem, mas isso vai demorar? Estou com um pouco de pressa.

- Temos apenas umas duas ou três perguntas a fazer, professor - disse Deborah. - Vai demorar apenas um minuto.

- Bom - disse ele, olhando do distintivo para meu rosto e então desviando rapidamente o olhar. - Tudo bem - ele abriu o portão. - Querem entrar?

Apesar de já estarmos molhados até os ossos, pareceu uma ótima ideia sair da chuva, então o seguimos pelo portão e entramos na casa.

O estilo da decoração era o que eu chamava de Pessoa Rica e Casual de Coconut Grove. Não via um exemplo disso desde que era garoto, quando o Modernismo de Miami Vice tomou o lugar do estilo anterior. Mas isso era algo da velha escola, de quando o bairro ainda tinha um sabor boêmio.

O chão era de azulejos marrom-avermelhado e brilhantes o suficiente para que alguém os usasse como espelho para se barbear, e havia uma área para conversar com um sofá de couro e duas cadeiras combinando do lado direito, perto de uma grande janela panorâmica. Ao lado dela havia um bar, com uma grande adega climatizada com porta de vidro e a pintura abstraía de um nu na parede.

Wilkins nos levou em direção ao sofá, passando por alguns vasos de plantas, mas hesitou quando estava a dois passos dele.

- Ah - falou, tirando o capuz da cabeça. - Estamos um pouco molhados para o sofá de couro. Posso lhes oferecer um banquinho? - perguntou, gesticulando em direção ao bar.

Olhei para Deborah que deu de ombros. - Podemos ficar em pé - disse ela. - Vai levar só um minuto.

- Tudo bem - respondeu Wilkins. Cruzou os braços e sorriu para ela. - O que é tão importante para mandarem alguém como você com uma chuva dessas?

Deborah ficou levemente vermelha, não sei se por irritação ou algo que eu não sabia dizer.

- Há quanto tempo você tem um caso com Tammy Connor? - ela perguntou.

A expressão feliz de Wilkins desapareceu e por um momento surgiu uma expressão fria de incomodo em seu rosto.

- Quem falou isso pra você?

Percebi que Deborah estava tentando desestabilizá-lo um pouco, e como isso era uma de minhas especialidades, emendei:

- Por acaso precisará vender esta casa se não conseguir virar professor titular?

Os olhos dele fuzilaram os meus, e não havia nada de prazeroso no olhar que ele me lançou. Ele manteve a língua dentro da boca.

- Eu devia saber. Isto é por causa da confissão de Halpern na cadeia? Ele disse que fui eu, não?

- Isso quer dizer que você não tem um caso com Tammy Connor? - perguntou Deborah.

Wilkins olhou de novo para ela e, com um esforço visível, retomou o sorriso relaxado. Ele fez que não com a cabeça.

- Desculpe - falou. - Não consigo me acostumar com você fazendo o papel de tira má. Imagino que seja uma técnica que funcione com vocês dois, não?

- Até agora não - falei. - Você não respondeu nenhuma das nossas perguntas.

Ele assentiu.

- Tudo bem - começou -, Halpern disse a vocês que invadiu meu escritório? Eu o achei escondido embaixo da minha mesa. Só Deus sabe o que fazia lá.

- Por que acha que ele invadiu o seu escritório? - Deborah perguntou.

Wilkins deu de ombros.

- Ele disse que sabotei o trabalho dele.

- E você sabotou?

Ele encarou Deborah, olhou para mim por um desconfortável momento e depois para ela de novo.

- Olha, policial, estou me esforçando para colaborar. Mas já me acusaram de tantas coisas que não tenho certeza a qual devo responder primeiro.

- É por isso que não respondeu a nenhuma delas até agora? - perguntei.

Wilkins me ignorou.

- Se me disserem o que o trabalho de Halpern tem a ver com Tammy Connor, ficarei feliz em ajudar da melhor maneira possível. Senão vou ter que ir embora.

Deborah olhou para mim, talvez buscando um conselho ou apenas por estar cansada de olhar para ele, eu não sabia dizer, então dei de ombros da melhor maneira, aí ela voltou a olhar para Wilkins.

- Tammy Connor está morta - ela falou.

- Nossa - disse ele. - Como isso aconteceu?

- Do mesmo jeito que com Ariel Goldman.

- E você conhecia as duas - acrescentei.

- Imagino que dúzias de pessoas conhecessem as duas. Inclusive Jerry Halpern - disse ele.

- O professor Halpern matou Tammy Connor, professor Wilkins? - perguntou Deborah. - De dentro da cadeia?

Ele deu de ombros.

- Só estou dizendo que ele também conhecia as duas.

- E ele também tinha um caso com a Tammy? - perguntei.

Wilkins sorriu de forma afetada.

- Provavelmente não. Pelo não com Tammy.

- E o que isso quer dizer, professor? - perguntou Deborah.

Ele deu de ombros de novo.

- Sei apenas de rumores, sabem como é, os alunos fofocam. Alguns acham que Halpern é gay.

- Menos concorrência para você - falei. - Como no caso de Tammy Connor.

Wilkins fez uma careta para mim e tenho certeza de que teria ficado bem intimidado se fosse um estudante dele.

- Você precisa se decidir se estou matando ou transando com as minhas alunas - falou.

- Por que não poderia ser as duas coisas?

- Você fez faculdade? - perguntou.

- Sim, claro que sim.

- Então sabe que existe certo tipo de garota que sempre tenta transar com os professores. Tammy tinha mais de dezoito anos e eu não sou casado.

- Mas não é um pouco antiético transar com uma aluna? - perguntei.

- Ex-aluna - ele respondeu de pronto. - Saí com ela apenas depois do semestre passado. Não existe nenhuma lei contra sair com ex-alunas. Especialmente se ela se joga em cima de você.

- Boa saída - respondi.

- E você sabotou o trabalho do professor Halpern? - Deborah perguntou.

Wilkins voltou a olhar para Deborah e sorriu. Era interessante ver alguém quase tão bom quanto eu em alterar suas emoções.

- Está vendo um padrão aqui, detetive? Jerry Halpern é um cara brilhante, mas não muito... estável, certo? E com toda a pressão que vem sofrendo atualmente, decidiu que estou conspirando contra ele, que é tudo culpa minha. - Ele deu de ombros. - Não acho que sou tão bom assim - falou dando um pequeno sorriso. - Pelo menos não como conspirador.

- Então acha que Halpern matou Tammy Connors e as outras? - Deborah perguntou.

- Não foi o que eu disse. Mas poxa, ele é o psicótico, não eu - deu um passo em direção à porta e levantou uma sobrancelha para Deborah. - E agora, se não se importam, eu realmente preciso ir.

Deborah entregou a ele um cartão.

- Obrigada pelo seu tempo, professor. Se lembrar de algo que possa nos ajudar, entre em contato, por favor.

- Farei isso com certeza - disse ele, oferecendo um sorriso daqueles e colocando a mão no ombro dela. Ela deu um jeito de não recuar. - Acho horrível ter que fazê-los sair no meio dessa chuva, mas...

Deborah se desvencilhou, imagino que de bom grado, da mão dele e saiu pela porta. Eu fui atrás. Wilkins nos acompanhou até o portão, então pegou o seu carro, deu ré e partiu. Debs ficou parada, ali na chuva, assistindo-o partir, tenho certeza de que era para tentar deixá-lo nervoso o suficiente para que descesse do carro e confessasse, mas considerando o clima, achei que aquilo foi excesso de zelo da parte dela. Entrei no carro e esperei por Deborah.

Quando o Lexus azul desapareceu, ela finalmente entrou no carro.

- Esse cara me dá arrepios - Deborah disse.

- Acha que ele é o assassino? - perguntei. Era uma sensação estranha para mim, a de não saber e imaginar se outra pessoa tinha conseguido enxergar por trás da máscara do predador.

Ela sacudiu a cabeça irritada e a água que havia em seus cabelos caiu em cima de mim.

- Acho que o cara é assustador, porra. O que você acha?

- Tenho certeza de que você está certa - falei.

- Ele não se importa em admitir o caso com Tammy Connor. - Por que mentir e dizer que ela estava na classe dele no semestre passado?

- Reflexo? - falei. - Talvez porque está concorrendo à vaga de professor titular?

Ela dedilhou a direção, então se inclinou decidida e ligou o carro.

- Vou mandar alguém vigiar esse cara.

CAPÍTULO 23

HAVIA UMA CÓPIA DO RELATÓRIO DE UM ACIDENTE SOBRE A MINHA MESA quando finalmente cheguei à delegacia, percebi que as pessoas esperavam que eu fosse um trabalhador produtivo hoje, apesar de tudo. Tanta coisa havia acontecido nas últimas horas que era difícil me acostumar com a ideia de que todas as coisas que eu tinha que fazer naquele dia ainda estavam sobre mim com seus dentes afiados, por isso decidi pegar uma xícara de café antes de sucumbir à servidão. Eu tinha uma pequena esperança de que alguém tivesse trazido rosquinhas ou cookies, mas claro que foi um pensamento tolo. Havia apenas uma xícara e um pouco de café bem forte e meio velho. Coloquei um pouco na xícara, deixei o resto para alguém que estivesse muito desesperado e voltei para a minha mesa.

Peguei o relatório e comecei a ler. Aparentemente, alguém tinha dirigido o veículo de um senhor Darius Starzak até cair em um canal e depois fugido do local. O próprio Starzak, por enquanto, não estava disponível para ser interrogado. Levei vários momentos piscando e bebendo o café meia- -boca até perceber que era o relatório do meu acidente daquela manhã e vários outros minutos para decidir o que fazer a respeito.

Saber o nome do dono do carro era pouco, mas suficiente para continuar a investigar - quase nada, já que as chances de o carro ter sido roubado eram grandes. Mas pensar nessa hipótese e não fazer nada era pior do que ir em frente e não conseguir nada, por isso resolvi trabalhar novamente usando o meu computador.

Primeiro as coisas básicas: o registro do carro, que me deu um endereço na Old Cutler Road, em um bairro chique. Depois, registros policiais: multas, mandatos e pensão alimentícia, mas não havia nada. O senhor Starzak parecia ser um cidadão-modelo que não havia tido nenhum contato com o longo braço da lei.

Muito bem, hora de tentar o nome, Darius Starzak, que não era nem um pouco comum - pelo menos não nos Estados Unidos. Chequei registros de imigração. E para minha surpresa, achei algo logo de cara.

Em primeiro lugar, era doutor Starzak, não senhor. Ele era PhD em filosofia religiosa pela Universidade de Heidelberg e, até há alguns anos, era professor-titular da Universidade da Cracóvia. Um pouco mais de pesquisa revelou que ele tinha sido mandado embora por causa de algum tipo de escândalo. Polonês não é uma das minhas línguas mais fluentes, apesar de saber falar kielbasa quando peço no almoço. Mas a menos que a tradução estivesse completamente errada, Starzak tinha sido demitido por ser membro de uma sociedade ilegal.

O arquivo não dizia por que um acadêmico europeu que havia perdido o emprego por uma razão tão obscura iria querer me seguir e depois jogar seu carro em um canal. Parecia uma lacuna significativa. Mesmo assim, imprimi a foto dele do arquivo da Imigração. Examinei-a tentando imaginar aquele rosto meio escondido por óculos escuros como eu tinha visto pelo retrovisor. Podia ser ele. Também podia ter sido o Élvis. E pelo que eu sabia, Élvis tinha tantos motivos para me seguir quanto Starzak.

Resolvi pesquisar mais a fundo. É difícil para um cara do laboratório conseguir acesso aos arquivos da Interpol sem uma razão oficial, mesmo quando ele é charmoso e inteligente. Mas depois de jogar queimada on-line por alguns minutos, consegui acesso aos arquivos centrais e agora as coisas começavam a ficar mais interessantes.

O doutor Darius estava em uma lista especial de vigilância em quatro países, mas não nos Estados Unidos, o que explicava por que estava aqui. Apesar de não haver provas de que tinha feito algo, havia muitas suspeitas de que ele sabia mais do que declarava a respeito do tráfico de órfãos da guerra da Bósnia. E o arquivo ainda mencionava casualmente que era impossível determinar o paradeiro daquelas crianças. Isso era o linguajar oficial dos documentos que significava que alguém achava que ele estava matando crianças.

Eu deveria ter sido tomado de emoção e de fria satisfação ao ler aquilo, um vislumbre cruel de antecipação afiada, mas não houve nada, nem um pequeno eco da menor fagulha possível. Em vez disso, senti uma pequena volta da raiva humana. A mesma que sentira naquela manhã, quando Starzak estava me seguindo. Não era um substituto à altura para a certeza selvagem e sombria que vinha em ondas do Passageiro e que eu usei esses anos todos, porém era alguma coisa.

Starzak vinha fazendo coisas ruins com crianças e ainda - ou talvez alguém usando o carro dele - tinha tentado fazer coisas comigo também. Ok. Até agora eu vinha sendo jogado de um lado para o outro como uma bolinha de pingue-pongue, e tinha aceitado aquilo tranquila e passivamente, sem reclamar, mergulhado em um imenso vácuo de submissão porque tinha sido abandonado pelo Passageiro. Mas agora havia algo que eu entendia e, melhor que isso, poderia agir à altura.

O arquivo da Interpol me dizia que Starzak era um cara malvado, exatamente o tipo de pessoa que eu tentava perseguir no meu passatempo. Alguém havia me seguido usando o carro dele e depois jogara o veículo em um canal, como uma medida extrema para conseguir escapar. Claro que era possível que alguém tivesse roubado o carro de Starzak e ele fosse inocente. Eu não achava isso e o arquivo da Interpol também argumentava contra a inocência dele. Mas só para ter certeza, resolvi checar as ocorrências de carros roubados. Não havia menção a respeito de Starzak ou seu carro.

Certo: tinha quase certeza de que tinha sido ele, e isso confirmava sua culpa. E eu sabia o que fazer a respeito disso: só porque estava solitário internamente não queria dizer que eu não conseguiria fazer o que faço melhor, não?

O brilho quente da certeza formigou por baixo da raiva e foi se transformando em um lento e confiante fervilhar. Não era o mesmo que a certeza dourada que eu sempre recebia do Passageiro, mas era muito mais do que um palpite. Isso estava certo, eu tinha certeza. Se eu não tinha as provas sólidas que em geral eu conseguia, azar. Starzak tinha levado aquela situação até um ponto no qual eu não tinha mais dúvidas, e conseguira se colocar no topo da minha lista. Eu iria encontrá-lo e transformá-lo em apenas uma memória ruim e uma gota de sangue seco na minha pequena caixa de madeira.

E como eu estava tomado por várias emoções pela primeira vez, permiti que um pequeno raio de esperança florescesse. Talvez o fato de lidar com Starzak e fazer as coisas que nunca tinha feito sozinho antes ajudasse a trazer o Passageiro das Trevas de volta. Não tinha ideia de como essas coisas funcionavam, mas até que fazia sentido, não? O Passageiro sempre estivera lá, me impelindo - não era bem possível que ele aparecesse se eu criasse o tipo de situação de que ele necessitava? E Starzak não estava bem ali, na minha frente, praticamente implorando para receber o que merecia?

E se o Passageiro não voltasse, por que eu não poderia voltar a ser eu mesmo sem ele? Afinal,

era eu que fazia a parte pesada das coisas - será que não poderia seguir em frente com minha vocação, mesmo no meu estado de vazio interior?

Todas as respostas se encaixaram em um sim vermelho de raiva. E por um momento eu parei e esperei automaticamente pelo usual silvo de resposta vindo do meu canto interior mais escuro - mas claro que nada aconteceu.

Não faz mal. Eu podia fazer aquilo sozinho.

Vinha trabalhando bastante até tarde ultimamente, por isso Rita não ficou surpresa quando, depois do jantar, disse a ela que precisava voltar para o escritório. Claro que foi mais difícil com Cody e Astor, que queriam ir comigo e fazer algo interessante. Ou pelo menos que ficasse em casa para brincar de chute a lata. Mas depois de pequenos elogios e algumas ameaças vagas, consegui afastá-los e sair pela porta em direção à noite. Minha noite, a única amiga que me sobrara, com sua meia-lua fraca em um céu pesado e tedioso.

Starzak vivia em uma casa com um portão, mas um guarda noturno ganhando salário mínimo e uma guarita servem mais para aumentar o valor da propriedade do que para manter afastado dali alguém com a experiência e a fome de Dexter. E mesmo tendo que caminhar mais depois de deixar meu carro no fim da rua, antes da guarita, o exercício extra foi bem-vindo. Tinha tido muito trabalho até tarde e manhãs azedas ultimamente, e me sentia bem por estar andando com minhas próprias pernas em direção a um objetivo que valia a pena.

Caminhei devagar pela vizinhança, procurando a casa de Starzak e passando como se fosse apenas um dos vizinhos que resolveu dar uma caminhada noturna. Havia uma luz acesa na sala e um carro na entrada; a placa era da Flórida e estava escrito Manatee County nela. Só havia 300 mil pessoas morando em Manatee County, mas pelo menos o dobro de carros nas ruas que diziam que eram de lá. É um truque usado para locadoras de carros, feito para disfarçar o fato de a pessoa ter alugado o carro e supostamente ser um turista e também uma presa fácil para qualquer predador.

Senti uma pequena onda quente de antecipação. Starzak estava em casa e o fato de ele ter um carro alugado fazia com que fosse mais provável ainda que ele estivesse dirigindo seu carro quando caiu no canal. Passei pela casa, alerta a qualquer sinal de que pudesse ter sido avistado. Não vi nada e ouvi apenas o som baixo de uma TV ligada em algum lugar perto.

Dei a volta no quarteirão e vi uma casa com as luzes apagadas e protetores contra furacões nas janelas, um bom sinal de que não havia ninguém. Andei pelo terreno escuro até o quintal e a alta cerca que a separava da casa de Starzak. Eu me enfiei em uma abertura nos arbustos, coloquei a máscara, as luvas e esperei até que meus olhos e ouvidos se ajustassem. E enquanto fazia isso, me ocorreu quão ridículo eu pareceria se alguém me visse. Nunca havia me preocupado com isso; o radar do Passageiro era excelente e sempre me alertava a respeito de olhos indesejados. Mas agora, sem qualquer ajuda interior, me sentia nu. E enquanto aquele sentimento me percorria por completo, outro começava a acordar: estupidez total e inevitável.

O que eu estava fazendo? Tinha violado quase todas as regras que regiam minha vida, vindo até ali de forma espontânea, sem minha usual preparação cuidadosa, sem provas concretas e sem o Passageiro. Era loucura. Estava pedindo para ser descoberto, trancafiado ou cortado em pedaços por Starzak.

Fechei os olhos e fiquei escutando as novas emoções que borbulhavam em mim. Sentimento - mas que bela diversão humana. Em seguida eu poderia participar de um campeonato de boliche. Ou entrar em uma sala de bate-papo e falar de autoajuda moderna e medicina herbal alternativa para a cura de hemorróidas. Bem-vindo à raça humana, Dexter, a infinitamente fútil e sem sentido raça humana. Esperamos que aproveite sua curta e dolorosa estada.

Abri os olhos. Eu poderia desistir e aceitar o fato de que o dia estava perdido. Ou poderia

seguir em frente, quaisquer que fossem os riscos, e tentar voltar a ser a coisa que sempre fui. Entrar em ação poderia trazer o Passageiro de volta ou me colocar no caminho da vida sem ele. Se Starzak não era uma certeza absoluta, estava muito perto, eu já estava ali mesmo, e aquilo era uma emergência.

E pelo menos tinha sido uma escolha bem clara, algo que não acontecia comigo havia algum tempo. Respirei fundo e me movi o mais silenciosamente que pude no meio da cerca viva e em direção ao quintal de Starzak.

Eu me mantive na trevas e fui até o lado da casa onde uma porta dava para a garagem. Ela estava trancada, mas Dexter ri de trancas, e não precisei de ajuda do Passageiro para abri-la e entrar na garagem escura, fechando a porta com cuidado atrás de mim. Havia uma bicicleta na parede do outro lado e uma bancada com um jogo de ferramentas muito bem organizado e limpo. Fiz uma nota mental e cruzei a garagem até a porta que dava para a casa, parando um bom tempo ali com minha orelha grudada nela.

Acima do barulho constante do ar-condicionado, consegui ouvir apenas a televisão, e mais nada. Ouvi mais um pouco para ter certeza e então abri a porta com muito cuidado. Estava destrancada e abriu suavemente e sem barulhos. Eu estava na casa de Starzak, tão silencioso e obscuro como uma sombra.

Eu me esgueirei por um corredor em direção à luz púrpura da TV, me mantendo bem rente à parede, com a dolorosa noção de que se ele estivesse atrás de mim por alguma razão, eu estaria perdido. Mas quando avistei a TV, vi também uma cabeça no sofá e sabia que ele era meu.

Segurei meu laço feito de linha de pesca extrarresistente e segui adiante. Começou a passar um comercial e a cabeça se moveu um pouco. Congelei, mas ele só ajeitou a cabeça de volta. Cruzei a sala e cheguei até ele. Coloquei o laço em seu pescoço e apertei, ficando exatamente na altura de seu pomo-de-adão.

Durante um momento ele se debateu de forma bem gratificante, o que apenas fez com que o laço se apertasse ainda mais. Assisti enquanto ele fracassava e segurava no próprio pescoço, e embora fosse divertido, não senti a mesma satisfação fria e selvagem que estava acostumado a ter nesses momentos. Mas ainda era melhor que assistir ao comercial, e deixei que continuasse com aquilo até seu rosto começar a ficar roxo e ele estar quase sem movimento.

- Fique parado e em silêncio - falei -, e deixarei você respirar.

Tenho que admirar o fato de ele entender logo de cara e parar com sua inútil resistência. Soltei o laço só um pouco e o ouvi respirar com dificuldade. Foi apenas uma respirada, e então apertei de novo e o coloquei de pé.

- Venha - mandei, e ele obedeceu.

Fiquei em pé atrás dele, mantendo a pressão do laço firme o suficiente para que conseguisse respirar apenas se tentasse muito, e o guiei até o fim do corredor, entrando na garagem. Quando o empurrei até a bancada, ele caiu e se equilibrou em um joelho, talvez tivesse tropeçado ou então era uma tentativa estúpida de escapar. O que quer que fosse, eu não estava com humor para nada daquilo, por isso apertei forte o suficiente para seus olhos saltarem das órbitas, e assisti seu rosto ficar escuro e ele cair no chão, inconsciente.

Mais fácil assim. Coloquei aquele peso morto na bancada e o prendi com toda a segurança usando fitas adesivas, tudo enquanto ele ainda passeava pela terra da inconsciência. Um fio de baba começou a escorrer do canto de sua boca e sua respiração ficou pesada, mesmo eu já tendo soltado o laço. Olhei para Starzak preso àquela bancada, com seu rosto feio e a boca aberta, e pensei algo que nunca pensara antes, todos nós éramos assim. Tudo se resumia a isto. Um bolo de carne que respira, e quando para de respirar, vira lixo podre.

Starzak começou a tossir e mais baba saiu de sua boca. Ele tentou lutar contra a fita adesiva,

percebeu que não podia se mexer e abriu os olhos. Então disse algo incompreensível, cheio de consoantes, virou seus olhos e me viu. Claro que não podia ver meu rosto através da máscara, mas tive a inquietante sensação de que tinha me reconhecido do mesmo jeito. Ele mexeu a boca algumas vezes, porém não disse nada, até apontar os pés com os olhos e dizer, em uma voz seca e rouca com um sotaque da Europa central, quase sem emoção:

- Você está cometendo um grande erro.

Procurei por uma resposta automática e sinistra, mas não encontrei nada.

- Você vai ver só - disse ele em sua terrível voz crua e sem emoção. - Ele vai te pegar de qualquer jeito, mesmo sem mim. É tarde demais para você.

E pronto. O mais próximo possível de uma confissão, provando que ele estava me seguindo com alguma intenção sinistra. Mas tudo que consegui pensar para dizer foi:

- Ele quem?

Ele esqueceu que estava totalmente preso à mesa e tentou fazer que não com a cabeça. Não funcionou, no entanto Starzak não pareceu se importar com isso.

- Eles vão te encontrar - falou. - Em breve. - Ele se retorceu um pouco, como se estivesse tentando acenar com a mão, continuou: - Vá em frente. Pode me matar. Eles vão te encontrar.

Olhei para ele, tão passivamente preso e certo de que eu deveria estar tomado pelo prazer frio do trabalho que tinha pela frente, mas não estava. Não estava tomado por nada a não ser pelo vazio, a mesma sensação de futilidade inútil que tinha me dominado quando estava do lado de fora da casa.

Tentei varrer aqueles pensamentos de mim e tapei a boca de Starzak com fita. Ele deu apenas uma vacilada e então continuou a olhar para mim, sem demonstrar qualquer tipo de emoção.

Levantei a faca e olhei para minha presa imóvel e impassível. Ainda podia ouvir sua terrível respiração molhada entrando e saindo de seu corpo e queria acabar com aquilo, apagar as luzes dele, acabar com a maldade dele, cortar tudo em pedaços e depois colocar em sacos plásticos sequinhos e limpos, pedaços orgânicos imóveis que não ameaçariam mais ninguém, não comeriam, não excretariam e nem andariam mais por este labirinto sem sentido que é a vida humana...

Mas não consegui.

Pedi em silêncio para que o conhecido farfalhar de asas negras aparecesse e iluminasse minha faca com a deliciosa sensação de um objetivo selvagem, mas nada aconteceu. Nada se moveu dentro de mim diante do pensamento de fazer essa coisa afiada que já tinha sido feita tantas outras vezes. A única coisa que sentia dentro de mim era o vazio.

Baixei a faca, me virei e caminhei em direção à noite.

CAPÍTULO 24

NÃO SEI COMO ME LEVANTEI DA CAMA E FUI TRABALHAR NO DIA SEGUINTE, apesar de estar sendo corroído pela sensação de lento desespero que brotava em mim como um belo jardim de espinhos. Sentia-me envolvido por uma névoa de dor incômoda que era apenas o suficiente para me lembrar que aquilo também não tinha qualquer propósito, da mesma forma que outras coisas sem sentido, como café da manhã, o lento caminho de carro até o trabalho, nenhum propósito a não ser a escravidão do hábito. Mesmo assim fiz tudo, permitindo que minha memória muscular fizesse com que eu chegasse até a cadeira da minha escrivaninha, onde me sentei, liguei o computador e deixei que o dia me arrastasse para o trabalho árduo.

Eu tinha falhado com Starzak. Não era mais eu mesmo, e não tinha ideia de quem ou o que eu era agora.

Rita estava me esperando na porta quando voltei para casa e tinha uma expressão de ansiedade e aborrecimento no rosto.

- Temos que decidir a banda - disse ela. - Talvez já tenham a data reservada.

- Tudo bem - falei. E por que não? Era tão sem sentido como qualquer outra coisa.

- Peguei todos os CDs que você deixou cair ontem e os coloquei por ordem de valores.

- Vou ouvir todos hoje à noite - falei, e apesar de Rita ainda parecer irritada, a rotina da noite acabou se impondo e a acalmando, fazendo com que fosse cozinhar e limpar enquanto eu ouvia várias banda» de rock tocarem a "música do passarinho" e "Macarena". Tenho certeza de que aquilo era tão divertido quanto uma dor de dente, mas como não conseguia pensar em nada mais que pudesse fazer na minha vida, me esforcei para ouvir toda a pilha de CDs e logo já era hora de dormir de novo.

À uma da manhã a música voltou a tocar na minha cabeça, e não foi a do passarinho. Eram as trombetas e os tambores, e um coro de vozes veio com eles, se embrenhou em meus sonhos e me levou às alturas. Acordei no chão, com a memória daquilo ainda ecoando na minha cabeça.

Fiquei ali deitado por um longo tempo, sem conseguir formar qualquer pensamento verdadeiramente coerente a respeito do que significava aquilo, mas com medo de tornar a dormir e a coisa voltar. Acabei indo para a cama, e acho que até dormi, já que abri os olhos com a luz do dia e ouvindo a movimentação na cozinha.

Era sábado de manhã e Rita tinha feito panquecas de mirtilo, um ótimo jeito de voltar à vida comum do dia a dia. Cody e Astor atacaram as panquecas com entusiasmo, e em qualquer manhã normal eu teria feito o mesmo, mas esta não era uma manhã normal.

É difícil subestimar o tamanho do choque necessário para levantar um Dexter. Tenho um

metabolismo muito rápido e preciso constantemente de combustível para manter funcionando este maravilhoso aparelho, e as panquecas de Rita já passaram no teste de me alimentar com nota máxima. Mas, mesmo assim, me encontrava encarando o garfo que estava no meio do caminho entre o prato e minha boca, e não tinha o entusiasmo necessário para completar o trajeto e pôr a comida na boca.

Logo, todos tinham acabado de comer, mas eu ainda encarava um prato pela metade. Até Rita percebeu que havia algo de errado nos Domínios de Dexter.

- Você mal tocou na comida - disse ela. - Está com algum problema?

- É um caso em que estou trabalhando - falei, e era meia verdade. - Não consigo parar de pensar a respeito.

- Aah - disse ela. - Tem certeza de que... quer dizer, é algo muito violento?

- Não é esse o problema - falei, tentando imaginar o que ela gostaria de ouvir. - Ele é muito... intrigante.

Rita assentiu com a cabeça.

- Às vezes, se parar de pensar em algo durante um tempo, as respostas aparecem naturalmente.

- Talvez você tenha razão - falei, esticando um pouco a verdade.

- Você vai terminar de comer? - perguntou.

Olhei o prato com meia pilha de panquecas e calda por cima. Cientificamente falando, eu sabia que eram deliciosas, mas naquele momento elas me pareciam tão atraentes quanto uma pilha de jornais molhados.

- Não - respondi.

Rita me olhou um pouco alarmada. Quando Dexter não termina sua refeição, quer dizer que estamos em um território estranho.

- Por que não sai para passear de barco? - ela sugeriu. - Isso sempre ajuda você a relaxar. - ela se aproximou e colocou a mão em mim com uma preocupação meio agressiva, e Cody e Astor me olharam com a esperança de um passeio de barco estampada em seus rostos, e de repente era como se eu estivesse na areia movediça.

Eu me levantei. Aquilo era demais. Não conseguia nem ficar à altura de minhas próprias expectativas, e ter que lidar com as deles também era algo sufocante. Não sabia dizer se era por ter falhado com Starzak, por causa da música que me perseguia ou por ser tragado para uma vida familiar. Talvez fosse a combinação de tudo aquilo, me puxando para lados diferentes com grande força, me desmembrando e sugando meus pedaços para dentro de um redemoinho de normalidade pegajosa que me fazia querer gritar, mas ao mesmo tempo me deixava sem forças até para lamuriar. Seja lá o que fosse, eu tinha que sair dali.

- Tenho uma coisa pra fazer e já estou atrasado - falei, e todos me olharam com surpresa.

- Ah - disse Rita. - O quê?

- Algo para o nosso casamento - falei, sem nenhuma ideia do que diria a seguir, mas confiando cegamente no meu impulso. E para minha sorte, pelo menos uma coisa de certo na minha vida, me lembrei do papo que tivera com o envergonhado Vince. - Preciso falar com o banqueteiro.

Rita se animou.

- Você vai falar com Manny Borque? Ah, isso é muito...

- Sim, é mesmo - confirmei. - Volto mais tarde. - Assim, às 9h50 do sábado de manhã, dei um tchau para os pratos sujos e as coisas domésticas e entrei no meu carro. Era uma manhã incomum de trânsito tranquilo, e não vi nenhuma violência ou crime a caminho de South Beach, o que era quase como ver neve no deserto. Mas do jeito que as coisas estavam ultimamente,

mantive os olhos no retrovisor. Por um momento pensei que um pequeno jipe vermelho me seguia, mas quando reduzi, ele passou direto por mim. O tráfego continuou tranquilo, e eram apenas 10h15 quando estacionei, peguei o elevador e bati na porta de Manny Borque.

Houve um enorme silêncio e, então, bati novamente, com um pouco mais de entusiasmo dessa vez. Estava prestes a literalmente esmurrar a porta quando ela se abriu e um sonolento e pouco vestido Manny Borque piscou em minha direção.

- Meu Deus - resmungou -, que horas são?

- Dez e quinze - falei. - É quase hora do almoço.

Talvez ele ainda estivesse meio dormindo ou apenas gostasse daquela expressão, porque abriu a boca e repetiu:

- Meu Deus.

- Posso entrar? - pedi educadamente. Ele piscou mais algumas vezes e depois abriu a porta.

- É bom que seja importante - disse ele, e eu o segui, passando pela horrível obra de arte dele até a mesa perto da janela. Ele sentou em sua cadeira preferida e eu do lado oposto da mesa.

- Preciso falar com você a respeito do meu casamento - disse e ele sacudiu a cabeça de forma mal-humorada e gritou:

- Franky! - Não houve resposta e ele se apoiou em uma das mão e bateu com a outra na mesa - É bom que aquele viadinho... Maldição, Franky! - ele gritou de novo com uma voz bem estridente.

Um momento depois um som estranho veio da parte de trás do apartamento e, então, apareceu um jovem fechando seu robe e penteando seus cabelos castanhos. Ele parou em frente a Manny.

- Olá - falou. - Quer dizer, bom dia.

- Vá buscar café, rápido - disse Manny sem olhar para ele.

- Hum - disse Franky. - Está bem. - Ele hesitou por meio segundo, tempo suficiente para que Manny fechasse seu pequeno punho e gritasse:

- Agora, maldição! - Franky engoliu em seco e foi rapidamente em direção a cozinha, e Manny voltou a se inclinar e apoiar todos os seus 45 quilos de mau humor em sua mão e fechou os olhos com um suspiro, como se fosse atormentado por hordas de demônios verdadeiramente idiotas.

Como parecia óbvio que não seria possível haver uma conversa sem café, olhei pela janela e apreciei a vista. Havia três grandes cargueiros no horizonte, soltando nuvens de fumaça, e mais perto da costa havia muitos barcos de passeio, multimilionários brinquedinhos de ricos partindo para as Bahamas, até um grupo de gente praticando windsurfe perto da praia. Um caiaque amarelo estava bem longe da areia e parecia estar indo se encontrar com os cargueiros. O sol brilhava, as gaivotas voavam baixo procurando por lixo e eu esperava Manny receber a sua transfusão.

Houve um barulho de coisas se quebrando na cozinha e Franky soltou um "Ah, merda". Manny tentou fechar os olhos ainda mais, como se pudesse se isolar de toda a agonia por estar cercado de estupidez. Um pouco depois, Franky veio trazendo um bule meio sem forma e três xícaras de louça, tudo ajeitado em uma bandeja transparente em forma de paleta de pintura.

Com as mãos trémulas, ele colocou uma xícara em frente a Manny e serviu o café. Manny tomou um gole, suspirando pesadamente sem nenhum sinal de alívio e, finalmente, abriu os olhos.

- Certo. - Depois, virando-se para Franky adicionou: - Vá limpar a bagunça terrível que fez, e se mais tarde eu pisar em algum pedaço de vidro quebrado, juro por Deus que acabo com você. - Franky saiu e Manny tomou mais um pequeno gole antes de virar seu olhar sonolento para

mim. - Você disse que queria falar sobre seu casamento - como se não conseguisse acreditar.

- Isso mesmo - respondi, ele fez um sinal de desapontamento com a cabeça.

- Um rapaz boa-pinta como você - disse ele -, por que diabos você iria querer se casar?

- Preciso do desconto no Imposto de Renda. Podemos falar do cardápio?

- Agora, praticamente ainda de madrugada em um sábado? Não - respondeu.

- É horrível, sem sentido e é um ritual bastante primitivo - e imaginei que ele falava do casamento, não do cardápio, apesar de que com Manny não dava pra ter certeza. - Fico realmente assustado que qualquer um queira fazer isso voluntariamente. Mas... - continuou ele, gesticulando - pelo menos, isso me dá a chance de fazer meus experimentos.

- Gostaria de saber se não seria possível fazer um experimento mais barato.

- Até poderia - disse ele e mostrou os dentes pela primeira vez, mas aquilo só poderia ser considerado um sorriso se você achar que torturar animais é algo engraçado -, mas não vou.

- Por quê? - perguntei.

- Porque já decidi o que quero fazer, e não há nada que você possa fazer para me impedir.

Para ser sincero, havia um monte de coisas que eu conseguia pensar que poderia fazer para impedi-lo, mas nenhuma delas - apesar de divertidas e agradáveis - se encaixariam no rigoroso Código de Harry, por isso eu não poderia usá-las.

- Imagino que uma certa doçura poderia ajudar? - perguntei esperançoso.

- Que tipo de doçura? - devolveu ele.

- Pensei em pedir por favor e sorrir bastante - falei.

- Não é o suficiente. Aliás, nem um pouco suficiente.

- Vince me disse que você está achando que o preço ficará em 500 dólares por prato.

- Eu não acho nada - ele bufou. - E estou pouco me fodendo pra porcaria do seu dinheiro.

- Claro que não - falei tentando amaciá-lo. - Afinal, não é o seu dinheiro.

- Sua namorada assinou a porra do contrato. Posso cobrar quanto achar que devo.

- Mas deve ter algo que eu possa fazer para que o preço fique um pouco mais baixo, não? - perguntei esperançoso.

O rosnado dele mudou novamente para seu patente olhar malicioso.

- Não aí sentado.

- Então, o que posso fazer?

- Se quer saber o que pode fazer para que eu mude de ideia, a resposta é nada. Nadica de nada. Tenho pessoas fazendo fila de dobrar o quarteirão querendo me contratar. Faço reservas com dois anos de antecedência, e estou fazendo um enorme favor a você. - O olhar malicioso dele se transformou em algo quase sobrenatural: - Pode se preparar para um milagre. E para uma conta bem gorda.

Fiquei em pé. O pequeno gnomo não ia voltar atrás, e não havia nada que eu pudesse fazer. Adoraria dizer algo como "esta não foi a ultima vez que ouviu falar de mim", mas não parecia ter muito sentido dizer aquilo. Então apenas sorri e falei.

- Muito bem - e fui embora. Quando a porta se fechou, pude ouvi-lo, já indo atrás de Franky:

- Pelo amor de Deus, mexa essa bunda gorda e limpe essas porras todas do chão.

Quando andei em direção ao elevador, senti um dedo frio e de aço dedilhar a minha nuca e apenas por um momento senti um ligeiro movimento, como se o Passageiro tivesse colocado o dedo do pé na água e depois fugido porque ela estava gelada demais. Parei na hora e olhei em volta no corredor.

Nada. Lá do outro lado, um homem mexia desajeitadamente em seu jornal na frente de seu apartamento. Fora isso não havia mais nada. Fechei meus olhos por um momento e perguntei: - O que foi? Mas não tive nenhuma resposta. Ainda estava sozinho. E a menos que alguém

estivesse me encarando atrás do olho mágico de uma das portas, tinha sido um alarme falso. Ou talvez a força de meu pensamento.

Peguei o elevador e desci.

Quando a porta do elevador se fechou, o Observador se endireitou, ainda segurando o jornal que havia pegado do tapete. Tinha sido uma ótima camuflagem, e pode ser que funcione outras vezes. Ele olhou para o outro lado do corredor e imaginou o que tinha de tão interessante naquele apartamento, mas na verdade não importava. Ele iria descobrir de qualquer forma. O que quer que o outro estivesse fazendo, ele descobriria.

Então contou devagar até dez e foi em direção ao apartamento que o outro tinha visitado. Levaria apenas um momento para descobrir por que ele havia ido lá. E então...

O Observador não sabia exatamente o que passava na cabeça do outro agora, mas as coisas não estavam acontecendo rápido o suficiente. Era hora de dar um empurrão de verdade, algo para tirar o outro de sua passividade, Ele sentiu um raro impulso de diversão percorrer sua sombra escura de poder, e ouviu as asas negras se agitarem dentro ele.

CAPÍTULO 25

EM MINHA LONGA VIDA DE ESTUDO DOS HUMANOS, DESCOBRI QUE NÃO importa quanto eles tentem, ainda não conseguiram achar um jeito de evitar que a segunda-feira de manhã chegue. E eles tentam de tudo, claro, mas a segunda sempre chega, e todos robôs têm que se arrastar de volta para suas rotinas chatas e sofredoras de trabalho sem sentido.

Aquele pensamento sempre me animava, e como eu adorava espalhar a alegria por onde passava, fiz minha parte para tentar amenizar o terrível impacto da inevitável segunda de manhã chegando ao trabalho com uma caixa de rosquinhas. Todas desapareceram em um frenesi de mau humor matutino antes que eu chegasse à minha mesa. Duvido muito que alguém tivesse motivos melhores que os meus para se sentir mal-humorado, mas ninguém acreditaria ao vê-los se digladiando pelas rosquinhas e grunhindo para mim.

Vince Masuoka parecia estar com a mesma angústia e baixa autoestima de todos os outros. Ele entrou em minha sala com uma expressão de horror e assombro, devia ter acontecido algo muito chocante, pois aquilo parecia quase real.

- Jesus, Dexter - disse ele. - Jesus Cristo!

- Tentei guardar um para você - falei, imaginando que aquela angústia toda só poderia estar se referindo ao grande problema das rosquinhas que se acabaram em um segundo. Mas ele fez que não com a cabeça.

- Jesus, não posso acreditar nisso. Ele está morto!

- Tenho certeza de que isso não tem nada a ver com as rosquinhas - falei.

- Meu Deus, você estava para ir falar com ele. Você foi?

Chega um ponto nas conversas que pelo menos uma das pessoas envolvidas precisa saber o que está sendo conversado, e decidi que tínhamos atingido aquele ponto.

- Vince - falei. - Quero que respire fundo e comece de novo, do início, e finja que nós dois falamos a mesma língua.

Ele me encarou como se fosse um sapo e eu uma garça.

- Merda. Você ainda não tá sabendo?

- Suas habilidades com a língua inglesa estão se deteriorando. Você andou conversando com a Deborah?

- Ele está morto, Dexter. Acharam o corpo na noite passada.

- Bom, então imagino que ele continuará morto até você me dizer o que diabos está acontecendo!

Vince piscou para mim, e seus olhos ficaram grandes e cheios de lágrimas.

- Manny Borque - falou. - Ele foi assassinado.

Devo admitir que tive sentimentos conflitantes. Por um lado, não achava ruim que alguém tenha cuidado do pequeno ogro de um jeito que a ética não me permitia. Mas, por outro, agora precisava de um novo bufe - e sim, claro, precisaria dar o meu depoimento para o detetive que estivesse cuidando do caso. Aborrecimento lutando contra o alívio, mas então lembrei que as rosquinhas tinham acabado também.

Portanto, o sentimento que venceu foi o da irritação por causa de todos os problemas que aquilo iria me causar. Ainda assim, Harry tinha me ensinado muito bem que aquela não era uma reação aceitável para se demonstrar quando soubesse de uma morte por outra pessoa. Fiz o melhor que pude para que meu rosto demonstrasse choque, preocupação e aflição.

- Nossa! Não tinha ideia. Já sabem quem fez isso?

Vince fez que não com a cabeça.

- Ele não tinha inimigos - falou, mas não sabia quanto a frase dele soava falsa para alguém que tivesse conhecido Manny. - Quero dizer, todo mundo tinha tanto respeito por ele.

- Eu sei - falei. - Ele sempre aparecia nas revistas e tudo o mais.

- Não acredito que alguém possa ter feito isso com ele.

Já eu não acreditava que tinha demorado tanto para alguém fazer aquilo, mas não pareceu a melhor coisa a dizer.

Bom, tenho certeza de que vão descobrir o culpado. Quem foi designado para o caso?

Vince me olhou como se eu tivesse perguntado se ele achava que o sol iria nascer de manhã.

- Dexter, cortaram a cabeça dele. Igual aos outros três casos da universidade.

Quando era jovem e queria me enturmar, tentei jogar futebol americano durante um tempo, e uma vez tomei uma bolada no estômago e quase não consegui respirar por alguns minutos. Tive um sensação parecida naquele momento.

- Oh - falei.

- Por isso o caso ficou com a sua irmã - disse ele.

- É claro. - Um pensamento me atingiu, e como sou um devoto antigo da ironia, perguntei: - Ele não foi queimado também, né?

Vince fez que não com a cabeça.

- Não.

Fiquei em pé.

- É melhor eu ir falar com Deborah.

Deborah não estava com vontade de falar quando cheguei ao apartamento de Manny. Ela estava inclinada sobre Camilla Figg, que procurava digitais ao redor da mesa que ficava perto da janela. Ela não olhou para mim, por isso fui até a cozinha onde Angel Batista examinava o corpo.

- Angel - falei e achei difícil acreditar no que meus olhos viam, por isso perguntei -, por acaso aquilo é a cabeça de uma garota?

Ele assentiu com a cabeça e apontou para ela com uma caneta.

- Sua irmã acha que é da garota do Museu Lowe. E colocaram aqui porque esse cara é muito moderno.

Dei uma olhada nos cortes. O da cabeça combinava com o que tínhamos visto antes, feito com cuidado e limpeza. Mas o do corpo, que presumivelmente pertencera a Manny, era um corte mais grosseiro, como se tivesse sido feito com pressa. As bordas tinham sido encaixadas com cuidado, mas é claro que não combinavam. Mesmo observado por mim, sem o auxílio de murmúrios interiores obscuros, podia dizer que era um pouco diferente, de algum jeito, e um dedo gelado andando pela minha nuca me dizia que a diferença era algo muito importante - talvez até para os meus problemas atuais -, mas fora aquela pequena pista vaga e fantasmagórica, não havia nada ali além de desconforto.

- Por acaso há outro corpo? - perguntei, me lembrando do pobre Franky.

Angel deu de ombros e nem olhou para mim.

- No quarto. E só com uma faca de carne enterrada nele. Deixaram a cabeça. - Ele parecia meio ofendido que alguém tivesse tido todo esse trabalho e deixado a cabeça, porém não parecia ter mais nada para me dizer, por isso voltei até onde minha irmã estava agachada.

- Bom dia Debs - falei, com uma animação que não estava sentindo, mas eu não era o único, porque ela nem olhou para mim.

- Maldito seja, Dexter. A menos que tenha algo muito bom pra mim, é melhor ficar longe.

- Não é muito bom - falei. - O cara no quarto se chama Franky. E esse outro é Manny Borque, ele já apareceu em várias revistas.

- E como você sabe disso tudo, caralho?

- Bom, é um pouco embaraçoso - comecei -, mas posso ter sido uma das últimas pessoas a ter visto esse cara com vida.

Ela ficou em pé.

- Quando?

- Sábado de manhã. Por volta de dez e meia. Aqui mesmo - falei e apontei para a xícara de café na mesa. - Minhas digitais estão ali.

Deborah me olhava sem acreditar e sacudiu a cabeça.

- Você conhecia esse cara? Ele era o que, seu amigo?

- Contratei ele como banqueteiro do meu casamento. Ao que parece ele era muito bom nisso.

- Certo - ela disse. - E o que veio fazer aqui no sábado?

- Ele aumentou o preço que tínhamos combinado. Vim tentar convencê-lo a baixar um pouco.

Ela olhou em volta para o apartamento e depois deu uma olhadela para aquela vista de um milhão de dólares.

- Quanto ele queria cobrar?

- Quinhentos dólares por prato.

A cabeça dela girou rapidamente para mim.

- Caramba. Qual era o cardápio?

Dei de ombros.

- Ele não me disse, e também não ia baixar o preço.

- Quinhentos dólares por prato?.

- É um pouco alto, não acha? Ou devo dizer era um pouco caro? - falei.

Deborah pensou por um tempo e então me pegou pelo braço e me levou para longe de Camilla. Ainda podia ver um pezinho saindo da cozinha onde o querido morto tinha encontrado seu fim, mas Deborah me levou dali até o canto da sala.

- Dexter, jure para mim que não matou esse cara!

Como já disse antes, não tenho emoções verdadeiras. Estudei e pratiquei durante muito tempo para reagir do mesmo jeito que os humanos reagem em quase todos os tipos de situação - mas esta me pegou de surpresa. Qual a expressão correta para alguém que acaba de ser acusado de assassinato pela própria irmã? Choque? Raiva? Descrença? Até onde eu sabia, isso não era ensinado em nenhum livro.

- Deborah - falei. Não era a coisa mais inteligente do mundo, mas foi o que consegui pensar.

- Pergunto porque você não terá passe livre comigo - ela disse. - Não fazendo algo desse tipo.

- Eu jamais... - comecei. - Não é assim que... - chacoalhei a cabeça, pois aquilo parecia injusto demais. Primeiro o Passageiro das Trevas me deixara e agora minha irmã e minha inteligência pareciam ter me abandonado também. Todos os ratos fugiam enquanto o bom navio Dexter afundava lentamente sob as ondas.

Respirei fundo e tentei organizar a tripulação para que tirássemos um pouco de água do barco. Deborah era a única pessoa no mundo que sabia quem eu era de verdade, e mesmo sabendo que ela ainda estava se acostumando com a ideia, achei que entendia os limites cuidadosos que Harry armara, e que também acreditasse que eu jamais os cruzaria. Mas aparentemente eu estava errado.

- Deborah. Porque eu faria...

- Para de enrolar - disse irritada. - Nós dois sabemos que você poderia ter feito isso. Você estava aqui na hora certa. E tinha um bom motivo também, deixar de pagar muita grana para ele. É isso ou acreditar que um cara que está na cadeia é o culpado.

Como sou um ser humano artificial, em geral sou muito lúcido e perspicaz a maior parte do tempo, não ficando abalado pelas emoções. Mas estava me sentindo como se tentasse enxergar através da areia movediça. Por um lado, estava surpreso e um pouco desapontado por minha irmã achar que eu poderia fazer um trabalho malfeito daquele. Por outro, queria muito assegurar a ela que não tinha feito aquilo. E queria dizer que se tivesse feito, ela jamais descobriria, mas não me pareceu a coisa mais diplomática para se dizer. Então respirei fundo de novo e respondi:

- Juro que não.

Minha irmã me deu um olhar duro por um bom tempo.

- De verdade - falei.

Ela finalmente assentiu.

- Certo. É bom que esteja falando a verdade.

- Estou - respondi. - Não fiz isso.

- Tá bom. E quem foi então?

Ah, mas que coisa injusta. A vida, quero dizer. Lá estava eu, me defendendo de uma acusação de assassinato, de minha própria carne e sangue adotivos, e solicitado a resolver o crime ao mesmo tempo. No entanto, admiro a agilidade que permitiu a Deborah dar um giro cerebral daqueles, mas também tinha que torcer para que direcionasse sua criatividade para alguma outra pessoa.

- Não sei quem fez isso - falei. - E não... hã... não estou tendo nenhum... hã... nenhum palpite a respeito.

Ela me lançou aquele olhar duro de novo.

- E por que eu deveria acreditar nisso também?

- Deborah - falei, e então hesitei. Será que era a hora de contar para ela a respeito do Passageiro das Trevas e de seu sumiço? Havia uma série de sensações desconfortáveis se debatendo em mim, como se fosse o começo de uma gripe. Será que eram emoções atacando a costa desprotegida de Dexter, como uma enorme maré de lixo tóxico? Se fosse isso, não era surpresa o fato de os humanos serem criaturas tão miseráveis. Esta era uma experiência terrível.

- Deborah, me ouça - falei, tentando pensar em como começar.

- Estou ouvindo, pelo amor de Deus. É você que não está falando nada.

- É difícil começar. Nunca contei isso pra ninguém.

- É um bom momento para você começar então.

- Eu... hã... tenho uma coisa dentro de mim - falei, ciente de que aquilo soava totalmente idiota, e comecei a sentir um estranho calor nas bochechas.

- O que quer dizer? - ela perguntou. - Você tá com câncer?

- Não, não é... eu ouço... a coisa fala comigo - disse. Por alguma razão, precisei olhar para o outro lado. Havia uma foto de um torso masculino nu na parede, olhei de volta para Deborah.

- Jesus - disse ela. - Quer dizer que ouve vozes? Jesus Cristo, Dexter!

- Não. Não ouço vozes. Não exatamente.

- Mas que porra é isso então? - ela perguntou.

Tive que olhar mais uma vez para o torso nu e depois respirar bem fundo antes de poder encarar Deborah novamente.

- Quando tenho aqueles meus palpites, sabe? Em uma cena de crime. É esta... a coisa falando comigo. - O rosto de Deborah estava congelado, completamente imóvel, como se estivesse

ouvindo uma confissão de ações terríveis; o que era mesmo o caso, na verdade.

- Então a coisa te fala o quê? Ei, alguém que acha que é o Batman fez isto aqui.

- Mais ou menos. É apenas... você sabe. Os pequenos palpites que eu costumava ter.

- Costumava? - perguntou ela.

Tive que desviar do olhar dela de novo.

- A coisa se foi, Debs. Alguma coisa relacionada a este negócio de Moloch a assustou e ela fugiu. E isso nunca havia acontecido.

Ela não disse nada por um bom tempo, e não vi motivo para falar antes dela.

- Você contou ao papai a respeito dessa voz? - disse ela finalmente.

- Não precisei. Ele já sabia.

- E agora essas suas vozes sumiram? - perguntou.

- É apenas uma voz.

- E é por causa disso que você não tem me dado nenhuma pista nesse caso.

- Isso mesmo.

Deborah fechou a boca com força e bateu os dentes alto o suficiente para eu ouvir. Depois respirou fundo e soltou todo o ar sem diminuir a pressão da mandíbula.

- Ou você está mentindo porque é o responsável por isto aqui - ela sibilou para mim -, ou está dizendo a verdade e então é um louco psicótico.

- Debs...

- Em qual deles você acha que quero acreditar, Dexter? Em qual?

Não acho que tenha sentido raiva de verdade desde que era adolescente, e mesmo naquela época não tenho certeza se conseguia sentir alguma coisa de verdade. Mas sem o Passageiro das Trevas e descendo morro abaixo em direção à humanidade genuína, todas as antigas barreiras que me separavam de uma vida normal estavam desaparecendo, e o que senti naquele momento deveria ser algo muito próximo de raiva verdadeira.

- Deborah - falei. - Se não confia em mim e acha que sou o responsável por isso, então estou pouco me fodendo pra qual delas você quer acreditar.

Ela me encarou e, pela primeira vez, eu a encarei de volta.

Então, finalmente falou:

- Ainda tenho que reportar o que aconteceu aqui. Oficialmente, você não pode ficar perto de nada disso.

- Nada me faria mais feliz - falei. Ela me encarou mais um pouco, depois fez um bico e retornou até onde estava Camilla. Observei-a ir embora e então fui em direção à porta.

Não havia muito sentido em ficar ali, especialmente depois de ter sido informado, oficial e não oficialmente, que não era bem-vindo. Seria legal se eu pudesse dizer que isso feriu os meus sentimentos, mas surpreendentemente, estava nervoso demais para me sentir ferido. E para falar a verdade, sempre fiquei chocado que qualquer um gostasse de mim, por isso foi quase um alívio ver Deborah tomando uma atitude sensata pelo menos uma vez na vida.

Era sempre tudo muito bom o tempo todo no mundo de Dexter, mas por alguma razão, não senti que era uma grande vitória enquanto caminhava até a porta e saía.

Estava esperando o elevador quando quase fiquei surdo por um grito rouco:

-Ei!

Eu me virei e vi um senhor ameaçador e raivoso, trotando até mim, usando sandálias e meias pretas que iam até quase seus velhos joelhos. Usava também uma bermuda larga, uma camisa de seda e uma expressão de completa indignação.

- Você é da polícia? - perguntou.

- Não exatamente - respondi.

- Onde está a porcaria do meu jornal?

Os elevadores são tão lentos, não? Mas sempre tento ser educado quando é inevitável, então sorri polidamente para o velho lunático.

- Você não gosta do seu jornal?

- Eu não consegui pegar a porcaria do meu jornal - ele gritou para mim, ficando um pouco roxo com o esforço. - Liguei e contei tudo para os seus colegas, e a moça ao telefone disse que eu tinha que ligar para o jornal. Vi o garoto roubar meu jornal, mas mesmo assim ela desligou na minha cara

- Um garoto roubou o seu jornal. - repeti.

- Mas que diabos eu acabei de dizer? - Ele estava começando a ficar estridente, o que não colaborava nem um pouco para deixar a espera pelo elevador mais agradável. - Pago meus impostos em dia para ouvi-la me falar aquilo? Pior é que ela riu de mim, maldição!

- Você poderia ter comprado outro jornal - falei suavemente.

Mas aquilo não o suavizou.

- Que diabos quer dizer com comprar outro jornal? É sábado de manhã, estou de pijama e tenho que ir comprar outro jornal? Por que vocês não pegam os bandidos de uma vez?

O elevador fez um "plim", indicando que tinha chegado, mas já não me interessava mais, porque algo tinha chamado a minha atenção e agora eu tinha um pensamento. De vez em quando eu tenho uns pensamentos. A maioria deles não chegava à superfície, provavelmente por eu passar a vida toda tentando parecer um humano. Mas este veio subindo devagar, como uma bolha de gás em um pântano, e apareceu brilhantemente no meu cérebro. - Sábado de manhã? Se lembra a que horas foi isso?

- Claro que lembro. Falei pra eles na hora em que liguei, dez e meia, no sábado de manhã, um garoto está roubando meu jornal.

- Como sabe que era um garoto?

- Porque vi tudo pelo olho mágico, por isso eu sei - ele gritou para mim. - Acha que vou sair no corredor sem olhar, com o trabalho que vocês fazem? Nem a pau!

- Quando você diz garoto, de que idade estamos falando?

- Olha, cavalheiro - disse ele -, pra mim, todos com menos de 70 anos são garotos. Mas este tinha uns 20 anos e usava uma mochila igual a todos os outros garotos.

- Consegue descrevê-lo para mim?

- Não sou cego - disse ele. - Ele ficou em pé ah, segurando meu jornal, e tinha uma dessas malditas tatuagens que todos eles têm hoje em dia bem na nuca!

Senti pequenos dedos de metal dedilharem na minha nuca e eu já sabia a resposta, mas perguntei mesmo assim:

- Que tipo de tatuagem ?

- Um coisa estúpida, acho que era um daqueles símbolos japoneses. Detonamos os malditos japoneses apenas para agora comprarmos seus carros e nossos garotos tatuarem o alfabeto deles?

Ele parecia estar apenas no aquecimento, e, apesar de admirar o fato de ter tanta energia naquela idade, achei que era meu dever encaminhá-lo para a autoridade adequada que, nesse caso, era a minha irmã, o que acendeu em mim uma pequena chama de satisfação, pois não só daria a ela um suspeito melhor que o pobre e Desprivilegiado Dexter, como também deixá-la na companhia desse velhote sedutor seria um bom castigo por ela ter suspeitado de mim no começo.

- Venha comigo - falei para ele.

- Não vou a lugar nenhum.

- Não gostaria de falar com um detetive de verdade? - perguntei, e as horas que passei

treinando o meu sorriso devem ter adiantado, porque ele fez uma careta, olhou em volta e então respondeu:

- Bom, vamos lá - e me seguiu até onde a sargento Mana estava agachada ao lado de Camilla.

- Falei pra ficar longe daqui - disse ela numa recepção calorosa e com muito encanto que eu já esperava.

- Tudo bem - respondi. - Devo levar a testemunha embora comigo?

Deborah abriu e fechou a boca algumas vezes, como se estivesse tentando aprender a respirar como um peixe.

- Você não pode... não é... Maldição, Dexter - ela falou.

- Posso, é, e tenho certeza de que sou. - respondi. - Mas agora, este gentil senhor idoso tem algo interessante para contar a você.

- Quem diabos você acha que é pra me chamar de idoso? - disse ele.

- Esta é a detetive Morgan - falei. - É ela que está no comando da operação.

- Uma mulher? - ele bufou. - É por isso que não prendem ninguém. Uma detetive mulher.

- Não se esqueça de falar para ela da mochila e da tatuagem.

- Que tatuagem? - perguntou Deborah. - De que porra você tá falando?

- Que boca suja! - disse o senhor. - É uma vergonha!

Sorri para a minha irmã.

- Bom papo para você.

CAPÍTULO 26

NÃO TINHA CERTEZA SE HAVIA SIDO CONVIDADO NOVAMENTE PARA A FESTA , mas não queria me afastar demais a ponto de não poder aceitar graciosamente as desculpas de minha irmã. Por isso resolvi enrolar perto da porta e ficar por ali, onde poderia ser notado facilmente quando o momento apropriado chegasse. Infelizmente o assassino não tinha roubado a gigante bola de vômito animal do pedestal ao lado da porta. Ainda estava lá e atrapalhava o meu lugar de enrolação, por isso fui obrigado a olhar para ela enquanto esperava.

Fiquei imaginando quanto tempo demoraria para Deborah perguntar a ele sobre a tatuagem e ligar as coisas. Depois de um tempo, ouvi Debs levantar a voz em um ritual oficial de palavras para dispensar alguém, agradecendo o velhote pela ajuda e o instruindo a ligar se lembrasse de mais alguma coisa. E então os dois vieram em direção à porta, com Deborah segurando-o firme pelo cotovelo e o guiando para fora.

- Mas e o meu jornal, senhorita? - protestou ele quando Deborah abriu a porta.

- É senhorita Sargento - falei e minha irmã me encarou.

- Ligue para o jornal. Eles vão devolver o seu dinheiro - disse ela, e praticamente o jogou para fora. O senhor ficou ali parado, tremendo de raiva.

- Os caras maus estão vencendo! - ele gritou, e então, para nossa alegria, Debs fechou a porta.

- Ele tem razão, sabia? - falei.

- Bom, você não precisa parecer tão contente com isso, porra - ela retrucou.

- Já você, por outro lado, poderia parecer um pouco mais contente. Foi ele, o namorado, como é mesmo o nome dele?

- Kurt Wagner - disse ela.

- Muito bom - falei. - Investigação. Foi Kurt Wagner, e você sabe disso agora.

- Não sei merda nenhuma - disse ela. - Pode ter sido uma coincidência.

- Sim, pode mesmo - falei. - E existe uma chance matemática de o sol nascer no oeste, mas não é muito provável. Quem mais pode ter sido?

- Aquele cuzão assustador, o Wilkins.

- Mas tem gente vigiando ele, não?

Ela bufou.

- Sim, mas sabe como são esses caras que ficam de tocaia. Eles tiram uma soneca e precisam ir ao banheiro, mas juram que o cara não saiu de vista em nenhum momento. Enquanto isso, o cara que devia estar sendo vigiado saiu e está retalhando líderes de torcida.

- Então você ainda acha que ele pode ser o assassino? Mesmo quando o outro garoto estava aqui na mesma hora em que Manny foi morto?

- Você também estava aqui na mesma hora - disse ela. - E este não é como os outros, parece mais uma cópia barata.

- E como a cabeça de Tammy Connor veio parar aqui? - perguntei. - Kurt Wagner está fazendo isso, Debs, tem que ser ele.

- Tudo bem - disse ela. - Provavelmente é ele.

- Provavelmente? - falei, e realmente estava surpreso. Tudo apontava para o garoto com a tatuagem no pescoço, mas Deborah estava em dúvida.

Ela me olhou por um longo momento, e não era um olhar de afeição calorosa e amorosa.

- Ainda pode ter sido você - falou.

- Tá bom então, que tal me prender? Seria a coisa mais inteligente a fazer, não acha? O capitão Matthews ficaria feliz porque você prendeu alguém, a mídia ia amar você por ter desmascarado o próprio irmão. É a solução perfeita, Deborah. Vai deixar até o verdadeiro assassino feliz.

Deborah não disse nada, apenas se virou e saiu andando. Depois de pensar um pouco, percebi que era uma ótima ideia, por isso fiz o mesmo, segui na direção contrária, saí do apartamento e voltei ao trabalho.

O resto do dia foi mais prazeroso. Dois corpos, masculinos e caucasianos, foram encontrados em um BMW estacionado em uma alça de acesso da via expressa Palmetto. Quando alguém tentou roubar o carro, achou os corpos e ligou para a polícia - depois de retirar o som e os air bags. Aparentemente, a causa das mortes foi ferimentos múltiplos de balas. Os jornais adoravam usar o termo "submundo do crime" para mortes que mostravam certa limpeza e economia. Mas não iríamos procurar por nenhuma gangue dessa vez. Os corpos estavam literalmente cobertos de chumbo e sangue, como se o assassino tivesse tido problemas em descobrir de que lado da arma ele devia segurar. E a julgar pelos buracos de bala nos vidros, é um milagre que nenhum outro motorista que passava tenha sido atingido.

Em geral, um dia com bastante trabalho deixava Dexter feliz, e havia sangue seco suficiente no carro e na rua para me manter ocupado durante horas, mas sem qualquer surpresa, não consegui ficar feliz com aquilo. Havia um número tão grande de coisas horríveis acontecendo comigo e agora essa briga com Debs. Não seria totalmente certo eu dizer que amo Deborah porque não sou capaz de amar, mas estava acostumado com ela, e preferia tê-la sempre por perto e razoavelmente feliz comigo.

Fora aquelas briguinhas normais de crianças quando éramos menores, Deborah e eu raramente tínhamos tido alguma discussão séria, e fiquei um pouco surpreso em perceber que esta tinha me deixado bastante incomodado. Apesar de eu ser um monstro sem alma que adora matar, era uma droga achar que ela pensava em mim daquele jeito, ainda mais depois que eu dera minha palavra de honra de ogro jurando que era inocente, pelo menos nesse caso especificamente.

Queria me acertar com minha irmã, mas estava meio zangado por ela estar um pouco empolgada demais com seu papel de representante da Enorme e Majestosa Lei, e não se esforçando nadinha para ser minha parceira e confidente.

É claro que fazia sentido para mim gastar minha justa indignação com isso, afinal, não havia mais nada com que pudesse ocupar meu tempo - coisas como casamento, uma música misteriosa e Passageiros desaparecidos normalmente se resolvem sozinhas, não? E análise de sangue é uma atividade tranquila, que requer o mínimo de concentração. E para comprovar isso, deixei meus pensamentos voarem enquanto eu afundava em meu estado de tristeza, e por causa disso, escorreguei no sangue coagulado e caí apoiado em um joelho no meio da rua, ao lado do BMW.

O choque do contato com a rua foi seguido imediatamente por um choque interior, um jorro de medo e ar frio me percorrendo, subindo daquela meleca horrível e grudenta direto para o meu vazio, e demorou um bom tempo até que eu conseguisse respirar de novo. De pé, Dexter, pensei. Este é só um pequeno e doloroso lembrete sobre quem você é e de onde veio, que

apareceu em sua mente devido ao estresse. Não tem nada a ver com um matadouro.

Consegui me levantar sem chorar, mas minha calça estava rasgada, meu joelho doía e uma perna da calça estava coberta com sangue meio seco, nojento.

Eu realmente não gosto de sangue. E olhar para baixo e ver aquilo na minha roupa, e encostando em mim, depois do turbilhão de coisas em que minha vida se transformara e do enorme poço de vazio em que caí pela falta do Passageiro... O sangue completou o circuito. Com certeza eu estava sentindo algumas emoções agora, e elas não eram agradáveis. Senti-me estremecido e quase gritei, mas consegui me controlar a tempo, me limpei e segui em frente.

Não me sentia muito melhor, mas completei aquele dia utilizando a muda de roupa extra que os profissionais que trabalham com sangue, como eu, sempre têm por perto, e logo chegou a hora de voltar para casa.

Enquanto seguia para a casa da Rita pela Old Cutler, um pequeno Geo vermelho colou atrás de mim e não saía de lá. Olhei pelo retrovisor, mas não conseguia ver o rosto do motorista, e fiquei imaginando se tinha feito algo que deixara ele, ou ela, nervoso. Fiquei bem tentado a pisar no freio e deixar a sorte decidir o que iria acontecer, mas ainda não estava ferrado o suficiente para achar que bater o meu carro faria com que as coisas melhorassem. Tentei ignorar o outro carro, era apenas mais um motorista semi-insano de Miami com objetivos obscuros.

Mas ele continuava comigo, a centímetros de mim, e comecei a imaginar quais seriam os objetivos dele. Acelerei. O Geo acelerou também e continuou logo atrás de mim.

Reduzi, e ele também.

Cruzei duas pistas de tráfego intenso, deixando um coro de buzinas raivosas e dedos médios levantados. E o Geo me seguiu.

Quem poderia ser? E o que queria comigo? Será que Starzak sabia que eu o tinha prendido e agora viera atrás de mim com outro carro, determinado a se vingar? Ou dessa vez era outra pessoa? E se fosse, por quê? Não podia acreditar que Moloch estava dirigindo o carro atrás de mim. Como um deus antigo consegue uma carteira de motorista? Mas alguém estava atrás de mim, claramente planejando me perseguir durante um tempo, e eu não tinha ideia de quem era. Eu me peguei esperando por uma resposta, procurando por algo que não estava mais lá, e a sensação de perda e de vazio amplificavam minha incerteza, minha raiva e meu desconforto, e percebi que minha respiração assobiava ao inspirar e expirar por entre dentes cerrados, com meus dedos segurando firmemente na direção e cobertos por um suor frio. E então pensei: Chega!

E enquanto me preparava mentalmente para frear de repente, pular do carro e acabar com a raça do motorista que me seguia, o Geo vermelho saiu de trás de mim, virou à direita e desapareceu por uma rua paralela noite adentro.

No fim das contas aquilo não tinha sido nada, apenas uma psicose normal da hora do rush. Outro motorista louco e comum de Miami tentando afastar o tédio de dirigir para casa com uma brincadeira saudável com o motorista do carro da frente.

E eu era apenas um ex-monstro paranoico, atordoado e abalado, com as mãos presas ao volante e os dentes travados.

Fui para casa.

O Observador desistiu por um momento e depois deu a volta por trás. Então, se moveu de

volta ao tráfego, invisível para o outro e entrou na rua muito atrás dele. Ele tinha apreciado persegui-lo tão de perto, forçando uma leve demonstração de pânico. Tinha provocado o outro para testar o tempo de reação dele, e o que encontrou foi bastante satisfatório. Era um processo muito bem balanceado, empurrando o outro precisamente ao quadro mental correto. Ele tinha feito aquilo muitas vezes antes e conhecia bem os sinais. Estava agitado, mas ainda não tinha alcançado o limite da raiva que era necessário, ainda não, pelo menos.

Tinha chegado a hora de acelerar um pouco as coisas.

Esta noite seria muito especial.

CAPÍTULO 27

O JANTAR JÁ ESTAVA PRONTO QUANDO CHEGUEI NA CASA DE RITA. CONSIDERANDO tudo que estava acontecendo comigo e o que passava pela minha cabeça, você poderia pensar que eu nunca mais comeria. Mas assim que passei pela porta da frente fui invadido pelo aroma; Rita tinha feito porco assado, bróco- Hs, arroz e feijão, e existem poucas coisas no mundo que se comparam ao porco assado dela. Por isso foi um Dexter modificado de alguma forma que finalmente empurrou o prato e se levantou da mesa. E, sinceramente, as horas seguintes também foram suaves e calmas. Brinquei de chutar lata com Astor, Cody e outras crianças do bairro até a hora de dormir, depois me sentei no sofá com Rita e assistimos a um seriado com um médico rabugento e irritadiço e depois fomos dormir.

Normalidade não era tão ruim assim, principalmente uma que contivesse o porco assado de Rita e Cody e Astor para me distrair. Talvez eu pudesse viver através deles, como um velho jogador de beisebol que vira treinador depois que se aposenta. Eles tinham tanto que aprender, e os ensinando eu poderia reviver meus quase desaparecidos dias de glória. Era triste, claro, mas pelo menos era uma pequena compensação.

E quando estava deitado e rumando em direção ao sono, apesar de realmente ser mais inteligente que isso, me peguei pensando que talvez as coisas nau estivessem tão ruins no fim das contas.

Aquele pensamento idiota durou até a meia-noite, quando acordei com Cody parado no pé de nossa cama.

Tem alguém lá fora - disse ele.

- Certo - respondi, ainda meio dormindo e nem um pouco curioso para saber o que ele queria me contar.

- Eles querem entrar.

Me sentei na cama.

- Onde? - perguntei.

Cody se virou, foi em direção ao corredor e eu o segui. Estava meio convencido de que ele tinha tido um pesadelo, mas, por outro lado, estávamos em Miami e sabemos que esse tipo de coisa acontece, apesar de raramente serem mais do que umas quinhentas ou seiscentas invasões em noites normais.

Cody me levou até a porta da cozinha que dava para o quintal e parou a uns três metros dela, e parei ao lado dele.

- Ali - disse ele.

E era verdade mesmo. Não tinha sido um pesadelo, pelo menos não um daqueles que você precisa estar dormindo para ter.

A maçaneta se movia como se alguém lá fora estivesse tentando abrir a porta.

- Acorde sua mãe - sussurrei para Cody. - Peça para ela ligar para a polícia.

Ele me olhou como se estivesse desapontado por eu não sair por aquela porta com uma granada na mão e resolver as coisas sozinho, mas depois se virou e foi em direção ao quarto.

Eu me aproximei da porta com cuidado e em silêncio. Do lado dela havia um interruptor que acendia as luzes do quintal. Quando alcancei o interruptor, pararam de mexer na maçaneta, mas

acendi as luzes mesmo assim.

Imediatamente, como se causado pelo interruptor que liguei, algo começou a bater à porta da frente.

Eu me virei e corri para a frente da casa, mas na metade do caminho Rita entrou no corredor e nós trombamos.

- Dexter - disse ela. - O que... o Cody disse...

- Ligue para a polícia - falei. - Alguém está tentando entrar aqui. - Olhei para Cody que estava atrás dela. - Pegue sua irmã e vão para o banheiro, todos vocês. Tranquem a porta.

- Mas quem... nós não... - Rita tentou dizer.

- Vão - falei e passei por ela em direção à porta da frente.

Mais uma vez, acendi a luz de fora e mais uma vez o barulho parou imediatamente.

Claro que apenas para iniciar em outro lugar, dessa vez parecia vir da janela da cozinha.

E naturalmente, quando corri até lá, ele parou de novo, dessa vez antes mesmo de eu acender a luz.

Fui lentamente até a janela sobre a pia e, com cuidado, dei uma espiada.

Nada. Apenas a noite, a cerca e a casa do vizinho, mais nada.

Me endireitei e fiquei ali um momento, esperando que o barulho recomeçasse em algum lugar da casa. Mas isso não aconteceu. Percebi que estava prendendo a respiração, então soltei o ar. O que quer que fosse, tinha parado. Tinha ido embora. Abri minhas mãos e respirei fundo.

E então Rita gritou.

Eu me virei rápido o suficiente para torcer o tornozelo, mas ainda assim corri para o banheiro o mais depressa que pude. A porta estava trancada, mas dava para ouvir alguma coisa arranhando a janela.

Rita gritou:

- Vá embora!

- Abram a porta - falei e logo depois Astor abriu.

- Está na janela - disse ela, mais calma do que eu esperava.

Rita estava parada no meio do banheiro com suas mãos fechadas e levantadas à altura da boca. Cody estava na frente dela, de forma protetora, segurando o desentupidor de privada, e os dois olhavam para a janela.

- Rita - falei.

Ela se virou para mim com os olhos bem abertos e tomados pelo medo.

- O que eles querem? - perguntou, como se eu soubesse. E talvez eu soubesse mesmo, se a vida estivesse seguindo seu curso normal - e esse "normal" significava a minha vida até havia pouco tempo, quando tinha o Passageiro para me fazer companhia e sussurrar terríveis segredos. Mas hoje, só sabia que eles queriam entrar e não tinha ideia do porquê.

Não sabia exatamente o que eles queriam, e naquele momento isso não parecia importante, pois parecia óbvio que eles queriam algo e achavam que nós tínhamos isso.

- Vamos - falei. - Todos pra fora daqui. Rita se virou para olhar para mim, mas Cody continuou em posição. - Mexam-se - falei, e Astor pegou Rita pela mão e saíram apressadas pela porta. Pus a mão no ombro de Cody o o empurrei para fora, gentilmente retirando o desentupidor da mão dele, e então me virei para a janela.

O barulho continuava, um arranhar pesado como se alguém quisesse rasgar o vidro. Sem pensar, fui até a janela e bati no vidro com a parte de borracha do desentupidor.

O barulho parou.

Por um bom tempo não houve mais nenhum som, apenas a minha respiração, que, notei, estava rápida e imperfeita. Então, não muito longe, ouvi uma sirene de polícia cortando o

silêncio. Saí do banheiro de costas, ainda olhando para a janela.

Rita estava sentada na cama com Cody de um lado e Astor do outro. As crianças pareciam bem calmas, mas Rita estava à beira de um ataque de nervos.

- Está tudo bem - falei. - A polícia já está chegando.

- É a sargento Debbie? - perguntou Astor, e acrescentou de forma esperançosa. - Acha que ela vai atirar em alguém?

- A sargento Debbie está dormindo - falei. A sirene estava bem perto agora e, com um som de freada brusca, parou em frente à nossa casa e mudou sua escala para som estático. - Chegaram - falei, e Rita se levantou e pegou as crianças pelas mãos.

Os três me seguiram e, quando chegamos à sala, já havia alguém batendo à porta de forma firme, mas educada. Como a vida nos ensina a ter cautela, achei melhor perguntar:

- Quem é?

- É a polícia - disse uma voz bem máscula. - Nos chamaram por causa de uma possível invasão. - Parecia verdade, mas para garantir, deixei a corrente de segurança e abri uma fresta para olhar. Havia dois policiais ali parados, um olhando para a porta e outro de costas, vigiando a frente da casa e a rua.

Fechei a porta, tirei a corrente e abri de novo.

- Pode entrar - falei. O nome na farda dele era Ramirez e lembrei que conhecia ele superficialmente. Mas ele não fez nenhum movimento em direção à entrada da casa, apenas ficou olhando para as minhas mãos.

- Que tipo de emergência vocês tiveram aqui, chefe? - perguntou, apontando com a cabeça para as minhas mãos. Olhei e percebi que ainda estava segurando o desentupidor de pia.

- Ah - falei. Coloquei o desentupidor atrás da porta, no porta guarda- -chuva. - Desculpe, era para me defender.

- Certo - disse Ramirez. - Imagino que iria depender do que o outro cara tivesse. - Ele entrou e chamou o parceiro por cima do ombro: - Dê uma olhada em volta da casa, Williams.

- Tá - respondeu Williams, um negro forte na casa dos 40 anos. Ele caminhou para a frente da casa e depois desapareceu quando contornou para ir até o quintal.

Ramirez ficou parado no meio da sala, olhando para Rita e as crianças.

- Então, o que aconteceu aqui? - perguntou, e antes que eu pudesse responder, falou de novo comigo. - Conheço você de algum lugar?

- Sou Dexter Morgan - falei. - Trabalho na perícia criminal.

- É mesmo. E o que aconteceu aqui, Dexter?

Contei a ele.

CAPÍTULO 28

OS POLICIAIS FICARAM MAIS OU MENOS UNS QUARENTA MINUTOS COM A gente. Eles examinaram o quintal e a vizinhança próxima e não encontraram nada, o que não pareceu surpreendê-los, e sinceramente não foi um grande choque para mim também. Quando terminaram, Rita fez café e serviu com bolachas de aveia que ela mesma tinha preparado.

Ramirez tinha certeza de que crianças haviam tentado nos assustar, e se fosse verdade elas sem dúvida tinham conseguido. Willians tentou nos tranquilizar, afirmando que era apenas uma piada de mau gosto e que já tinha acabado, e quando estavam indo embora, Ramirez acrescentou que eles passariam algumas vezes por lá durante a madrugada. Mas mesmo com todas aquelas palavras para nos acalmar ainda frescas, Rita ficou o resto da noite sentada na cozinha com uma xícara de café, sem conseguir dormir. Já eu, me virei e rolei durante uns três minutos até conseguir voltar ao mundo do sono.

Quando eu descia a escura montanha em direção ao sono, a música começou a tocar novamente. E havia uma grande sensação de alegria e, depois, calor no meu rosto...

E não sei como, logo depois eu estava no corredor, com Rita me chacoalhando e chamando pelo meu nome.

- Dexter, acorda! Dexter!

- O que aconteceu? - perguntei.

- Você estava andando enquanto dormia, como um sonâmbulo - disse ela. - E estava cantando também.

Então, o rosado amanhecer encontrou nós dois sentados à mesa da cozinha e tomando café. Quando o despertador finalmente tocou lá no quarto, ela se levantou, foi até lá desligá-lo, voltou e olhou para mim. Olhei para ela também, mas parecia que não tínhamos nada a dizer, e então Cody e Astor entraram na cozinha e não havia mais nada que pudéssemos fazer a não ser mergulhar na rotina matinal e depois ir trabalhar, fingindo que tudo tinha sido exatamente como deveria.

Mas é claro que não era verdade. Alguém estava tentando entrar na minha cabeça, e estava tendo grande sucesso nessa empreitada. E agora tinham tentado entrar na minha casa também, e eu nem sabia quem era ou o que eles queriam. Eu precisava supor que tudo estava ligado a Moloch e ao desaparecimento do Passageiro.

O resumo de tudo era que alguém estava tentando fazer algo comigo e se aproximava cada vez do objetivo.

Eu ainda estava relutante em aceitar a ideia de que um verdadeiro deus antigo estava tentando me matar. Para começar, eles não existem. E se existissem, porque um deles se importaria comigo? Era óbvio que algum humano estava usando essa coisa toda de Moloch como uma fantasia para se sentir mais poderoso e importante, além de fazer suas vítimas acreditarem que ele tinha poderes mágicos.

Como a habilidade de invadir meu sono e me fazer ouvir uma música, por exemplo? Um predador humano não conseguiria fazer isso. E também não poderia assustar e espantar o

Passageiro das Trevas.

As únicas respostas possíveis eram impossíveis. Talvez fosse apenas fadiga extrema, mas não conseguia pensar em qualquer resposta que não fosse impossível.

Quando cheguei ao trabalho naquela manhã, não tive tempo de pensar em nada melhor, pois fui imediatamente chamado por causa de um homicídio duplo em uma casa de traficantes em Grove. Dois adolescentes tinham sido amarrados, cortados e depois baleados, apenas para garantir. E apesar de saber que deveria considerar aquilo uma coisa terrível, fiquei muito agradecido de poder ver corpos de pessoas mortas que não tinham sido queimadas ou decapitadas.

Fazia as coisas parecerem normais, até tranquilas, pelo menos por um tempo. Espirrei o luminol aqui e ali, quase feliz por fazer uma tarefa que abalasse a música por um tempo.

Mas também me deu tempo de ponderar, e foi o que fiz. Vejo cenas como esta todos os dias, e nove em dez vezes os assassinos dizem coisas como: Perdi a cabeça ou Na hora que percebi o que estava fazendo já era tarde demais. Grandes desculpas, claro, que me divertiam muito, afinal, eu sempre sabia exatamente o que estava fazendo, e era por isso que eu fazia.

E por fim um pensamento novo apareceu: eu não tinha conseguido fazer nada com o Starzak sem o Passageiro das Trevas. Isso significava que meu talento não era meu e sim dele. O que poderia significar que todos esses outros que "perderam a cabeça" poderiam ser guardiões temporários de coisas similares à minha, não é mesmo?

Até agora, o meu nunca tinha me abandonado; estava permanentemente em casa comigo, não vagando pelas ruas e entrando no primeiro cara mau que passasse por ali.

Certo, vamos deixar isso de lado um pouco. Vamos supor que alguns Passageiros vaguem por aí e outros prefiram ter um lar. Será que isso poderia se encaixar no que Halpern descreveu como um sonho? Será que alguma coisa poderia entrar nele, fazê-lo matar as duas garotas e depois levá-lo para casa e colocá-lo na cama antes de ir embora?

Eu não sabia. Mas estava ciente de que se aquela ideia se tornasse verdadeira, então estaria com problemas muito mais sérios do que imaginava.

Quando voltei ao escritório, já passava da hora do almoço e havia uma mensagem de Rita me lembrando que tínhamos um encontro com o pastor dela. E quando digo pastor, não é aquele rapaz jovem e simpático que cuida das ovelhas. Por estranho que pareça, quero dizer o tipo de pastor que você encontra em uma igreja, se por acaso um dia se sentir compelido a visitar uma. De minha parte, sempre acreditei que se existe algum tipo de Deus, ele nunca deixaria que algo como eu florescesse. E se eu estiver errado, pode ser que o altar se quebre e caia quando eu entrar na igreja.

Mas o meu sensível ato de evitar os prédios sagrados tinha acabado agora, pois Rita queria que o pastor da igreja dela realizasse nossa cerimônia de casamento, e aparentemente ele precisava checar minhas credenciais humanas antes de concordar com a tarefa. Claro que ele já não havia feito um bom trabalho da primeira vez, já que o ex-marido de Rita era um viciado em crack que sempre batia nela, e o pastor falhara em detectar aquilo. E se não tinha conseguido perceber algo tão óbvio, as chances de fazer um trabalho melhor comigo não eram muito boas.

Mesmo assim, Rita parecia ter grande admiração por ele, por isso fomos até a antiga igreja de pedra em um lugar bem populoso de Grove, a apenas um quilômetro do homicídio no qual eu havia trabalhado naquela manhã. Rita tinha feito todos os rituais religiosos lá e conhecia o pastor havia muito tempo. Aparentemente aquilo era importante, e acho que devia ser mesmo, considerando o que eu sabia de muitos homens de Deus que haviam chamado a minha atenção por causa de meu passatempo. Aliás, meu antigo passatempo.

O pastor Gilles estava esperando por nós em seu escritório - ou será que é chamado de

claustro, retiro ou algo assim? Reitoria me parecia um lugar que você vai para encontrar com o rei. Talvez a palavra fosse sacristia - tenho que admitir que não estou no meu melhor dia para terminologias. Minha mãe adotiva, Dóris, tentou me levar à igreja quando eu era pequeno, mas depois de alguns incidentes infelizes, ficou evidente que aquilo não iria funcionar, e Harry interveio.

O escritório do pastor estava cheio de livros com títulos improváveis que ofereciam conselhos sobre como lidar com muitas coisas que Deus com certeza preferiria que você evitasse. Alguns ofereciam ideias a respeito da alma das mulheres, apesar de não especificarem que mulheres, e outros traziam informações de como fazer Deus trabalhar para você, e eu esperava sinceramente que não fosse por um salário mínimo. Havia até um sobre química cristã, que me parecia um pouco forçado, a não ser que contivesse a velha fórmula de transformar água em vinho.

Mas muito mais interessante do que tudo isso era um livro com uma inscrição gótica na lombada. Virei a cabeça para ler o título, por mera curiosidade, mas quando o fiz senti um jorro dentro de mim, como se meu esôfago tivesse sido preenchido por gelo.

Possessão demoníaca: fato ou ficção? Era o nome, e assim que li, ouvi claramente o distinto som de uma ficha caindo.

Seria muito fácil para alguém que estivesse observando de fora chacoalhar a cabeça de forma negativa e dizer: "Sim, mas é óbvio, e Dexter é um belo idiota se nunca pensou nisso". Bom, a verdade é que eu nunca havia pensado. Demônio tem muitas conotações negativas, não é mesmo? E enquanto a Presença esteve comigo, não havia qualquer necessidade de definição, ainda mais em termos arcanos. Apenas agora que ela havia sumido eu precisava de uma explicação. E por que não esta? Era um pouco antiga, mas exatamente isso já parecia ser um bom argumento de que poderia haver alguma relação, alguma conexão que nos levasse de volta ao absurdo de Salomão e Moloch e a tudo que estava acontecendo comigo recentemente.

Será que o Passageiro das Trevas era mesmo um demónio? Será que a ausência dele significava que ele tinha sido expulso? Se sim, quem o expulsou? Algo absurdamente bom? Não me lembrava de me encontrar com nada parecido em minha vida toda ou mais. Aliás, pelo contrário.

Mas será que algo muito, muito mau poderia expulsar um demónio? Quero dizer, o que poderia ser pior que um demónio? Talvez Moloch? Ou talvez um demônio pudesse expulsar a si mesmo por alguma razão?

Tentei me confortar com o fato de ter perguntas muito boas agora, mas não me senti nem um pouco confortado, e meus pensamentos foram interrompidos quando a porta se abriu e o popular pastor Gilles entrou, murmurando:

- Ora, ora.

Ele tinha cerca de 50 anos e parecia em forma, então acho que esse negócio de dízimo funcionava. O pastor veio direto até nós e deu um abraço em Rita e um beijo em sua bochecha, antes de se virar para mim e oferecer um carinhoso e masculino aperto de mão.

- Bom - disse ele, sorrindo cautelosamente para mim. - Então você é o Dexter.

- Acho que sou - falei. - Não pude evitar de ser.

Ele assentiu com a cabeça, quase como se aquilo fizesse sentido.

- Sentem-se e relaxem, por favor - disse ele, dando a volta na escrivaninha e se sentando em sua grande cadeira giratória

.

Obedeci e me recostei na cadeira de couro vermelho bem na frente dele, mas Rita se sentou nervosa na pontinha da cadeira dela, que era idêntica à minha.

- Rita - disse ele sorrindo. - Muito bem, quer dizer que você está pronta para tentar de novo, não?

- Sim, eu... isso é apenas... hã... quer dizer... acho que sim - acabou dizendo, ficando muito vermelha. - Sim, quero dizer que sim. - Ela me olhou com um sorriso vermelho e disse: - Sim, estou pronta.

- Bom, muito bom - disse ele, e trocou a expressão para uma de preocupado ao olhar para mim. - É você, Dexter. Gostaria muito de saber um pouco a seu respeito.

- Bom, pra começar, sou suspeito de um assassinato - falei modestamente.

- Dexter! - disse Rita, e contra todas as possibilidades, ficou ainda mais vermelha.

- A polícia acha que você matou alguém? - o pastor perguntou.

- Não, não todos eles, apenas a minha irmã.

- O Dexter trabalha no laboratório da polícia - Rita falou. - E a irmã dele é detetive. Ele estava só... ele estava brincando.

Ele assentiu novamente para mim.

- O senso de humor é uma grande ajuda em qualquer relacionamento.

O pastor fez uma pausa, parecendo muito pensativo e muito sincero, e então perguntou:

- Como se sente em relação aos filhos de Rita?

- Ah, Cody e Astor adoram o Dexter - disse Rita, e ela parecia muito feliz por eu não estar mais falando a respeito da minha condição de suspeito.

- Mas o que Dexter sente em relação a eles? - o pastor insistiu gentilmente.

- Eu gosto deles - falei.

Ele assentiu e disse:

- Bom, muito bom. Às vezes as crianças podem ser um fardo. Especialmente quando não são seus filhos

.

- Astor e Cody sabem muito bem ser um grande fardo - falei. - Mas não me importo com isso.

- Eles vão precisar de muita orientação depois de tudo que passaram - disse ele.

- Ah, eu já os oriento - falei, apesar de pensar que era melhor não especificar exatamente o que eu fazia. Mas ainda acrescentei: - Eles são muito ansiosos para serem orientados.

- Muito bem - disse ele. - Então veremos essas crianças na escola dominical, certo? - Para mim aquilo pareceu um jeito feio de nos chantagear a prover futuros recrutas para preencher a cesta de frutas dele, mas Rita assentiu com a cabeça e eu concordei com ela. Além do mais, eu tinha quase certeza de que independentemente do que qualquer um dissesse, Cody e Astor iriam encontrar conforto espiritual em outro lugar.

- Agora, vamos falar de vocês dois - disse ele, se recostando na cadeira e coçando as costas de uma mão com a palma da outra. - Um relacionamento no mundo atual precisa de uma fundação sólida na fé - continuou, olhando para mim com expectativa. - O que acha disso, Dexter?

Bom, chegamos ao ponto. Sempre devemos acreditar que cedo ou tarde um pastor vai dar um jeito de distorcer as coisas para que elas caiam na área dele. Não sei se mentir para um pastor é pior do que mentir para as outras pessoas, mas eu queria que aquela entrevista acabasse de forma rápida e indolor, e isso era impossível se eu dissesse a verdade. Imagine que eu começasse dizendo algo como: "Sim, acredito muito na fé, pastor, tenho fé na ganância e na estupidez humana, e também na doçura fiada no aço em uma noite de luar. Tenho fé nas trevas invisíveis, nos sussurros frios das trevas internas, na clareza absoluta da faca. Sim, pastor, tenho muita fé, mas acima dela, tenho certezas, pois já vi as trevas absolutas e sei que é real; é lá onde

eu vivo".

Mas claro que aquilo não faria bem para a minha imagem, e é claro que eu não precisava ficar com medo de ir para o inferno por contar uma mentira. Se existisse mesmo um inferno, eu já tinha um lugar reservado na primeira fila. Por isso disse:

- Fé é muito importante - e ele pareceu ficar feliz com aquilo.

- Ótimo - disse ele, dando uma olhadela para o relógio. - Você tem alguma pergunta sobre a nossa igreja, Dexter?

Era uma pergunta justa, acho, mas me pegou de surpresa, pois achei que só responderia coisas, não que poderia perguntar também. Estava pronto para ser evasivo por pelo menos mais uma hora, mas perguntar? O que eu poderia querer saber? Vocês usam suco de uva ou vinho de verdade? A coleção de cestas é de metal ou madeira? Dançar é pecado? Eu simplesmente não estava preparado. Mas parecia que ele estava verdadeiramente interessado em saber. Então sorri para o pastor e disse:

- Bom, tem uma coisa, eu adoraria saber o que você acha a respeito de possessão demoníaca.

- Dexter! - disse Rita, com um sorriso nervoso. - Não é isso que... você não pode...

O reverendo Gilles levantou uma mão e disse:

- Tudo bem, Rita. Acho que sei de onde Dexter vem. - Então, se recostou na cadeira e assentiu com a cabeça, me dando um sorriso de prazer e reconhecimento. - Faz muito que você não vem à igreja, Dexter?

- Pra falar a verdade, sim, faz muito tempo - respondi.

- Acho que você vai descobrir que a nova igreja se encaixa bem no mundo atual. A verdade principal é que o amor de Deus não muda - disse ele. - Mas, às vezes, nossa interpretação disso muda - e então ele piscou para mim. - Acho que os demônios combinam mais com o dia das bruxas, não com a missa de domingo.

Era bom ter uma resposta, mesmo não sendo a que estava procurando. Claro que eu não esperava que o reverendo sacasse um livro das trevas e fizesse um feitiço, mas admito que aquilo me desapontou um pouco.

- Muito bem então - falei.

- Alguma outra pergunta? - perguntou ele, com um grande sorriso de satisfação. - Sobre a igreja ou a cerimônia de casamento?

- Acho que não. Parece que todas as cartas estão na mesa.

- Gostamos que seja sempre assim - disse ele. - Desde que Cristo seja a coisa mais importante, o resto sempre se encaixa.

- Amém - concluí, brilhantemente. Rita me deu uma olhadela, mas o pastor pareceu gostar.

- Muito bem então - disse ele, se levantando e esticando a mão. - Está marcado, 24 de junho. - Fiquei em pé também e apertei a mão dele. - Mas espero vê-los aqui antes disso. Temos uma ótima missa todos os domingos, às dez. - Ele piscou novamente e apertou minha mão com mais força. - Dá tempo de voltar para casa e ver o futebol.

- Isso é ótimo - falei, imaginando como era bacana quando um negócio antecipava as necessidades de seu consumidor.

Ele soltou minha mão e abraçou Rita com força.

- Estou muito feliz por você, Rita.

- Muito obrigada - disse ela, soluçando no ombro dele. Rita ficou abraçada a ele mais um tempo, depois se endireitou, esfregando o nariz e olhando para mim. - Obrigada, Dexter. - Pelo o quê, eu não sabia, mas era bom ser incluído também.

CAPÍTULO 29

PELA PRIMEIRA VEZ EM MUITO TEMPO, EU ESTAVA ANSIOSO DE VERDADE EM ir para o escritório. Não porque quisesse muito estudar borrifos de sangue, mas por causa da ideia que tive conversando com o pastor Gilles. Possessão demoníaca. Havia algo de certo naquilo. Nunca tinha me sentido possuído de verdade, apesar de Rita possuir uma parte de mim. Mas pelo menos era uma explicação que ainda tinha um fundo histórico, e fiquei muito ansioso para saber mais sobre o assunto.

Primeiro chequei minha secretária eletrônica e meus e-mails; nada, apenas uma mensagem de rotina a respeito de limpar a área do café. E nada de desculpas de Debs também. Fiz alguns telefonemas cuidadosos e descobri que ela estava tentando achar Kurt Wagner, o que era um alívio, pois indicava que não estava me seguindo.

Problemas resolvidos, consciência limpa, era hora de começar a pesquisar sobre possessão demoníaca. Mais uma vez, o velho e bom rei Salomão aparecia bastante nos resultados. Parecia que ele tinha sido próximo de vários demônios, a maioria deles com nomes impronunciáveis e com muitos "Z"s. Ele os teria transformado em seus servos, forçando-os a projetar e construir seu grande templo, o que me deixou um pouco chocado, pois sempre tinha ouvido que templos eram coisas boas, e é claro que deveria haver alguma regra quanto a trabalho de demônios. Se ficamos tão bravos por causa dos imigrantes que colhem as laranjas, será que todos aqueles patriarcas tementes a Deus não teriam alguma restrição aos demônios?

Mas estava tudo ali. O rei Salomão tinha se dado bem sendo o chefe deles. Claro que os demônios não gostavam de receber ordens, mas continuaram a fazer coisas por ele. E aquilo me deu a interessante ideia de que mais alguém pudesse controlar os demônios, e também estivesse tentando fazer o mesmo com o Passageiro das Trevas, que por isso tinha fugido dessa servidão involuntária. Fiz uma pausa e pensei naquilo.

O grande problema dessa teoria era a esmagadora sensação de perigo mortal que me invadiu no começo desse problema, quando o Passageiro ainda estava comigo. Posso entender a relutância em fazer um trabalho que não deseja fazer, mas isso não tinha nada a ver com a sensação de ameaça mortal que aquilo despertou em mim.

Será que isso significava que o Passageiro não era um demônio? Ou então que o que estava acontecendo comigo era apenas uma psicose? Uma fantasia paranoica inventada para perseguir uma sede de sangue e me aproximar do horror?

Ainda assim, todas as culturas do mundo através da história acreditavam que havia algo de verdade nesse lance todo de possessão. Eu só não estava conseguindo achar uma conexão daquilo com o meu problema. Sentia que estava no caminho certo, mas nenhuma ideia brilhante apareceu.

E então já eram 17h30 e eu estava mais do que ansioso para sair do escritório e rumar para o não tão seguro santuário do meu lar.

Na tarde seguinte, estava em meu escritório digitando um relatório a respeito de um estúpido homicídio múltiplo. Em Miami também ocorriam homicídios comuns, e este era um deles, ou três e meio, para ser mais exato, pois havia três corpos no necrotério, e um em estado muito grave no Jackson Memorial. Foi simplesmente um daqueles casos que o carro passa atirando, e aconteceu em uma das poucas áreas de propriedades de baixo valor da cidade. Não havia por que gastar muito do meu precioso tempo nisto, pois existiam muitas testemunhas e todas concordavam que alguém chamado "filho da mãe" tinha feito os disparos.

Mesmo assim, era preciso cumprir os protocolos, por isso tinha passado a manhã toda no local me assegurando de que ninguém tinha saído de uma das casas e acertado uma das pessoas com um cortador de grama ao mesmo tempo que os tiros eram disparados. Eu estava tentando imaginar como dizer que o sangue encontrado era consistente com o disparo de armas de fogo de um veículo em movimento, mas a chatice daquilo fazia com que meus olhos se desviassem da tela, e enquanto eles vagavam, senti uma campainha tocar nos meus ouvidos e mudar para um barulho de gongos, e a música noturna voltou, e o branco da tela pareceu ser lavado com um terrível sangue líquido que depois espirrava em mim, enchia o escritório e preenchia todo o mundo que eu enxergava. Pulei da cadeira e piscquei algumas vezes até que desaparecesse, mas aquilo me deixou tremendo e imaginando o que que tinha acontecido.

Estava começando a me pegar durante o dia, mesmo sentado em meu escritório na delegacia de polícia, e eu não estava gostando nem um pouco daquilo. Ou eu estava me fortalecendo e chegando mais perto, ou estava mergulhando profunda e completamente na loucura. Os esquizofrênicos ouvem vozes - será que eles não ouvem música também? Será que o Passageiro das Trevas poderia ser considerado uma voz? Será que eu era um louco completo todo esse tempo e só agora estava tendo um surto final na sanidade artificial do Dúbio Dexter?

Não achava que isso era possível. Harry me pusera na linha, garantindo que eu me encaixaria muito bem na sociedade. Ele saberia se eu fosse louco, mas não, ao contrário, Harry me disse que eu não era. E ele nunca errava. Por isso estava tudo decidido e estava tudo bem comigo, tudo bem.

Mas então por que eu escutava aquela música? E por que minhas mãos tremiam? E por que precisava de um fantasma interior para evitar que ficasse sentado o tempo todo no chão com o dedo na boca?

Ninguém mais no prédio tinha ouvido nada - só eu. Senão, os corredores estariam cheios de pessoas dançando ou gritando. Não, o medo tinha se infiltrado na minha vida, correndo atrás de mim muito mais rápido do que eu conseguia escapar, preenchendo o enorme vazio que tinha ficado depois que o Passageiro das Trevas foi embora.

Não tinha onde me apoiar. Precisava de informações externas se quisesse entender aquilo. Muitas fontes acreditavam que os demônios eram reais - Miami estava cheia de pessoas que trabalhavam duro para manter o demônio longe de suas vidas. E mesmo que o babalaô tenha dito que não queria ter nada a ver com tudo aquilo e tenha ido embora o mais rápido possível, ele parecia saber o que era aquilo. E eu tinha quase certeza de que a Santeria acreditava em possessão. E tanto fazia, Miami era uma cidade incrível e de uma diversidade imensa, e eu iria encontrar algum outro lugar para fazer minhas perguntas e receber uma resposta completamente diferente - talvez até a que eu estava procurando. Saí do escritório e fui para o estacionamento.

A Árvore da Vida ficava nos limites de Liberty City, uma área de Miami que não era boa de

ser visitada tarde da noite por turistas de Iowa. Este pedaço em particular fora ocupado por imigrantes do Haiti, e vários imóveis tinham sido pintados com cores brilhantes, como se apenas uma cor não fosse suficiente. Em algumas paredes havia grandes murais mostrando a vida naquele país. Parecia haver muitos galos e cabras por lá.

Uma enorme árvore tinha sido pintada na parede do prédio da Árvore da Vida, claro, e embaixo dela havia a imagem alongada de dois homens tocando grandes tambores. Parei bem em frente e entrei por uma porta de tela que tocou um pequeno sino e depois bateu e se fechou atrás de mim. Nos fundos, atrás de uma cortina de miçangas penduradas, uma voz de mulher falou algo em crioulo. Fiquei atrás do balcão de vidro e esperei. A lojinha tinha várias prateleiras contendo inúmeros jarros cheios de coisas misteriosas, líquidas, sólidas e desconhecidas. Um ou dois pareciam guardar coisas que já tinham sido vivas um dia.

Depois de um momento, uma mulher passou pela cortina de contas e veio até mim. Ela parecia ter uns 40 anos e era muito magra, tinha rosto arredondado e a pele de mogno manchada de sol. Usava um vestido esvoaçante amarelo e vermelho e a cabeça estava enrolada com um turbante combinando.

- Ah - disse ela com um leve sotaque crioulo. Ela me olhou com uma expressão de muita dúvida e chacoalhou a cabeça de leve. - Como posso ajudá-lo, senhor?

- Bom - falei, meio atrapalhado, antes de parar. Como se começa a dizer algo assim? Não poderia falar que achava que tinha estado possuído e que queria que o demônio voltasse - a pobre mulher poderia jogar sangue de galinha em mim.

- Senhor? - ela chamou de forma impaciente.

- Eu estava pensando - disse, e era mesmo verdade - se você não teria uns livros sobre possessão demoníaca. Hã... em inglês.

Ela comprimiu os lábios em desaprovação e fez que não com a cabeça de forma vigorosa.

- Não são os demônios - falou. - Por que quer saber... você é um repórter?

- Não. Sou apenas... interessado nisso. Curioso.

- Curioso a respeito de vodu?.

- Apenas a respeito da parte da possessão - falei.

- Hã-hã - ela respondeu, e sua desaprovação cresceu ainda mais, se é que era possível. - Por quê?

Alguém muito inteligente disse uma vez que se todo o resto falhar, tente a verdade. Soava tão plausível que tenho certeza de que não era o primeiro a pensar naquilo, e parecia a única alternativa que tinha sobrado. Resolvi tentar.

- Eu acho... quero dizer, não tenho certeza. Mas acho que posso ter sofrido uma possessão. Um tempo atrás.

- Ah - ela falou, depois me encarou longa e duramente, e então deu de ombros. - Pode ser. Por que acha isso?

- Eu só... hã... tinha uma sensação, sabe? Que havia uma coisa dentro de mim, sabe? Vigiando?

Ela cuspiu no chão, um gesto estranho para uma dama tão elegante quanto ela, e depois fez que não com a cabeça.

- Vocês brancos são todos iguais. Nos sequestram e nos trazem para cá, nos tiram tudo. Depois, quando fazemos algo com o nada que vocês nos deixaram, daí querem fazer parte disso também. Ah. - Ela agitou o dedo para mim, como uma professora primária faz com um mau aluno. - Ouça o que vou dizer, branco. Se o espírito entrasse em você, você saberia. A coisa não é igual aos filmes. É uma grande bênção e - nesse momento ela deu um sorriso malicioso - isso não acontece com os brancos.

- Bom, mas comigo...

- Não. A menos que esteja muito disposto, e a menos que você peça para ser abençoado, eles não vêm.

- Mas eu estou muito disposto.

- Ah. Nunca vai baixar em você. Está me fazendo perder tempo - e então ela se virou, passou pela cortina e voltou ao fundo da loja.

Não vi razão em esperar até que ela mudasse de ideia. Não parecia que isso iria acontecer e nem que o vodu tinha as respostas de que eu precisava a respeito do Passageiro das Trevas. Ela disse que só vinha quando era chamado e que era uma bênção. Pelo menos era uma resposta diferente, apesar de eu não me lembrar de ter chamado o Passageiro das Trevas e o convidado a entrar - ele apenas sempre esteve ali. Mas só para ter certeza, parei do lado de fora da loja e fechei os olhos. Volte, por favor, falei.

Nada aconteceu. Então entrei no carro e voltei para o trabalho.

Mas que escolha interessante, pensou o Observador. Vodu. Havia certa lógica naquela ideia, é claro, ele não podia negar. Mas o interessante era o que isso mostrava a respeito do outro. Ele estava se movendo na direção certa - e estava bem perto.

Quando a próxima pista aparecer, o outro já estará bem perto. O garoto tinha ficado tão apavorado que quase se afastara. Mas não se afastou; ele tinha sido muito prestativo e agora estava no caminho certo para sua merecida recompensa das trevas.

E o outro também.

CAPÍTULO 30

EU MAL TINHA SENTADO EM MINHA CADEIRA QUANDO DEBORAH ENTROU no escritório e sentou na cadeira do outro lado da minha mesa.

- Kurt Wagner está desaparecido - disse ela.

Esperei ela continuar, mas nada aconteceu, então assenti com a cabeça.

- Desculpas aceitas - falei.

- Ninguém mais o viu desde sábado à tarde. O colega de quarto disse que ele chegou completamente transtornado, mas não falou nada. Apenas se trocou e saiu. - Ela hesitou, e então acrescentou. - Ele deixou a mochila lá.

Admito que fiquei animado com aquilo.

- O que tinha dentro?

- Traços de sangue - disse ela, como se admitisse ter comido a última rosquinha. - Combina com o sangue de Tammy Connor.

- Muito bem - falei. Não parecia certo mencionar que outra pessoa tinha feito o trabalho com o sangue. - É uma ótima pista.

- É - ela concordou. - É ele. Tem que ser. Ele matou Tammy, levou a cabeça em sua mochila e matou Manny Borque.

- Parece exatamente isso - falei. - É uma pena... já estava me acostumando com a ideia de ser o culpado.

- Mas não faz sentido nenhum, caralho - ela reclamou. - O garoto é um bom estudante, é da equipe de natação, de boa família e tudo o mais.

- Ele era um cara tão bom e incrível - falei. - Não acredito que fez todas essas coisas horríveis.

- Tudo bem - disse ela. - Eu sabia, maldição. É um clichê total. Mas porra... o cara mata a namorada, tudo bem. Pode ter matado a colega de quarto porque ela viu algo, OK. Mas e todos os outros? E toda aquela merda de queimar os corpos, as cabeças de touro e aquele tal de Molusco?

- Moloch - falei. - Molusco é de comer.

- Tanto faz - disse ela. - Não faz nenhum sentido, Dex. Quer dizer... - ela desviou o olhar e por um momento achei que fosse finalmente se desculpar. Mas me enganei. - Se isso faz sentido, só pode ser o seu tipo de sentido. É o tipo de coisa que você sabe e conhece. - Ela olhou de novo para mim, mas ainda parecia envergonhada. - É meio que... tipo... quero dizer, será que... por acaso voltou? O seu... hã...

- Não, não voltou.

- Certo - disse ela. - Que merda.

- Você fez uma chamada geral em relação a Kurt Wagner?

- Sei fazer o meu trabalho, Dex. Se ele estiver na área de Miami-Dade, vamos pegá-lo. E passei adiante também, se estiver na Flórida, alguém o achará.

- E se não estiver na Flórida? - perguntei.

Ela me lançou um olhar duro e pude ver o começo do olhar que Harry tinha antes de ficar doente, um olhar construído em muitos anos na polícia: cansado e se acostumando com a ideia de uma rotina de derrotas. - Então ele vai escapar - disse ela. - E precisarei prender você para poder salvar meu emprego.

- Bom, então - comecei, tentando muito fazer cara de feliz em vez de desespero cinzento e arrebatador - vamos torcer para que ele dirija um carro fácil de ser reconhecido.

Ela bufou.

- É um Geo vermelho, um desses jipinhos.

Fechei os olhos. Era uma sensação estranha, mas senti que todo o sangue de meu corpo tinha ido para o meu pé.

- Você disse vermelho? - me ouvi falando em uma voz incrivelmente calma.

Não houve resposta, por isso abri os olhos. Deborah me olhava com uma expressão de suspeita tão forte que quase dava para tocar.

- Que diabos foi isso? Uma de suas vozes?

- Um Geo vermelho me seguiu quando eu voltava para casa na outra noite. E depois alguém tentou invadir a minha casa.

- Maldição - disse ela -, quando pretendia me contar tudo isso, caralho?

- Assim que você decidisse voltar a falar comigo.

Deborah ficou com o rosto num tom muito gratificante de vermelho e olhou para baixo.

- Estava ocupada - falou, de forma não muito convincente.

- Então parece que foi mesmo Kurt Wagner - falei.

- Muito bem, Jesus - ela disse, e eu sabia que era o mais perto de uma desculpa que eu iria conseguir. - Sim, vermelho. Mas que merda. - falou, ainda olhando para baixo. - Acho que o velhote tinha razão. Os maus estão vencendo.

Não gostava de ver minha irmã deprimida. Senti que precisava de um comentário animador, algo que levantasse o moral e levasse a música de volta ao coração dela. Mas infelizmente não consegui pensar em nada.

- Bom - falei finalmente -, se os caras maus estão mesmo vencendo, pelo menos não vai faltar trabalho para você.

Ela finalmente olhou para mim, mas não tinha nada parecido com um sorriso no rosto.

- É mesmo. Um cara em Kendall atirou na mulher e nos dois filhos ontem à noite. Tenho que ir trabalhar nesse caso. - Ela se levantou e foi lentamente recuperando algo que lembrava bastante a postura normal dela. - Vivas para o nosso lado - falou e então saiu do meu cubículo.

Desde o começo aquela parceria foi perfeita. Os novos animais tinham consciência e isso tornava muito mais fácil manipulá-los - e também muito mais recompensador para A COISA. Eles matavam uns aos outros muito mais facilmente também, e A COISA não precisava esperar tanto tempo por um novo hospedeiro - nem para tentar se reproduzir novamente. A COISA dirigiu ansiosamente seu hospedeiro a uma matança, depois esperou, ansiando por sentir o estranho e maravilhoso crescimento.

Mas quando veio a sensação, foi apenas uma agitação leve, que fez cócegas na COISA como um cabelo, e então desapareceu sem o florescimento e a produção de uma prole.

A COISA ficou intrigada. Por que a reprodução falhou dessa vez? Tinha que haver uma

razão, e A COISA era muito ordenada e eficiente em sua busca por respostas. Durante muitos anos, enquanto os novos animais mudavam e evoluíam, A COISA experimentava. E aos poucos foi descobrindo as condições que faziam a reprodução funcionar. E algumas mortes mais precisaram acontecer até que A COISA ficasse satisfeita com as respostas que tinha encontrado, mas a cada vez que reproduzia a fórmula final, um novo ser cônscio surgia voava para o mundo sentindo dor e terror, e A COISA ficava satisfeita.

A fórmula funcionava melhor quando os hospedeiros estavam um pouco fora de seu normal, seja por causa de um pouco de bebida ou algum tipo de estado de transe. A vítima tinha que saber o que iria acontecer, e se houvesse algum tipo de audiência, as suas emoções se juntariam à experiência e isso tornaria tudo ainda mais forte.

E então veio o fogo - fogo era um jeito muito bom de matar as vítimas. Parecia que isso liberava a essência delas de uma só vez, em um intenso e espetacular jorro de energia.

E, finalmente, todo o processo funcionava melhor com os mais jovens. As emoções envolvidas eram muito mais fortes, especialmente nos pais deles. Era incrivelmente maravilhoso, muito acima do que A COISA poderia imaginar.

Fogo, transe, vítimas jovens. Uma fórmula simples.

A COISA começou afazer com que seus hospedeiros criassem um jeito de estabelecer permanentemente aquelas condições. E os hospedeiros ficaram surpreendentemente ansiosos para fazer o que A COISA pedia.

CAPÍTULO 31

QUANDO EU ERA CRIANÇA, LEMBRO-ME DE VER UM SHOW NA TV. UM HOMEM colocava vários pratos equilibrados em varetas e os mantinha ali, girando as varetas que faziam com que os pratos rodassem e ficassem equilibrados. E se ele reduzisse a velocidade com que fazia aquilo ou se virasse por um momento, um dos pratos cairia e se espatifaria no chão e isso provavelmente levaria a uma reação em cadeia dos outros.

É uma metáfora fantástica para a vida, não? Todos nós estamos tentando manter nossos pratos rodando no ar, e quando você os coloca lá, não pode tirar os olhos deles, mas também precisa continuar fazendo o resto das coisas. A diferença é que, na vida, alguém continua colocando mais pratos para você, escondendo as varetas e mudando a lei da gravidade quando você não está olhando. Então, sempre que acha que está com todos os seus pratos rodando direitinho, de repente ouve um terrível barulho de algo se quebrando às suas costas e todo um conjunto de pratos, que você nem sabia que tinha, começa a se espatifar no chão.

Eu tinha concluído de forma estúpida que a morte de Manny tinha me deixado com um prato a menos para me preocupar, afinal, agora poderia contratar um bufe que fizesse o casamento do jeito que deveria ser feito, 65 dólares por prato, incluindo carne e refrigerante. Eu poderia me concentrar no problema mais importante e real, que era voltar a ser eu mesmo. Então, achando que tudo estava bem na minha frente, virei as costas por um segundo e fui recompensado com coisas se quebrando espetacularmente atrás de mim.

O prato dessa metáfora se espatifou quando cheguei à casa de Rita depois do trabalho. Estava um silêncio tão grande que imaginei que não havia ninguém em casa, mas uma pequena olhada lá dentro mostrou que havia algo muito mais perturbador. Cody e Astor sentados no sofá, sem se mexer, e Rita em pé na frente deles com um olhar que facilmente poderia transformar leite em iogurte.

- Dexter - disse ela, e soava como a trombeta do apocalipse -, precisamos conversar.

- Claro - falei, e enquanto tentava escapar da expressão dela, até um pensamento de algo leve se congelaria naquele clima gelado.

- Estas crianças... - Rita disse, e aparentemente aquilo era todo o seu pensamento, porque ela só olhou para mim e não disse mais nada.

Mas claro que eu sabia quais eram as crianças de que ela estava falando, por isso assenti com a cabeça de forma encorajadora.

- Sim?

- Oooh! - disse ela.

Bom, se Rita estava demorando tanto assim para formar uma sentença, era fácil entender por que a casa estava em silêncio. A arte perdida da conversação estava precisando de uma pequena ajuda do Diplomático Dexter se por acaso quiséssemos trocar mais do que sete palavras antes do jantar. Por isso mergulhei direto no problema com a minha já conhecida coragem.

- Qual é o problema aqui, Rita?

- Oooh! - respondeu ela novamente, o que não era algo encorajador.

Falando sério, não há muitas coisas que podem ser feitas com monossílabos, mesmo sendo alguém abençoado com o dom da conversação como eu. E como parecia que eu não teria nenhuma ajuda de Rita, me virei para Cody e Astor, que não tinham se mexido desde que eu entrei.

- Muito bem, podem me dizer o que está acontecendo com a mãe de vocês?

Eles trocaram um de seus famosos olhares e depois olharam para mim.

- A gente não queria - disse Astor. - Foi um acidente.

Não era muito, mas pelo menos era uma frase completa.

- Fico feliz de ouvir isso. O que foi um acidente?

- Fomos pegos - disse Cody, e Astor o cutucou com o cotovelo.

- A gente não queria - ela repetiu, enfática, e Cody olhou para ela antes de se lembrar do que tinham combinado. Astor olhou para ele, que piscou para ela, e depois assentiu com a cabeça se virando para mim.

- Acidente - disse ele.

Era bom ver que o discurso era firme naquela linha de frente tão unida, mas eu ainda não estava mais perto de descobrir do que estavam falando, e já estávamos conversando havia um bom tempo - e este era um fator importante, afinal, estávamos perto da hora do jantar e Dexter precisa ser alimentado regularmente.

- Eles só falam isso - disse Rita. - E não está nem perto de ser o suficiente. Não sei como seria possível alguém amarrar o gato dos Villegas por acidente.

- Ele não morreu - disse Astor com a voz mais fina e baixa que já ouvi.

- E pra que eram as tesouras de grama? - Rita perguntou.

- A gente não usou elas - Astor respondeu.

- Mas vocês iam usar, não é mesmo?

As duas pequenas cabeças se viraram para mim e, um momento depois, Rita também se virou.

Eu sabia que era completamente sem intenção, mas uma imagem do que ocorreu começou a se formar para mim, e não era uma vida calma e tranquila. Os jovens claramente tinham tentando estudar sozinhos, sem a minha orientação. E o pior é que eu sabia que aquilo, de alguma forma, tinha virado um problema meu. As crianças esperavam que eu desse um jeito de tirá-las daquela enrascada, e Rita estava pronta para carregar a arma e disparar contra mim. Claro que aquilo era muito injusto, tudo que eu tinha feito até então era voltar para casa após um dia de trabalho. Mas como eu já tinha reparado em mais de uma oportunidade, a vida é injusta, e não há um departamento de reclamações, por isso temos que aceitar as coisas como elas são, limpar a sujeira e seguir em frente.

E foi o que tentei fazer, apesar de suspeitar que aquilo teria pouca eficácia.

- Tenho certeza de que há uma boa explicação - falei, e Astor se acendeu imediatamente e negou vigorosamente com a cabeça.

- Foi um acidente - ela insistiu, feliz.

- Ninguém amarra um gato, depois o prende a uma bancada e fica ao lado dele com tesouras de jardinagem por acidente! - Rita falou.

Sendo honesto, as coisas estavam ficando um pouco complicadas. Por um lado, estava feliz de poder saber exatamente o que havia acontecido e qual era o problema. Mas por outro, parece que tínhamos entrado em uma área que era bem difícil de ser explicada, e eu não podia deixar de sentir que Rita ficaria muito melhor se continuasse ignorando certos tipos de assunto.

Achei que tinha sido bem claro com Cody e Astor a respeito de eles não voarem sozinhos até que eu explicasse como as asas deles funcionavam. Mas claro que eles preferiram não me ouvir,

e apesar de estarem sofrendo consequências muito gratificantes para mim, por causa dos atos que tinham cometido, ainda era eu quem precisava livrá-los do problema. A menos que pudessem ser convencidos a jamais repetir algo assim - e jamais se desviarem do caminho de Harry depois que eu colocasse os pés deles lá - eu estava mais do que disposto a deixá-los sofrer indefinidamente.

- Vocês sabem que o que fizeram é muito errado, não? - perguntei. Eles assentiram em uníssono.

- Vocês sabem por que é errado?

Astor transparecia incerteza, olhou para Cody e então soltou:

- Porque fomos pegos!

- Olha aí, tá vendo só? - disse Rita, e os limites da histeria começaram a surgir na voz ela.

- Astor - falei, olhando para ela com cuidado e piscando, mas não piscando. - Não é hora de fazer graça.

- Fico contente que alguém ache que isso seja engraçado - Rita falou. - Mas eu não acho que seja.

- Rita - falei com o máximo de calma e tranquilidade que consegui juntar, e então continuei usando toda a astúcia que desenvolvi durante anos fingindo ser um humano adulto normal -, acho que este pode ser um daqueles momentos de que o pastor Gilles falou, quando as crianças precisam de um orientador.

- Dexter, estes dois fizeram... não tenho ideia de como... e você... - disse ela, e mesmo que estivesse a ponto de chorar, fiquei feliz que sua capacidade de formar frases estivesse começando a retornar. E mais feliz ainda foi o fato de a cena de um filme surgir na minha cabeça naquele segundo, e então eu sabia exatamente o que um humano de verdade deveria fazer.

Fui até Rita e, com a melhor cara séria que conseguia fazer, coloquei minha mão em seu ombro.

- Rita - comecei, e fiquei muito orgulhoso de quão grave e máscula minha voz soou -, você está muito envolvida na situação e por isso está deixando que suas emoções interfiram em seu julgamento. Estes dois precisam de uma perspectiva firme, e posso dar isso a eles. Afinal... - falei, enquanto o diálogo do filme passava pela minha cabeça, e fiquei contente por falar tudo certinho - ... preciso ser o pai deles agora.

Devia ter imaginado que aquilo seria o bastante para empurrar Rita de uma vez para o lago das lágrimas, e foi mesmo, porque assim que terminei, os lábios dela começaram a tremer, o rosto perdeu todos os sinais de raiva e uma cachoeira começou a se formar em cada bochecha dela.

- Está bem - disse ela entre soluços -, por favor, eu... fale com eles. - ela soluçou alto e correu dali.

Deixei Puta fazer sua saída dramática, esperei um momento para a coisa se aprofundar e, então, voltei para a frente do sofá e encarei os dois pequenos meliantes.

- Muito bem. O que aconteceu com o "Nós entendemos", "Nós prometemos", "Vamos esperar"?

- Você está demorando demais - Astor falou. - Não fizemos nada além daquela vez, e no mais, você não está sempre certo e achamos que não devemos esperar mais.

- Estou pronto - disse Cody.

- É mesmo? - falei. - Então acho que a mãe de vocês é a melhor detetive do mundo, porque vocês já estão prontos e mesmo assim ela os descobriu.

- Aah, Dex-terrrr - Astor choramingou.

- Agora não, Astor. É hora de parar de falar e me ouvir. - encarei-a com minha expressão mais séria e, por um momento, pensei que ela fosse falar algo, mas então aconteceu um milagre na nossa sala de estar. Astor mudou de ideia e fechou a boca.

- Muito bem. Falei desde o começo que as coisas tinham que ser feitas do meu jeito. Vocês não têm que acreditar que estou sempre certo - e nesta hora Astor emitiu um som, mas não disse nada. - Mas precisam fazer o que eu falo. Ou não vou mais ajudar e vocês vão acabar na cadeia, não tem nenhum outro jeito, entenderam?

Era bem possível que eles não soubessem o que fazer com esse novo tom de voz e o novo papel. Eu não era mais o Dexter Amigão de Brincadeira, e sim algo totalmente diferente, Dexter, o Disciplinador das Trevas, alguém que eles nunca tinham visto antes. Eles se entreolharam meio incertos, por isso resolvi forçar mais um pouco.

- Vocês foram pegos. O que acontece quando se é pego?

- Fica de castigo! - Cody falou sem ter certeza.

- Isso - falei. - E se você tiver 30 anos?

Provavelmente pela primeira vez na vida, Astor não tinha uma resposta, e Cody já tinha gastado sua cota de palavras na resposta anterior. Os dois se entreolharam e depois olharam para o chão.

- Minha irmã, a sargento Deborah, e eu passamos o dia procurando pessoas que fazem esse tipo de coisas. E quando os pegamos, eles vão para a prisão. - Sorri para Astor. - É o castigo dos adultos. Mas é muito pior. Você fica sentado em um quarto do tamanho do banheiro de vocês, trancado o dia e a noite toda. Tem que fazer xixi em um buraco no chão, a comida é uma porcaria e lá tem muitos ratos e baratas.

- Sabemos o que é uma prisão, Dexter - disse ela,

- É mesmo? Então por que estão com tanta pressa de ir para lá? E sabem o que é o Velho Choque?

Astor olhou para baixo de novo e Cody nem havia levantado a cabeça de lá ainda.

- É a cadeira elétrica. Se pegarem vocês, vão prendê-los nela, colocar uns fios na cabeça de vocês e depois vão fritá-los como bacon. Que tal, parece divertido?

Eles fizeram que não com a cabeça.

- Por isso a primeira grande lição é não ser pego. Lembram das piranhas? - eles assentiram. - Elas parecem ferozes e por isso as pessoas sabem que são perigosas.

- Mas Dexter, nós não parecemos ferozes - disse Astor.

- Não parecem mesmo. E não querem parecer. Teoricamente somos pessoas, não piranhas. Mas a ideia é a mesma, parecer com algo que você não é. Porque quando algo ruim acontece, todo mundo vai procurar primeiro pelas pessoas ferozes. Vocês precisam parecer crianças normais, doces e amáveis.

- Posso usar maquiagem? - perguntou Astor.

- Só quando for mais velha.

- Você diz isso a respeito de tudo - ela retrucou.

- Falo porque é a verdade. Vocês foram pegos dessa vez porque resolveram agir por conta própria e não sabiam o que estavam fazendo. E não sabiam o que estavam fazendo porque não ouviram o que eu falei.

Decidi que a tortura já tinha durado tempo suficiente, e então me sentei no sofá, no meio deles.

- Nada de fazer qualquer coisa sem mim, certo? E quando prometerem dessa vez, é bom que seja pra valer.

Os dois se viraram lentamente para me olhar e assentiram.

- Nós prometemos - disse Astor numa voz bem suave, e Cody repetiu em um tom ainda mais suave:

- Prometemos.

- Muito bem. - ofereci a mão para os dois e demos um aperto de mão solene.

- Ótimo. Agora vamos lá pedir desculpas para a mãe de vocês. - os dois pularam do sofá irradiando alívio, pois a terrível bronca tinha acabado, e os segui dali, me sentindo o mais satisfeito comigo mesmo que me lembro.

Talvez esse negócio todo de paternidade tivesse algo de especial mesmo.

CAPÍTULO 32

SUN TZU, UM CARA MUITO INTELIGENTE APESAR DO FATO DE ESTAR MORTO HÁ bastante tempo, escreveu um livro chamado A arte da guerra, e uma das muitas ótimas observações que ele fez é que toda vez que coisas terríveis acontecem, sempre há um jeito de você tirar alguma vantagem se conseguir examiná-las do jeito certo. E esse não é aquele pensamento Pollyanna da era Moderna, que insiste que se a vida lhe der um limão, você sempre pode fazer uma limonada. É um conselho muito prático que pode ser bem mais útil do que se imagina.

Neste momento, por exemplo, era como eu iria continuar treinando Astor e Cody no código de Harry, agora que a mãe deles os tinha pego. Ao procurar uma solução, me lembrei do velho e bom Sun Tzu e tentei pensar no que ele faria. Como ele era um general, provavelmente atacaria o flanco esquerdo com a cavalaria ou algo assim, mas tenho certeza de que os princípios são os mesmos.

Então, enquanto levava os dois até sua chorosa mãe, procurava nos arbustos da floresta negra do cérebro de Dexter por alguma pequena ideia que o general aprovasse.

E na hora que nós três paramos na frente daquela mãe chorosa, uma ideia apareceu e eu a peguei.

- Rita, acho que posso resolver isso antes que a coisa piore.

- Mas você ouviu o que... já está pior - ela falou e fez uma pausa para dar uma grande fungada.

- Tenho uma ideia - falei. - Quero que você os leve até o meu trabalho amanhã, logo depois da escola.

- Mas isso não... quero dizer, não começou por causa...

- Já viu um programa de TV chamado Assustados?

Ela me encarou durante um tempo, fungando de novo, e depois olhou para as crianças.

E foi por isso tudo que, no dia seguinte, às 15h30, Cody e Astor se revezavam para olhar no microscópio do laboratório forense da polícia.

- É um cabelo? - perguntou Astor.

- Isso mesmo - falei.

- Ele parece nojento!

- A maioria das coisas no corpo humano é nojenta, especialmente se você olhar com um microscópio - falei. - Olhe para o outro ao lado deste.

Houve um silêncio para o estudo, quebrado apenas quando Cody puxou o braço de Astor, que o empurrou e disse:

- Para, Cody!

- O que achou? - perguntei.

- Não parecem iguais.

- E não são. O primeiro é seu e o outro é meu.

Ela continuou a olhar por um momento, depois se endireitou e disse:

- Dá para perceber, eles são diferentes.

- Tem coisas mais legais ainda. Cody, me dá o seu tênis - falei.

Obedientemente, Cody se sentou no chão e tirou seu tênis esquerdo. Peguei o calçado e dei a mão para ele.

- Venha comigo. - ajudei-o a ficar em pé e ele me seguiu, pulando em um pé só. Coloquei-o em um banco e mostrei o tênis de modo que ele pudesse ver a sola. - Seu tênis está limpo ou sujo?

Ele examinou com cuidado e disse:

- Limpo.

- Isso é o que você acha. Veja isto. - Peguei um pequeno pincel com um arame na outra ponta e passei na sola do tênis, tirando as sujeiras invisíveis e jogando em um disco de Petri. Coloquei uma pequena amostra do que colhi em uma lâmina de vidro e a coloquei sob o microscópio. Astor logo veio tentar olhar, mas Cody se inclinou mais rápido e disse:

- Minha vez. Meu tênis. - Ela me olhou e eu assenti.

- É o tênis dele - falei. - Mas você pode ver logo depois. - ela aceitou aquilo como justo e se afastou para que Cody subisse no banco. Olhei no microscópio para acertar o foco, e vi que a lâmina continha tudo que eu esperava. - A-há - falei e me afastei. - Diga o que vê, jovem Jedi.

Cody ficou olhando e fazendo careta por alguns minutos, até que a dança da impaciência de Astor começou a nos distrair tanto que ambos olhamos para ela.

- Já está bom. É minha vez.

- Você já vai olhar, só um minuto - falei, e me virei para Cody. - O que você viu?

Ele chacoalhou a cabeça.

- Lixo.

- Certo - falei. - Agora vou explicar melhor. - olhei no microscópio e comecei: - Primeiro, pelo de animal, provavelmente felino.

- Isso quer dizer um gato - disse Astor.

- Tem também um tipo de óleo com bastante nitrogénio, provavelmente algum pesticida que se usa em plantas de jardim. - falei sem olhar para cima. - Para onde levaram o gato? Foi para a garagem? Onde sua mãe cuida das plantas?

- Sim - disse ele.

- Huumm. Imaginei que sim. Ah, outra coisa. Tem uma fibra sintética do tapete de alguém. É azul. - olhei para Cody e levantei a sobrancelha. - Qual é a cor do tapete de seu quarto, Cody?

Os olhos dele se arregalaram enquanto eu falava.

- Azul.

- Exato. Se eu quisesse fazer algo mais preciso, compararia esta amostra com uma retirada do seu quarto. E então você estaria frito. Eu poderia provar que foi você que pegou o gato. - olhei o microscópio novamente. - Oh meu Deus, alguém comeu pizza recentemente... ah, e tem um pedacinho de pipoca também. Se lembram do filme da semana passada?

- Também quero ver, Dexter - Astor reclamou. - É minha vez.

- Tudo bem - falei, e a coloquei em um banco ao lado de Cody para que ela também alcançasse o microscópio.

- Não vejo nenhuma pipoca - disse ela imediatamente.

- É aquela coisa redonda e marrom no canto - falei. Ela ficou quieta um minuto e depois olhou para mim.

- Não da pra ter certeza - disse ela. Não apenas olhando no microscópio.

Admito que não dava mesmo, mas afinal de contas, era exatamente o que tínhamos vindo fazer ali, por isso eu me preparei. Peguei um fichário que tinha deixado pronto e coloquei na

bancada.

- Eu consigo ver. E muitas outras coisas mais. Veja. - achei a página que tinha fotos de vários tipos de pelo de animais, selecionados cuidadosamente para demonstrar variedade. - Aqui está o pelo do gato. É bem diferente do de uma cabra, estão vendo? - virei a página. - Fibras de tapete. E veja como a de uma camisa é diferente da de uma manta.

Os dois se juntaram e ficaram olhando o fichário, virando e examinando as dez ou doze páginas que eu tinha preparado para mostrar a eles que sim, eu podia diferenciar e saber aquelas coisas. Foram preparadas com muito cuidado, para a análise forense parecer um pouco mais poderosa que o Mágico de Oz. E sendo sincero, podemos mesmo descobrir tudo que mostrei a eles. Não parece fazer muita diferença na hora de prender os bandidos, mas para que eu iria contar esse pequeno detalhe e estragar uma tarde mágica daquelas?

- Olhem no microscópio de novo - falei depois de alguns minutos. - Vejam o que mais conseguem achar. - E eles olharam, ansiosamente, e pareceram bem felizes fazendo aquilo.

Quando olharam para mim novamente, lancei um sorriso alegre e falei:

- Tudo isso vindo de um sapato limpo. - fechei o fichário e eles ficaram pensando naquilo. - E apenas usando o microscópio - continuei, apontando com a cabeça para as muitas outras máquinas à nossa volta. - Imaginem o que podemos descobrir se usarmos todos estes equipamentos?

- Sim, mas poderíamos estar descalços.

Assenti com a cabeça.

- Sim, poderiam. E eu faria algo mais ou menos assim. Me dê sua mão.

Astor me olhou por um momento como se estivesse com medo de que eu cortasse seu braço fora, mas então lentamente esticou a mão para mim. Eu a segurei e usei uma pequena ferramenta que tirei do bolso para raspar embaixo da unha dela.

- Espere até ver o que temos aqui.

- Mas eu lavei as mãos - disse ela.

- Não interessa. - Coloquei os detritos em outra lâmina e posicionei no microscópio. - Agora, vamos...

CLUMP

Seria um pouco melodramático dizer que todos nós congelamos na hora, mas foi que aconteceu. Os dois olharam para mim e eu olhei para eles, e todos nos esquecemos de respirar.

CLUMP

O som estava se aproximando e era bem difícil lembrar que estávamos na delegacia de polícia e que era totalmente seguro.

- Dexter - disse Astor em uma voz um pouco trémula.

- Estamos na central da polícia - falei. - Aqui é totalmente seguro.

CLUMP

E parou bem perto de nós. Os pelos da minha nuca se eriçaram e me virei para a porta quando ela se abriu devagar.

Era o sargento Doakes. Estava parado na porta, nos examinando, o que parecia ser sua expressão permanente agora.

- Você - disse ele, e o som que saía de sua boca sem língua era quase tão perturbador quanto a aparência dele.

- Sim, isso mesmo, sou eu - falei. - Que bom que se lembra.

Ele deu um passo para dentro da sala, e Astor pulou de seu banquinho e correu para a janela, que era o mais longe possível da porta. Doakes parou e olhou para ela. Então seus olhos pousaram em Cody, que desceu do banco mas ficou ali parado, sem piscar, encarando Doakes.

Os dois ficaram se olhando e Doakes fez o que só consigo descrever como a respiração do Darth Vader. Então virou a cabeça novamente para mim e deu um passo rápido em minha direção, o que quase fez que se desequilibrasse.

- Você - disse outra vez. - Ilhos!

- Ilhos? - perguntei, e realmente não tinha entendido, não o estava provocando. Quero dizer, se ele pretendia andar por aí assustando crianças, o mínimo que poderia fazer era levar papel e caneta para se comunicar direito.

Mas acho que um gesto generoso daqueles não estava nos planos dele. Em vez disso, Doakes deu outra respirada à la Darth Vader e lentamente apontou sua garra de aço para Cody.

- Ilhos - falou de novo.

- Ele está falando de mim - Cody falou. Me virei surpreso por ele falar com Doakes ali do lado, como um pesadelo que ganhava vida. Mas claro que Cody não tinha pesadelos. Ele simplesmente olhou para Doakes.

- Por que ele está falando de você, Cody? - perguntei.

- Ele viu minha sombra - disse ele.

Doakes deu outro passo desajeitado em minha direção. Sua garra direita estava levantada, como se tivesse decidido me atacar por conta própria.

- Você. Em. Ilhos.

Estava ficando claro que ele tinha algo em mente, mas ficava mais claro ainda que era melhor ele ficar apenas com o olhar penetrante e silencioso, pois era praticamente impossível entender as palavras que saíam de sua boca defeituosa.

- Orno. Você. Eez. - sibilou ele, e parecia tão claramente uma condenação de tudo que o Dexter era, que comecei a entender que ele estava me acusando de algo.

- O que quer dizer? - perguntei. - Não fiz nada.

- Ilho - disse ele apontando para Cody.

- Bom, não, não é uma ilha, é um menino - falei, fingindo que não tinha entendido que ele queria dizer filho, afinal, aquilo já estava me cansando. Deveria ser dolorosamente claro para Doakes que suas tentativas de comunicação verbal estavam sendo um fracasso, mas ele insistia em tentar. Será que ele não tinha nenhum senso de conveniência?

Mas para a felicidade de todos, fomos interrompidos por passos no corredor e então Deborah entrou na sala.

- Dexter - disse ela, e então percebeu a estranha cena de Doakes ali parado com a garra apontada para mim, Astor parada perto da janela e Cody pegando um bisturi da bancada para usar contra Doakes. - Mas que diabos está acontecendo? - disse ela. - Doakes?

Vagarosamente, ele baixou o braço, mas não tirou os olhos de mim.

- Estava procurando você, Dexter, por onde andou?

Estava tão feliz com sua entrada na hora certa que nem pensei em argumentar quão idiota era a pergunta.

- Estava bem aqui, ensinando coisas para as crianças. E você, onde estava?

- Estou a caminho de Dinner Key - falou. - Acharam o corpo de Kurt Wagner.

CAPÍTULO 33

DEBORAH NOS ARREMESSOU ATRAVÉS DO TRÁFEGO EM UMA VELOCIDADE estilo Evel Knievel-saltando-o-Canyon. Tentei pensar em um jeito educado de lembrar que estávamos indo ver uma pessoa morta que provavelmente não iria fugir e que, por isso, ela poderia ir mais devagar, mas não consegui imaginar nada que não a fizesse tirar as mãos do volante e colocá-las no meu pescoço.

Cody e Astor eram jovens demais para perceber que estavam correndo risco de morte, e pareciam estar se divertindo, amarrados ao banco de trás, e até entrando no espírito da coisa, retribuindo as saudações dos outros motoristas, levantando e mostrando seus dedos médios ao mesmo tempo toda vez que dávamos uma fechada em alguém.

Havia três carros empilhados na U.S. 1 perto da Lejeune, o que fez o tráfego ficar lento por um tempo, e nós também tivemos que reduzir a velocidade. E como eu não precisava mais gastar todo o meu fôlego evitando gritos de terror, tentei saber de Deborah o que exatamente estávamos indo ver com tanta pressa.

- Como ele foi morto? - perguntei.

- Do mesmo jeito que os outros - respondeu ela. - Queimado. E não há uma cabeça no corpo.

- E você tem certeza de que é o Kurt Wagner?

- Se posso provar? Ainda não. Se tenho certeza? Claro que sim, porra.

- Como?

- Acharam o carro dele por perto.

Tenho certeza de que normalmente eu entenderia exatamente por que alguém teria um fetiche por cabeças, e saberia exatamente onde achá-las e por quê. Mas claro que, agora que estava sozinho internamente, nada mais era normal.

- Isso não faz nenhum sentido, sabia? - falei para ela.

Deborah bufou e bateu o canto da mão na direção.

- Nem me fale - disse.

- Kurt deve ter matado as outras vítimas - falei.

Sim, mas quem matou ele? O chefe do grupo de escoteiros dele? - falou, apertando a buzina e se desviando do tráfego meio parado da pista à frente e pegando a pista contrária. Ela foi em direção a um ônibus, pisou fundo e foi costurando o trânsito por uns cinquenta metros até passarmos pelo problema. Concentrei-me em lembrar de como respirar e fiquei pensando que todos vamos morrer um dia, então não importava muito se Deborah nos matasse agora. Não era muito reconfortante, mas evitou que eu gritasse e pulasse pela janela até que Debs voltasse à via correta já bem à frente.

- Isso foi divertido - disse Astor. - Podemos fazer de novo?

Cody assentiu entusiasmado.

- E poderíamos ligar a sirene da próxima vez - continuou a garota. - Por que não usa a sirene, sargento Debbie?

- Não me chame de Debbie - Debs falou. - Não gosto de sirenes.

- Por que não? - insistiu Astor.

Deborah respirou muito fundo e me olhou com o canto do olho.

- É uma pergunta justa - falei.

- Porque faz muito barulho - Deborah respondeu. - Agora me deixe dirigir, tá bom?

- Tá bom - disse Astor, mas não pareceu convencida.

Continuamos em silêncio todo o caminho até Grand Avenue, e procurei pensar naquilo tudo para tentar chegar a alguma conclusão que ajudasse. Não consegui, mas pelo menos pensei em uma coisa que valia a pena mencionar.

- E se o assassinato de Kurt Wagner for apenas uma coincidência?

- Nem mesmo você poderia acreditar nisso - Debs retrucou.

- Mas e se ele estivesse fugindo, pode ter tentado conseguir uma identidade falsa das pessoas erradas, ou tentado sair escondido do país. Há muita gente má com quem ele pode ter cruzado em uma situação como esta.

Não parecia muito crível, mesmo para mim, mas Deborah pensou naquilo por um tempo, mastigando o lábio e buzinando automaticamente para uma dessas vans de hotel enquanto a ultrapassava.

- Não - disse ela, afinal. - Ele foi queimado, Dexter. Igual às duas primeiras moças. Ninguém iria imitar aquilo.

Mais uma vez eu percebia uma pequena agitação no meu vazio interno, na área que antes era habitada pelo Passageiro das Trevas. Fechei os olhos e tentei achar alguma pista da presença do meu antigo companheiro, mas não havia nada. Abri os olhos a tempo de ver Deborah acelerar e passar por uma Ferrari vermelha.

- As pessoas leem jornal - falei. - Sempre temos assassinos imitadores.

Ela pensou mais um pouco e então fez que não com a cabeça.

- Não acredito em coincidências. Não com algo grande assim. Queimado e sem cabeça, as duas assinaturas, e por coincidência? Não mesmo!

A esperança é a última que morre, mas eu tinha que admitir que provavelmente ela tinha razão. Decapitar e queimar não era procedimento padrão para assassinos normais, e a maioria das pessoas acharia muito mais fácil dar uma pancada em sua cabeça, amarrar uma âncora em você e depois jogá-lo no mar.

Então, pelo que sabíamos, estávamos indo ver o corpo de alguém que tínhamos certeza de que era um assassino, mas que tinha sido morto do mesmo jeito que suas vítimas. Se eu ainda fosse meu antigo eu, com certeza adoraria essa deliciosa ironia, mas na minha atual condição, era só mais uma afronta à ordem das coisas.

Deborah me deu pouco tempo para refletir sobre aquilo e logo ficou mal-humorada; ela cortou o tráfego pelo centro de Coconut Grove e depois parou no estacionamento ao lado de Bayfront Park, onde o já tradicional circo policial estava sendo montado. Três viaturas estavam ali e Camilla Figg procurava por digitais em um Geo vermelho estacionado em um parquímetro - presumivelmente o carro de Kurt Wagner.

Saí do carro e olhei em volta, e mesmo sem uma voz interna sussurrando pistas, notei de cara que havia algo errado com a cena.

- Onde está o corpo? - perguntei a Deborah.

Ela já estava caminhando até o portão do Iate Clube.

- Está lá na ilha.

Não sei por que, só de pensar que o corpo estava na ilha, os pelos da minha nuca se eriçaram, mas quando olhei para a água à procura de uma resposta, tudo que consegui ver foi a brisa da tarde batendo nos pinheiros das ilhas de Dinner Key e indo direto para o meu vazio interior.

Deborah me pegou pelo cotovelo e disse:

- Vamos.

Olhei para Cody e Astor no banco de trás, os dois tinham acabado de decifrar o difícil segredo do cinto de segurança e estavam conseguindo se soltar para sair.

- Fiquem aqui - falei. - Volto daqui a pouco.

- Aonde você vai? - Astor perguntou.

- Tenho que ir até aquela ilha.

- E tem uma pessoa morta lá?

- Sim - falei.

Ela olhou para Cody e depois para mim.

- Queremos ir.

- Não, de jeito nenhum - respondi. - Já tive problemas demais da última vez. Se deixar vocês verem outro corpo, sua mãe vai me transformar em um morto também.

Cody achou aquilo muito engraçado, fez um pequeno barulho e sacudiu a cabeça.

Ouvi um grito e olhei em direção ao portão da marina. Deborah já estava na doca, a ponto de entrar no barco da polícia. Ela acenou para mim e gritou:

- Dexter!

Astor bateu o pé para chamar minha atenção e olhei para ela.

- Vocês precisam ficar aqui e eu preciso ir - falei.

- Mas Dexter, queremos passear de barco também.

- Bom, mas não podem. E se vocês se comportarem, vamos passear no meu barco neste fim de semana.

- E vamos ver uma pessoa morta? - ela perguntou.

- Não - falei. - Não vamos ver nenhuma pessoa morta durante um tempo.

- Mas você prometeu - disse ela.

- Dexter! - gritou Deborah novamente. Acenei de volta e acho que não foi a resposta que ela esperava, pois acenou furiosamente para mim

- Preciso ir, Astor. Fique aqui, falaremos disso depois.

- É sempre depois - ela resmungou.

No trajeto até o portão, parei para falar com um policial que estava por ali, um cara enorme de cabelos muito pretos e quase sem testa.

- Pode dar uma olhada nos meus filhos que estão ali? - pedi a ele.

Ele ficou me olhando:

- Acha que eu sou o que, um policial babá?

- Só por alguns minutos, eles são muito bem comportados.

- Presta atenção, cara - ele começou, mas antes que pudesse terminar a frase houve uma agitação e então Deborah estava do nosso lado.

- Maldição, Dexter. Entra naquela porra de barco agora.

- Desculpe, mas preciso que alguém fique de olho nas crianças.

Debs fechou a boca com força. E então notou o policial pesado e olhou o nome dele.

- Suchinsky, cuide dessas porcarias de crianças.

- Ah, sargento, por favor - disse ele -, Jesus.

- Fique com as crianças e pronto, droga! Pode ser que aprenda algo. Dexter, pra porra do barco, agora!

Eu me virei obedientemente e corri em direção à porra do barco. Deborah passou por mim e já estava sentada quando entrei. O policial que dirigia levou o barco para uma das menores ilhas, desviando dos barcos no caminho.

Do lado de fora da marina de Dinner Key havia várias pequenas ilhas que proviam proteção do vento e das ondas e isso era uma das grandes vantagens de se guardar o barco nela. Claro que só era bom em condições normais, como as próprias ilhas provavam. Elas estavam cheias de barcos quebrados e lixo marítimo depositados lá pelos recentes furacões, e vira e mexe alguém invadia a ilha dizendo que iria tomar conta dela e fazia um abrigo com as partes dos barcos quebrados.

A ilha para a qual fomos era uma das menores. A maioria dos pescadores por ali ficavam na praia em um ângulo meio louco, e os pinheiros da praia da ilha estavam cheios de pedaços de vela, isopor de barco e vários pedaços de plásticos de todos os tipos. Fora isso, ela estava exatamente como nossos colegas índios tinham deixado para nós, um pedaço de terra pequeno e calmo, coberto com pinheiros australianos, camisinhas e latas de cerveja.

A exceção, é claro, era o corpo de Kurt Wagner, que devia ter sido deixado por alguém que não era índio. O corpo estava no meio da ilha, em uma pequena clareira, e, como os outros, tinha sido colocado em uma pose formal, com os braços cruzados sobre o peito e as pernas juntas. Estava sem cabeça e sem roupa, torrado e realmente bem parecido com os outros - mas dessa vez havia algo mais. Uma fita de couro estava enrolada no pescoço e dela pendia um medalhão de metal do tamanho de um ovo. Me inclinei para ver melhor: era uma cabeça de touro.

Mais uma vez, senti uma estranha agitação no meu vazio, como se uma parte de mim reconhecesse que aquilo era significativo, mas não sabia por que nem como expressar isso - não sozinho e sem o Passageiro.

Vince Masouka estava agachado ao lado do corpo, examinando uma bituca de cigarro, e Deborah se ajoelhava ao lado dele. Dei uma volta em torno deles olhando para aquilo de todos os ângulos. Imagino que esperava achar alguma pequena, mas significante, pista. Talvez a carta de motorista do assassino ou uma confissão assinada. Mas não havia nada desse tipo ali, nada a não ser areia cheia de marcas incontáveis de pés e formadas pelo vento.

Eu me abaixei ao lado de Deborah.

- Você olhou a tatuagem, né?

- Foi a primeira coisa que fizemos - disse Vince. Ele esticou a mão enluvada e levantou um pouco o corpo. E lá estava, meio coberta pela areia, mas ainda visível, faltava apenas um pedaço na parte superior à esquerda, presumivelmente por causa do corte da cabeça.

- É ele - disse Debs. - A tatuagem, o carro na marina... é ele, Dexter. E gostaria de saber que porra significa essa tatuagem.

- É aramaico - falei.

- E como você pode saber isso, caralho? - ela perguntou.

- Minha pesquisa - falei, e me agachei perto do corpo. - Veja. - Peguei um graveto da areia e apontei. Faltava uma parte da primeira letra, mas o resto estava bem visível e combinava perfeitamente com minha aula da língua. - Isto é um M, apesar de faltar uma parte. E o L e o K.

- E que diabos isso quer dizer? - perguntou.

- Moloch - falei, sentindo um pequeno arrepio irracional, apenas por dizer o nome ali, com o sol brilhando. - O aramaico não tem vogais. Por isso, MLK se pronuncia Moloch.

- Ou milk - Deborah falou.

- Bom, se você acha que nosso assassino tatuaria a palavra "leite" em inglês na nuca, talvez esteja precisando descansar um pouco.

- Mas se Wagner é Moloch, quem o matou?

- Kurt Wagner matou os outros - falei, tentando soar confiante e pensativo ao mesmo tempo, o que era uma tarefa difícil. - E depois, bem...

- É, eu sei, já tinha pensado no mesmo "bem".

- E você está vigiando Wilkins.

- Sim, estamos vigiando Wilkins, pelo amor de Deus.

Olhei o corpo novamente, mas não havia mais nada ali além do que eu já sabia, e que era quase nada. Não conseguia parar meu cérebro, que andava em círculos: se Wagner era Moloch, mas agora tinha morrido, provavelmente pelas mãos de Moloch...

Levantei-me. E fiquei tonto por um momento, como se luzes brilhantes estivessem sobre mim, e ouvi aquela terrível música começar a tocar ao longe, e, naquele momento, não duvidei que alguém próximo de um deus estivesse me chamando - um deus de verdade e não apenas um assassino imitador.

Chacoalhei a cabeça para fazer aquilo parar e quase caí. Senti uma mão me segurar pelo braço e me colocar de pé, mas se era Deborah, Vince ou Moloch, eu não tinha a menor ideia. Uma voz chamava meu nome ao longe, e era cantando, e a cadência aumentava juntamente com o já bastante conhecido ritmo daquela música. Fechei os olhos e senti calor no meu rosto e a música ficando mais alta. Algo me chacoalhou e abri os olhos.

A música parou, o calor era apenas o sol de Miami, pois os ventos tinham levado as nuvens para longe. Deborah me segurava pelos cotovelos e me chacoalhava, repetindo meu nome várias vezes, pacientemente.

- Dexter. Ei, Dex, vamos. Dexter. Dexter.

- Estou aqui - respondi, apesar de não ter certeza absoluta daquilo.

- Você está bem, Dex?

- Acho que fiquei em pé rápido demais.

Ela olhou com cara de dúvida.

- Sei - falou

- Verdade, Debs. Tô bem agora - falei. - Pelo menos acho que estou.

- Você acha que está.

- Sim. Quero dizer, acho que foi só porque me levantei rápido demais.

Ela me encarou por mais um momento, depois deixou para lá e deu um passo para trás. - Tudo bem. Então, se consegue andar até o barco, vamos embora.

Talvez eu ainda estivesse meio tonto, mas as palavras dela não fizeram sentido para mim, pareciam palavras inventadas.

- Voltar?

- Dexter - disse ela. - Temos seis mortos e nosso único suspeito está deitado ali sem cabeça.

- Certo - falei, e ouvi um som de tambor sumindo por baixo de minha voz. - Então vamos para onde?

Deborah fechou os punhos e cerrou os dentes. Depois olhou para baixo para ver o corpo e por um instante achei que ela fosse cuspir.

- E o cara que você perseguiu até o canal? - ela perguntou.

- Starzak? Não, ele disse... - consegui parar de falar, mas não na hora que deveria, porque Deborah mostrou as garras.

- Ele disse?. Quando falou com ele, caralho?

Sendo justo comigo mesmo, ainda estava completamente zonzo, e não pensei antes de falar, e agora estava em uma posição delicada. Não podia contar para minha irmã que tinha falado com ele uma noite dessas, quando o prendi em uma bancada com fitas adesivas e tentei cortá-lo em pequenos pedaços. Mas o sangue devia estar retornando ao meu cérebro, porque rapidamente falei:

- Se ele visse - falei se ele visse algo que fiz de errado no trânsito, viria atrás de mim. Não sei, mas acho que foi só algo pessoal em um incidente de trânsito.

Deborah me olhou com raiva por um momento, mas depois pareceu aceitar o que falei, se virou e chutou a areia.

- Bom, já que não temos mais nada - falou -, não custa checarmos ele mesmo assim.

Não me pareceu uma boa ideia dizer que eu já tinha checado ele de forma minuciosa e bem longe dos limites normais da polícia, por isso apenas assenti.

CAPÍTULO 34

NÃO HAVIA MUITO MAIS COISAS QUE VALESSEM A PENA VER NA ILHA . VINCE E os outros nerds do nosso departamento conseguiriam ver qualquer coisa importante, e nossa presença apenas atrapalharia. Deborah estava impaciente para voltar ao continente e começar a intimidar os suspeitos. Então, retornamos à praia para embarcar na lancha que faria a pequena viagem dali até as docas. Senti-me um pouco melhor quando desci na doca e caminhamos em direção ao estacionamento.

Não vi Astor e Cody, por isso fui até o policial Pouca Testa.

- As crianças estão no carro - disse ele antes que eu pudesse falar algo. - Queriam brincar de polícia e bandido comigo, mas não sou nenhuma babá.

Ao que parece, ele achou que aquele papo de policial babá tinha sido tão legal que valia a pena repetir, assim para não me arriscar a ter de ouvir mais uma vez, assenti com a cabeça, agradeci-lhe e fui em direção ao carro de Deborah. Os dois não estavam à vista até eu estar quase em cima do carro, e fiquei imaginando em que carro o policial quis dizer que eles estariam. Mas então eu os vi, abaixados no banco traseiro e olhando para mim com os olhos bem abertos. Tentei abrir a porta, mas estava trancada.

- Posso entrar? - perguntei pelo vidro.

Cody se inclinou até a trava e enfim abriu a porta.

- Que aconteceu? - perguntei.

- Vimos o cara assustador - Astor respondeu.

A princípio eu não tinha ideia do que ela estava falando, e por isso também não sabia por que sentia suor descendo por minhas costas.

- De que cara assustador você está falando? Aquele policial que está ali?

- Dex-teerrr - disse Astor. - Não um idiota, um assustador. Igual àquele dia que vimos as cabeças.

- O mesmo cara assustador?

Eles trocaram outro olhar e Cody deu de ombros.

- Mais ou menos - disse Astor.

- Ele viu minha sombra - Cody falou em sua voz suave e rouca.

- Ele viu minha sombra - Cody falou em sua voz suave e rouca. Era interessante ver Cody se abrindo assim, e era ainda melhor saber porque estava com as costas molhadas de suor. Ele tinha falado algo sobre sua sombra antes e eu ignorei. Agora era hora de ouvir. Sentei no banco traseiro com eles.

- Como sabe que ele viu sua sombra, Cody?

- Ele nos disse - falou Astor. - E Cody viu a sombra dele também.

Cody assentiu, sem tirar os olhos dos meus, me olhando com a sua habitual expressão de nada. E dava para ver que ele confiava em mim para cuidar do que quer que fosse aquilo. Gostaria de poder estar tão otimista como ele.

- Quando você fala da sombra dele - comecei cautelosamente -, está falando daquela no

chão, que aparece com o sol?

Cody negou com a cabeça.

- Você tem outra sombra além dessa? - perguntei.

Cody me olhou como se eu tivesse perguntado se ele estava de calças, mas assentiu mesmo assim.

- Por dentro - falou. - Igual à que você tinha.

Recostei-me no banco e fingi que respirava. "Por dentro" ou "sombra interior" eram boas descrições. E complementar falando que eu tivera uma deu uma pungência à coisa que achei tocante.

Claro que ficar tocado não serve para nada, e em geral dou um jeito de evitar. Nesse caso, sacudi a cabeça e fiquei imaginando o que havia acontecido com as orgulhosas torres do Castelo Dexter, tão majestoso e recheado de pura razão. Lembro muito bem de quanto eu era inteligente, mas agora eu havia ignorado algo bastante importante, e durante um bom tempo. A verdadeira pergunta não era sobre o que Cody estava falando, mas, sim, por que eu tinha demorado tanto para entendê-lo.

Cody vira outro predador e o tinha reconhecido quando a coisa das trevas dentro dele ouviu o rosnar de outro colega monstro, do mesmo jeito que eu reconhecia outros quando meu Passageiro estava em casa. E esse outro tinha reconhecido Cody da mesma forma. Mas por que aquilo assustaria Cody e Astor a ponto de eles se esconderem no carro?

- O homem disse alguma coisa para vocês?

- Ele me deu isto - Cody falou, e esticou para mim um cartão amarelado, que peguei.

No cartão havia um desenho estilizado de uma cabeça de touro, exatamente igual àquela que eu acabara de ver pendurada no pescoço de Kurt Wagner. E, embaixo, uma cópia exata da tatuagem de Kurt: MLK.

A porta da frente do carro se abriu e Deborah entrou com pressa.

- Vamos embora - disse ela. - Venha pra frente - continuou e já foi ligando o carro antes de eu conseguir falar qualquer coisa.

- Espere um minuto - falei, procurando um pouco de ar para tentar prosseguir.

- Não tenho um maldito minuto. Vamos logo.

- Ele esteve aqui, Debs.

- Pelo amor de Deus, Dex, quem esteve aqui?

- Não sei - admiti.

- Então como diabos sabe que ele esteve aqui?

Eu me inclinei para frente e dei o cartão para ela.

- Ele deixou isto.

Deborah pegou o cartão, olhou para ele e depois o soltou no banco como se fosse feito de veneno de cobra.

- Merda - falou e desligou o carro. - Onde ele deixou o cartão?

- Com Cody - falei.

Ela se virou para olhar para nós, um de cada vez.

- Por que ele deixaria isso com uma criança?

- Porque - Astor começou a dizer, mas coloquei a mão em sua boca.

- Não é hora de interromper, Astor - falei antes que ela começasse a falar a respeito de sombras.

Ela respirou, pensou bem e então resolveu ficar quieta, infeliz por ter sido cortada, mas resignada por enquanto. Ficamos ali sentados em silêncio por um momento, uma grande família feliz,

- Por que não deixar para-brisas ou mandar por e-mail? - Deborah perguntou. - E mais, por que nos dar esta porcaria de cartão, afinal? Por que imprimir algo assim, meu Deus?

- Ele deu ao Cody para nos intimidar - falei. - Ele está dizendo: "Estão vendo? Posso pegar vocês onde são vulneráveis".

- Se exibindo - disse Deborah.

- Isso - falei. - É o que acho.

- Bom, que se dane, é a primeira coisa que ele faz que tem algum sentido - disse e bateu com as mãos no volante. - Ele quer brincar de prenda-me-se-for-capaz igual a todos os outros psicopatas, e esse é um jogo que posso jogar também. Eu vou pegar o filho da mãe. - Ela olhou para mim. - Coloque o cartão em um saco de evidências e tente conseguir uma descrição do cara com as crianças. - Ela abriu a porta, saiu e foi falar com o policial grandão, o Suchinsky.

- Bom - comecei -, vocês se lembram como ele era?

- Sim - disse Astor. - Vamos jogar com ele, como sua irmã falou?

- Ela não quis dizer jogar igual vocês jogam chute a lata - falei. - Na verdade é mais como ele nos desafiando a tentar pegá-lo.

- E em que isso é diferente de brincar de chute a lata? - ela perguntou.

- Ninguém morre jogando chute a lata - falei. - Como era esse homem?

Ela deu de ombros.

- Ele era velho.

- Quer dizer velho de verdade, com cabelos brancos e rugas?

- Não, você sabe. Velho como você.

- Ah sim, velho como eu - concordei, sentindo a mão gelada da mortalidade passando seus dedos por minha testa, deixando fraqueza e mãos trémulas pelo caminho. Não tinha sido um bom começo para tentar conseguir uma descrição real, mas, afinal, ela tinha 10 anos e todos os adultos eram igualmente desinteressantes. Estava claro que Deborah tinha sido inteligente ao ir falar com o policial. Parecia que isso não daria em nada. Mas eu tinha que tentar.

Tive uma inspiração repentina, ou considerando meu atual estado de falta de poder cerebral, algo que parecia com uma inspiração. Agora até fazia sentido se o cara assustador fosse Starzak, vindo atrás de mim novamente.

- Lembra de mais alguma coisa a respeito dele? Ele tinha algum sotaque?

Astor fez que não com a cabeça.

- Tipo francês ou algo assim? Não, ele falava normal. Quem é Kurt?

Seria um pouco de exagero dizer que meu coração quase saiu pela boca com a pergunta dela, mas com certeza senti um arrepio por dentro.

- Kurt é o cara que morreu, acabei de ir ver o corpo. Por que está perguntando isso?

- O homem falou que um dia, Cody será um ajudante muito melhor do que o Kurt - disse ela.

Um repentino arrepio gelado me percorreu.

- É mesmo? Mas que cara bacana

.

- Ele não era nem um pouco bacana, Dexter, já te falamos. Ele era assustador.

- E com o que ele se parecia então, Astor? - perguntei, sem ter esperança de conseguir uma boa resposta. - Como poderemos pegá-lo se não sabemos como ele é?

- Você não precisa pegá-lo, Dexter - disse ela, com o mesmo tom de voz irritadiço de sempre. - Ele disse que você o encontrará quando a hora certa chegar.

O mundo parou por um momento, apenas tempo suficiente para eu sentir a transpiração sair por todos os meus poros como se fosse uma fonte.

- O que ele disse exatamente? - perguntei, quando o mundo voltou a girar.

- Ele disse para falarmos para você que vai encontrá-lo quando a hora certa chegar - disse ela. - Acabei de falar isso.

- Mas como ele falou? - perguntei. - Diga ao papai? Diga para aquele cara? O quê?

Ela suspirou de novo.

- Falem para o Dexter - disse ela, bem devagar para que eu pudesse entender. - Era você mesmo. Ele falou: "Falem para o Dexter que ele me encontrará quando chegar a hora certa".

Imagino que deveria ter ficado mais amedrontado ainda. Mas estranhamente, não fiquei. Me senti melhor. Agora eu tinha certeza de que alguém estava mesmo me seguindo. Fosse um deus ou um mortal, não interessava mais, pois ele viria me pegar quando a hora certa chegasse, seja lá o significado disso.

A menos que eu o pegue primeiro.

Era um pensamento besta, saído direto do tempo da escola. Até agora não tinha mostrado a menor habilidade em conseguir ficar nem meio passo à frente de quem quer que ele fosse, quanto mais achá-lo. Não fiz nada enquanto ele me seguiu, me assustou, me encurralou e me levou a um estado de temor sombrio que nunca havia experimentado antes.

Ele sabia quem eu era, o que eu era e onde eu estava. E eu nem sabia como ele se parecia.

- Astor, por favor, isso é importante. Ele era muito alto? Tinha barba? Era cubano? Preto?

Ela deu de ombros.

- Ah, você sabe, apenas um cara branco. E usava óculos. Um homem comum, sabe?

Eu não sabia, mas fui salvo de admitir quando Deborah abriu a porta do carro e entrou novamente.

- Jesus Cristo - falou. - Como um cara pode ser tão estúpido e ainda conseguir amarrar o sapato?

- Isso quer dizer que o policial Suchinsky não tinha muito a dizer? - perguntei.

- Ele tinha muita coisa a dizer - respondeu ela. - Mas era um monte de merda. Ele acha que o cara poderia estar em um carro verde, e é só isso que ele sabia.

- Azul - disse Cody, e todos olhamos para ele. - Era azul.

- Tem certeza? - perguntei, e ele assentiu.

- Então devo acreditar em uma criança pequena - Deborah perguntou -, ou em um policial com quinze anos de experiência, mas com merda no lugar do cérebro?

- Você deveria parar de falar esses palavrões - disse Astor. - Já está me devendo cinco dólares e cinquenta centavos. E Cody tem razão, era mesmo um carro azul. Eu também vi, e era azul.

Olhei para Astor, mas senti a pressão do olhar de Deborah em mim, por isso me virei para ela.

- E então? - ela perguntou.

- Bom - comecei. - Sem usar os palavrões, esses dois são muito inteligentes, e o policial Suchinsky nunca será convidado a entrar na Nasa.

- Então devo acreditar neles.

- Eu acredito neles - falei.

Deborah pensou por um momento, mexendo a boca como se estivesse mastigando uma comida deliciosa.

- Tudo bem - disse afinal. - Agora sei que ele dirigia um carro azul, igual a uma em cada três pessoas de Miami. Me diga como isso vai me ajudar?

- Wilkins tem um carro azul - falei.

- O Wilkins está sendo vigiado, caramba!

- Então ligue para eles.

Ela olhou para mim, mordeu o lábio e, por fim, pegou o rádio e saiu do carro. Ela falou por um tempo, e então ouvi a voz dela ficar mais alta. Ela falou um dos seus piores palavrões, e Astor olhou para mim e chacoalhou a cabeça em reprovação. Então Deborah entrou e bateu a porta.

- Filho da mãe! - disse ela.

- Perderam ele de vista?

- Não, ele está lá, na casa dele. Ele acabou de chegar e entrar - disse ela.

- Onde ele foi?

- Eles não sabem - ela respondeu. - Eles o perderam durante a troca de turno.

- Como?

- DeMarco estava saindo na hora em que Balfour veio ficar em seu lugar. Ele escapou enquanto eles trocavam de posto. Eles juram que ele não ficou ausente por mais do que dez minutos.

- A casa dele fica a cinco minutos daqui - falei.

- Eu sei - disse ela amargamente. - O que fazemos agora?

- Mande continuarem a vigiar Wilkins - falei. - E depois vá falar com Starzak.

- Você vai vir comigo, não? - ela perguntou.

- Não - respondi, pensando que com certeza não queria me encontrar com Starzak, e dessa vez tinha uma desculpa perfeita. - Tenho que levar as crianças para casa.

Ela me deu um olhar azedo.

- E se não for o Starzak?

Sacudi a cabeça.

- Não sei.

- É, nem eu - disse ela ligando o motor. - Sente aqui na frente.

CAPÍTULO 35

JÁ TINHA PASSADO BASTANTE DAS CINCO DA TARDE QUANDO VOLTAMOS PARA a central e, apesar dos olhares muito feios de Deborah para mim, coloquei as crianças em meu humilde veículo e segui para casa. Elas permaneceram meio amuadas a maior parte do caminho, aparentemente ainda um pouco abaladas com o encontro com o cara assustador. Mas eram crianças resistentes, o que era evidente pelo fato de conseguirem falar e interagir, depois de tudo que o pai biológico tinha feito com elas. Então, quando estávamos a uns dez minutos de casa, Astor começou a voltar ao normal.

- Queria que você dirigisse igual à sargento Debbie - disse ela.

- E eu prefiro viver um pouco mais - respondi.

- E por que você não tem uma sirene? Não quer ter uma?

- Os técnicos forenses como eu não ganham sirenes - falei. - E não, nunca quis uma. Prefiro ser uma pessoa discreta.

Pelo retrovisor, pude vê-la fazer uma careta.

- O que isso quer dizer? - perguntou.

- Quer dizer que não quero atrair as atenções para mim - respondi. - Não quero que as pessoas me notem. E é algo que vocês dois precisam aprender.

- Todas as outras pessoas querem ser notadas - disse ela. - É como se tudo que fizessem fosse apenas para que as outras olhassem para elas.

- Vocês dois são diferentes - falei. - Vão ser sempre diferentes, e nunca serão como os outros. - Ela não falou mais nada por um bom tempo e a olhei novamente pelo retrovisor. Ela olhava para o chão. - Mas isso não é necessariamente uma coisa ruim. Qual é o sinônimo para normal?

- Não sei - respondeu ela

- Comum - falei. - Você quer ser uma pessoa apenas comum?

- Não - ela respondeu, mas não pareceu muito feliz. - Mas se não formos comuns, as pessoas vão notar a gente.

- É exatamente por isso que precisam aprender a serem discretos - falei, feliz pelo rumo da conversa ter provado o que eu havia ensinado. - Vocês precisam fingir que são completamente normais.

- Então não podemos deixar que ninguém saiba nunca que somos diferentes? - disse ela. - Ninguém?

- Isso mesmo - falei.

Ela olhou para o irmão e eles tiveram outra longa conversa sem palavras. Aproveitei o momento para dirigir para casa em silêncio através do congestionamento da tarde, sentindo pena de mim mesmo.

Depois de alguns minutos, Astor voltou a falar.

- Isso quer dizer que não devemos contar para a mamãe o que fizemos hoje?

- Podem contar a ela a parte do microscópio - falei.

- Mas não o resto? - perguntou Astor. - O cara assustador e o passeio com a sargento Debbie?

- Isso mesmo.

- Mas não devemos falar mentiras - disse ela. - Especialmente para nossa mãe.

- É por isso que vocês não vão falar nada para ela - eu disse. - Ela não precisa saber de coisas que vão deixá-la muito preocupada.

- Mas ela nos ama - disse Astor. - Ela quer que a gente seja feliz.

- É verdade - falei. - Mas ela precisa pensar que vocês são felizes de um jeito que ela consiga entender. Senão ela não conseguirá ficar feliz.

Houve outro grande silêncio até que Astor finalmente falasse, logo antes de entrarmos em nossa rua.

- O cara assustador tem mãe?

- Muito provavelmente sim.

Rita devia estar nos esperando ao lado da porta, porque assim que estacionei a porta se abriu e ela saiu para nos encontrar.

- Olá, queridos - disse ela alegremente. - O que vocês dois aprenderam hoje?

- Vimos sujeira - disse Cody. - Do meu tênis.

Rita piscou.

- Jura?

- E também tinha um pedaço de pipoca - disse Astor. - E olhamos no microfone e pudemos ver onde estivemos.

- Microscópio - corrigiu Cody.

- Dá na mesma - disse Astor. - Mas dava para dizer de quem eram os pelos também. Se era de uma cabra ou do tapete.

- Uau - disse Rita, parecendo desarmada e meio indecisa. - Parece que aproveitaram bastante.

- Sim - disse Cody.

- Muito bem - Rita falou. - Que tal os dois começarem a fazer a lição de casa enquanto preparo algo para comerem?

- Tudo bem - disse Astor, e ela e Cody correram e entraram em casa. Rita os observou até que sumissem, depois virou para mim e pegou no meu braço enquanto entrávamos também.

- Então, foi tudo bem? Quero dizer com o... eles parecem bastante, hã...

- Eles estão - falei. - Acho que estão começando a entender que existem consequências para quem faz coisas erradas.

- E você não mostrou nada muito pesado a eles, né? - ela perguntou.

- Nada. Não mostrei nem sangue.

- Ótimo - disse ela, e deitou a cabeça no meu ombro, o que imagino que seja um preço que você tenha que pagar quando vai se casar com alguém. Talvez fosse apenas um jeito público de marcar território, e nesse caso eu devia ficar feliz de ela não ter escolhido o tradicional jeito animal de fazer isso. De qualquer forma, mostrar afeto pelo contato físico é algo que não entendo bem, e me senti um pouco constrangido, mas coloquei meu braço em volta dela, pois sabia que esta era a resposta humana comum, e então entramos.

Tenho quase certeza de que não está certo se eu chamar de sonho. Mas à noite, os sons entraram novamente em minha pobre e perturbada cabeça, a música, a cantoria e as batidas de

metal que já tinha ouvido antes, e o calor no meu rosto também voltou, com um jorro de alegria selvagem que crescia vindo daquele lugar especial que eu tinha dentro de mim e que estava vazio havia algum tempo. Acordei em pé, na porta da frente, com a mão na maçaneta, coberto de suor, contente, realizado e nem um pouco apreensivo, o que deveria estar.

Claro que conheço o termo "sonambulismo". Mas sei que, graças às minhas aulas de psicologia na faculdade, as causas do sonambulismo normalmente não estão relacionadas a ouvir música. E também sei, do fundo do meu ser, que deveria estar ansioso, preocupado e totalmente estressado com as coisas que vinham acontecendo em meu cérebro inconsciente. Elas não pertenciam a ele, não era possível que estivessem lá, mas mesmo assim estavam. E eu estava feliz por estarem. Essa era a parte mais assustadora.

A música não era bem-vinda no Auditório Dexter. Eu não a queria. Aliás, queria que fosse embora. Mas ela vinha, e tocava, e me fazia ficar sobrenaturalmente feliz contra minha vontade, e então me levava até a porta da frente, como se quisesse me fazer sair e...

E o quê? Foi um jorro de pensamento estilo monstro-embaixo-da-cama vindo do meu cérebro de lagarto, mas...

Será que tinha sido um impulso aleatório, um movimento criado pela minha mente inconsciente, que me tirou da cama e me levou até a porta? Ou era algo tentando me fazer abrir a porta e sair? Ele tinha dito para as crianças que eu iria encontrá-lo quando chegasse a hora certa - será que esta era a hora certa?

Será que alguém quer o Dexter sozinho e inconsciente andando noite adentro?

Era um pensamento incrível, e fiquei terrivelmente orgulhoso por ter pensado nele, pois significava que eu estava com problemas mentais e não era mais responsável por meus atos. Mais uma vez eu estava abrindo novos caminhos no território da estupidez. Era uma histeria impossível, idiota e induzida pelo estresse. Ninguém no mundo teria tanto tempo livre para desperdiçar. Dexter não era tão importante assim para alguém a não ser para ele mesmo. E para provar, acendi a luz de fora e abri a porta.

Do outro lado da rua, a uns quinze metros à direita, um carro deu partida e foi embora.

Fechei a porta e dei duas voltas na chave.

E então era minha vez de novo de ficar sentado na cozinha, tomando café e ponderando a respeito dos mistérios da vida.

O relógio mostrava 3h32 quando me sentei, e, às 6h, Rita finalmente veio lá do quarto.

- Dexter - disse ela, com uma expressão de sono e surpresa.

- Em carne e osso - falei, e foi extremamente difícil manter minha fachada artificial de simpatia.

Ela fez uma careta.

- Qual é o problema?

- Nenhum - falei. - Apenas não consegui dormir.

Rita olhou para o chão e foi em direção à cafeteira, pegando uma xícara para ela. Depois, se sentou do outro lado da mesa e tomou um gole. - Dexter, é perfeitamente normal ter reservas.

- Claro que sim - respondi, sem ter a menor ideia do que ela queria dizer -, senão você não consegue uma mesa.

Ela fez que não com a cabeça e deu um sorriso cansado.

- Você entendeu o que eu quis dizer - disse ela, o que não era nem um pouco verdade. - Em relação ao casamento.

Uma pequena luz se acendeu na parte de trás da minha cabeça e eu quase disse arrá. O casamento, é claro. As fêmeas humanas são obcecadas pelo assunto casamento, mesmo que não seja o delas. E quando é o delas, esse assunto domina todos os momentos acordados, e mesmo

dormindo, da vida delas. Rita via tudo que acontecia através dos óculos de casamento. Se eu não conseguia dormir, foi por causa de um pesadelo gerado pelo nosso casamento que estava chegando.

Eu, por outro lado, não estava nem um pouco aflito. Tinha um monte de outras coisas com que me preocupar e o casamento era algo que estava no piloto automático. Em certo momento eu iria aparecer, a coisa aconteceria, e pronto, resolvido. Claro que este não era um ponto de vista que eu poderia dividir com Rita, independentemente de parecer muito sensível para mim. Não, precisava inventar alguma desculpa plausível para meu sonambulismo, além de ter que demonstrar para ela o meu entusiasmo com o maravilhoso evento que estava se aproximando.

Olhei em volta procurando uma pista e encontrei, finalmente, nas duas lancheiras perto da pia. Era um bom começo. Procurei algo em meu alagado cérebro e a única coisa não muito molhada foi:

- E se eu não for bom o suficiente para Cody e Astor? - perguntei. - Como posso ser o pai deles sem ser de verdade? E se eu não conseguir?

- Ah, Dexter, você é um pai maravilhoso. Eles amam muito você.

- Mas - falei, fazendo uma pausa para dar autenticidade -, mas eles são pequenos ainda. E quando crescerem? E quando quiserem saber a respeito do pai de verdade?.

- Tudo que eles precisam saber sobre aquele filho da mãe eles já sabem - Rita falou. Aquilo me surpreendeu. Nunca tinha ouvido Rita falar palavrão. E provavelmente ela nunca tinha falado, pois começou a ficar vermelha. - Você é o verdadeiro pai deles - disse ela. - Você é o homem no qual eles se espelham, ouvem e amam. Você é exatamente o pai de que eles precisam.

E acho que em parte aquilo era verdade, já que era o único que podia ensinar o Código de Harry a eles e algumas outras coisas de que precisavam saber, apesar de suspeitar que não era bem o que Rita tinha em mente. Mas não parecia político falar isso, então simplesmente disse:

- Eu realmente quero ser bom nisso. Não posso falhar, nem por um minuto.

- Ah, Dex, as pessoas falham o tempo todo. - Isso era uma grande verdade, fá tinha percebido em muitas ocasiões que a falha era uma característica identificadora da espécie. - Mas continuamos tentando, e tudo acaba dando certo no final. Mas sério, você vai ser ótimo pai.

- Você acha mesmo? - apenas meio envergonhado do jeito que conduzi as coisas.

- Tenho certeza - ela respondeu, com o sorriso patenteado de sempre. Ela esticou a mão por cima da mesa e pegou na minha. - Não vou deixar você falhar. Você é meu agora.

Era uma afirmação ousada, que deixava de lado a Emancipação e a Independência, para dizer que eu pertencia a ela. Ainda assim, parecia encerrar nosso momento meio constrangedor, por isso deixei para lá.

- Muito bem. Vamos tomar café da manhã.

Ela inclinou a cabeça e olhou para mim por um momento, e eu sabia que devia ter tocado uma nota errada, mas ela apenas piscou algumas vezes e depois falou:

- Muito bem - se levantou e começou a preparar o café da manhã.

O outro veio até a porta no meio da noite e depois a fechou com medo - não havia erro. Ele sentiu medo. Ele ouviu o chamado e veio, e também estava com medo. E então o Observador não tinha mais dúvidas.

Estava na hora.
Agora.

CAPÍTULO 36

EU ESTAVA CANSADO, CONFUSO E, PIOR AINDA, APAVORADO. QUALQUER BUZINADINHA me fazia pressionar o cinto de segurança e procurar alguma arma para me defender, e toda vez que um carro inocente ficava colado em mim, eu já ficava vigiando pelo retrovisor, esperando por um movimento hostil e pelo repentino surgimento da odiosa música em minha cabeça.

Algo estava atrás de mim. Eu ainda não sabia quem ou o que, apenas que havia uma vaga ligação com um deus antigo, mas sabia que estava atrás de mim, e mesmo que não conseguisse me pegar logo, estava me cercando de um modo que me render parecia uma boa opção.

Que coisa frágil é o ser humano - e sem o Passageiro, eu era um deles, a pobre imitação de um ser humano. Fraco, mole, devagar e estúpido, cego, surdo e ignorante, desamparado, sem esperança e caçado. Sim, estava quase pronto para me deitar no chão e deixar que o outro passasse por cima de mim, quem quer que fosse. Desistir, deixar a música tomar conta e me levar até o fogo alegre e a tempestade branca da morte. Não haveria qualquer luta, negociação, nada além de um fim para tudo que Dexter é. E depois de mais algumas noites iguais à última, isso tudo até seria bom para mim.

Até no trabalho eu não tinha sossego. Deborah estava à espreita e me pegou logo que saí do elevador.

- O Starzak está desaparecido - disse ela. - Correspondência de dois dias na caixa de correio, jornal na entrada da casa - ele fugiu.

- Mas isso é uma boa notícia, Debs - respondi. - Se ele fugiu quer dizer que é culpado, não?

- Não, não quer dizer merda nenhuma. Aconteceu a mesma coisa com Kurt Wagner e ele apareceu morto. Como vou saber se não vai acontecer o mesmo com Starzak?

- Você pode emitir um alerta de desaparecimento. Talvez a gente o prenda primeiro.

Deborah chutou a parede.

- Maldição, Dexter, ainda não conseguimos nada primeiro, nem sequer chegamos na mesma hora. Preciso de ajuda, Dex. Essa coisa toda está me enlouquecendo.

Eu poderia ter dito que comigo a coisa era muito pior, mas não me pareceu caridoso, então falei:

- Vou tentar - e com isso, Deborah partiu pelo corredor.

Não tinha nem chegado à minha sala quando Vince Masuoka me encontrou com um grande sorriso falso.

- Onde estão as rosquinhas? - perguntou de forma acusatória.

- Que rosquinhas? - falei.

- É a sua vez. Você devia trazer rosquinhas hoje.

- Eu tive uma noite terrível.

- E por causa disso todos vamos ter uma manhã terrível? - perguntou. - Qual é a justiça nisso?

- Não sou especialista em justiça, Vince. Apenas em borrifos de sangue.

- Hã. Pelo visto não é especialista em rosquinhas também - disse ele e partiu com uma

imitação bem boa de indignação, me deixando pensar que ele nunca tinha levado a melhor sobre mim em uma conversa. Mais uma prova de que o trem havia partido. Será que este era mesmo o fim da linha para o pobre Decadente Dexter?

O resto do dia foi longo e terrível, do mesmo jeito que todos sempre falam a respeito de seus dias de trabalho. Mas este nunca tinha sido o caso de Dexter; eu sempre me mantinha ocupado e artificialmente alegre no trabalho, e nunca olhava o relógio ou reclamava. Talvez eu gostasse do trabalho porque tinha consciência de que era parte do jogo, um pedaço da Piada Mortal de Dexter, enganando a todos e se passando por humano. Porém, uma boa piada precisa sempre de mais alguém envolvido, e como agora estava sozinho, sem minha audiência interna, aquilo parecia apenas me frustar.

Eu me arrastei de forma viril durante a manhã, fui ver um corpo no centro e depois retornei ao laboratório para uma rodada inútil de análises. Terminei o dia pedindo alguns suprimentos e finalizando um relatório. Quando arrumava minha mesa para ir embora, o telefone tocou.

- Preciso de sua ajuda - minha irmã disse bruscamente.

- Claro que precisa. Que bom que admite.

- Tenho que trabalhar até meia-noite - ela falou, ignorando minha fala - e Kyle não consegue colocar as proteções contra furacão sozinho.

É muito comum eu estar no meio de uma conversa e perceber que não tenho ideia do que estou falando. É muito inquietante, mas, por outro lado, se mais pessoas percebessem isso, principalmente as que ficam em Washington, talvez tivéssemos um mundo bem melhor.

- E por que o Kyle precisa colocar as proteções contra furacão? - perguntei.

Deborah bufou.

- Jesus Cristo, Dexter, o que você fez o dia todo? Tem um furacão vindo para cá.

Eu poderia responder que o que quer que eu faça o dia todo, não me resta tempo para parar e ouvir o canal do tempo. Mas em vez disso, falei:

- Um furacão. Que emocionante. Quando vai chegar?

- Tente chegar lá por volta das seis da tarde. Kyle estará esperando por você.

- Tudo bem - respondi. Mas ela já tinha desligado.

Como falo deborez fluentemente, imagino que deveria receber o telefonema dela com um pedido de desculpas por sua recente hostilidade sem sentido. Provavelmente ela tinha acolhido o Passageiro das Trevas, especialmente agora que ele tinha sumido. Mas considerando o dia que eu estava lendo, aquilo era mais um espinho embaixo da unha do pobre Desamparado Dexter. E mais do que isso, parecia uma grande afronta o furacão escolher bem agora para sua destruição sem sentido. Será que não havia fim para a dor e o sofrimento aos quais eu estava sendo submetido?

Ah, tudo bem, viver é chafurdar em miséria. Saí para o meu encontro com o namorado de Deborah.

Mas, antes de ligar o carro, telefonei para Rita, que já devia estar chegando em casa pelos meus cálculos.

- Dexter - atendeu ela meio sem fôlego. - Não lembro quantas garrafas de água temos aqui, e as filas do supermercado dão a volta no quarteirão

- Bom, então teremos que tomar cerveja - falei.

- Acho que temos bastante comida em lata, exceto pela carne cozida que já está armazenada há dois anos - ela continuou, aparentemente sem perceber que mais alguém havia falado algo. Então deixei que continuasse, esperando que diminuísse o ritmo em algum momento. - Chequei as lanternas há duas semanas. Lembra quando ficamos sem luz por quarenta minutos? As baterias de reserva estão no congelador, na prateleira de trás. Astor e Cody estão aqui comigo,

não vai haver aulas extras amanhã à tarde, mas alguém na escola falou sobre o furacão Andrew e acho que Astor ficou um pouco assustada, talvez você possa conversar com ela quando chegar em casa. Explicar que é como uma grande tempestade e que vamos ficar bem, que vai ter apenas muito vento, barulho e ficaremos sem energia durante um tempo. Se você vir uma loja que não esteja muito cheia no caminho, pare e compre garrafas de água para nós, o máximo que der. E um pouco de gelo. Podemos pegar nosso cooler, encher de gelo e colocar os alimentos perecíveis lá. Ah, e o seu barco? Ele fica bem nesse tempo ou você precisa ir fazer algo com ele? Acho que a gente consegue recolher tudo do quintal antes de ficar escuro. E tenho certeza de que vai dar tudo certo, que o furacão nem vai passar por aqui no final.

- Tudo bem - falei. - Vou demorar um pouco para chegar em casa.

- Tudo bem. Opa, parece que o Winn-Dixie não está tão cheio. Vou tentar entrar. Ei, uma vaga. Tchau!

Não achei que fosse possível, mas parece que Rita tinha aprendido a viver sem respirar. Ou talvez ela só precisasse respirar de uma em uma hora ou algo assim, como uma baleia. De qualquer forma, tinha sido uma performance inspiradora, e depois de testemunhar aquilo, me senti bem mais preparado para ajudar o namorado de uma mão só de minha irmã a colocar os protetores. Liguei o carro e parti.

Se a hora do rush já é ruim, a hora do rush com um aviso de furacão é praticamente uma insanidade do tipo é-o-fim-do-mundo-e-vamos-todos- -morrer-mas-você-vai-primeiro. As pessoas dirigiam como se tivessem que matar todas as pessoas à frente delas e pegar suas baterias. A pequena casa de Deborah em Coral Gables não ficava longe, mas quando finalmente cheguei, me senti como se tivesse sobrevivido a um ritual de maioridade apache.

Quando saí do carro, a porta se abriu e Chutsky apareceu.

- Ei, camarada - chamou ele e me deu um animado aceno com o gancho que substituía sua mão esquerda e veio em minha direção. - Muito obrigado pela ajuda. Esta porcaria de gancho dificulta um pouco para colocar as proteções.

- E imagino que seja ainda mais difícil cutucar o nariz - falei, meio irritado com o feliz sofrimento dele.

Mas em vez de ficar ofendido, ele riu.

- É verdade. E pior ainda é limpar a bunda. Vamos, as coisas estão lá no quintal.

Eu o segui até os fundos da casa, onde Deborah tinha um pequeno jardim malcuidado. Mas para minha surpresa, não estava mais malcuidado. As árvores tinham sido cortadas e todo o mato e as ervas daninhas do chão tinham sumido. Havia três roseiras muito bem cuidadas, um canteiro de flores ornamentais e no canto uma churrasqueira limpa e impecavelmente polida.

Olhei para Chutsky e levantei uma sobrancelha.

- É, eu sei - ele falou. - É um pouco gay, né? - ele deu de ombros. - Fiquei muito entediado de ficar sentado me recuperando, e gosto das coisas muito bem limpas e organizadas, diferentemente de sua irmã.

- Ficou bem legal - eu disse.

- É - falou, como se eu tivesse mesmo acusado ele de ser gay. - Bom, vamos resolver logo isso. - Ele apontou com a cabeça para uma pilha de telas de aço encostadas na parede da casa, os protetores de furacão de Deborah. Os Morgan já eram a segunda geração na Flórida, e Harry tinha criado a gente para usar bons protetores. Economize nos protetores e gaste muito mais tendo que comprar uma casa nova quando eles falharem.

O ponto negativo dos protetores de qualidade era que eles pesavam muito e tinham pontas afiadas. Precisávamos usar luvas grossas, ou no caso de Chutsky, uma luva grossa. Mas acho que ele não estava gostando de economizar em luvas. Ele parecia se esforçar mais do que precisava,

só para me mostrar que não era um deficiente e que não precisava da minha ajuda.

De qualquer forma, demoramos apenas uns quarenta minutos para colocar todos os protetores e fixá-los. Chutsky deu uma última olhada nos que cobriam as portas francesas que davam para o jardim e, aparentemente satisfeito com o que viu, levantou o braço esquerdo para limpar o suor da testa, parando um momento antes de passar o gancho em sua bochecha. Ele riu meio sem graça ao olhar para o gancho.

- Ainda não estou acostumado com essa coisa - falou, chacoalhando a cabeça. - Acordo durante a noite e os membros que não tenho mais estão coçando.

Era difícil pensar em algo inteligente ou até socialmente aceitável para responder. Nunca tinha lido algo em nenhum lugar sobre o que falar para um amputado se queixando de sentir coisas nos membros que não tem mais. E ele pareceu perceber o desconforto, porque bufou de forma alegre.

- Ah, tudo bem, a velha mula ainda pode dar seus chutes - falou. Mas me pareceu uma escolha ruim de ditado, afinal, ele não tinha o pé esquerdo, e os chutes pareciam fora de questão. Mas estava feliz por ver que ele não estava mais deprimido, por isso pareceu que era uma boa concordar.

- Ninguém duvida disso - falei. - Tenho certeza de que tudo vai dar certo.

- Ah, sim, valeu - disse ele, de maneira não muito convincente. - E de qualquer forma, não preciso convencer você, e sim uns burocratas lá em Beltway. Eles me ofereceram um trabalho interno, mas... - ele deu de ombros.

- Ah, mas espera aí - falei. - Você não quer mesmo voltar para o trabalho secreto, né?

- É nisso que sou bom - ele respondeu. - E durante um tempo, eu era o melhor.

- Talvez você sinta falta apenas da adrenalina.

- Talvez - ele respondeu. - Que tal uma cerveja?

- Obrigado, mas tenho ordens de comprar água e gelo antes que acabem.

- Certo. Todos estão aterrorizados de talvez precisarem tomar mojitos sem gelo.

- É um dos maiores perigos de um furacão - falei.

- Obrigado pela ajuda - disse ele.

Se era possível, o tráfego estava ainda pior quando fui para casa. Algumas pessoas corriam com suas preciosas folhas de compensado presas no teto de seus carros como se tivessem assaltado um banco. Estavam nervosas por causa da tensão de ficarem uma hora em fila, pensando se alguém entraria na frente e se ainda haveria algo quando chegasse a vez deles.

O resto das pessoas nas ruas estava a caminho de pegar seus lugares nas mesmas filas e odiava todo mundo que tinha chegado antes e talvez tivesse comprado a última pilha AAA da Flórida

Tudo isso junto era uma deliciosa mistura de raiva, hostilidade e paranóia, e deveria ter me deixado muito animado. Mas qualquer esperança de ânimo desapareceu quando me peguei cantarolando baixinho algo, uma música conhecida, que não conseguia lembrar qual era, mas também não conseguia parar. E quando finalmente percebi, toda a animação daquela tarde festiva desapareceu.

Era a música dos meus sonhos.

A música que tocava na minha cabeça e me dava a sensação de calor e o cheiro de algo

queimando. Era um som claro e repetitivo, e nem era uma daquelas músicas que grudam, mas lá estava eu cantarolando para mim mesmo enquanto dirigia, cantarolando e sentindo o conforto trazido pelas notas, como se fosse uma canção de ninar que minha mãe cantava para mim.

E eu ainda não sabia o que aquilo significava.

Tinha certeza de que seja lá o que estivesse acontecendo em meu subconsciente era causado por algo simples, lógico e fácil de entender. Mas por outro lado, não conseguia pensar em nada simples, lógico e fácil de entender que explicasse por que eu ouvia uma música e sentia calor enquanto dormia.

Meu celular tocou e, como o trânsito estava parado, atendi.

- Dexter - disse Rita, mas quase não reconheci a voz dela. Parecia pequena, perdida e completamente derrotada. - Cody e Astor sumiram.

As coisas estavam funcionando muito bem. Os novos hospedeiros eram maravilhosamente cooperativos. Eles começaram a se juntar e, com um pouco de persuasão, logo seguiram as sugestões dadas pela COISA sobre como se comportar. E construíram grandes prédios de pedra para guardar a prole da COISA, criaram uma cerimônia elaborada e com música para colocá-los em transe e, então, se tornaram tão entusiasticamente prestativos que durante um tempo havia até ajudantes demais para tudo aquilo. Se as coisas andassem bem para os hospedeiros, eles matavam alguns dos seus para agradecer. Se as coisas não fossem bem, matavam com a esperança de que A COISA fizesse com que tudo melhorasse. E tudo que A COISA precisava fazer era deixar tudo continuar acontecendo.

E com tanto tempo livre porque tudo era fácil, A COISA começou a imaginar qual era o resultado de sua reprodução. Pela primeira vez, quando vieram o inchaço e o estouro, A COISA foi até o recém-nascido e o acalmou, fazendo com que não tivesse medo e dividindo a sua consciência. E o recém-nascido respondeu com uma gratificante avidez, aprendendo de forma rápida e feliz tudo que A COISA tinha a ensinar e se juntando a ela feliz. E então havia quatro deles, depois oito, sessenta e quatro, e repentinamente eles eram demais. Com tantos, era simplesmente impossível continuar com tudo. Havia mais hospedeiros do que as vítimas de que eles precisavam.

A COISA era prática, logo percebeu o problema e o resolveu, matando a maioria dos outros que tinha gerado. Alguns escaparam pelo mundo, buscando novos hospedeiros. E A COISA manteve alguns junto dela, e assim a situação foi controlada.

Algum tempo depois, alguns dos que tinham fugido começaram a voltar. Eles criavam templos rivais e mandavam seus exércitos contra A COISA, e havia tantos deles. A revolta foi enorme e durou muito tempo. Mas como A COISA era mais antiga e experiente, acabou conquistando todos, menos uns poucos que fugiram.

Eles se esconderam em hospedeiros dispersos, se mantiveram sem chamar atenção e muitos acabaram sobrevivendo. Mas A COISA tinha aprendido havia muito tempo que era preciso esperar. A COISA tinha todo o tempo do mundo e podia ser paciente, caçando e matando os outros lentamente, e então com calma e cuidado, poderia reconstruir a grande e maravilhosa adoração por ela.

A COISA manteve essa adoração viva. Escondida, mas viva.

E A COISA esperou pelos outros.

CAPÍTULO 37

COMO SEI MUITO BEM, O MUNDO NÃO É UM LUGAR BOM. UM MONTE DE coisas horríveis podem acontecer, especialmente às crianças. Elas podem ser raptadas por estranhos, um amigo da família ou até mesmo um pai separado. Elas podem andar por aí e desaparecer, cair em um buraco ou aparecer afogadas na piscina do vizinho - e com um furacão vindo, havia um monte de outras possibilidades. A lista é limitada apenas pela imaginação deles, e Cody e Astor têm muita imaginação.

Mas quando Rita me disse que eles tinham desaparecido, nem considerei um buraco, acidentes de trânsito ou gangues de motoqueiros. Sabia o que tinha acontecido com Astor e Cody, tinha uma certeza dura e fria muito mais clara do que qualquer coisa que o Passageiro já tivesse sussurrado para mim. Uma resposta apareceu em minha cabeça e nem pensei em questioná-la.

No meio segundo que levei para registrar as palavras de Rita, meu cérebro se encheu de pequenas imagens: carros me seguindo, visitantes noturnos batendo às portas e janelas, o cara assustador deixando seu cartão com as crianças e, o pior de tudo, a explicação final do professor Keller:

- Moloch gosta de sacrifícios humanos, especialmente de crianças.

Eu não sabia por que Moloch queria as minhas crianças em particular, mas sabia sem a menor dúvida que ele, ela ou o que quer que fosse, tinha pego os dois. E sabia que não era algo bom para Cody e Astor.

Não perdi tempo em ir para casa, cortando e costurando no tráfego, afinal, sou nativo de Miami, em poucos minutos estava fora do carro. Rita estava parada, na chuva, na frente da casa, parecendo um ratinho desolado.

- Dexter - falou com um vazio na voz. - Por favor, oh, Deus, ache-os, Dexter.

- Tranque a casa e vamos.

Ela me olhou como se eu tivesse dito para esquecer as crianças e irmos jogar boliche.

- Agora - falei - sei onde estão, mas vamos precisar de ajuda.

Rita se virou e foi fechar a casa, enquanto peguei meu celular e disquei.

- Que foi? - Deborah falou do outro lado da linha.

- Preciso de sua ajuda.

Houve um silêncio e depois uma risada nervosa ecoou.

- Jesus Cristo. Tem um furacão vindo, os bandidos estão em fila apenas esperando faltar luz e você precisa da minha ajuda?

- Cody e Astor sumiram. Moloch os pegou - falei.

- Dexter.

- Tenho que achá-los rápido, e preciso da sua ajuda.

- Vem pra cá - disse ela.

Quando desliguei, Rita veio pulando pelas poças que já se formavam na nossa entrada.

- Tranquei tudo. Mas, Dexter, e se as crianças voltarem e a gente não estiver aqui?

- Elas não vão voltar - falei. - A menos que a gente as traga de volta. - Aparentemente aquele

não era o comentário que ela gostaria de ouvir. Ela pôs uma mão na boca como se estivesse tentando muito não gritar. - Entre no carro. - Abri a porta para ela, que ficou me olhando. - Vamos logo - falei, e ela finalmente entrou. Dei a volta, entrei também e partimos.

- Você disse... - ela começou, e foi um alívio perceber que ela tinha tirado a mão da boca. - Você disse que sabe onde elas estão?

- Isso mesmo - falei, entrando na U.S. 1 sem olhar e acelerando no meio do trânsito.

- Onde elas estão? - Rita perguntou.

- Eu sei quem pegou elas - falei. - Deborah vai nos ajudar a descobrir para onde foram levadas.

- Oh, Deus, Dexter - ela disse e começou a chorar baixinho. Mesmo se não estivesse dirigindo, não saberia o que dizer ou fazer em uma hora dessas, então simplesmente me concentrei em chegar vivo à central.

Um telefone tocou em uma sala bem confortável. E não era um desses toques modernos de celular como salsa, música de seriado ou Beethoven. Em vez disso, ouviu-se apenas o tradicional toque de telefone, do jeito que todos deveriam ter.

E o som conservador combinava com a sala, que também era muito elegante. Ela tinha um sofá de couro com duas cadeiras combinando, usados apenas para dar um ar de par de sapatos favorito. O telefone estava no canto de uma mesa de mogno escuro, perto de um bar feito da mesma madeira.

Com tudo isso, a sala dava a relaxante e atemporal sensação de ser um daqueles clubes masculinos muito antigos, exceto por um detalhe: no espaço entre o bar e o sofá, havia uma caixa de madeira com um vidro na frente, parecendo um cruzamento entre um lugar para guardar troféus e uma estante de livros raros. Mas em vez de prateleiras, a caixa estava cheia de nichos forrados de feltro. E metade deles guardava cabeças de touro de cerâmica em tamanho natural.

Um senhor entrou na sala, sem pressa, mas também sem aquela hesitação cuidadosa dos velhos frágeis. Havia confiança em seu caminhar que normalmente só é encontrada em pessoas muito mais jovens. O cabelo dele era branco e volumoso, e seu rosto, suave, como se tivesse sido polido pelo vento do deserto. Ele caminhava até o telefone como se tivesse certeza de que a pessoa do outro lado da linha não iria desistir até que ele atendesse, e aparentemente era verdade, pois o telefone ainda tocava quando ele atendeu.

- Sim - falou, e sua voz também era muito mais jovem e forte do que deveria ser. Enquanto ouvia, pegou uma faca que estava sobre a mesa ao lado do telefone. Era de bronze antigo. O cabo era moldado na forma da cabeça de um touro, com os olhos feitos com dois grandes rubis, e a lâmina tinha uma inscrição em ouro que parecia muito com MLK. E, como o homem, a faca era muito mais velha do que aparentava, e também muito mais forte. Distraidamente, ele passou um dedo ao longo da lâmina enquanto ouvia, e um filete de sangue surgiu em seu dedo. Não pareceu ter efeito nenhum nele. O homem colocou a faca de volta na mesa.

- Bom - disse ele. - Traga-os para cá. - Ele ouviu mais um pouco, lambendo o sangue do dedo despreocupadamente. - Não - falou, passando a língua no lábio inferior. - Os outros já estão se reunindo. A tempestade não vai afetar Moloch ou seu povo. Já vimos muita coisa pior em três mil anos, e ainda estamos aqui.

Ele ouviu mais um pouco antes de interromper com certa impaciência.

- Não. Nada de atrasos. Faça o Observador trazê-los para mim. Chegou a hora.

O homem idoso desligou e ficou ali parado, em pé, por um momento. Então pegou a faca novamente e uma expressão cresceu em seu rosto suave.

Era quase um sorriso.

O vento e a chuva caíam em rajadas fortes, mas ocasionais, e a maioria das pessoas de Miami já estava em casa preenchendo seus formulários de seguro falando dos danos que eles pretendiam ter, por isso o tráfego estava bom. Uma rajada muito forte de vento quase nos jogou para a pista expressa, mas fora isso foi uma viagem rápida.

Deborah nos esperava na recepção.

- Vamos até a minha sala - disse ela - e me contem o que sabem. - Nós a seguimos até o elevador e subimos.

"Escritório" era uma palavra exagerada para o local onde Deborah trabalhava. Era um cubículo em uma sala cheia de outros cubículos iguais ao dela. Apertadas nele estavam uma escrivaninha, uma cadeira e outras duas para convidados, então nos sentamos.

- Muito bem - disse ela. - O que aconteceu?

- Eles... eu os mandei até o quintal - Rita falou. - Para recolher os brinquedos e outras coisas, por causa do furacão.

Deborah assentiu.

- E depois?

- Entrei para separar os suprimentos. E quando saí eles tinham sumido. Eu não... foram só dois minutos, e eles... - Rita colocou o rosto nas mãos e soluçou.

- Você viu alguém se aproximar deles? Algum carro estranho na vizinhança? Ou qualquer outra coisa?

Rita fez que não com a cabeça.

- Não, nada, apenas que eles sumiram.

Deborah olhou para mim.

- Mas que diabos, Dexter. É só isso? Mais nada? Como sabe que não estão jogando Nintendo na casa do vizinho?

- Tenha dó, Deborah - falei. - Se está cansada demais para trabalhar, é melhor falar agora. Senão, chega de bobagem. Você sabe tão bem quanto eu que...

- Eu não sei de nada e nem você - ela estourou.

- Então você não está prestando atenção nas coisas - retruquei, e percebi que meu tom estava tão afiado quanto o dela, o que era um pouco surpreendente. Emoções, eu? - O cartão que ele deixou com Cody diz tudo que precisamos saber.

- Só não diz onde, por que e quem - bufou ela. - E ainda estou esperando para ouvir alguma pista sobre isso.

Mesmo estando completamente preparado para bufar de volta, não havia nada que eu pudesse falar. Ela tinha razão. Só porque Cody e Astor tinham desaparecido, não significava que tínhamos novas informações que nos levariam ao assassino. Significava apenas que agora as apostas era muito mais altas, e nosso tempo estava acabando.

- E o Wilkins? - perguntei.

Ela acenou com a mão.

- Está sendo vigiado.

- Como da última vez?

- Por favor - Rita interrompeu, com um pouco de histeria transparecendo em sua voz -, do que vocês estão falando? Não tem um jeito de apenas... quero dizer, qualquer coisa...? - e a voz dela se transformou em soluços e choro, e Deborah olhou para mim. - Por favor - Rita pediu.

Quando a voz sofrida dela ecoou em mim, pareceu lançar a última gota de dor dentro da vertigem e do vazio em meu interior que se misturavam com a música distante.

Fiquei em pé.

Eu me senti oscilar de leve e ouvi Deborah dizer meu nome, e então a música estava lá, suave, mas insistente, como se sempre tivesse estado ali, apenas esperando por um momento no qual eu pudesse ouvir sem ser distraído, e enquanto eu mudava meu foco para a batida dos tambores, ela me chamava, como eu sabia que vinha me chamando desde o começo, mas agora com mais urgência, muito perto do êxtase supremo e me dizendo para ir, seguir adiante, ir por aquele caminho, seguir a música.

E me lembro de me sentir muito feliz com aquilo, que a hora finalmente tinha chegado, e mesmo conseguindo ouvir que Rita e Deborah falavam comigo, não me parecia que nada do que elas tinham a dizer fosse muito importante, não quando a música me chamava e prometia que a felicidade finalmente havia chegado. Então, sorri para as duas e acho que até falei:

- Com licença - e saí pela porta, não ligando para a cara de interrogação que as duas fizeram. Saí do prédio e fui até o fundo do estacionamento que era de onde vinha a música.

Um carro estava esperando por mim, o que me fez ficar ainda mais feliz, e me apressei em ir até ele, movendo meus pés pelo lindo fluxo da música, e, quando cheguei, a porta de trás do carro se abriu e então não me lembro de mais nada.

CAPÍTULO 38

EU NUNCA TINHA SIDO FELIZ.

A alegria veio até mim como um cometa, ardendo grande e poderoso no céu escuro e rodopiando em minha direção com uma velocidade absurda, girando para me consumir e me carregar para um universo sem divisões de êxtase, amor e compreensão. Felicidade sem fim, para mim, de mim e em volta de mim, para sempre.

E me levou através do céu limpo em um quente e invisível cobertor de amor e me impulsionava em um berço de felicidade, felicidade e mais felicidade, sem fim. Enquanto eu rodava cada vez mais alto, rápido e ainda mais repleto da maior felicidade de todas, um barulho de batida muito alto passou por mim e então abri os olhos em um pequeno quarto escuro sem janelas, com um chão duro de concreto e nenhuma ideia de onde estava ou como havia chegado lá. Uma pequena lâmpada estava acesa acima da porta e eu estava deitado no chão sob a fraca luz que ela emitia.

A felicidade tinha ido embora, toda ela, e não havia nada para substituí-la a não ser um sentimento de seja lá o que fosse aquilo, ninguém se importaria em restituir minha alegria ou minha liberdade. E apesar de não haver nenhuma cabeça de touro no quarto, de cerâmica ou de qualquer outra coisa, nem uma pilha de revistas em aramaico no canto, não era difícil ligar os pontos. Eu tinha seguido a música, me sentido em êxtase e perdido o controle da minha consciência. Isso significava que as chances de Moloch ter me pegado eram bem grandes, sendo ele real ou não.

Mesmo assim, o melhor era não acreditar em nada totalmente até que as coisas se confirmassem. Talvez eu tivesse andado dormindo até algum depósito, e sair dali era apenas uma questão de girar a maçaneta e abrir a porta. Levantei-me com certa dificuldade, estava grogue e um pouco tremulo, e imaginei que o que quer que tivesse me trazido ali, deveria ter alguma droga envolvida no processo. Levantei e por um momento me concentrei em fazer com que o quarto parasse de girar, e depois de respirar fundo algumas vezes, consegui. Dei um passo para o lado e encostei na parede: era feita de blocos de concreto sólido. A porta parecia bastante grossa e estava muito bem trancada. E nem se mexeu quando bati com meu ombro de encontro a ela. Dei uma volta no pequeno quarto - sério, não era maior do que um armário grande. Havia um cano no meio dele, e aquilo era a única coisa que havia ali. Não era muito encorajador, pois significava que eu deveria usar aquilo para minhas necessidades pessoais, ou que eu não ficaria ali tempo suficiente para precisar usar um banheiro. Se esse fosse o caso, era difícil acreditar que uma saída rápida dali seria boa para mim.

Não que houvesse algo que eu pudesse fazer, quaisquer que fossem os planos que eles tivessem para mim. Eu tinha lido O conde de Monte Cristo e O prisioneiro de Zenda e sabia que se conseguisse arranjar algo como uma colher ou uma fivela de cinto, poderia facilmente cavar minha saída dali em uns quinze anos mais ou menos. Mas eles não tinham me deixado uma colher, quem quer que fossem, e a fivela do meu cinto tinha sido tirada de mim também. Isso me dizia muito a respeito deles, pelo menos. Eles eram muito cuidadosos, o que provavelmente demonstrava experiência, e não tinham o menor senso de modéstia, pois claramente não estavam preocupados se minhas calças iriam cair sem um cinto. Contudo, ainda não sabia quem

eles poderiam ser e o que queriam comigo.

E nada disso eram boas novas.

E nada disso me dava uma pista a respeito do que eu poderia fazer a respeito, a não ser sentar no chão frio e esperar.

E foi o que fiz.

Dizem que refletir faz bem para a alma. Ao longo da história, as pessoas tentaram achar paz e silêncio, um tempo para elas mesmas sem distrações, assim poderiam refletir. E aqui estava eu, com tudo isso - paz, silêncio e nenhuma distração, mas continuava achando difícil me recostar em meu caixão de cimento e deixar as reflexões fluírem e fazerem bem para a minha alma.

Para começar, eu não tinha certeza se tinha alma. E se tivesse, o que ela estava pensando quando me deixou fazer tantas coisas terríveis durante tantos anos? Será que o Passageiro tinha tomado o lugar da minha hipotética alma, algo que os humanos normalmente têm? E agora que ele tinha partido, uma de verdade estava crescendo e eu viraria um humano?

Percebi que estava refletindo, mas parece que aquilo não estava criando um sentimento de satisfação. Poderia refletir até que meus dentes caíssem e ainda assim não conseguiria explicar para onde meu Passageiro tinha ido - ou onde estavam Astor e Cody. E também não me ajudaria a sair desse quartinho.

Fiquei em pé novamente e dei a volta no quarto, mais devagar dessa vez, procurando alguma pequena fraqueza. Havia um ar-condicionado em um canto - um jeito perfeito de escapar, se por acaso eu fosse um furão. E tinha uma tomada ao lado da porta. E isso era tudo.

Parei em frente à porta e toquei nela. Era bem pesada e grossa e não me dava a menor impressão ou esperança de que eu conseguiria arrombá-la, a não ser que tivesse alguns explosivos à mão ou um trator. Olhei novamente à minha volta, mas não vi nenhuma das duas coisas lá.

Capturado. Trancado, sequestrado, pego - nem os sinônimos faziam com que eu me sentisse melhor. Encostei a cabeça na porta. Qual era a vantagem em ter esperança, afinal? E esperar o quê? Ser solto de volta no mundo onde eu não tinha mais qualquer propósito? Não era melhor para todos que o Derrotado Dexter simplesmente sumisse e caísse no esquecimento

E através daquela porta grossa eu ouvi algo, um som alto de briga se aproximando. E quando o som foi ficando mais próximo, eu reconheci: uma voz de homem discutindo com outra, mais alta e insistente que me era muito familiar.

Astor.

- Idiota - ela falou, quando chegaram perto da minha porta. - Não tenho que... - e então eles sumiram.

- Astor - gritei o mais alto que pude, mesmo sabendo que ela nunca iria me ouvir. E apenas para provar que a estupidez é onipresente e consistente, bati na porta com as mãos e gritei de novo.

- Astor!

Não houve resposta, claro, apenas uma pequena dor nas minhas mãos. E como não consegui pensar em mais nada para fazer, sentei no chão, encostei na porta e esperei a morte chegar.

Não sei quanto tempo fiquei ali sentado encostado na porta. E admito que ficar sentado folgadamente daquele jeito não era algo muito heróico. Sei que deveria ficar em pé, pegar meu anel decodificador secreto e arrombar, mastigar a parede com meus poderes radioativos. Mas estava esgotado. Ouvir a vozinha desafiadora de Astor do outro lado da porta parecia ter sido o último prego sendo colocado em meu caixão. Não havia mais Vingador das Trevas. Só tinha sobrado um envelope vazio de mim e, além de tudo, eu não estava colado.

Por isso fiquei ali sentado, desolado, curvado e recostado na porta, e nada aconteceu. Estava

no meio de um plano para me enforcar, me pendurando no interruptor na parede, quando senti uma vibração do outro lado da porta. E então alguém a empurrou.

Claro que eu estava no caminho e aquilo me machucou, uma pancada forte na parte de trás da minha dignidade humana. Minhas reações estavam lentas, e eles empurraram de novo. E doeu de novo. E florescendo por causa da dor, gritando no vazio como a primeira flor da primavera, algo realmente maravilhoso aconteceu.

Fiquei louco de raiva.

Não apenas irritado, bravo porque alguém insensível estava usando minhas costas como apoio para a porta. Fiquei realmente bravo, enraivecido, furioso com a falta de consideração, com a suposição de que eu era uma mercadoria insignificante, uma coisa para ser trancada em um quartinho e empurrado por qualquer um com uma arma e um temperamento ruim. Não interessava que algumas vezes eu tivesse a mesma opinião a respeito de mim mesmo. Aquilo não importava nem um pouco - eu estava louco, no clássico sentido de estar meio enlouquecido, sem pensar em mais nada a não ser empurrar aquela porta com o máximo de força que eu tivesse.

Houve um pouco de resistência até que a porta se fechou por completo. Fiquei em pé e pensei: isso! - sem saber ao certo o que aquilo queria dizer. E quando olhei, a porta começou a abrir de novo, e mais uma vez eu fui de encontro a ela, forçando até ela se fechar. Era incrivelmente compensador, e me senti bem como não me sentia em muito tempo, mas quando a raiva cegante começou a diminuir um pouco, percebi que, por mais relaxante que fosse aquilo, era um pouco sem sentido, na verdade, porque cedo ou tarde a minha resistência chegaria ao fim, afinal eu não tinha armas ou ferramentas, e quem quer que estivesse do outro lado, teoricamente não tinha limite de gente ou coisas que poderia trazer para fazer aquele trabalho.

Enquanto pensava nisso, a porta se abriu parcialmente, parando ao bater no meu pé, a empurrei de volta automaticamente, e tive uma ideia. Era estúpida e totalmente no estilo James Bond, mas até que poderia funcionar, e eu não tinha absolutamente nada a perder. Comigo, pensar é explodir em uma ação furiosa, por isso logo depois que fechei a porta com a força do meu ombro, dei um passo para o lado e esperei.

Claro que um momento depois a porta se abriu com tudo, mas dessa vez sem nenhuma resistência minha, e enquanto ela se abria totalmente para bater contra a parede, um homem desequilibrado e usando um tipo de uniforme deslizou para dentro. Peguei o braço dele, o segurei pelo ombro e, com toda a minha força, o empurrei de cabeça em direção à parede. Houve uma pancada satisfatória, como se tivesse Jogado um grande melão na mesa da cozinha, e então ele bateu na parede e caiu de cara no chão.

Mas vejam! Lá estava Dexter renascido e triunfante, em pé, com o corpo de seu inimigo caído estático aos seus pés, e a porta continuava aberta, levando à liberdade, redenção e talvez a uma refeição leve.

Revistei o guarda rapidamente e peguei um molho de chaves, um grande canivete e uma pistola automática, coisas de que ele não iria precisar tão cedo, e então saí com cuidado para o corredor, fechando a porta atrás de mim. Em algum lugar por ali, Cody e Astor me esperavam, e eu iria encontrá-los. O que faria depois eu não sabia, mas naquele momento não importava. Eu iria encontrá-los.

CAPÍTULO 39

A CONSTRUÇÃO ERA DO TAMANHO DE UMA GRANDE CASA DE PRAIA EM Miami. Caminhei sorrateiramente por um longo corredor que terminava em uma porta igual àquela com a qual eu tinha acabado de brincar de tourada. Fiquei nas pontas dos pés e encostei o ouvido nela. Não ouvi nada, mas a porta era tão grossa que aquilo podia não significar nada.

Coloquei a mão na maçaneta e a girei bem lentamente. Não estava trancada, e então a abri.

Examinei o outro lado com cuidado e não vi nada de alarmante, apenas móveis que pareciam ser de couro legítimo - fiz uma nota mental para denunciar aquilo para o Peta. Era uma sala elegante e, quando abri toda a porta, vi um bar de mogno no canto da sala.

Mas muito mais interessante era uma estante de madeira ao lado do bar. Ela se estendia por uns seis metros pela parede e, atrás do vidro, ali à vista, havia várias fileiras de cabeças de touro de cerâmica. Cada uma encaixada em seu próprio espaço. Não contei, mas devia ter mais de cem. E antes de entrar naquela sala, ouvi uma voz, a voz mais fria e seca que um ser humano poderia ter.

- Troféus - foi o que ouvi, e pulei, apontando a arma na direção do som. - Uma parede memorial dedicada ao deus. Cada uma representa uma alma que mandamos para ele - um velho estava ali sentado, apenas olhando para mim, mas vê-lo foi quase como receber um soco. - Criamos uma para cada sacrifício. Entre, Dexter.

O velho não parecia uma grande ameaça. Na verdade, ele era quase invisível, sentado e recostado em uma das grandes poltronas de couro. Ele se levantou lentamente, com a dificuldade de um idoso, e se virou para mim com seu rosto tão frio e liso como uma pedra de rio.

- Estávamos esperando por você - ele disse, apesar de, até onde eu podia ver, ele estar sozinho naquela sala, acompanhado apenas pelos móveis. - Entre.

Não sei se foi o que ele falou, ou o jeito como falou, mas, de qualquer forma, quando ele me olhou diretamente, de repente senti que não havia ar suficiente na sala. Toda a adrenalina da fuga parecia percorrer meu corpo, e escorrer e se empoçar em meus tornozelos. Um grande vazio ruidoso começou a tomar conta de mim, como se não houvesse mais nada no mundo além daquela dor sem sentido, e ele era o causador dela.

- Você nos trouxe muitos problemas - ele disse calmamente.

- Isso é um grande consolo - respondi. Era muito difícil falar, minha voz soava fraca até mesmo para mim, mas pelo menos fez com que o velho parecesse ficar um pouco irritado. Ele deu um passo em minha direção, e me peguei tentando recuar. - Falando nisso - falei, buscando parecer indiferente ao fato de sentir que estava derretendo -, como assim nós?

Ele inclinou a cabeça.

- Acho que você sabe - disse ele. - Você já está nos procurando faz um bom tempo. - Ele deu outro passo em minha direção e meus joelhos tremeram levemente. - Mas pelo bem de nossa prazerosa conversa, somos seguidores de Moloch. Os herdeiros do rei Salomão. Durante três mil anos, mantivemos viva a adoração de nosso deus e guardamos suas tradições e seu poder.

- Você continua falando "nós" - falei.

Ele assentiu e o movimento me machucou.

- Há outros aqui. Mas quando digo "nós", como tenho certeza de que você já sabe, me refiro a Moloch e a mim. Ele existe dentro de mim.

- Então foi você quem matou aquelas meninas? E ficou me seguindo? - perguntei, e admito que fiquei surpreso em pensar nesse velhote fazendo todas aquelas coisas

.

Ele sorriu, mas não era um sorriso de humor, e não fez com que eu me sentisse melhor.

- Não fui eu pessoalmente, claro que não. Foram os Observadores.

Então está dizendo que... ele pode sair de você?

- É claro - falou. - Moloch pode se mover entre nós como quiser. Ele não é uma pessoa e não está em uma pessoa. Ele é um deus. Ele sai de mim e entra nos outros para cumprir tarefas especiais. Para vigiar.

- Bom, é maravilhoso ter um passatempo - falei. Não tinha certeza de para onde estava indo nossa conversa, se minha preciosa vida estava chegando ao fim, por isso fiz a primeira pergunta que me veio à mente: - Então por que deixou os corpos na universidade?

- Queríamos encontrar você, é claro. - as palavras do velho me paralisaram por completo. - Você chamou nossa atenção, Dexter, mas precisávamos ter certeza. Precisávamos observá-lo e ver se reconheceria nosso ritual e se responderia ao nosso Observador. E claro que foi conveniente levar a polícia a se concentrar em Halpern - disse ele.

Eu não sabia por onde começar.

- Ele não é um de vocês?

- Ah, não - ele respondeu agradavelmente. - Assim que for solto pela polícia, ele estará ali com os outros. - Ele apontou com a cabeça para a estante de troféus cheia de cabeças de touro de cerâmica.

- Então ele não matou mesmo as moças.

- Sim, ele matou as moças. Ele foi convencido internamente por uma das Crias de Moloch. - Ele inclinou a cabeça. - Tenho certeza de que você, dentre todos, consegue entender isso não é mesmo?

É claro que eu entendia. Mas não respondia nenhuma das questões principais.

- Será que poderia voltar e explicar a parte na qual chamei a atenção de vocês, por favor? - pedi educadamente, pensando no trabalho duro que tive para ser discreto.

O homem olhou para mim como se me achasse um ignorante.

- Você matou Alexander Macauley - falou.

Agora a ficha começava a cair no débil cérebro de Dexter.

- Zander era um de vocês?

Ele sacudiu a cabeça de leve.

- Um assistente menor. Ele fornecia material para os nossos rituais.

- Ele trazia os indigentes e vocês os assassinavam - falei.

- Nós fazemos sacrifícios, Dexter, não assassinatos. De qualquer forma, quando você pegou Zander, nós o seguimos e descobrimos o que você é.

- E o que eu sou? - falei, achando um pouco engraçado pensar que estava cara a cara com alguém que podia me responder a pergunta que me fiz a vida toda. Mas então minha boca ficou seca e, enquanto esperava que ele respondesse, uma sensação começou a crescer dentro de mim, e ela se parecia muito com medo.

O olhar do velho se tornou intimidante.

- Você é uma aberração. Algo que não deveria existir.

Tenho que admitir que cheguei a concordar com aquela afirmação em algumas ocasiões,

mas esta não era uma delas.

- Olha, não quero parecer rude - falei -, mas eu gosto de existir.

- Essa não é mais uma escolha sua. Você tem algo aí dentro que representa uma ameaça para nós. Vamos nos livrar dele e de você também.

- Na verdade - comecei, tendo a certeza de que ele estava falando do Passageiro das Trevas -, aquela coisa não está mais aqui.

- Sei disso - ele falou, um pouco irritado - mas, originalmente, isso se ligou a você por causa de um sofrimento grande e traumático. Está sintonizado a você. Mas é também um filho bastardo de Moloch, e isso sintoniza você a nós. - Ele apontou um dedo para mim. - É por isso que consegue ouvir a música. Através da conexão feita por seu Observador. E quando fizermos com que sofra muito em pouco tempo, a coisa vai voltar para você, como uma mariposa indo para a luz.

Não gostei muito do que ouvi, e percebi que nossa conversa estava tomando um rumo que ia além do meu controle, mas naquela hora me lembrei que, afinal, eu tinha uma arma. Apontei para o velho e tentei parecer o mais corajoso possível.

- Quero as minhas crianças.

Ele não pareceu muito preocupado com a arma apontada para ele, o que achei demonstrar uma autoconfiança um pouco exagerada. Ele tinha uma faca grande e com cara de má em sua cintura, mas não fez nenhum movimento que demonstrasse que iria pegá-la.

- As crianças não são mais da sua conta. Elas agora pertencem a Moloch. Ele aprecia o gosto das crianças.

- Onde elas estão?

Ele acenou com a mão para que eu parasse com aquilo.

- Estão aqui mesmo, em Toro Key, mas é tarde demais para parar o ritual.

A ilha Toro Key era longe do continente e completamente privada. E apesar de sempre ser um prazer quando descobrimos onde estamos, dessa vez aquilo levantou um monte de perguntas insistentes - como e onde estariam Cody e Astor, e como eu evitaria que a vida, como eu a conhecia, acabasse em breve?

- Se não se importa - falei, e sacudi a pistola apenas para ele entender -, acho que vou pegá-los e voltar para casa

Ele não se mexeu. Apenas olhou para mim, e pude ver através de seus olhos dele enormes asas negras batendo para dentro e para fora da sala, e antes que eu pudesse apertar o gatilho, respirar ou piscar, os tambores começaram a tocar, insistindo no ritmo que já estava impregnado em mim, e as trombetas acompanharam a melodia, guiando o coro de vozes que ia aumentando o som e me levando para a felicidade, e com isso fiquei paralisado.

Minha visão parecia normal e meus outros sentidos continuavam incomparáveis, mas só conseguia escutar a música, e não podia fazer nada a não ser o que ela me mandava. E ela me disse que do lado de fora daquela sala a felicidade verdadeira estava me esperando. Ela me disse para ir lá e agarrá-la, encher minhas mãos e o meu coração de alegria interminável, felicidade até o fim dos tempos, me vi girando em direção à porta, e meus pés me levando ao meu feliz destino.

A porta se abriu quando me aproximei dela, e o professor Wilkins entrou. Ele também tinha uma arma, mas mal olhou para mim. Em vez disso, assentiu com a cabeça para o homem idoso e disse·

- Estamos prontos. - Quase não pude ouvi-lo por causa do fluxo de sensações e da música que me envolviam, e me movi ansiosamente através da port

Em algum lugar por baixo de tudo aquilo estava a vozinha fraca de Dexter, gritando que as

coisas não estavam acontecendo como deveriam e ordenando que mudássemos de direção. Mas era uma voz tão fraca e a música era tão forte, maior do que tudo neste mundo infinito e maravilhoso, e nunca houve nenhuma dúvida a respeito do que iria acontecer.

Andei em direção à porta no ritmo da música sublime, vagamente consciente de que o velho me seguia, mas nem um pouco interessado naquilo ou em alguma outra coisa. Ainda estava com a arma na mão - eles nem se preocuparam em tirá-la de mim, e também não me ocorreu usá-la. Nada mais importava, a não ser seguir a música.

O velho passou por mim e abriu a porta novamente, e um vento quente bateu em meu rosto quando saí e vi o deus, ele mesmo, a fonte da música, a fonte de tudo, o touro grande e maravilhoso, que era a fonte de êxtase, estava ali na minha frente. Ele se destacava de todo o resto, com sua enorme cabeça de bronze, oito metros de altura, seus braços poderosos esticados em minha direção e um maravilhoso brilho quente queimando em sua barriga aberta. Meu coração bateu mais forte e fui em direção a ele, sem reparar nas muitas pessoas ali paradas assistindo, sem me lembrar que uma delas poderia ser Astor. Os olhos dela se arregalaram quando me viu, e a boca dela se moveu, mas não pude ouvir o que ela disse.

E o pequeno Dexter dentro de mim gritou ainda mais alto, apenas alto o suficiente para ser notado, mas nem perto do volume necessário para ser obedecido. Caminhei em direção ao deus, vendo o brilho do fogo dentro dele e as chamas em sua barriga dançarem no ar e pularem com o vento que nos cercava. E quando cheguei o mais perto possível, parei ao lado da fornalha aberta e esperei. Não sabia o que estava esperando, mas sabia que estava vindo e que iria me levar para o maravilhoso infinito, por isso esperei.

Starzak apareceu trazendo Cody pela mão até pararem perto de nós, e Astor se esforçava para escapar do guarda que estava a seu lado. Mas nada disso importava, pois o deus estava ali e seus braços se moviam para baixo, agora, se expandindo e esticando para me abraçar e me envolver com seu belo e caloroso abraço. Tremi com a alegria daquele momento, não ouvindo mais a voz chata e sem sentido de protesto de Dexter, não ouvindo mais nada além da voz do deus me chamando com sua música.

O vento atiçou o fogo trazendo-o à vida, e Astor se lançou e trombou comigo, me empurrando na direção da estátua e do calor vindo da barriga do deus. Endireitei-me depois daquele pequeno momento de aborrecimento e então voltei a assistir o milagre dos braços do deus se abaixando, com o guarda levando Astor para frente, a fim de também receber o abraço de bronze, e então o cheiro de algo queimando surgiu juntamente com um jorro de dor nas minhas pernas, olhei para baixo e vi que minha calça estava pegando fogo.

A dor do fogo em minhas pernas me invadiu e percorreu meu corpo como um grito de centenas de milhares de neurônios alvoroçados, e as minhas conexões cerebrais sumiram. Repentinamente a música era apenas um barulho alto vindo de alto-falantes, e Astor e Cody estavam logo ali, correndo perigo. Era como se um buraco se abrisse em uma represa, Dexter passasse por ele todo molhado e ressurgisse. Eu me virei para o guarda e o afastei de Astor. Ele me lançou um olhar de surpresa e, ao cair, agarrou meu braço e me puxou com ele para o chão. Mas pelo menos ele caiu longe de Astor e, na queda, a faca escapou de sua mão, e veio quicando em minha direção. Peguei a faca e cravei com força no estômago dele

A dor nas minhas pernas aumentou e me concentrei em apagar o fogo das minhas calças fumegantes, rolando pelo chão e batendo nelas até que a chama se extinguisse. E apesar de ser ótimo não estar mais pegando fogo, foram vários segundos perdidos, o que permitiu que Starzak e Wilkins resolvessem me atacar. Peguei a pistola do chão e levantei com um pulo para encarar os dois.

Harry me ensinou a atirar havia muito tempo. Quase podia ouvir a voz dele enquanto ficava

em posição de tiro, soltei a respiração e apertei o gatilho calmamente. Mire no meio e atire duas vezes. Starzak caiu. Mova a mira para o Wilkins e repita a operação. E então os corpos estavam no chão e pessoas fugiam assustadas, causando um grande tumulto. Eu estava parado, em pé ao lado do deus e sozinho em um lugar que de repente ficou em silêncio, podendo-se ouvir apenas o barulho do vento. Eu me virei para ver por que isso tinha acontecido.

O velho tinha agarrado Astor e a segurava pelo pescoço com uma força e segurança muito maiores do que se podia esperar de seu corpo frágil. Ele a empurrou mais para perto da fornalha aberta.

- Solte a arma ou ela vai morrer queimada - ele falou.

Não vi nenhuma razão para duvidar do que ele dizia, e também não vi nenhum jeito de conseguir detê-lo. Todos os seres vivos tinham fugido, menos nós.

- Se eu soltar a arma - falei, e torci para aquilo soar razoável -, como vou saber que você não vai jogá-la no fogo mesmo assim?

Ele bufou para mim, e aquilo ainda me causava uma pontada de agonia.

- Não sou um assassino. Tudo deve ser feito corretamente, senão é apenas uma morte sem sentido.

- Não sei se consigo ver qual a diferença - falei.

- Claro que não consegue. Você é uma aberração.

- E como vou saber que não vai nos matar de qualquer forma? - perguntei

- Você é a pessoa que preciso colocar no fogo - disse ele. - Solte a arma e assim salvará esta menina.

- Isso não foi muito convincente - falei, querendo ganhar tempo, e esperando que assim surgisse alguma alternativa.

- Não preciso ser convincente, não estamos tentando um empate forçado no xadrez. Há outras pessoas nesta ilha e elas vão acabar voltando para cá em breve. Você não tem como atirar em todo mundo. E o deus ainda está aqui. Mas como estou vendo que você ainda precisa ser convencido, que tal eu cortar uns pedaços desta garotinha e deixar o sangue escorrer para te convencer? - ele esticou a mão até a cintura, não achou nada e fez uma careta. - Minha faca - falou, e então a sua expressão de dúvida virou um grande e assombroso espanto. Ele deu alguns passos em minha direção sem falar nada, apenas mantendo a boca bem aberta como se estivesse prestes a cantar uma canção.

E então caiu de joelhos, fez uma careta e desabou de cara no chão, revelando uma faca cravada em suas costas - e também revelando Cody, parado atrás dele, sorrindo de leve enquanto assistia o velho cair, e depois olhando para mim.

- Eu falei pra você que estava pronto - disse ele.

CAPÍTULO 40

O FURACÃO VIROU EM DIREÇÃO AO NORTE NO ÚLTIMO MINUTO, E FOMOS ATINGIDOS apenas por muita chuva e um pouco de vento. O pior da tempestade passou longe de Toro Key, e Cody, Astor e eu ficamos o resto da noite trancados na sala elegante, com o sofá na frente de uma das portas e uma grande poltrona bloqueando outra. Liguei para Deborah do telefone que encontrei lá e depois fiz uma caminha de almofadas atrás do bar, imaginando que o mogno grosso nos daria uma proteção adicional se precisássemos.

Mas não precisamos. Fiquei a noite toda sentado com minha pistola emprestada, vigiando as portas, enquanto as crianças dormiam. Como ninguém veio nos perturbar, e como só aquilo não era o suficiente para manter um cérebro adulto acordado, também fiquei pensando.

Pensei no que diria a Cody quando ele acordasse. Quando enfiou a faca no velho, ele mudou tudo. Não interessava o que Cody achava, ele não estava nem perto de estar pronto apenas porque tinha feito aquilo. Na verdade, ele tinha apenas deixado as coisas ainda mais difíceis. O caminho seria longo e árduo para ele, e eu não sabia se era bom o suficiente para mantê-lo nesse caminho. Eu não era o Harry nem poderia ser nada parecido com ele. Ele funcionava à base de amor, e eu tinha um sistema completamente diferente.

E qual seria esse sistema a partir de agora? O que era o Dexter sem a Treva?

Como esperava viver e ainda ensinar as crianças a viver se eu agora tinha apenas um grande vácuo dentro de mim? O velho disse que o Passageiro voltaria se eu passasse por um grande sofrimento. Será que precisava me torturar para fazer com que ele voltasse? E como poderia fazer isso? Tinha acabado de queimar as calças e assistir Astor quase ser jogada no fogo, e nada daquilo fora suficiente para trazer de volta o Passageiro.

Eu ainda não tinha encontrado nenhuma resposta quando Deborah chegou ao amanhecer, com uma equipe da Swat e Chutsky. Eles não acharam ninguém na ilha e nenhuma pista de onde poderiam ter ido. Os corpos de Wilkins, Starzak e do velho senhor foram catalogados e embalados, e todos embarcamos no grande helicóptero da guarda costeira para voltar ao continente. Cody e Astor estavam muito excitados, claro, mas fizeram um excelente trabalho em fingir que não tinham ficado muito impressionados. E depois de todas as lágrimas e abraços que Rita despejou sobre eles, e o ar de felicidade geral que caiu sobre todos após um trabalho benfeito, a vida seguiu em frente.

E foi isso: a vida seguiu em frente. Nada novo aconteceu, nada relacionado a mim foi resolvido e nenhum novo caminho apareceu. Foi apenas a retomada de uma vida agressivamente calma e ordinária que me fazia em pedaços e me derrubava muito mais do que toda a dor física

do mundo poderia fazer. Talvez o velho estivesse certo, talvez eu fosse mesmo uma aberração. Mas nem isso eu era mais.

Eu me sentia murcho. Não meramente vazio, e sim acabado de alguma forma, como se o que quer que eu tivesse vindo fazer no mundo já tivesse terminado, e a casca vazia que eu era agora tinha ficado para trás, para viver das memórias do passado.

Ainda ansiava por uma resposta para a terrível ausência que me atormentava, mas não recebi nenhuma. E parecia que nunca receberia. Nesse meu torpor, jamais sentiria uma dor profunda o suficiente para trazer o Passageiro das Trevas de volta. Estávamos todos salvos e os bandidos tinham morrido ou fugido, mas de alguma forma aquilo tudo não parecia dizer respeito a mim. Se isso parece egoísta, só posso dizer que nunca fingi ser algo diferente do que sou, um egocêntrico - pelo menos não até ter alguém olhando. Agora, eu teria que aprender a viver a vida que eu representava, e saber disso me preenchia com sensações de nojo e cansaço que eu não conseguia evitar.

E isso me acompanhou por alguns dias e finalmente começou a desaparecer, chegando a um ponto que comecei a aceitar aquilo como meu novo e permanente destino. O Desanimado Dexter. Teria que aprender a andar curvado, me vestir sempre de cinza, e as crianças de todos os lugares fariam brincadeiras de mau gosto comigo, porque eu seria uma pessoa triste e melancólica. E, finalmente, quando chegasse a uma idade mais avançada e patética, simplesmente cairia sem ninguém notar e deixaria o vento espalhar minhas cinzas pela rua.

Mas a vida seguiu. Os dias viraram semanas. Vince Masuoka entrou em frenesi de atividades, achando um novo bufe com preços bem mais razoáveis, me ajudando a escolher um smoking e, por fim, quando o dia do casamento chegou, me levando até a enorme igreja na hora exata.

Então, lá estava eu no altar, ouvindo a música do órgão e esperando com minha nova paciência torpe que Rita entrasse pela porta, deslizasse pelo corredor e nos juntássemos de forma permanente. Teria sido uma linda cena se eu fosse capaz de apreciá-la. A igreja estava cheia de gente bem-vestida - não sabia que Rita tinha tantos amigos! Talvez agora eu devesse arranjar alguns também, para que se juntassem à minha nova vida cinzenta e sem sentido. O altar estava lotado de flores, e Vince estava ao meu lado, suando nervosamente e limpando as mãos de forma espasmódica na calça a cada cinco segundos.

Então, houve um som alto do órgão e todos ficaram em pé e olharam para trás. E lá vinham eles: Astor na frente, com um belo vestido branco, um penteado de tranças e uma enorme cesta de flores nas mãos. Cody vinha a seguir, usando um pequeno smoking, o cabelo arrumado com gel e segurando uma pequena almofada de veludo com as alianças em cima.

E por último Rita. Quando a vi com as crianças, parece que toda a monótona agonia de minha nova vida desfilou diante de meus olhos, uma vida de encontros de pais e mestres, bicicletas, hipotecas, reuniões de vizinhos, escoteiros, bandeirantes, futebol, sapatos novos e aparelhos para os dentes. Era uma existência de segunda mão, sem vida e sem cores, e o tormento daqueles pensamentos era afiado e cegante, quase mais do que eu poderia suportar. Aquilo me preencheu com uma agonia muito intensa, uma tortura maior do que qualquer coisa que eu já tivesse sentido, uma dor tão cruel que fechei meus olhos...

E então senti um estranho movimento interno, uma afluência de algo animador, uma sensação de que as coisas tinham voltado a ser como deviam, agora e para sempre; o que foi unido não poderá ser separado.

Maravilhado com aquela sensação de justiça, me virei para olhar Cody e Astor, que subiam os degraus para ficarem ao meu lado. Astor parecia alegre e radiante. Uma expressão bem mais intensa do que qualquer uma que já tenha visto nela, e que me preencheu com uma sensação de conforto. E Cody, tão respeitável com seus passos pequenos e cuidadosos, muito solene com seu

jeito silencioso de ser. Vi que os lábios dele estavam se mexendo em algum tipo de mensagem secreta para mim, e olhei para ele com cara de dúvida. Os lábios deles se moveram novamente e me inclinei um pouco para ouvir.

- Sua sombra - disse. - Ela voltou.

Eu me endireitei devagar e fechei meus olhos por um momento. Apenas para ouvir o sibilar silencioso de um sorriso de boas-vindas.

O Passageiro tinha retornado.

Abri meus olhos e o mundo tinha voltado a ser como antes. Não importava que eu estivesse cercado de flores, luzes, música e alegria, nem que Rita agora subia os degraus com a intenção de se ligar a mim para sempre. O mundo estava completo de novo, exatamente como deveria ser. Um lugar onde a lua cantava seus hinos e a escuridão abaixo dela murmurava em perfeita harmonia, quebrada apenas pelo contraponto do aço afiado e o prazer da caçada.

Nada mais de palidez e cinza. A vida tinha retornado a um lugar de lâminas brilhantes e sombras escuras, um lugar onde Dexter se escondia durante o dia para poder sair à noite e ser o que ele nasceu para ser: Dexter o Vingador, Motorista das Trevas para a coisa que novamente estava dentro dele.

E senti um sorriso bem real se espalhar pelo meu rosto quando Rita chegou e ficou ao meu lado, um sorriso que me acompanhou durante todo o belo discurso e as mãos dadas, porque mais uma vez, e para sempre, eu poderia repetir.>

Aceito. E sim, vou.

E em breve.

EPÍLOGO

MUITO ACIMA DO TURBILHÃO DA CIDADE, A COISA OBSERVAVA E ESPERAVA . Havia muito para ver e A COISA não tinha pressa. A COISA já tinha feito aquilo muitas vezes antes, e faria de novo, interminavelmente e para sempre. Era por isso que A COISA existia. Agora, havia muitas escolhas a serem consideradas, e mais nada para fazer a não ser pensar em todas elas até decidir qual era a certa. E então A COISA começaria tudo de novo, reuniria os que tinham fé, daria a eles um bom milagre, e depois A COISA sentiria novamente a surpresa, a alegria e o inchaço da dor deles.

Tudo aquilo aconteceria novamente. Era tudo uma questão de aguardar o momento certo.

E A COISA tinha todo o tempo do mundo.

Sumário

Capa	2
Rosto	3
crédito	5
Agradecimentos	6
Dedicatória	7
PRÓLOGO	8
CAPÍTULO 01	11
CAPÍTULO 02	15
CAPÍTULO 03	19
CAPÍTULO 04	23
CAPÍTULO 05	28

CAPÍTULO 06 35
CAPÍTULO 07 42
CAPÍTULO 08 46
CAPÍTULO 09 50
CAPÍTULO 10 55
CAPÍTULO 11 61
CAPÍTULO 12 64
CAPÍTULO 13 67
CAPÍTULO 14 71
CAPÍTULO 15 80
CAPÍTULO 16 85
CAPÍTULO 17 89
CAPÍTULO 18 95

CAPÍTULO 19 99
CAPÍTULO 20 106
CAPÍTULO 21 110
CAPÍTULO 22 116
CAPÍTULO 23 121
CAPÍTULO 24 126
CAPÍTULO 25 131
CAPÍTULO 26 138
CAPÍTULO 27 142
CAPÍTULO 28 145
CAPÍTULO 29 150
CAPÍTULO 30 154
CAPÍTULO 31 157

CAPÍTULO 32 162
CAPÍTULO 33 166
CAPÍTULO 34 172
CAPÍTULO 35 177
CAPÍTULO 36 182
CAPÍTULO 37 188
CAPÍTULO 38 192
CAPÍTULO 39 195
CAPÍTULO 40 200
EPÍLOGO 203